



UNIVERSIDADE D
COIMBRA



Jael Martins Simões

SOLAR DA FAMÍLIA MARROCOS EM IDANHA-A-VELHA
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Dissertação no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura,
orientada pelo Professor Doutor Luís Miguel Maldonado de Vasconcelos Correia
e apresentada ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra.

Junho de 2019

SOLAR DA FAMÍLIA MARROCOS EM IDANHA-A-VELHA
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Dissertação escrita segundo o Acordo Ortográfico de 1990.
Todas as citações são feitas de acordo com as normas de referência bibliográfica da Associação Americana de Psicologia (APA).

AGRADECIMENTOS

Agradeço sinceramente a todos os que influenciaram e contribuíram para a concretização deste objetivo.

Ao Professor Luís Miguel Correia pela sua orientação, constante incentivo e motivação, compreensão, disponibilidade e partilha de conhecimento.

À Câmara Municipal de Idanha-a-Nova que permitiu o acesso a desenhos do Solar de Marrocos, e em especial ao arqueólogo José Cristóvão pela ajuda e cooperação demonstradas.

Aos meus colegas de curso pelas constantes partilhas e ajudas.

Aos meus amigos, não havendo necessidade de nomear pois eles sabem quem são.

À Professora Maria Albina Marques pela disponibilidade e paciência na revisão dos textos.

À minha família que sempre me apoiou e motivou de forma a ser possível a concretização deste objetivo pessoal.

Um agradecimento muito especial aos meus pais, João e Fernanda. Obrigada pelo vosso enorme amor, pelos valores que me ensinaram e me tornaram na pessoa que sou hoje. Pela paciência que mostraram, pelo apoio inesgotável que sempre me deram e continuam a dar, motivação e confiança que depositaram em mim.

PALAVRAS-CHAVE: Património Projeto REVIVE Idanha-a-Velha Solar de Marrocos

RESUMO

No âmbito da disciplina de seminário do ano letivo 2017/2018, com o tema *The Beautiful Past*, o programa REVIVE, lançado pelo Governo em 2016, foi usado para desenvolver uma proposta de intervenção num edifício selecionado. Por meio deste programa, foi selecionado de entre trinta e três imóveis, o Solar da família Marrocos como objeto de trabalho. Para a concretização desta proposta de intervenção, foi conduzida uma investigação com o objetivo de uma maior familiarização com o edifício em estudo e o contexto onde o mesmo se insere. Considerando a história do Solar e as características geográficas, demográficas e históricas da vila onde este se encontra implantado, foi possível propor um programa para o quarteirão definido pelo complexo. Daí, concretizou-se uma proposta de intervenção que teve como referência cartas de recomendação, viagens, conferências, entre outros elementos. Este projeto, tendo como ponto de partida construir sobre o construído, pretende valorizar e preservar o património que se encontra devoluto e seu contexto urbano.

KEYWORDS: Heritage Project REVIVE Idanha-a-Velha Marrocos
Manor House

ABSTRACT

In the context of the seminar class for the 2017/2018 themed *The Beautiful Past*, the REVIVE program, launched by the Government in 2016, was used to develop a project of a proposal of intervention in a selected building. Through this program, was selected from thirty-three properties, the Marrocos's family Manor House as a working object. To achieved this proposal of intervention was lead an investigation with the objective to get acquainted with the building in study and the context where it is implanted. Considering the house history and the geographic, demographic and historical characteristics of the village, it was possible to propose a program for the block defined by the Manor House. From there, it was materialized a proposal of intervention that had as reference letters of recommendations, trips, conferences, among other elements. This project, taking as a starting point to build on the built, intends to value and preserve the heritage that is left empty and its urban context.

Em tudo o que projetamos se trata de construir sobre o construído, mesmo que seja pura paisagem, a que costumamos mal chamar de natural – Alexandre Alves Costa (2008, p. 79)

SUMÁRIO

1. Introdução	
1.1. Contexto do projeto no seminário e programa REVIVE	3
1.2. Problemática	3
1.3. Objetivos	7
1.4. Metodologia	9
1.5. Resultados esperados	15
2. Antes do projeto	
2.1. Contextualização do objeto de estudo	23
2.2. Sobre o tema: património e intervenção	39
2.3. Casos de estudo	47
3. O projeto	
3.1. Programa	59
3.2. Processo	63
3.3. Projeto final	107
4. Considerações finais	111
Referências Bibliográficas	117
Índice de figuras	133
Anexos	149



Figura 1: Chegada a Idanha-a-Velha por Sudoeste, Monsanto ao fundo.

INTRODUÇÃO



Figura 2: Alçado principal do Solar de Marrocos.



Figura 3: Alçado posterior da Casa Nobre (poente), vista a partir das dependências agrícolas.

1.1. CONTEXTO DO PROJETO NO SEMINÁRIO E PROGRAMA REVIVE

O presente trabalho surge no contexto académico da unidade curricular de Seminário de Investigação do ano letivo 2017/2018, com o tema *The Beautiful Past*. Este tema revela-se pertinente numa época em que se continua a valorizar o volume construído e a pensar quais as suas possibilidades, principalmente ao nível económico. A vontade de intervir, projetar e construir sobre determinados edifícios nasce a partir dum olhar sobre os mesmos, que possuem naturalmente história e estão agarrados à identidade de um lugar.

No sentido de preservar, valorizar e divulgar imóveis públicos que se encontram devolutos e que estão inseridos em regiões que se consideram mais isoladas e/ou com pouca população, o Governo decidiu em 2016 criar um programa designado REVIVE¹. Este, além de integrar um vasto número de imóveis, alguns classificados, que na generalidade se encontram ao abandono e subvalorizados por falta de verbas, considera também o património imobiliário público *um elemento rico e diferenciador para a atratividade das regiões e para o desenvolvimento do turismo*, sendo por isso *determinante, assegurar a sua preservação, valorização e divulgação, bem como um acesso alargado à sua fruição* (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016). Assim, partindo do tema de seminário, o qual usou como base de trabalho o programa REVIVE, surgiu como proposta de projeto a intervenção no Solar da família Marrocos.

O solar localiza-se em Idanha-a-Velha, no concelho de Idanha-a-Nova, insere-se numa aldeia que se destaca na paisagem e que tem vista sobre o Rio Pônsul (Figura 1). O edifício, que outrora fora uma habitação (Figura 2 e 3), atualmente não possui qualquer programa e encontra-se encerrado ao público, sendo apenas inspecionado regularmente e conservado por técnicos municipais.

1.2. PROBLEMÁTICA

Apesar da importância que o património material e imaterial detém em Idanha-a-Velha, devido ao seu carácter principalmente romano e visigótico, a memória de um espaço constrói-se com o, e no tempo. Assim, o Solar da Família Marrocos, edificado

¹ O programa REVIVE possui uma lista de trinta e três imóveis, previamente propostos pelas respetivas autarquias locais, com o objetivo de os rentabilizar e ao mesmo tempo preservar o património. Estes imóveis foram disponibilizados para que, *por meio de investimento privado através de concursos públicos, sejam aptos para afetação de atividade económica com finalidade turística* (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

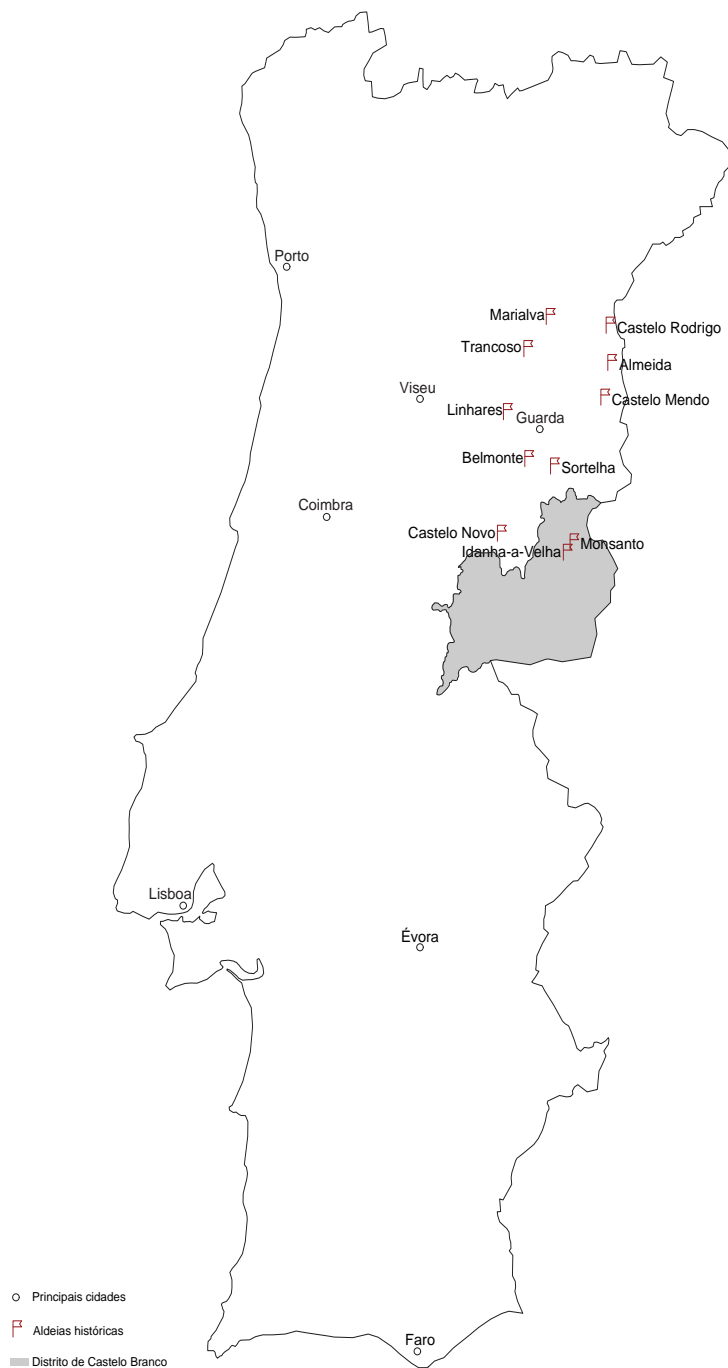


Figura 4: Mapa de Portugal com localização das aldeias históricas (desenho do autor, com base no GoogleMaps).

em meados do século XX, assume igualmente um papel relevante na aldeia. Existem várias dependências dispersas pelo aglomerado que pertenciam à família, conforme é referido pelo arqueólogo municipal José Cristóvão (2002). No entanto, este trabalho irá debruçar-se apenas no Solar.

Idanha-a-Velha pertence ao conjunto das onze aldeias que integram o roteiro de Aldeias Históricas de Portugal²(Figura 4). Segundo o plano estratégico deste programa (Associação Desenvolvimento Turístico Aldeias Históricas de Portugal, 2015):

Reconhece-se ao território das Aldeias Históricas de Portugal (AHP) um conjunto de elementos que o diferenciam, nomeadamente, aqueles associados à sua identidade material, assente no património arquitetónico e natural, e elementos imateriais, referentes ao património histórico e cultural (atividades, técnicas tradicionais, costumes e tradições).

Naturalmente se compreende que a aldeia tenha hoje um elevado número de visitantes por dia³ dada a sua reconhecida riqueza patrimonial. O reconhecimento da importância deste povoamento culminou com a sua classificação como monumento nacional⁴. No entanto, devido ao crescente abandono populacional sobrevivendo ao longo dos anos⁵, Idanha-a-Velha foi perdendo os poucos espaços de serviço que detinha. Ela é, dentro do conjunto que constitui o roteiro de Aldeias Históricas, a única que até há pouco tempo não tinha alojamento. Sensivelmente desde Agosto de 2018 que se encontra disponível apenas um alojamento para o máximo quatro pessoas poderem pernoitar em Idanha-a-Velha (Idanha-a-Nova, 2018). Além disso, não possui espaços de apoio aos visitantes, fator importante quando se pretende que os mesmos permaneçam mais tempo na aldeia. Daí que esta povoação se tenha tornado num local de passagem, mas nunca como espaço de permanência. Se, por um lado, se entende a desertificação da aldeia, por outro, percebe-se uma necessidade urgente de criar condições que possam dinamizar a região e atrair mais pessoas: visitantes e principalmente, habitantes residentes.

² Programa criado na década de 90 com o objetivo de contrariar o despovoamento que atinge o interior rural, promover a recuperação do património local e nacional e diversificar a oferta turística, estimulando o desenvolvimento de atividades que criem emprego e melhorem as condições de vida das populações (Despacho normativo n.º2/95).

³ Segundo informações obtidas em Novembro de 2017, junto do Posto de Turismo de Idanha-a-Velha, são em média cerca de 200 pessoas por dia.

⁴ Classificação dada pelo Decreto-lei n.º 67/97, Série I-B n.º 146, de 31 de Dezembro de 1997.

⁵ De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (2012), e à exceção de Castelo Mendo, que tem 87 pessoas residentes na aldeia, todas as outras pertencentes ao roteiro são consideravelmente mais populosas em comparação com Idanha-a-Velha. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, os CENSOS de 2011 mostram que na aldeia residiam aproximadamente 63 pessoas, atualmente, por informações disponibilizadas no Posto de Turismo, residem 37 pessoas.



Figura 5: Muro de vedação do Solar a Sul confrontando com as ruínas romanas e Sé Catedral.



Figura 6: Planta geral de Idanha-a-Velha.

Uma questão que se pretende ver respondida através deste trabalho é se o Solar da família Marrocos pode ser um elemento dinamizador, capaz de recuperar alguma população para Idanha-a-Velha. Segundo o autor Tello (2009), o turismo não resolve o problema da desertificação, mas pode constituir as bases para trazer de volta à aldeia atividades ligadas à região, algumas tradicionalmente enraizadas tal como a agropecuária e outras que não dependam necessariamente de estar próximas de um centro urbano, resultando em novos residentes como artistas e artesãos.

Numa publicação digital datada de 3 de Fevereiro de 2017 (Diário Digital Castelo Branco, 2017), noticiando a visita do Ministro da Cultura, Luís Castro Mendes, a Idanha-a-Velha, este referiu que:

Há muito património devoluto que está ao abandono e que nem sequer tem sido utilizado. O programa Revive responde a muitos desses problemas [...]. Trata-se de recuperar uma casa dos anos 40, mas o objetivo é valorizar todo este rico património à volta, o espólio arqueológico, através da recuperação deste edifício.

Segundo o programa REVIVE, prevê-se que o Solar seja transformado num hotel de quatro/cinco estrelas e todo o artigo relativo ao mesmo seja de uso exclusivamente privado. Porém, será este programa realmente adequado para valorizar o próprio edifício e todo o património à volta (Figura 5), conforme Luís Mendes mencionou. A questão é pertinente visto o programa do hotel restringir o uso do mesmo a visitantes de classe média/alta podendo tornar-se assim num elemento castrador do dinamismo da aldeia e consequente aumento populacional. Tendo como objetivo a valorização do património, será adequado surgirem propostas de intervenção no mesmo, apenas dentro do contexto do programa REVIVE? Ainda quanto ao programa, no seguimento da proposta feita quanto à tipologia do solar, poder-se-á perguntar qual o tipo de intervenção que deve ser passível de se realizar no solar e contexto urbano adjacente (ver pontos de interesse na Figura 6). Pretende-se, no presente trabalho, responder às questões colocadas com a investigação feita seguindo a metodologia indicada aliada ao processo do projeto proposto.

1.3. OBJETIVOS

O trabalho apresentado teve como objetivo principal propor uma estratégia de intervenção para o Solar da Família Marrocos que respondesse às exigências do programa REVIVE. No entanto, considerou-se pertinente propor também



Figura 7: Alçado Lateral Direito do Solar (Norte) (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

intervenções pontuais ao nível urbano, com o intuito de relacionar o Solar com a envolvente, valorizando assim todo o conjunto.

O edifício originalmente é encerrado sobre si próprio (Figura 7), apenas possuindo três entradas possíveis, estando a relação com o espaço público condicionada. Assim, as relações que se pretenderam criar entre o complexo e a aldeia, tinham como propósito criar uma maior permeabilidade e dinâmica entre ambos.

Quanto ao Solar, o programa foi definido conforme se considerou mais apropriado ao projeto, à sua localização e necessidades do contexto onde se encontra implantado. O programa sugerido teve como objetivo criticar o já proposto pelo programa REVIVE⁶.

Assim, a estratégia para melhorar a relação do Solar-aldeia, uma tipologia de programa adequada à obra e contexto, bem como a estratégia de intervenção, pretende contribuir para a preservação e valorização do património construído.

1.4. METODOLOGIA

Como base de trabalho, torna-se essencial observar Idanha-a-Velha como um conjunto de reconhecido valor patrimonial que sofreu, ao longo dos séculos, várias intervenções, entre elas algumas recentes que influenciaram a vivência da aldeia e na perceção dos seus espaços. Considerando tais circunstâncias, efetuaram-se algumas pesquisas bibliográficas e documentais relativas ao caso de estudo, o Solar da Família Marrocos, e o seu contexto construído. Quanto à aldeia, a informação encontrada permitiu facilmente fazer um enquadramento histórico-temporal. Contudo, sobre o Solar poucos dados se encontraram, incompreensivelmente, já que é uma construção relativamente recente de meados do século XX.

Além deste processo de investigação, foram igualmente realizadas viagens que permitiram conhecer e vivenciar a pequena localidade. Com a visita ao Solar procedeu-se à recolha de informações da obra. A acessibilidade em determinados pontos foi bastante limitada, tendo em conta o estado de degradação de alguma zonas, daí que, por questões de segurança, a obra se encontra encerrada e é necessário agendamento para visita.

⁶ Hotel de quatro ou cinco estrelas, com as dependências agrícolas também utilizadas para o mesmo fim. O uso de todo o complexo manterá o encerramento original do Solar à aldeia.



Figura 8: Maquete de Idanha-a-Velha (escala 1:500). Pormenor.

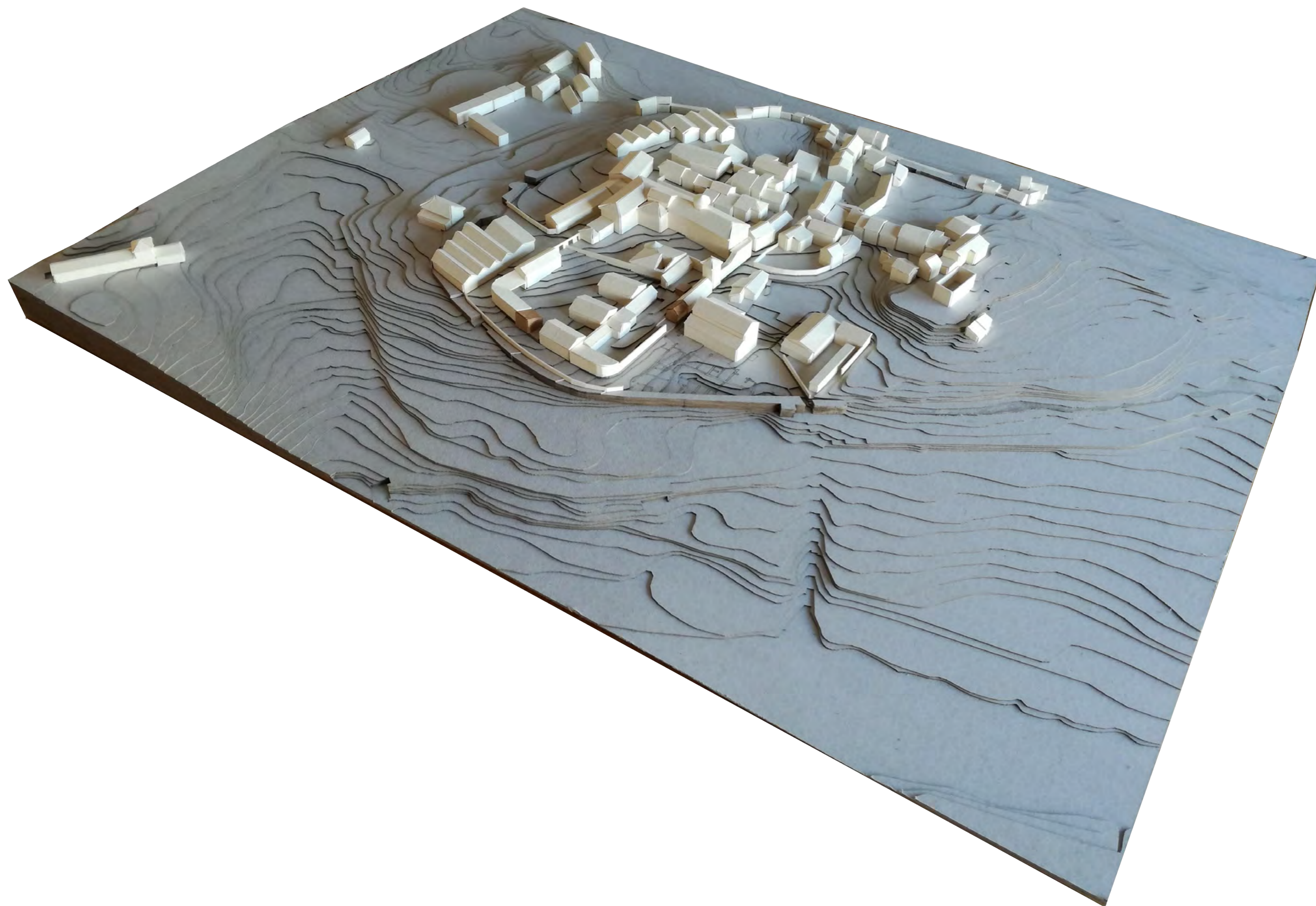


Figura 9: Maquete de Idanha-a-Velha (escala 1:500).

Os desenhos atualizados e rigorosos foram fornecidos pelos técnicos da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, tendo sido posteriormente organizados para serem utilizados como elementos de trabalho. Na fase de projeto, tendo como referência a história da aldeia e as suas necessidades atuais, foi prioritário definir os programas que se consideraram adequados e necessários para o Solar (Figura 8). Após esta fase, foram realizados vários estudos em desenhos e maquetes (Figura 9), determinados critérios específicos de intervenção que permitiram devolver ao Solar a sua capacidade de ser habitável e útil. Depois de decidido o programa, concretizaram-se, em desenhos rigorosos, as intervenções planeadas, tendo estes sido apoiados por outros elementos que se tornaram essenciais para a clara compreensão da proposta de reabilitação do Solar. Na fase final, todo o projeto foi devidamente organizado e suportado por elementos teóricos, além da memória descritiva que justificou e facilitou a compreensão dos elementos gráficos. Durante todo o processo de idealizar como construir sobre o construído foi determinante a visita ao posto de turismo de Idanha-a-Velha, porque permitiu perceber os problemas e as necessidades desta localidade.

Além disso, em todo o desenvolvimento do projeto foram muito importantes algumas conversas com professores, tais como, a arquiteta Susana Lobo, Nuno Grande, Pedro Maurício Borges, Paulo Providência, Carlos Antunes, João Mendes Ribeiro e António Bettencourt. Acima de tudo, as conversas e discussões com o orientador da dissertação, o professor Luís Miguel Correia, geradas em torno do projeto e da proposta de intervenção foram de extrema relevância para se atingir os objetivos definidos no início do trabalho. De salientar, a conversa com o arquiteto Nuno Grande, que, quanto à questão relativamente ao grau de transformação que se deve aplicar numa obra já construída, aludiu ao complexo de Noé onde se questiona se deve *guardar tudo? Não! Guardar o que é necessário mas também devemos criar memória* (informação verbal⁷). A criação de memória não implica que haja grandes alterações. Numa outra conversa com o arquiteto Carlos Antunes (informação verbal⁸), o próprio disse que *não é preciso desenhar muito, é preciso pensar e criar gestos pontuais e fortes* e foi este conjunto de ideias que se tentou aplicar na proposta de intervenção do Solar.

O ciclo de conferências com o tema “Curar e Reparar”(ver Figura 10) realizada no Convento de São Francisco em 29 e 30 de Novembro de 2017, dentro do contexto da Bienal de Arquitetura, teve também uma importante contribuição para o presente trabalho. Após a apresentação de algumas obras construídas sobre o construído,

⁷ Dados obtidos em aula de Seminário dada em 19 de Outubro de 2017.

⁸ Informação disponibilizada em aula de Seminário realizada em 02 de Maio de 2018.



Convento
São Francisco
Sala Almedina

Qua e qui
29 e 30 Nov
2017

Ciclo de Conferências
de Arquitetura

Curar e Reparar o Construído

29 NOVEMBRO



10h00 CERIMÓNIA DE ABERTURA
10h15 **Patrícia Barbas**
11h00 **João Pedro Falcão de Campos**
11h45 PAUSA
12h15 **Aires Mateus**
13h00 **Mesa Redonda**
Moderador:
Nuno Grande
13h30 PAUSA
15h00 **Victor López Coteló**
16h00 **João Luís Carrilho da Graça**
17h00 **Eduardo Souto de Moura**
18h00 PAUSA
18h30 **Mesa Redonda**
Moderador:
Carlos Quintáns Eiras

30 NOVEMBRO

09h30 **depA**
10h15 **João Mendes Ribeiro**
11h00 PAUSA
11h30 **Atelier 15**
12h15 **Mesa Redonda**
Moderador:
Jorge Figueira
12h45 PAUSA
14h30 **Sami Arquitectos**
15h15 **António Belém Lima**
16h00 PAUSA
16h30 **Gonçalo Byrne**
17h15 **Mesa Redonda**
Moderador:
José António Bandeira

Curadoria: Désirée Pedro
e Luís Miguel Correia

PROGRAMAÇÃO
CONVERGENTE



anozero
bienal de arte
contemporânea
de coimbra

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE ARQUITETURA

SECRETARIA REGIONAL DE COIMBRA
COMISSÃO REGIONAL DE COIMBRA

COMISSÃO REGIONAL DE COIMBRA
COMISSÃO REGIONAL DE COIMBRA

COMISSÃO REGIONAL DE COIMBRA
COMISSÃO REGIONAL DE COIMBRA

COMISSÃO REGIONAL DE COIMBRA
COMISSÃO REGIONAL DE COIMBRA

Figura 10: Cartaz do Ciclo de Conferências de Arquitetura, anozero'17 (Coimbra, 2017).

surgiram debates que permitiram colocar algumas questões no trabalho em estudo, tais como se se deveria dissolver o novo com o existente ou optar por manter as cicatrizes, deixando visível o corte temporal entre a intervenção e o existente. Nesta mesma conferência, o arquiteto Eduardo Souto de Moura referiu que o *tema do futuro é a ruína porque é preciso destruir muito do que se fez*. Assim, é absolutamente essencial pensar qual a melhor estratégia a adotar quanto a intervenções no construído, para posteriormente não ser necessário “curar e reparar” a obra onde se interviu. Uma frase interessante do mesmo arquiteto que levou a ponderar qual a pretensão com a proposta de intervenção no Solar foi *quanto mais dinheiro há, mais maquiadas ficam as obras, parecem velhas gaitieras*.

Nesta mesma conferência, no debate final, foi referido pelo arquiteto José António Bandeirinha que *devemos ser críticos perante a contemporaneidade*. Considerando este pensamento final e relacionando-o com o objeto de estudo, pode concluir-se que nem sempre o que é contemporâneo se adequa a uma obra existente, podendo até impedir a leitura da mesma no contexto arquitetónico e histórico.

Durante o desenvolvimento do projeto, também se procurou casos de estudo que servissem de apoio ou crítica para as possíveis intervenções a realizar no solar. Os casos de estudo, e respetiva descrição, são mencionados no capítulo seguinte intitulado “Antes do Projeto”.

Outro método de investigação, que em muito contribuiu para o desenvolvimento da presente proposta de intervenção, foi uma viagem realizada à Alemanha. Nesta, durante um período de cerca de cinco dias, visitaram-se várias obras, de vários arquitetos, entre Colónia e Berlim. O Neues Museum em Berlim, desenhado por Friedrich August Stüler e construído entre 1843 e 1855 foi a obra que durante esta viagem maior relevância teve para o trabalho em questão. Este museu foi parcialmente destruído com os bombardeamentos da Segunda Guerra Mundial, tendo desaparecido por completo algumas partes do edifício, ficando em ruínas até 1997. Nesse ano, David Chipperfield Architects ganhou o concurso para a reconstrução do museu em colaboração com Julian Harrap (ver Figura 11). David Chipperfield (2015, p. 11), num dos seus livros, mencionou os objetivos da intervenção:

A nossa visão não era fazer um memorial à destruição, nem criar uma reprodução histórica, mas proteger e dar sentido à extraordinária ruína e restos que sobreviveram não apenas à destruição da guerra, mas também à erosão física dos últimos 60 anos. Esta preocupação nos levou a criar um novo edifício a partir dos destroços do antigo, um novo edifício que não celebra nem esconde a sua história, mas a inclui. Um novo edifício que foi feito de fragmentos ou partes do antigo, mas uma vez mais conspirando

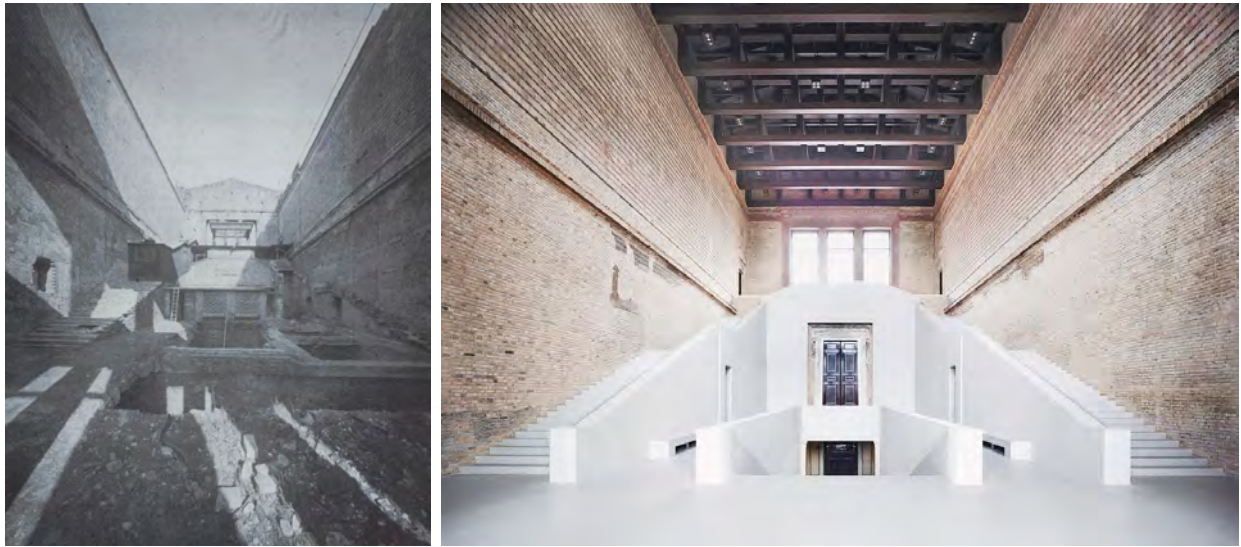


Figura 11: Zona da escadaria destruído durante a guerra (à esquerda) e após a reconstrução da década de 90 (à direita) (Architects, Projects: Neues Museum, 2015).



Figura 12: Zona da escadaria (à esquerda), detalhe do revestimento de uma parede (à direita), no Neues Museum, Berlim (fotog

para uma plenitude. Onde cada decisão, seja sobre reparo, conclusão de uma parte ou adição, foi fundamentada pela articulação da sua qualidade física e seu significado, onde todas as partes do edifício tentam se modular a uma idéia singular; uma ideia não do que está perdido, mas do que está salvo.

A partir desta metodologia de intervenção, entendeu-se que a proposta para o Solar de Marrocos poderia seguir um método idêntico. Compreendeu-se que não deveria haver uma preocupação excessiva com a limpeza do espaço e construção de novo para deixar memória. Considerou-se estratégia mais interessante, equipar a obra com o necessário para satisfazer as exigências de novos programas simultaneamente permitindo que o edifício transmita a sua história através do construído e da sua ruína (Figura 12).

O Encontro de Arquitetura: Escola de Coimbra, organizada pelo Departamento de Arquitetura da Universidade de Coimbra, apresentou conferências (Figura 13) pertinentes para o projeto desenvolvido, das quais se pode destacar a conferência dada pelo arquiteto José Lobo Almeida que apresentou a Casa dos Feitais.

A Casa dos Feitais foi a reabilitação de uma casa agrícola, tal como o Solar, convertida em empreendimento turístico, em espaço rural. Este projeto contribuiu para a tomada de algumas decisões ao nível de detalhes.

Na fase de definição do programa da proposta, recorreu-se à legislação aplicável para empreendimentos turísticos e suas tipologias, pretendendo-se com isto compreender qual o programa que melhor se adaptaria ao solar. Numa etapa mais avançada do desenvolvimento da proposta de intervenção, a pesquisa, principalmente através de livros, foi essencial na escolha de materiais a utilizar, compreensão de métodos construtivos, etc.

Durante o processo de projetar, surgiram vários obstáculos, dentro os quais, a ausência de cotas nos pavimentos interiores e dificuldade em determiná-las. Além disso, foram encontradas diversas incongruências nos desenhos rigorosos facultados pela autarquia.

1.5. RESULTADOS ESPERADOS

A proposta de intervenção no Solar da família Marrocos surgiu em contexto académico pela necessidade *deliberada de intervir em lugares que, dada a sua natureza patrimonial*, material e imaterial, são elementos de extrema importância numa determinada comunidade. *O projeto constituiu assim um processo de seleção, crítica e síntese de*



Encontro de arquitectura **Escola de Coimbra**
Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra / 20 de Setembro 2018 / 9-18h / Entrada Livre

conferências

BaseArquitetura
DEPA ARCHITECTS
José Lobo Almeida
Mafalda Batalha Arquitectos
murmuro
Paulo Vale Afonso
Tiago do Vale Arquitectos

mesas redondas

Alice Santiago Faria
Cidália Silva
Patrícia Miguel
Pedro Baía
Tiago P. Borges
Sílvia Benedito

moderação

Bruno Baldaia
Luís Tavares Pereira
curadoria
João Mendes Ribeiro (coord.)
Catarina Fortuna
Luísa Bebiano
Pedro Brígida
organização
Darq / FCTUC

DARO Departamento de Arquitectura
Faculdade de Ciências e Tecnologia,
Universidade de Coimbra

Figura 13: Cartaz Encontro de Arquitectura, Escola de Coimbra (Pinto, 2018).

um conjunto de fatores que caracterizaram certa circunstância, desenhando o equilíbrio e a harmonia entre o existente e a nova condição que se desejava impor, esta, por sua vez, condicionante de intervenções futuras (Correia, 2017).

O turismo em Portugal, sensivelmente desde século XX, tem-se constituído uma atividade que tem gerado importantes lucros económicos e financeiros (Lobo, 2012). Nesse sentido, é de certa forma compreensível que o Governo, ante o atual panorama nacional, tenha lançado à sociedade civil este programa devotado à instalação de novos intentos turísticos num conjunto de imóveis habilitados para o receber.

Pretendeu-se com o desenvolvimento da proposta de intervenção para o Solar da Família Marrocos, que à luz dos pressupostos atrás referidos, o conseguisse preservar e valorizar, assim como ao contexto onde se insere. Para tal, criou-se pontualmente oportunidades de abertura do solar à aldeia, transformando o complexo encerrado sobre ele próprio num elemento que se pode atravessar. Além de promover a permeabilidade, teve o propósito de também criar serviços que fossem vantajosos a quem visita e habita a aldeia. De uma forma mais ambiciosa, aspirou-se a um projeto com programas dinamizadores da própria aldeia permitindo que ela não se transforme numa “reliquia” apenas admirada, mas sim vivida quotidianamente. Conforme um artigo publicado por José Fernandes (2005, p. 147):

A maioria dos sítios arqueológicos [situados] em locais inóspitos ou fora das localidades urbanas, dispõe a partir de agora de edifícios modernos, anexos à área de exposição dos achados arqueológicos, que albergam os elementos de informação, de orientação e de esclarecimento, num contexto de conforto que torna mais atraente a visita a espaços fascinantes, mas de difícil compreensão para o visitante não especializado.

Assim sendo, prevê-se que o Solar seja o elemento que também auxilie os visitantes na interpretação da aldeia. O principal objetivo do presente trabalho é reverter a situação da aldeia aproveitando o existente, ou seja, a obra em estudo. Nesta, planeia-se criar um hotel rural e respetivas dependências, um centro de interpretação de Idanha-a-Velha e um espaço de restauração.

As antigas áreas de apoio à atividade agrícola (Figura 14) e as zonas de currais (Figura 15) serão espaços distintos da Casa Nobre, usando os elementos físicos que as separam originalmente para criar um novo eixo urbano (Figura 16). Ambiciona-se que seja o eixo de ligação das várias partes constituintes do solar e do mesmo à aldeia, promovendo a continuidade do espaço urbano e simultaneamente, recuperar a escala urbana primitiva.



Figura 14: Dependências no Pátio do Trabalho.



Figura 15: Dependências no Pátio dos Animais.



Figura 16: Vista para as dependências a partir da varanda do Solar a Poente.

Pretende-se com este projeto que o complexo deixe de ser o monumento inacessível em que se tornou, apenas passível de ser apreciado pelo exterior (Figura 17) e que se torne efetivamente útil à aldeia. É importante pensar na localidade não só de uma forma global, sobretudo nas suas necessidades, como também no Solar como o elemento que pode conciliar os habitantes, os turistas e o espaço. Crê-se que este conjunto de serviços centrado nesta habitação, construída na década de 50/60 do século XX, pode efetivamente ser dinamizador de toda a aldeia.



Figura 17: Entrada principal de Idanha-a-Velha. Ao fundo o muro de vedação e entrada para dependências agrícolas do Solar.

ANTES DO PROJETO



Figura 18: Sé Catedral e Solar de Marrocos em 1961 (Conceição & Costa, 2010).

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Para realizar uma proposta de intervenção sobre o Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha foi absolutamente necessário estudar e perceber o seu contexto ao nível geográfico, histórico e arquitetónico (Figura 18). Assim, foi possível propor uma intervenção que preservasse a obra e a aldeia.

Geograficamente, Idanha-a-Velha situa-se aproximadamente a 19 quilómetros a Nordeste de Idanha-a-Nova e tem uma cota média de altitude de cerca de 280 metros (Figura 19). À chegada à aldeia, a vista da torre de menagem e muralhas desperta a curiosidade e desejo de a visitar. O Solar da família Marrocos encontra-se implantado junto da entrada norte do aglomerado, ocupando cerca de 15% do mesmo (Figura 20), a uma cota superior relativamente à maioria do edificado de Idanha-a-Velha. Ao entrar na aldeia é-se obrigado a contornar a volumetria pelo lado nascente, seguindo em direção ao largo da Amoreira. Este é o único percurso possível a partir da Porta Norte.

A aldeia, ao nível arqueológico, é riquíssima como se pode comprovar pelas inúmeras campanhas de escavações que tiveram início em finais do século XIX/início do século XX e que se tem mantido até à atualidade. Salientam-se as concretizadas por Félix Alves Pereira⁹, Fernando de Almeida¹⁰ e mais recentemente Pedro Carvalho¹¹. Joaquim Baptista¹² compilou um documento no qual constam todos os locais escavados de interesse e sua descrição. Os registos das escavações permitiram comprovar a ocupação de Idanha-a-Velha por parte de diversos povos. Segundo os autores Pereira e Rodrigues (1907) a fundação do aglomerado é atribuída aos Túrdulos em cerca de 500 a.C.. Desde então, foi sendo conquistada, destruída e reconstruída várias vezes ao longo da história. Por outro lado, Baptista (1998) refere que até hoje nunca foi achado qualquer vestígio pré-romano na área da aldeia.

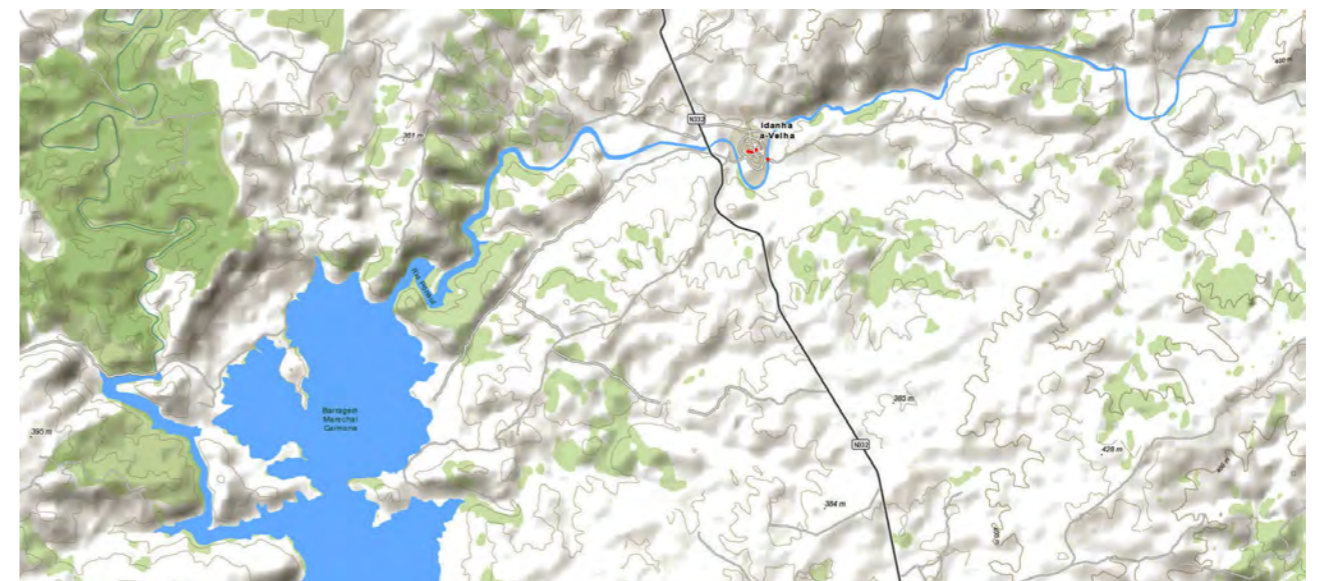


Figura 19: Localização de Idanha-a-Velha (Direção Geral do Território, 2015).

⁹ Félix Pereira publicou vários artigos, referentes às suas campanhas de escavações em Idanha-a-Velha, na revista *Arqueólogo Português*, de salientar os artigos publicados em 1909 e 1938.

¹⁰ Fernando de Almeida foi provavelmente o arqueólogo que mais trabalho realizou em Idanha-a-Velha, resultando daí diversas publicações, dentre as quais, *Egitânia: história e arqueologia* de 1956, *Antiguidades da Egitânia: alguns achados dignos de nota* de 1964 e *Templo de Vénus em Idanha-a-Velha* de 1969. As escavações de Fernando de Almeida em torno da Sé Catedral, entre 1955 até meados da década de 70, colocaram os edifícios documentados entre os conjuntos mais importantes da arqueologia medieval de Portugal, sendo declarados de Imóveis de Interesse Público e Monumento Nacional.

¹¹ Arqueólogo e assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Publicou alguns artigos relativos às campanhas em Idanha-a-Velha, destacando-se os artigos *O Fórum dos Igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorum* em 2009 e *Construções em terra da época Augustana na capital da Civitas Igaeditanorum* em 2013.

¹² Publicação de 1998 intitulada *Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha*.



Figura 20: Planta geral de Idanha-a-Velha. Implantação do Solar.

Tendo por base os trabalhos de Ramos e Pablos (2013) (2017), Pereira e Rodrigues (1907) e José Castro (1902), o período da história de Idanha-a-Velha, aquando da sua ocupação romana, foi provavelmente o seu período glorioso. Nessa época era designada por *Civitas Igaeditanorum*, com referência mais antiga datada próximo de 16 a.C., e se encontrava numa posição privilegiada na via de comunicação entre Emérita Augusta (atual Mérida) e Bracara Augusta (atual Braga). Nas muralhas, construídas numa época posterior, por finais do século III e inícios do século IV, foram identificados elementos pétreos pertencentes a outros edifícios romanos, percebendo-se que pode ter havido uma diminuição do volume edificado da urbe. Os autores Ramos e Pablos, desenharam uma planta da possível malha urbana romana (Figura 21), onde estão representados os edifícios principais e a muralha do baixo-império, o grupo episcopal tardio e o fórum romano da época de Augusto. Nesta planta, apresenta-se a possibilidade de terem existido dois *cardus* e dois *decumanos*, existindo a hipótese de se relacionar a implantação do Solar da família Marrocos com a eliminação do *cardus* alinhado com a porta norte da aldeia. Além disso, houve também a proposta da reconstituição de um conjunto de edifícios cristãos que, segundo as evidências, existiram por volta do século VI (Figura 22). Estes edifícios, são atualmente os vestígios arqueológicos expostos a sul do solar.

A *Civitas Igaeditanorum*, ou Egiditania, como os Romanos a chamavam, foi destruída pelos Suevos no ano de 420 e reconstruída pelos Godos poucos anos depois, tendo sido elevada a sede episcopal por volta do século VI. Há inclusivamente, lendas na região, onde a personagem principal é o rei dos Godos, Wamba, que no concílio de Toledo, em 675, fez a delimitação do território pertencente a Egítania. No ano 713, Egítania foi conquistada aos Godos pelos Árabes, que a reconstruíram, ocupando-a e transformando-a até meados do século XII. Estes chamavam-na de Eydaia, Idania, Exitania ou Antaniya. D. Afonso Henriques expulsou os Árabes e em 1189, depois de ter sido destruída, voltou a ser reconstruída por D. Sancho I que a doou aos Templários. D. Gualdim Pais, *deixando-a ao desamparo, edificou, não longe d'ella, no fim do século XII, em terreno apropriado, um castello e fortificações que deram origem à povoação que depois foi denominada Idanha-a-Nova* (Castro, 1902, p. 66). Em vão, *os nossos reis tentaram povoar esta villa, porque tantas vezes havia sido reedificada e arrasada, que parecia uma povoação maldita, e ninguém para lá queria ir* (Pereira & Rodrigues, 1907, p. 945).

Em 1510, D. Manuel I concedeu nova carta de foral à aldeia numa tentativa de revitalizar a vila, mas foi em vão, tal como aconteceu com D. Sancho I. Desde então, Idanha-a-Velha, nunca mais recuperou a sua grandeza e *está hoje reduzida a uma insignificante aldeia* (Pereira & Rodrigues, 1907, p. 945).

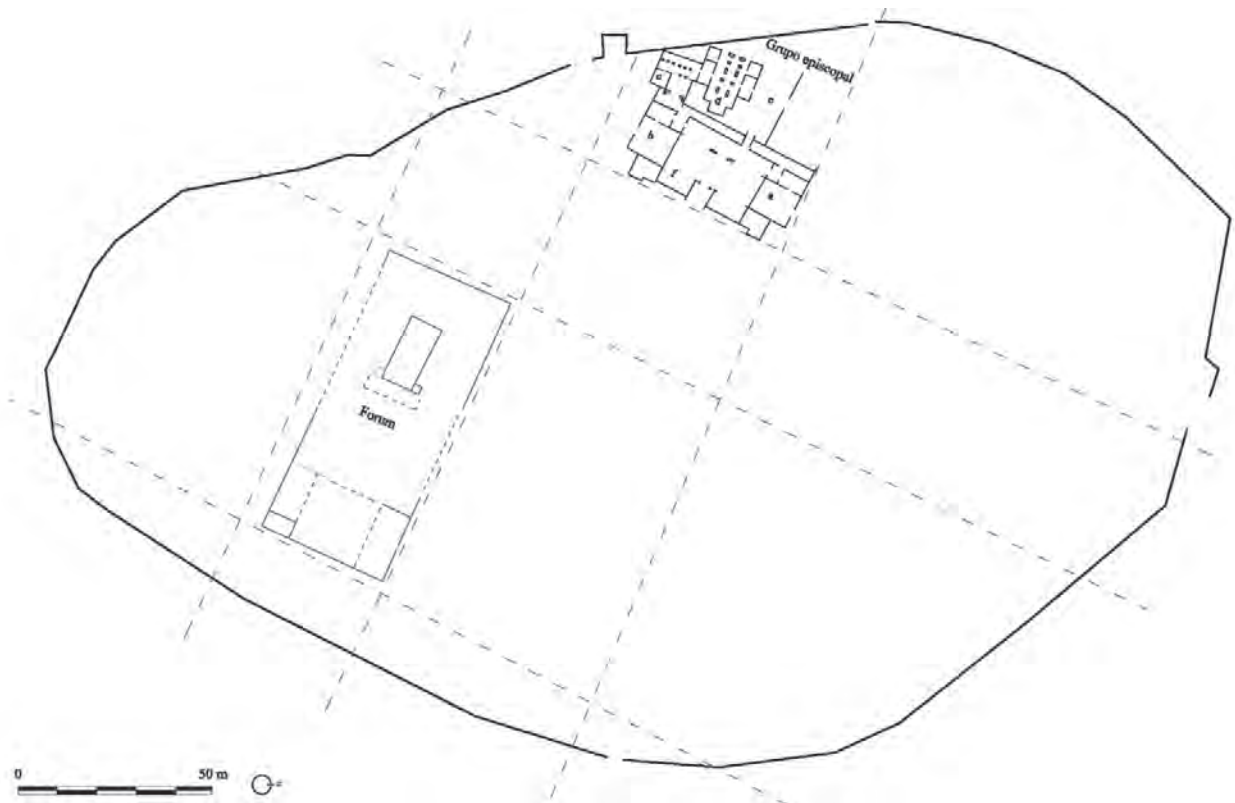


Figura 21: Hipótese de planta de *Civitas Igaeditanorum* e sua grelha romana (Ramos e Pablos, 2017).

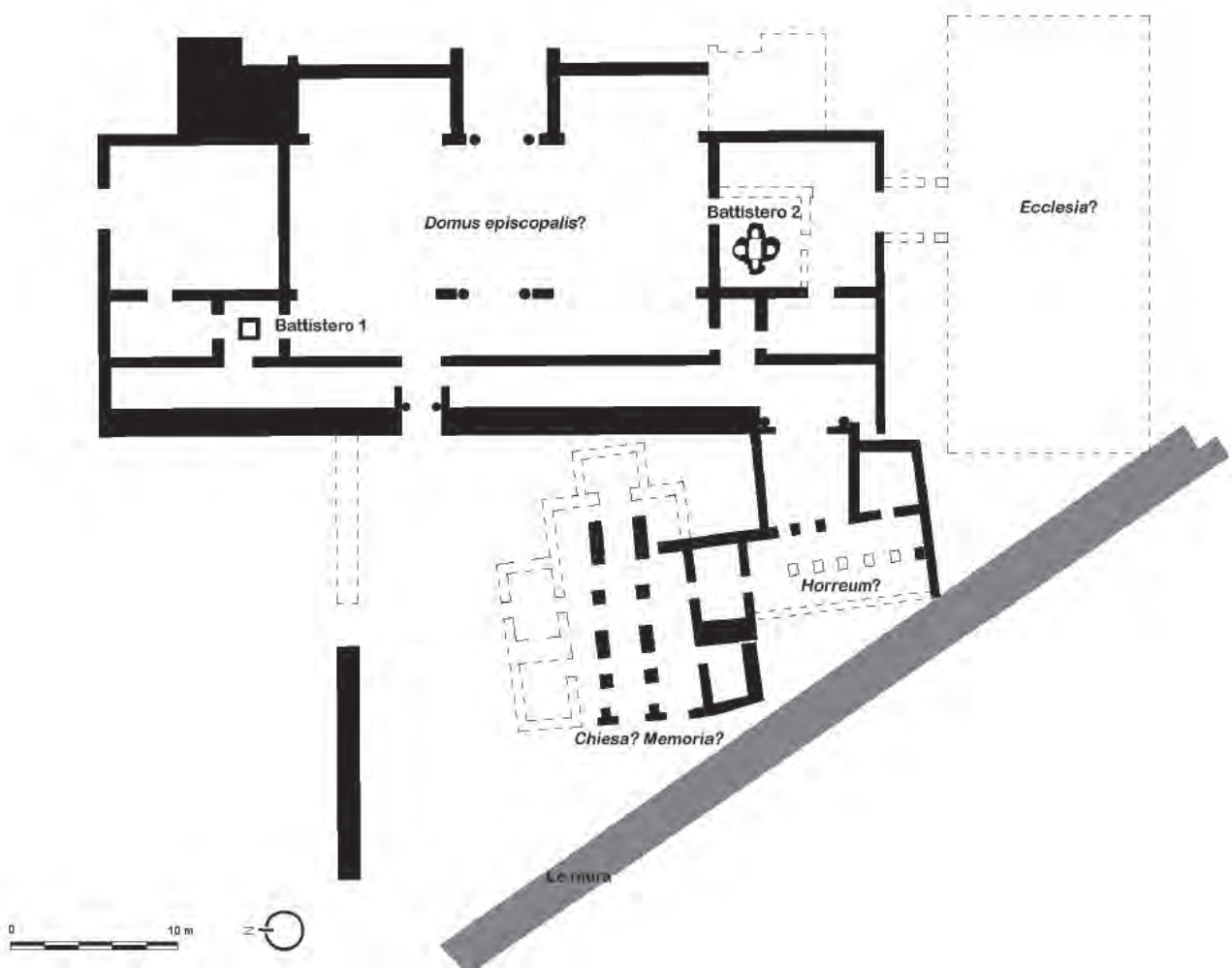


Figura 22: Reconstituição do conjunto cristão de Idanha por volta do século VI (Ramos e Pablos, 2017).

A atividade económica de maior relevância neste local e no país, até há pouco tempo, foi a exploração de recursos agrários, que teve a sua máxima expansão no início dos anos 60 (Baptista, 1994). Daí que, no século XIX o contexto socioeconómico português permitiu que se criassem grandes latifúndios. Fernando Baptista (1994, p. 908) descreve:

Esta situação dos patrimónios fundiários resultava [...] do controle das parcelas que davam de parceria e arrendamento a pequenos e médios agricultores numa época de grande pressão sobre a terra e também do número de postos de trabalho que asseguravam nas aldeias onde se situavam nas terras que exploravam diretamente.

Em Idanha-a-Velha não foi diferente, tendo sido a família de Marrocos o grande latifundiário da região. Fernando de Almeida (1956, p. 138) menciona que *o grande lavrador local, apaixonado pela sua aldeia, Sr. António Marrocos, [...] criou ali o Museu Lapidar Egeditano* onde se acomodou o maior conjunto lapidar da Península Ibérica. Esta iniciativa evitou que as peças fossem levadas para museus e coleções particulares (Neves, 1996). Seria o filho de António, Frederico Marrocos, depois das obras concluídas, a autorizar a transferência das noventa e duas lápides para a antiga Capela de São Sebastião, posteriormente chamada de Museu Lapidar Egeditano (Almeida, 1988). No relatório da terceira campanha de escavações realizadas em Idanha-a-Velha por Fernando de Almeida (1957, p. 5), este escreveu:

O Senhor António Marrocos deixou propositadamente ficar inculto o terreno onde está o cemitério romano e [...] atendendo ao grande interesse arqueológico do seu olival entre as ruínas da Catedral e a muralha da Egítânia, com a maior boa vontade e compreensão do interesse que isso representa para as escavações e futura urbanização do local, oferecia todo o terreno aos Monumentos Nacionais.

Estas medidas provam o reconhecimento da importância da aldeia e seu espólio por parte da família Marrocos (Figura 23).

As últimas alterações urbanas profundas da aldeia deram-se com a construção do solar e suas dependências. Também foram construídos outros edifícios pertencentes à mesma família, para os quais foi necessário demolir o casario existente, e do qual não existe registo de como seria.

Aproximadamente, entre os anos de 1959 e 1964, foi preparado o II Plano de Fomento, que pretendia *uma intervenção nas relações de propriedade através de uma nova regulamentação do arrendamento mais favorável aos rendeiros, do emparcelamento das pequenas*



Figura 23: Escavações arqueológicas (1961) junto da Sé Catedral, anterior propriedade da família de Marrocos (Conceição e Costa, 2010).

parcelas de terra nas zonas da agricultura familiar e do parcelamento de grandes domínios fundiários (Baptista, 1994, p. 912). Após esse período, acabou por ocorrer uma grande crise no património fundiário durante a década de 60 e o da família Marrocos não foi exceção. Em 1975, foi publicada uma portaria¹³ onde foram expropriadas propriedades pertencentes a latifundiários, encontrando-se incluída a herdade de Idanha-a-Velha, pertencente à época a Frederico Manzarra Marrocos. Após a publicação da portaria mencionada, deu-se a ocupação do Solar em 17 de Fevereiro de 1976, por parte do povo. No entanto, a família já tinha abandonado a habitação há mais de um ano, ficando o *rendeiro João Dias Rato e o feitor Adelino Beatriz Ramos na herdade* (Diogo, 2010, p. 29). Segundo o autor Fernando Baptista (1994, p. 914), *o declínio dos patrimónios fundiários levou em muitos casos a novos equilíbrios na vida local, em que ganharam maior destaque os membros das profissões liberais*, porém, em Idanha-a-Velha tal não se verificou. Apesar de se entender a crise como necessária, tendo em conta as condições a que os assalariados estavam sujeitos, esta contribuiu para a decadência e conseqüente desertificação da aldeia. Os habitantes foram em busca de melhores condições de vida no estrangeiro ou nas grandes cidades.

O património imaterial de Idanha-a-Velha, também não deve ser negligenciado e encontra-se documentado tanto por António Capêlo Manzarra Marrocos¹⁴ como por Seomara e Maria da Graça¹⁵. Estes descreveram a vida social, económica e cultural da aldeia no início/meados do século XX.

No final da década de 90, o conjunto de Idanha-a-Velha, reuniu os critérios exigidos para integrar o roteiro de Aldeias Históricas de Portugal. Para tal, foi necessário proceder a algumas intervenções com o objetivo de valorizar os aglomerados e dotá-los de algumas infraestruturas necessárias para o turismo e habitantes (Figura 24 e 25).

O único perigo que pode ameaçar as ruínas é, de momento, o eventual desejo de conduzir escavações para rentabilizar turisticamente (Mantas, 2009, p. 170).

Segundo Pedro Ferreira (2011, p. 45) as condições necessárias para Idanha-a-Velha ser selecionada para o programa das Aldeias Históricas de Portugal foram as seguintes: *existência de património arquitetónico, arqueológico ou ambiental classificado, unidade formal do tecido urbano e construído, interesse histórico-cultural, integração em percursos turísticos ou*

¹³ Portaria n.º 776/75 de 27 de Dezembro.

¹⁴ Publicação de trabalho final de curso com o tema *Trabalho prático de Geografia Humana sobre Idanha-a-Velha (antiga Egitânea)* de 1936.

¹⁵ Publicação com o tema *Etnografia de Idanha-a-Velha (Egitânea)* de 1970.



Figura 24: Intervenções em Idanha-a-Velha, realizadas no seguimento do programa das Aldeias Históricas de Portugal: percurso na muralha.



Figura 25: Intervenções em Idanha-a-Velha, realizadas no seguimento do programa das Aldeias Históricas de Portugal: reabilitação da Sé Catedral e sua envolvente.



Figura 26: Vistas a partir do Largo da Igreja, com pré existência na área do Solar e após a construção do mesmo (Conceição, Pelourinho de Idanha-a-Velha, 1993).



Figura 27: Vistas a partir da frente da Sé Catedral, com pré existência na área do Solar e após a construção do mesmo (Conceição e Costa, 2010).

culturais temáticos, índice de desertificação e por fim carência de infraestruturas turísticas. As intervenções encontravam-se subdivididas em três grupos: *igrejas, castelos, muralhas e edifícios de interesse patrimonial como solares ou casas senhoriais* (Ferreira, 2011, p. 37). As intervenções propostas eram as seguintes (Ferreira, 2011, p. 107):

1. *Recuperação de edifício para Centro de Interpretação;*
2. *Recuperação de construções e espaços de Interesse Patrimonial;*
3. *Posto de Turismo de Idanha-a-Velha;*
4. *Recuperação do Lagar de Varas e Musealização e Cobertura do logradouro;*
5. *Reutilização dos Palheiros de S. Dâmaso;*
6. *Calçadas de Idanha-a-Velha;*
7. *Recuperação de fachadas e coberturas em Idanha-a-Velha Fases I, II e III;*
8. *Recuperação da Sé Catedral de Idanha-a-Velha;*
9. *Recuperação da Igreja Matriz de Idanha-a-Velha;*
10. *Remodelação da Praça do Espírito Santo;*
11. *Cobertura do Batistério e arranjo da envolvente.*

O primeiro ponto não foi concretizado, pelo que o presente trabalho sugere um programa idêntico, utilizando as dependências da Casa Nobre da família Marrocos. Apesar dos critérios utilizados para inserir Idanha-a-Velha no roteiro de aldeias históricas e o Solar ocupar uma grande área da aldeia, este foi desvalorizado como elemento a intervir.

No que concerne à história do Solar, pouco há a dizer, pois não se encontraram registos, nem gráficos nem escritos, do que existiria anteriormente à sua construção. De acordo com José Cristóvão¹⁶, arqueólogo do município de Idanha-a-Nova, no espaço de implantação do caso de estudo existia anteriormente uma habitação. A partir das Figuras 26 e 27, pode apenas conjecturar-se sobre a existência da habitação, limitada pelo que parece ter sido um muro de vedação. Relativamente ao sistema construtivo, os técnicos da autarquia indicaram tratar-se de uma estrutura maioritariamente de betão, enquadrando-se na tipologia de construção usada durante o período de 1930 a 1960 (estrutura mista de betão e alvenaria de pedra) (NESDE, 2005).

Ao nível arquitetónico, é indicado pelo programa REVIVE (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016) que este conjunto é definido como:

estilo eclético alinhado com o estilo “Português Suave” tardio, apesar da autoria de projetista desconhecido é notável o apuro construtivo em diversas soluções

¹⁶ Informação fornecida em conversa informal no dia 17 de Novembro de 2017.



Figura 28: Alçado posterior da Casa Nobre vista das dependências agrícolas.



Figura 29: Alçado posterior da Casa Nobre. Detalhe da escadaria de serviço.



Figura 30: Varanda envidraçada no alçado lateral esquerdo (Sul).



Figura 31: Escadaria interior na entrada principal.



Figura 32: Vacarias e detalhe da pia do cortelho.



Figura 33 : Detalhe de parede exterior da Casa Nobre.



Figura 34: Escadaria exterior.



Figura 35: Arrumos de alfaias agrícolas.



Figura 36: Detalhe do pavimento de cargas e descargas em granito.

arquitetónicas, como a cantaria de granito [; Destaca-se, ainda, a escada interior de caracol de granito que percorre os três pisos.

Além disso, segundo as descrições de Alfredo Antunes (1961/1988) relativamente à arquitetura Beirã, também é possível encontrar características desta na obra. O autor Vítor Neves (1996, p. 208) refere que o Morgado António Marrocos construiu o Solar em Idanha-a-Velha mas *teve o cuidado de honrar as suas origens, mandando colocar nos varandins da sua enorme mansão, não o ferro forjado [...] [antes] uma laçaria granítica [...] de grande valor e raridade.* Ainda, Antunes (1961/1988, pp. 86, 116) menciona que:

quanto às casas nobres – aos solares –, [...] a simplicidade dos volumes e das composições [...] que as definem, completam e valorizam [...] de proporções modestas, dominantes horizontais, disciplinada e sem arrogância [...] os volumes, a modulação, as proporções, a horizontalidade, permanecem sem grandes alterações.

O alçado principal possui volumetria marcadamente horizontal voltado para o Largo da Amoreira, já o posterior (Figura 28 e Figura 29), apresenta um conjunto de volumetrias que parece ter sido o resultado da distribuição de funções no interior da Casa Nobre. Outra característica que geralmente se encontra em habitações da Beira Interior são as varandas (Figura 30) (Antunes, 1961/1988, p. 73):

[de] uso tão frequente e de tal importância nas edificações, [...] [que] se tornaram os elementos mais característicos e funcionais da arquitectura regional Beirã [...] os prumos de suporte da cobertura alpendrada [são] também de pedra [...] Prumos que [são valorizados] esteticamente, biselando-lhes as arestas verticais, deixando apenas a secção quadrada inicial formar como que umas bases e uns capitéis.

Raul Lino (1992, p. 35) referiu que os *alpendres eram em tempos idos feição característica da nossa casa, sendo durante o verão bom regulador de temperatura nas casas que lhe ficam anexas.* Na região predominam os telhados revestidos a telha canudo e o granito, material originário e extraído da região, permitindo *a generalidade do seu emprego e a variedade das suas aplicações* (Antunes, 1961/1988, p. 71). O Solar mantém o uso desses mesmos materiais, tendo sido o granito amplamente empregue nas escadas exteriores (Figura 34) e interiores (Figura 31), em paredes (Figura 33), pavimentação dos pátios (Figura 35 e 36), muros e inclusivamente, usado na construção das dependências destinadas aos animais (Figura 32).



Figura 37: Portão de passagem entre pátio da casa nobre e pátio do trabalho.



Figura 38: Portão de passagem entre pátio da casa nobre e pátio dos animais.



Figura 39: Portão de passagem entre pátio do trabalho e pátio dos animais.

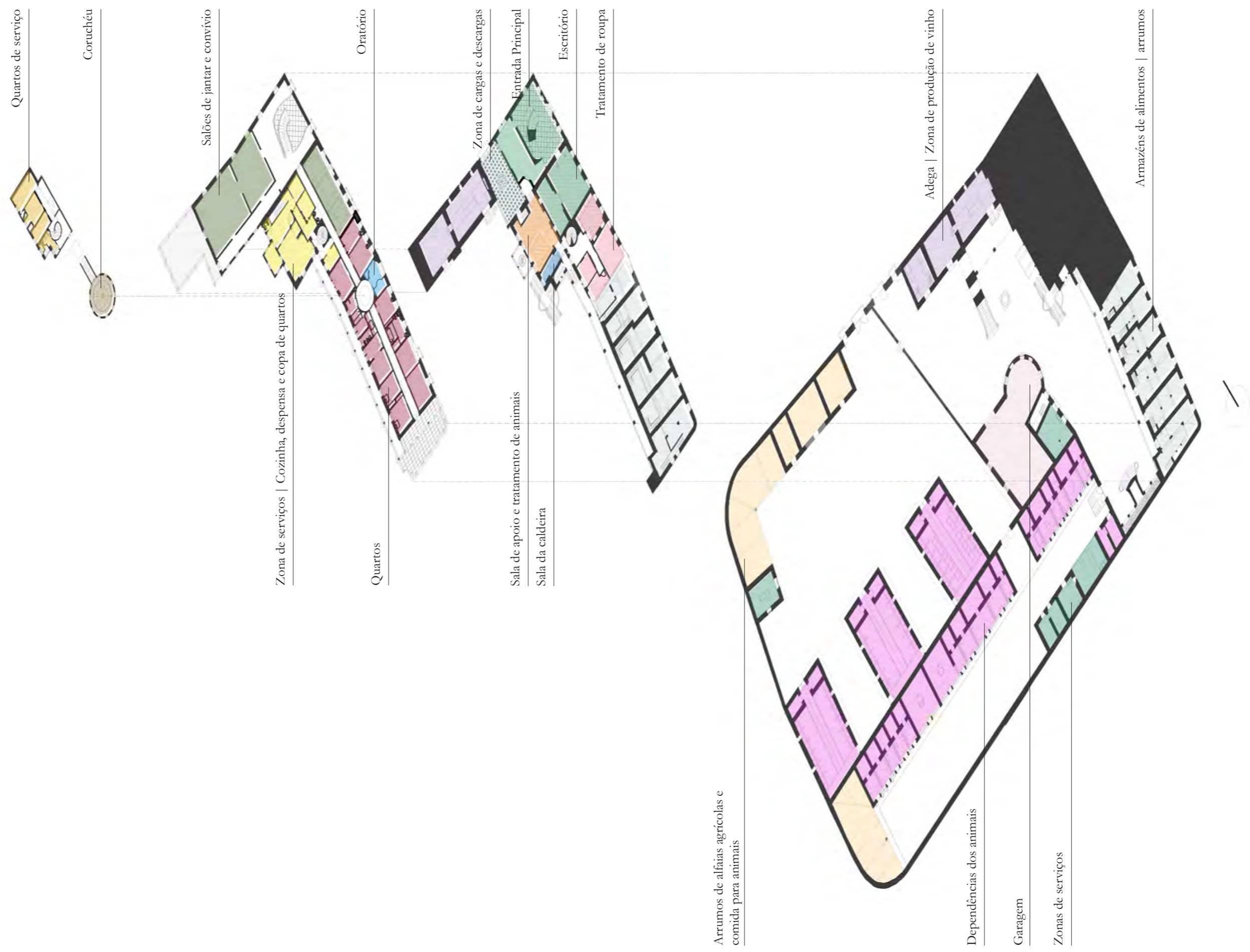


Figura 40: Programa do conjunto pertencente ao Solar.

Apesar de não existirem desenhos do projeto original, nem se saber quem foi o projetista, sabe-se que o mestre de pedreiros era de Medelim e se chamava João Cartola¹⁷. Este foi contratado pelo Sr. António de Pádua e Silva Leitão Marrocos para construir o Solar. Apesar de a família ter habitado no Solar, construção iniciada durante a década de 50, este nunca chegou a ser concluído.

Conforme a descrição contida no caderno de encargos do concurso sobre o imóvel, disponível no *site* do REVIVE, a implantação do Solar divide-se por três zonas: habitação familiar, trabalho e animais. Cada uma destas zonas é definida interiormente por um pátio próprio. As três zonas encontravam-se separadas por muros e portões que permitiam a ligação entre elas, o que interessava ao proprietário para maior controlo dos trabalhos realizados (Figura 37, 38 e 39). Exteriormente, todo o solar é delimitado por elementos construídos, habitação da família, currais, arrumos ou muros, que encerram a propriedade. O facto de todo o complexo ser voltado para ele próprio anula quaisquer relações visuais com a envolvente, com a exceção das varandas na Casa Nobre.

Os acessos ao interior do solar e respetivas dependências permitiam quatro entradas distintas. Três destas eram destinadas à zona da habitação da família, sendo duas de acesso direto ao interior da mesma. Existe apenas uma entrada para a zona de trabalho e animais. O conjunto do Solar possui um carácter privado e intimista. O morgado parecia pensar da mesma forma que Raul Lino (1992, p.24), quando este escreveu:

em certos aposentos olhamos, sobretudo, ao recato e isolamento relativo da sua localização, e uma das coisas que mais encantam no conjunto duma habitação é o sentimento de independência e separação daquele mundo exterior que deixamos lá fora e que nos é estranho, indiferente e por vezes hostil.

A dimensão do pátio de trabalho poderá ser indicativo deste ter servido para recreio do gado, dependendo as dimensões dos pátios das respetivas funções que os mesmos teriam. O conceito de casa rural e a organização das dependências agrícolas em torno da mesma é um tema interessante e que em caso de intervenções, se não for mantido, corre o risco de desvirtuar os espaços, deturpando a sua organização espacial e a forma como esta é vivenciada.

Relativamente ao programa (Figura 40), conforme o Caderno de Encargos da obra, na zona do pátio do trabalho encontram-se quatro volumes que confluem para

¹⁷ Informação dada informalmente pelo arqueólogo municipal, José Cristóvão, porém, não foi encontrado qualquer registo a confirmar o dado.



Figura 41: Pátio dos animais e suas dependências.

a mesma área. Neste espaço, todos os volumes possuem apenas um piso, volumetrias simples e com poucas aberturas. A área em que a parede exterior está orientada a norte, é um volume com uma alimetria superior e *encontra-se dividido em três espaços independentes, que funcionavam como armazéns para ferramentas* (REVIVE, 2019, p. 13). O restante do “L”, eram espaços onde se realizavam todos os trabalhos de manutenção da casa, além de uma pequena divisão onde se ferrava o gado. Os outros três volumes eram destinados ao alojamento do gado de grande porte.

Quanto ao pátio dos animais, o conjunto das volumetrias que para aqui confluem criam um género de corredor, onde igualmente possuem apenas um piso, com exceção do pombal, que possui dois pisos (Figura 41). Geminado ao pombal, junto do portão de acesso ao pátio da habitação nobre, existe um telheiro onde eram realizadas as matanças dos porcos. A norte do pátio, em todo o comprimento do mesmo, encontravam-se os espaços para as aves e suínos, localizando-se a poente, um telheiro que serviria de apoio ao tratamento dos animais.

Por fim, para o pátio da habitação de família confluem o volume de habitação principal, ou nobre, e um outro de um piso onde se encontra a garagem e uma cozinha. O desvão da garagem era utilizado para acomodação de trabalhadores.

Quanto à casa nobre, no piso térreo existem uns espaços que funcionam de forma autónoma, com acesso direto ao pátio, e que servem como armazenamento de alimentos e produtos, além da adega e uma sala para produção de vinho. No primeiro piso, é onde se encontra a entrada da habitação, feita diretamente do Largo da Amoreira. A partir deste, também se pode aceder a um espaço que seria escritório, outro de cargas e descargas e salas de apoio a serviços. No segundo piso, mais reservado, é onde se encontram os quartos servidos por um longo corredor, destacando-se a meio um oratório. Além de zona de serviços de apoio aos quartos, também possui salões que serviriam como salas de jantar, zona de estar e convívio ou talvez sala de jogos (a ala a norte). No terceiro piso, onde o acesso (exclusivo a trabalhadores) é feito por uma escadaria em caracol, encontram-se os quartos dos empregados que serviam a casa principal. Daqui também é possível aceder ao coruchéu, através do desvão do telhado.

Consoante o programa descrito e esquematizado, serão concretizadas intervenções mínimas, pois grande parte do projeto proposto se adapta facilmente aos espaços existentes, com funções idênticas.

Ainda a propósito do programa REVIVE, foi apresentado para o concurso de concessão um projeto com o programa preparado para o empreendimento turístico

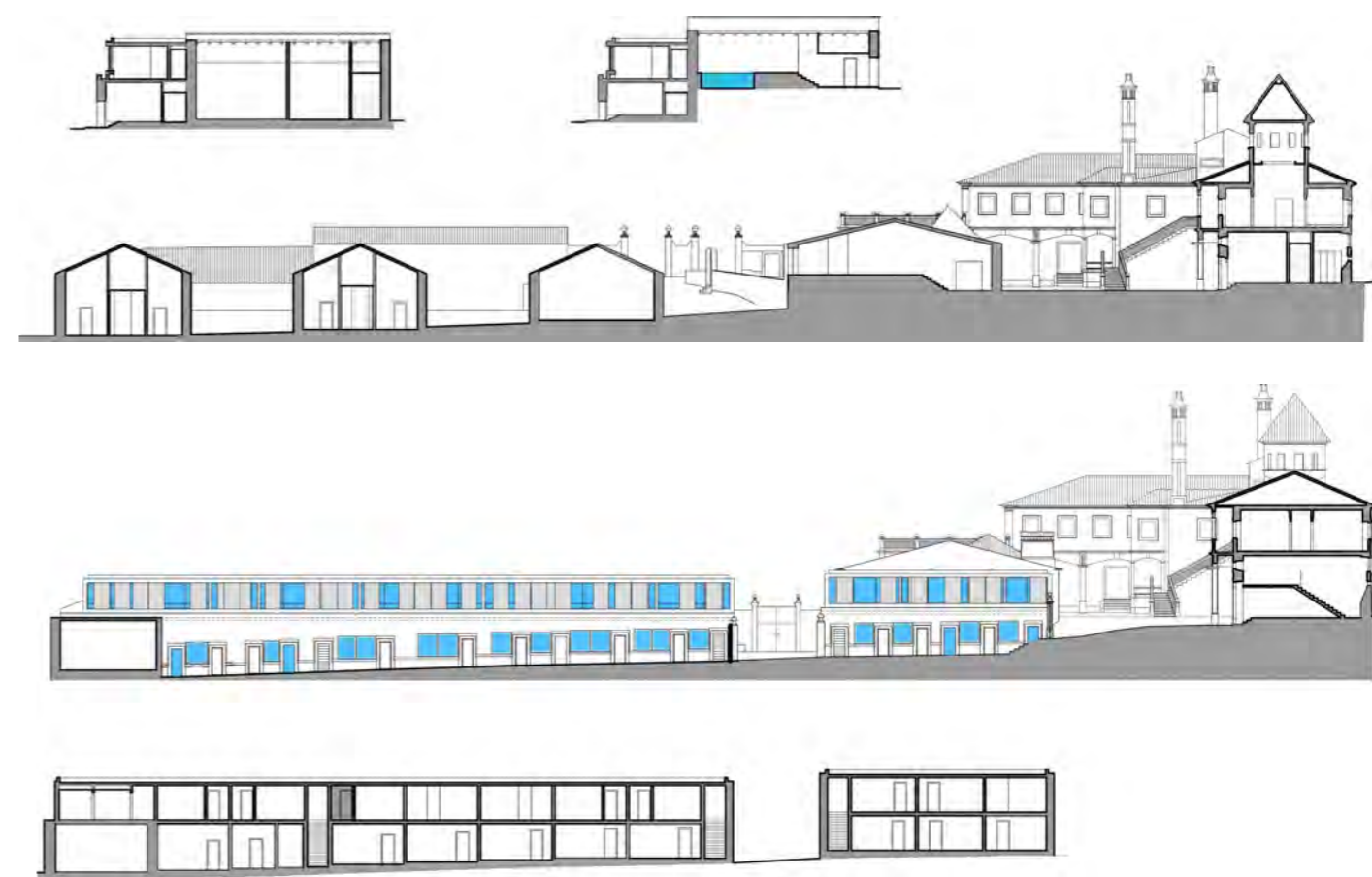


Figura 42: Cortes da proposta para *Hotel do Templo* (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

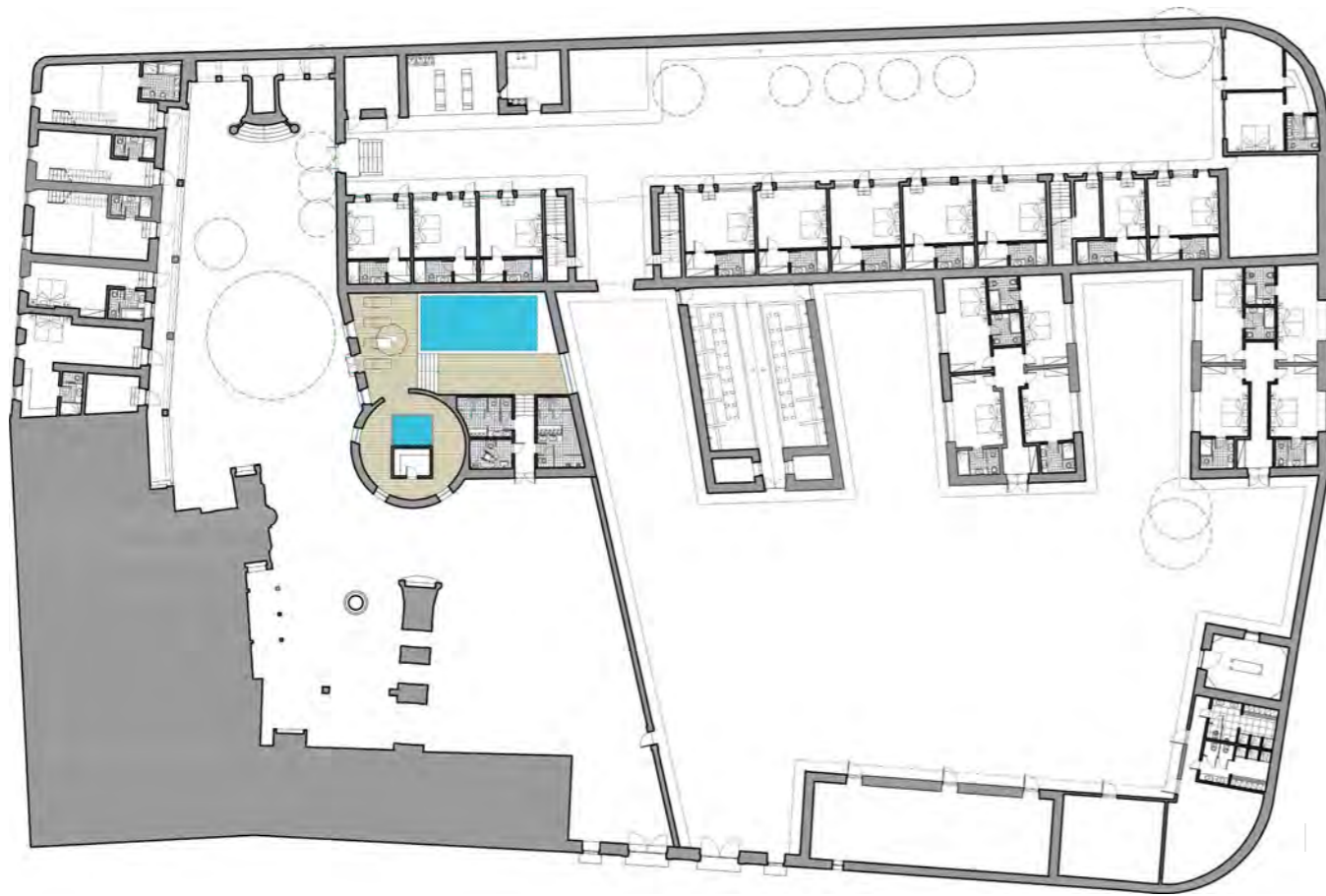


Figura 43: Planta piso 0 da proposta para *Hotel do Templo* (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

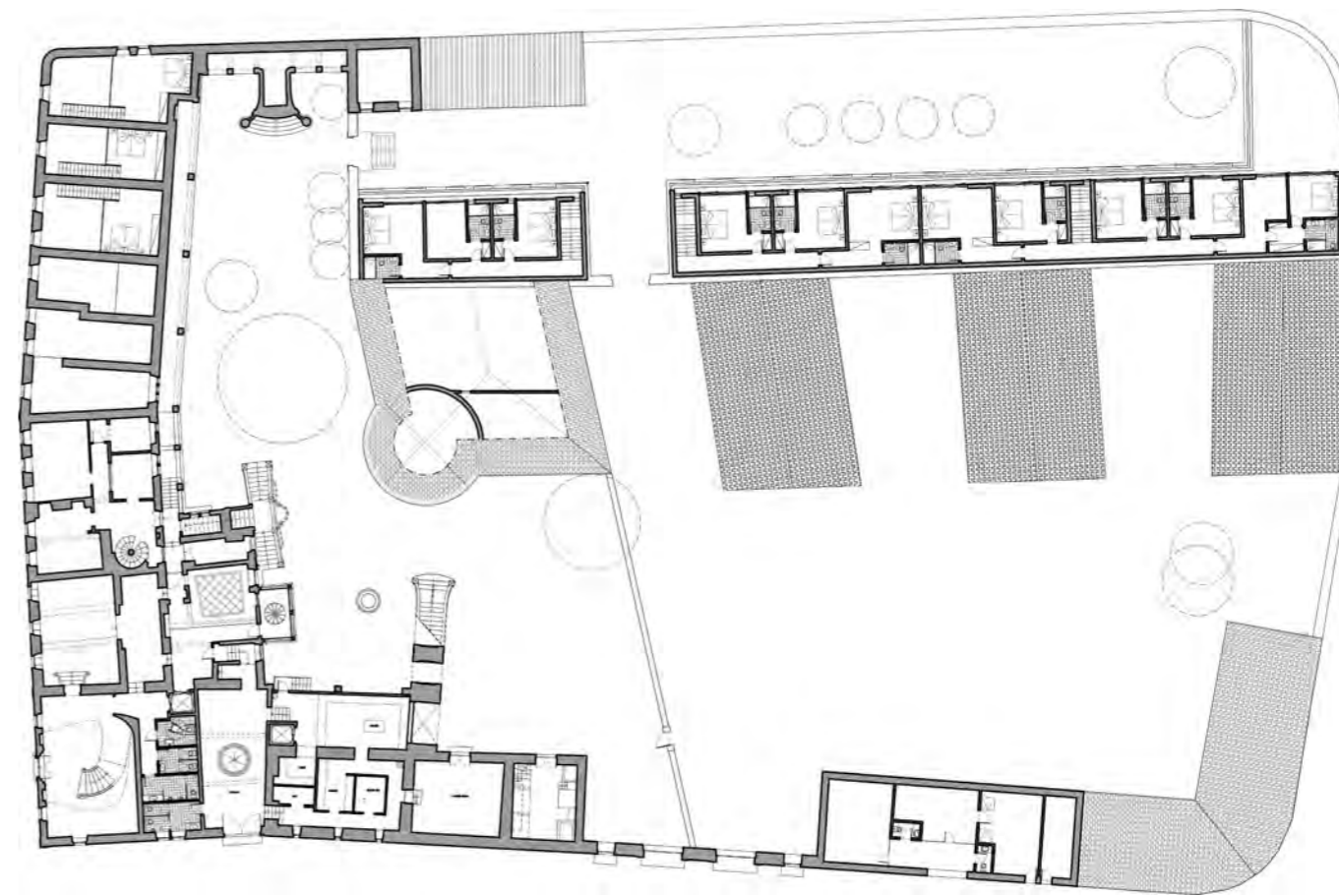


Figura 44: Planta piso 1 da proposta para *Hotel do Templo* (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).



Figura 45: Planta piso 2 da proposta para *Hotel do Templo* (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

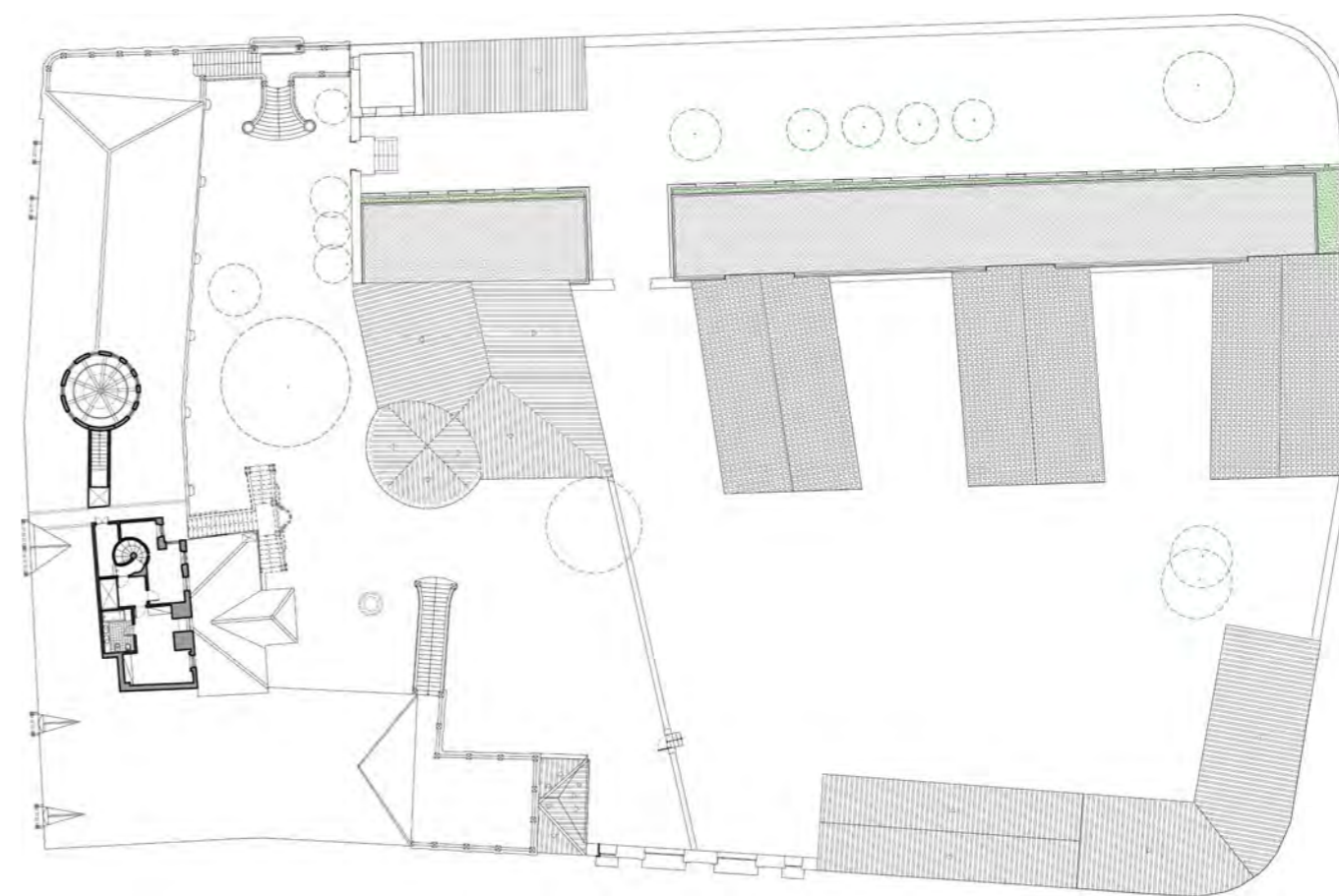


Figura 46: Planta piso 3 da proposta para *Hotel do Templo* (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

que se pretende ver inserido no Solar. Foi designado *Hotel do Templo*, e prevê-se que seja de quatro estrelas. O plano propõe a criação de trinta e sete quartos duplos, um quarto para mobilidade reduzida, sete *suites*, restaurante, sala polivalente, *health club*, piscina, *jacuzzi* e três lojas. As unidades de alojamento encontram-se distribuídas na Casa Nobre, pelos espaços com a mesma função original. Também foram reabilitadas as dependências dos animais para acomodações (Figuras 43, 44 e 45). Esta alteração nas zonas dos animais, conduziu a transformações ao nível de volumetrias e alçados, de forma a responder às exigências de conforto e comodidade necessárias a este tipo de empreendimento (Figura 42 e 46). O espaço, anteriormente a garagem e cozinha de serviço, foi convertido em zona de banhos com piscina, *jacuzzi* e os respetivos balneários (Figura 43). A partir do Caderno de Encargos, a autarquia colocou restrições em algumas zonas, com o objetivo de manter algumas características representativas da construção e das atividades da região, realizadas em determinados espaços. Assim, a escadaria de granito, varanda a sul com o envidraçado, adega e alambique e o espaço de ferrar o gado são os elementos/áreas que não puderam ser alterados, devendo ser repostos no seu estado original.

Apesar de, segundo a autora Maria Pato (2012, p. 39), a *pressão sob a atividade turística ser forte como forma de compensar os baixos rendimentos da agricultura* e o objetivo do programa REVIVE de reutilizar o Solar como empreendimento turístico, é importante pensar no turismo de forma sustentável e integrada. Assim, qualquer proposta de intervenção para o conjunto deve ser pensada com base no *respeito pelo ambiente, pela história, pela cultura e pelos valores* (Pato, 2012, p. 43) da comunidade de Idanha-a-Velha. Deve integrar-se a comunidade na proposta, perspetivando-se esta combinação como o sucesso para o desenvolvimento do meio rural.

2.2. SOBRE O TEMA: PATRIMÓNIO E INTERVENÇÃO

O tema património é bastante desenvolvido e discutido em vários trabalhos, tanto académicos como em contexto profissional. Assim sendo, este subcapítulo tem como objetivo ser uma breve síntese, considerando a sua pertinência para a proposta da intervenção no Solar.

É importante compreender o património para poder intervir no mesmo (Figura 47). Os elementos que auxiliaram nessa compreensão foram as cartas, recomendações e convenções internacionais, além de outros textos. À base destes, poder-se-á de uma forma sintética, resumir a duas abordagens opostas, partilhadas por dois grupos no



Figura 47: Intervenção do Atelier 15 na porta e muralha romana em Idanha-a-Velha. Antes (1994) e depois (2004) (Noé, 2016).

século XIX: os intervencionistas e os anti-intervencionistas. Para defender estas ideologias, destacamos Viollet-le-Duc e Ruskin, respetivamente.

A abordagem do primeiro grupo *reduz-se a uma definição célebre (...): “restaurar um edifício é restituí-lo a um estado completo que pode nunca ter existido num momento dado”* (Choay, 2001, p. 156). Assim, o restauro de estilo, numa abordagem um tanto ilusória, tinha tanto de óbvio como de arriscado, porque na realidade, podia não corresponder ao projeto inicial (Capitel, 1992).

Por outro lado, Ruskin defendia que a reposição de uma estrutura arquitetónica no seu suposto estado inicial representava *a destruição mais absoluta que um edifício pode sofrer, uma destruição acompanhada de uma falsa descrição do destruído* (Ruskin, 1849/1987, p. 182). Os anti-intervencionistas defendiam que a obra deveria permanecer tal como se encontrava, porque, inclusivamente a deterioração, as marcas do tempo, eram parte da história do edifício que não deveriam ser ignoradas. O mesmo autor (1849/1987, p. 184) refere que:

A preservação dos edifícios do passado não é uma questão de oportunidade ou sensibilidade, não temos o direito de tocá-los, eles não são nossos, eles pertencem, por um lado, àqueles que os construíram e, por outro, a todas as gerações que nos sucederão.

O cruzamento destas duas abordagens tão opostas resultou numa aproximação mais geral por parte de Camilo Boito, integrando as duas, com o que considerou ser o melhor de cada uma delas. Influenciado pelos princípios de Viollet-le-Duc, julgou que efetivamente se deveria proceder ao restauro apenas quando todas as outras opções de salvaguarda (manutenção, consolidação etc.) tivessem falhado. Porém, induzido pelas ideologias de Ruskin, defendia a autenticidade do edifício, inclusivamente guardar *os sucessivos acréscimos devidos ao tempo* (Choay, 2001).

Boito defendia que qualquer intervenção que fosse feita, deveria ser mínima, e que, qualquer adição, admitida como *um meio extremo de consolidação*, era necessário que fosse completamente diferenciada do existente, usando técnicas simples, tais como, uso de materiais diferentes ou cor (Capitel, 1992). Os princípios de Boito formaram as bases para a Carta de Atenas em 1931 (Neto, 2001).

Gustavo Giovannoni, importante seguidor de Boito, defendia a conservação do contexto urbano existente em torno de monumentos, sendo importante as relações históricas entre os mesmos, e não o seu isolamento urbano. Esta ideia de respeito pelo verdadeiro contexto urbano histórico dos monumentos teve perpetuação na Carta de Atenas, da qual o próprio foi um dos mais importantes intervenientes (Figura 48)



Figura 48: Intervenção da DGEMN, década de 60, na Sé Catedral com o Solar de Marrocos ao fundo (Conceição e Costa, 2010).

(Luso, Lourenço, & Almeida, 2004). Contudo, este princípio poderá levar a outro extremo, o de considerar as cidades como conjuntos urbanos a serem salvaguardados integralmente, criando cidades-museu. Esta atitude poderá impedir o desenvolvimento das cidades em causa a todos os níveis, promovendo a sua desertificação.

Importa referir que, a definição de restauro segundo Viollet-le-Duc ou Ruskin é diferente da definição atual, e segundo o artigo 1º da Carta de Lisboa (1995) o conceito de restauro é o seguinte:

Obras especializadas, que tem por fim a conservação e consolidação de uma construção, assim como a preservação ou reposição da totalidade ou de parte da sua conceção original ou correspondente aos momentos mais significativos da sua história.

Tendo por base o mesmo documento, considerou-se mais adequado para a proposta de intervenção no Solar da família Marrocos a definição de reabilitação de um edifício:

Obras que tem por fim a recuperação e beneficiação de uma construção, resolvendo as anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança acumuladas ao longo dos anos, procedendo a uma modernização que melbore o seu desempenho até próximo dos atuais níveis de exigência.

Seguramente, é pertinente considerar outros critérios explanados em cartas e recomendações. A Carta de Atenas (1931) e principalmente a Carta de Veneza (1964), são os documentos que até aos dias de hoje continuam a desempenhar um papel fundamental relativamente à compreensão do património e possíveis critérios de intervenção. Não implicando a sua consulta contínua, os conceitos apresentados, tornam-se implícitos quanto à forma de se intervir em património, adaptando-se a cada caso particular (Lopes & Correia, 2004). Da Carta de Atenas (1931), destacando-se o ponto três, o qual menciona que se *respeite o carácter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança de monumentos antigos cuja envolvente deve ser objeto de cuidados especiais*. Da Carta de Veneza (1964), salientam-se alguns artigos apropriados para o caso de estudo. Nomeadamente, o artigo 1º que define o monumento histórico não apenas como uma *criação arquitetónica isolada*, mas envolve *o sítio, rural ou urbano*, onde se insere. Também o artigo 5º adverte para a utilidade funcional dos monumentos à sociedade, tornando-se uma mais-valia na sua conservação, apesar de que, *tal afetação não pode, nem deve, alterar a disposição e a decoração dos edifícios*. O artigo 6º, bem como o 13º, alertam para os cuidados a ter relativamente às alterações de volumetrias e cor, de modo a não alterar o equilíbrio da composição e das relações com a envolvente. Ainda, o artigo 9º adverte:



Figura 49: Solar de Marrocos e seu contexto, visto a partir das proximidades da torre de menagem.



Figura 50: Intervenção do Atelier 15 em Idanha-a-Velha. Reconstrução do Lagar de Varas e construção do arquivo epi

(...) Não devem ser empreendidos restauros quando se está em presença de hipóteses visando reconstruções conjecturais. Nestes casos, qualquer acrescento ou complemento, que se reconheça indispensável, por razões estéticas ou técnicas, deverá harmonizar-se arquitetonicamente com o existente e deixar clara a sua contemporaneidade.

Além destes pontos, houve também outros textos que se consideraram apropriados e relevantes para a proposta em causa. Um deles é a Carta Europeia do Património Arquitetónico (1975), que refere a importância da reabilitação dos edifícios existentes. Estes podem receber novos usos satisfazendo as necessidades da vida atual, contribuindo para o combate à desertificação. Outra fonte escrita oportuna para o presente trabalho, foi a Recomendação de Estrasburgo (1989), em que o segundo ponto apela à criação de incentivos, que encorajem à *reutilização das construções existentes [...] procurando a sua adaptação a novas funções preservando tanto quanto possível o seu carácter inicial*, atrair o público para a valorização da arquitetura local e adoção da Carta de Veneza como princípios orientadores de intervenções.

Como complemento à Carta de Veneza, foi criada a Carta do Património Construído Vernáculo (1999). Aqui, destaca-se a importância da relação do património com a paisagem, física e cultural, que deve ser respeitada, *garantindo as relações harmoniosas entre as construções* (Figura 49). Além disso, considera que a substituição de materiais e de elementos arquitetónicos devem ser *realizados com materiais que assegurem uma coerência de expressão, de aspeto, de textura e de forma com a edificação original; a adaptação e reutilização de construções vernáculas devem ser efetuadas respeitando a integridade, o carácter e a forma destas estruturas e compatibilizando a intervenção com os padrões de habitabilidade desejados*.

É de notar que, apesar de existir uma grande quantidade de informação sobre o assunto “intervir no património”, cada intervenção deverá contribuir principalmente para o desenvolvimento da comunidade e não ser dedicado a turismo apenas, conforme o programa REVIVE pretende. Da lista de imóveis apresentados pelo programa, todos têm como objetivo principal empreendimentos turísticos, sendo necessária a sua reabilitação e adaptação às novas exigências (Figura 50). Porém, a sua intervenção deveria ocorrer, não apenas tendo a atividade do turismo como alvo, mas sim a preservação de património, que pode ou não, ser usado para o fim anterior. Como referido na Carta de Cracóvia (2000), o turismo cultural, apesar dos seus *aspetos positivos para a economia local, deve ser considerado um risco*, daí que, é importante a participação efetiva da comunidade com o objetivo de qualquer intervenção, em património ou apenas na gestão do mesmo, ser integrada. Esta condição promove o envolvimento dos cidadãos, criando oportunidades para revitalizar e dinamizar o



Figura 51: Alçado posterior da Sé Catedral, 1957 (Conceição e Costa, 2010).



Figura 52: Alçado principal da Sé Catedral, 1959 (Conceição e Costa, 2010).



Figura 53: Interior da Sé Catedral, 1959 (Conceição e Costa, 2010).

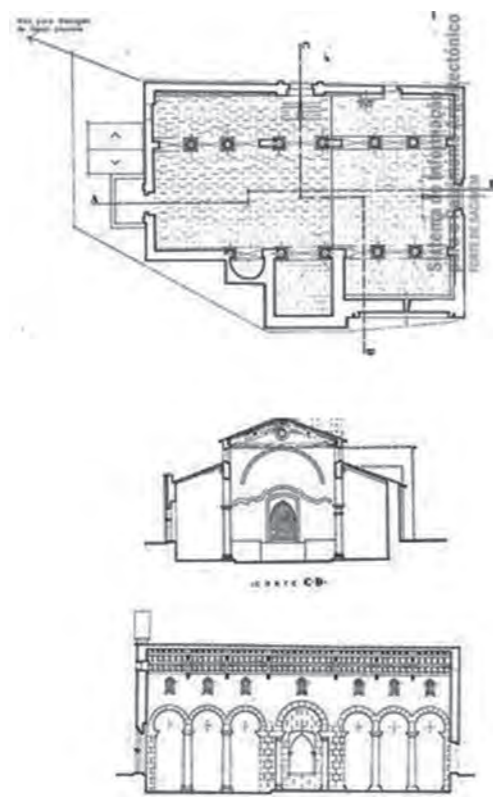


Figura 54: Planta e cortes da Sé Catedral. DGEMN, 1962 (Conceição e Costa, 2010).



Figura 55: Alçado lateral esquerdo da Sé Catedral, após obras de restauro da DGEMN, 1964 (Conceição e Costa, 2010).



Figura 56: Alçado principal e batistério, após obras de restauro da DGEMN, 1964 (Conceição e Costa, 2010).

contexto urbano onde se encontram inseridos. Além disso, a sustentabilidade de um núcleo urbano não deve ter por base apenas os seus bens patrimoniais, podendo ser recursos demasiado *frágeis e não renováveis*, sendo portanto, essencial *diversificar funções* e isso apenas é possível com a participação da comunidade (Barata, 2004).

2.3. CASOS DE ESTUDO

Os casos de estudos escolhidos consistiram em duas obras que foram visitadas durante o decurso do projeto: Sé Catedral em Idanha-a-Velha e Neues Museum em Berlim, que serviram para compreender critérios e estratégias de intervenção utilizados.

As ações realizadas em Idanha-a-Velha, a propósito do programa das Aldeias Históricas de Portugal, dividiram-se em *três grandes grupos: infraestruturas, recuperação de património e recuperação de fachadas e coberturas* (Ferreira, 2011, p. 191). A reutilização da Sé Catedral e arranjos exteriores da área confinante foi uma das onze propostas, que visavam valorizar determinados espaços e dotar de infraestruturas necessárias.

A Sé Catedral, aquando das escavações iniciadas por Fernando de Almeida no ano de 1965, segundo os relatórios de escavações, encontrava-se parcialmente soterrada (Figura 51 e 52). Houve uma primeira intervenção na obra, onde foram realizadas escavações e limpezas, na envolvente e interior da mesma (Figura 53). Em 1962, o arqueólogo Fernando de Almeida solicitou aos Serviços dos Monumentos Nacionais um desenho de uma cobertura para a Catedral, com o objetivo de salvaguardar os elementos que ali ia depositando, resultado das campanhas arqueológicas. Esta obra permitiu que o espólio pudesse ser exposto, funcionando como museu (s.n., 1962). O trabalho de Fernando de Almeida notabilizou a Sé Catedral, originando várias intervenções ao longo dos anos (Figura 54). Começaram a ser desenvolvidas pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), em meados da década de 60.

Na memória descritiva (MOP/DGEMN, 1964) das obras de restauro, foram apresentadas dúvidas quanto ao tipo de cobertura que teria existido, pois não havia indícios arqueológicos que pudessem sustentar uma proposta. Então, comparando e procurando semelhanças com outras obras, optaram por usar como referência S. Pedro de Lourosa, localizada em Oliveira do Hospital, com cobertura de duas águas na nave principal e uma água nas laterais (Figura 55). Relativamente à altura da cobertura, *partiu-se (...) do elemento seguro que é a altura das frestas em arco ultrapassado para obter a altura da nave central* (MOP/DGEMN, 1964). No mesmo documento, é sugerido reduzir a cota do



Figura 57: Alçado poente da Sé Catedral e envolvente, 2017.

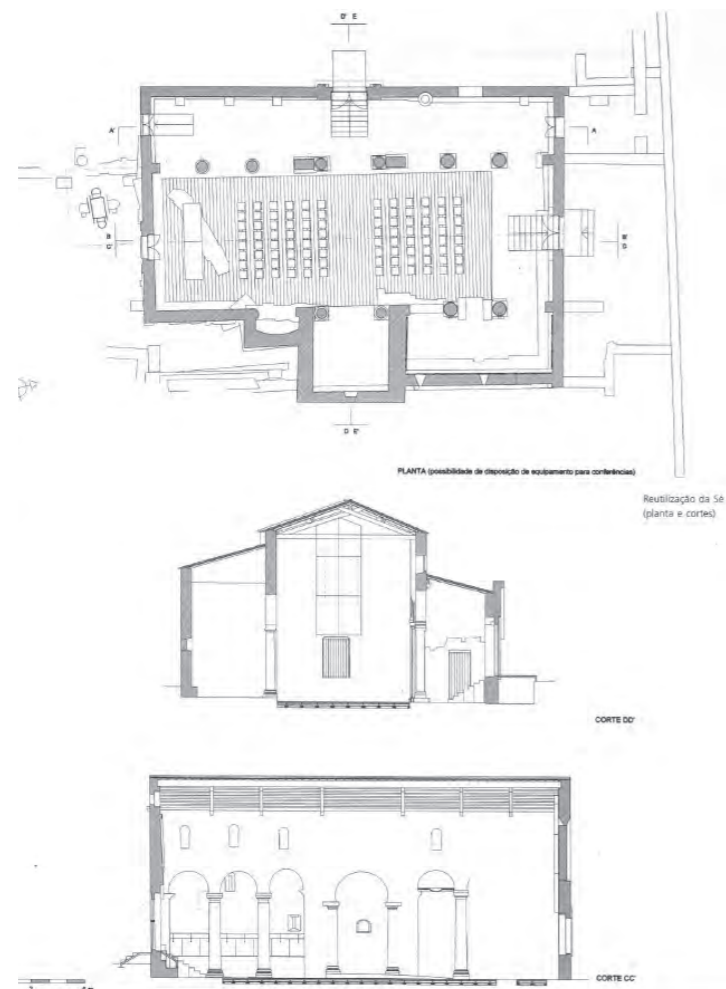


Figura 58: Plantas e cortes da Sé Catedral, Atelier15 (Ferreira, 2011).



Figura 59: Alçado posterior (Norte) e relação com envolvente, 2017.



Figura 60: Alçado principal e batistério, 2017.



Figura 61: Interior da Sé Catedral orientada para a fachada principal [Fotografia de Antunes, 2009] (Conceição e Costa, 2010).

pavimento do *arruamento em frente do Monumento, pondo assim a descoberto o pórtico principal* (Figura 56).

Ao contrário dos arquitetos da DGEMN, o arqueólogo Fernando de Almeida considerava que a igreja visigótica de S.Juan de Baños, em Palência, partilhava de um maior grau de semelhanças com a Catedral, nomeadamente nos suportes das arcadas e nos arcos. Propôs, então, uma abertura na fachada principal, para entrada de luz, com *alguma dignidade estilística*, sendo concebida como *uma janela decorada à maneira visigótica com um rendilhado pétreo*, tal proposta não foi concretizada (Fernandes P. A., 2000).

Desde o restauro do DGEMN até à década de 90, a Sé Catedral foi sendo usada como um espaço de armazenamento de vestígios arqueológicos. Entrementes, foram efetuadas obras de manutenção e conservação, principalmente na cobertura da obra e do batistério, localizado na zona da entrada principal. Nestas intervenções, houve uma constante preocupação com a integração no conjunto ao mesmo tempo que buscavam as características mais primitivas, uma aproximação ao suposto original.

Em anos mais recentes, com o destaque que Idanha-a-Velha teve¹⁸, surgiu a necessidade de intervir sobre a Catedral. O Atelier15, constituído pelos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernández, ficou responsável pelos projetos que seriam concretizados na aldeia, incluindo o da Catedral (Figura 57). A proposta de intervenção apresentada teve como objetivo aparentemente simples, *não visando materializar uma leitura científica, o que significaria tomar um partido sempre discutível, mas antes facultar uma aproximação às questões fundamentais da espacialidade do monumento, entendido como matéria de estudo em aberto* (Costa, 2008, p. 83).

A reabilitação deste espaço, que já foi supostamente Mesquita e Basílica Episcopal, permitiu que este seja utilizado como *equipamento multifuncional preparado para acolher conferências, seminários, concertos e outras atividades culturais* (Ferreira, 2011, p. 35). Os equipamentos para cada uma das atividades possíveis poderão facilmente adaptar-se a cada situação em particular. *É possível promover exposições de várias escalas, montar uma sala de reuniões ou uma assembleia com capacidade para cerca de 100 pessoas, para além de soluções mistas que se julguem apropriadas* (Costa, 2008, p. 83)(Figura 58). O Atelier15 pretendeu recriar o espírito original da catedral, tal como a DGEMN, evidenciando o ambiente sagrado do local. O objetivo foi atingido através do *restauro dos elementos existentes, escolha dos materiais a utilizar e das opções de iluminação* (Costa, 2008, p. 83). Quanto ao exterior, as volumetrias foram limpas de todos os elementos que perturbavam a leitura do edifício

¹⁸ Conjunto arqueológico e arquitetónico classificado como Monumento Nacional e inclusão no roteiro das Aldeias Históricas de Portugal.



Figura 62: Arranjos exteriores na posterior da Sé Catedral e batistério, 2017.

como elemento austero, tais como tubos de queda, caleiras, etc. (Figura 59 e 60). Elementos estes inseridos pelo DGEMN com o intuito de proteger a obra, principalmente de infiltrações. Assumiram a porta manuelina, a poente, como entrada principal.

No interior, é o pavimento em soalho que demarca a área de utilização, destinada a *eventos culturais temporários* (Figura 61). Em contrapartida, a nave lateral com pavimento em pedra, serve como percurso periférico de visita (Ferreira, 2011). Relativamente à janela na fachada principal, aberta pelo DGEMN, o Atelier15 optou ainda por, não omitindo a sua existência pelo exterior, encerrá-la pelo *interior com um painel de escala monumental*, assumindo não existir vestígio arqueológicos ou gráficos que sugiram a sua existência. Além disso, influenciava a quantidade de luz que entrava no interior tornando difícil a manipulação artificial para exposições ou projeções (Costa, 2008).

Assim, duas formas do Atelier15 intervir são perceptíveis no projeto da Sé Catedral: por um lado, a conservação dos materiais e linguagem do edifício; por outro, reconstrução aliada a propostas contemporâneas de uso de técnicas e materiais (Figura 62). Sérgio Fernandez mencionou no artigo publicado pelo periódico Património/Estudos (2002, p. 181):

Pretendeu-se que o resultado final e global da intervenção em Idanha-a-Velha tivesse um significado múltiplo, antropológico e/ou histórico, dando sinal do fluir do tempo, sem recusar a transformação e a contemporaneidade legíveis nos novos usos, nos novos materiais, nas novas conceções do património.

Relativamente ao segundo caso de estudo, será feita uma breve contextualização histórica e descrição arquitetónica do *Neues Museum*. Ter-se-á como referência os textos publicados no livro de David Chipperfield (2009) e o *site* da Fundação do Património Cultural da Prússia (2019).

O rei da Prússia, Frederick William, entronizado em 1840, já tinha grandes planos para o que atualmente é a Ilha dos Museus em Berlim. Após uma fase pós Napoleónica de acumulação de obras de arte, houve necessidade de mais espaço. Em 1841, ano em que Schinkel faleceu, foi pedido pelo rei a August Stüler¹⁹, pupilo do primeiro, para desenhar o que ambicionava ser um fórum de cultura, e neste plano, desenhar também um museu. A sua construção teve início em 1843, foi concluído em 1855 e inaugurado em 1859.

¹⁹ Stüler tinha anteriormente participado no projeto de Schinkel, para construção do Palácio Real Grego na acrópole de Atenas.



Figura 63: Escadaria do vestíbulo original (Da hitects, 2015).

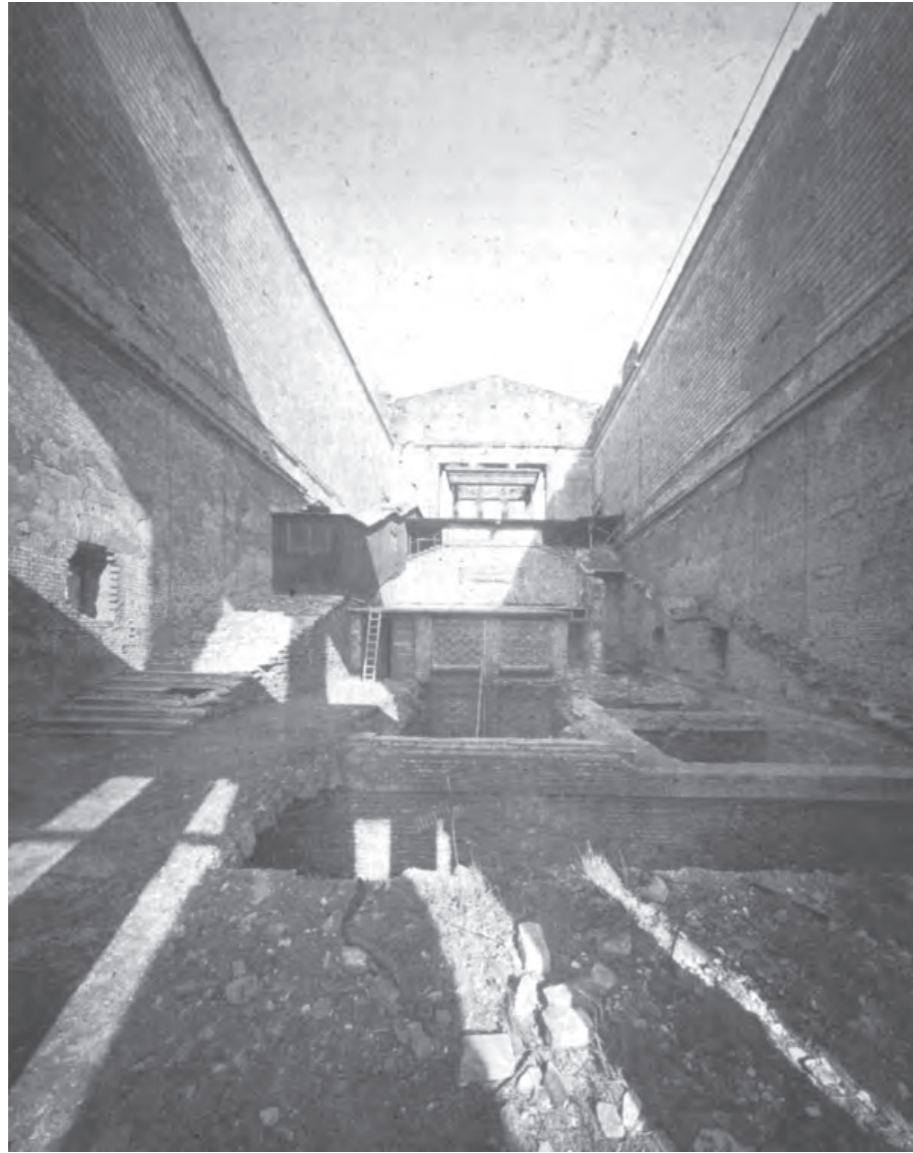


Figura 64: Escadaria do vestíbulo em ruína (Da hitects, 2015).



Figura 65: Neues Museum em ruína (Da hitects, 2015).



Figura 66: Escadaria do vestíbulo do *Neues Museum*.

Pretendia-se um museu tripartido, refletindo-se essa divisão na distribuição das coleções.

As coleções ficavam nas longas alas, cada uma com um pátio interno, enquanto o centro dominante do edifício era a vasta escadaria monumental, seu elemento mais alto, que se erguia acima dos telhados das galerias em frontões esculpidos. (Rykwert, 2009, p. 27)

Para acompanhar os visitantes na subida da escadaria, foram pintados²⁰ painéis com imagens panorâmicas da história da humanidade e seus feitos. O objetivo era que esta subida fosse o apogeu da visita (Figura 63). Porém, na década de 20 do século XX, o museu foi readaptado. Nesse contexto, a maioria dos gessos foi removido, revestiram os frescos das paredes, os tetos com as suas elaboradas pinturas foram ocultados com tetos suspensos simplesmente pintados.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o *Neues Museum* foi brutalmente bombardeado, destruindo por completo algumas partes do museu (Figura 64). Ele ficou irreconhecível e em ruínas por quase sessenta anos (Figura 65). Entretanto, seguindo uma vontade natural de “reerguer das cinzas”, em 1985 foram tomadas medidas urgentes de escoramento do existente. Na década de 90, foi lançado o concurso para se proceder às obras necessárias, tendo sido David Chipperfield Architects a ganhar o projeto, mas apenas em 2003 estas tiveram início.

Foi no processo de escoramento que se descobriu, que a readaptação da década de 20, acabou por proteger as decorações originais.

A estratégia para intervir no edifício, foi efetivamente estudar cada espaço isoladamente para posteriormente definir as operações a realizar. Devido à complexidade da obra, nomeadamente do estado de ruína em que se encontrava, e consequentemente do desenvolvimento do projeto, foram redigidos três documentos que serviram de linha condutora: Diretrizes de conservação, Conceitos e Estratégia. Partindo destes documentos, foram definidos limites para os níveis e tipos de intervenção no existente. Simultaneamente, a equipa também realizou estudos pormenorizados de todos os elementos existentes de cada espaço e construíram uma estrutura para o projeto da área que havia sido completamente destruída.

Chipperfield assumiu o desafio frontalmente: ele escolheu aceitar todas as marcas e cicatrizes do edifício, todas as camadas que o tomaram desde a sobriedade

²⁰ O Rei convidou um famoso pintor de Munique, Wilhelm von Kaulbach para pintar os frescos da escadaria.



Figura 67: Espaços interiores do Neues Museum. Detalhes de revestimentos existentes e novos.

Schinkeliana através da opulência Wilhelminiana e Weimar para terminar nos terríveis horrores da Segunda Guerra Mundial, de modo que o edifício renovado possa ser uma testemunha de todo o seu passado, cicatrizes de bombardeamentos, buracos de balas e tudo. O que sobreviveu foi mantido. (Rykwert, 2009, p. 32)

No caso da escadaria, que originalmente era o espaço com mais destaque, os frescos de Kaulbach e as cariátides de *Erecteion* foram irrecuperáveis, portanto, a esta foi reconstruída em betão finamente acabado (Figura 66). A grandiosidade desta tornou-se num tributo às contidas mas magnificentes proporções de Stüler. Conforme Harrap (2009, p. 123):

Foi considerado garantir a unidade de composição na qual a ruína pré-existente poderia ser lida e estudada de perto sem dececionar ou perder a confiança na realidade do que sobreviveu. (...) O tratamento exterior do edifício foi concebido para ser idêntico à estratégia adotada no interior. Um certo nível de limpeza, substituição e restauro do tecido existente foi necessário, incluindo a remoção de intervenções anteriores indesejáveis.

Concluindo, em ambos os casos de estudos apresentados verifica-se a clareza e unidade da obra, são a antítese do complexo de Noé apesar da busca pelas origens, devolvendo a dignidade e sobriedade que determinados espaços exigem. Há a preocupação com a compatibilidade dos materiais existente *versus* contemporâneo bem como, as técnicas utilizadas para reconstruir ou restaurar (Figura 67).

Apesar de dimensões completamente diferentes, a emoção sentida ao entrar na Sé Catedral foi idêntica à sentida ao entrar no vestíbulo do *Neues Museum*.



O PROJETO

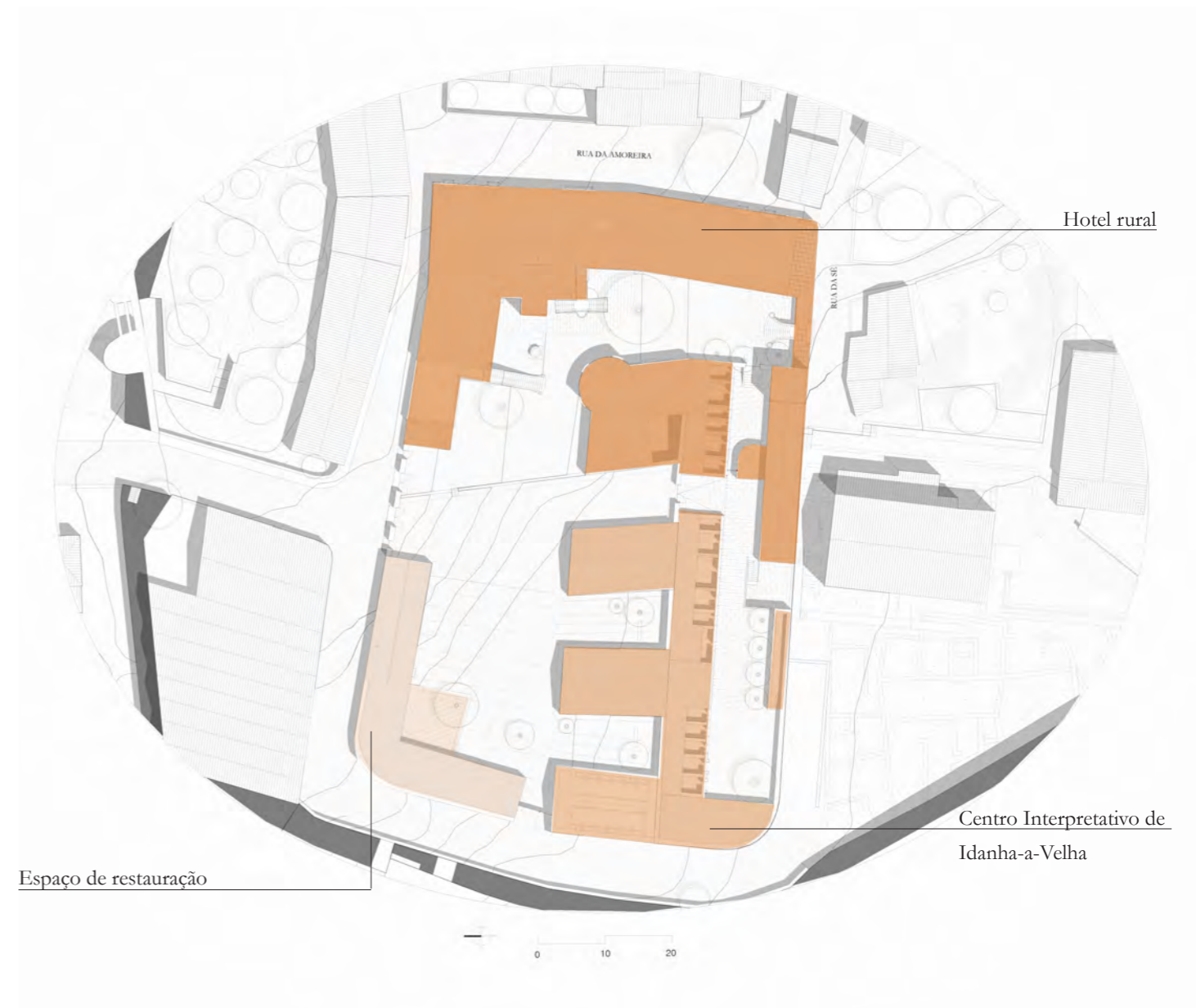


Figura 69: Programa do Solar de Marrocos.

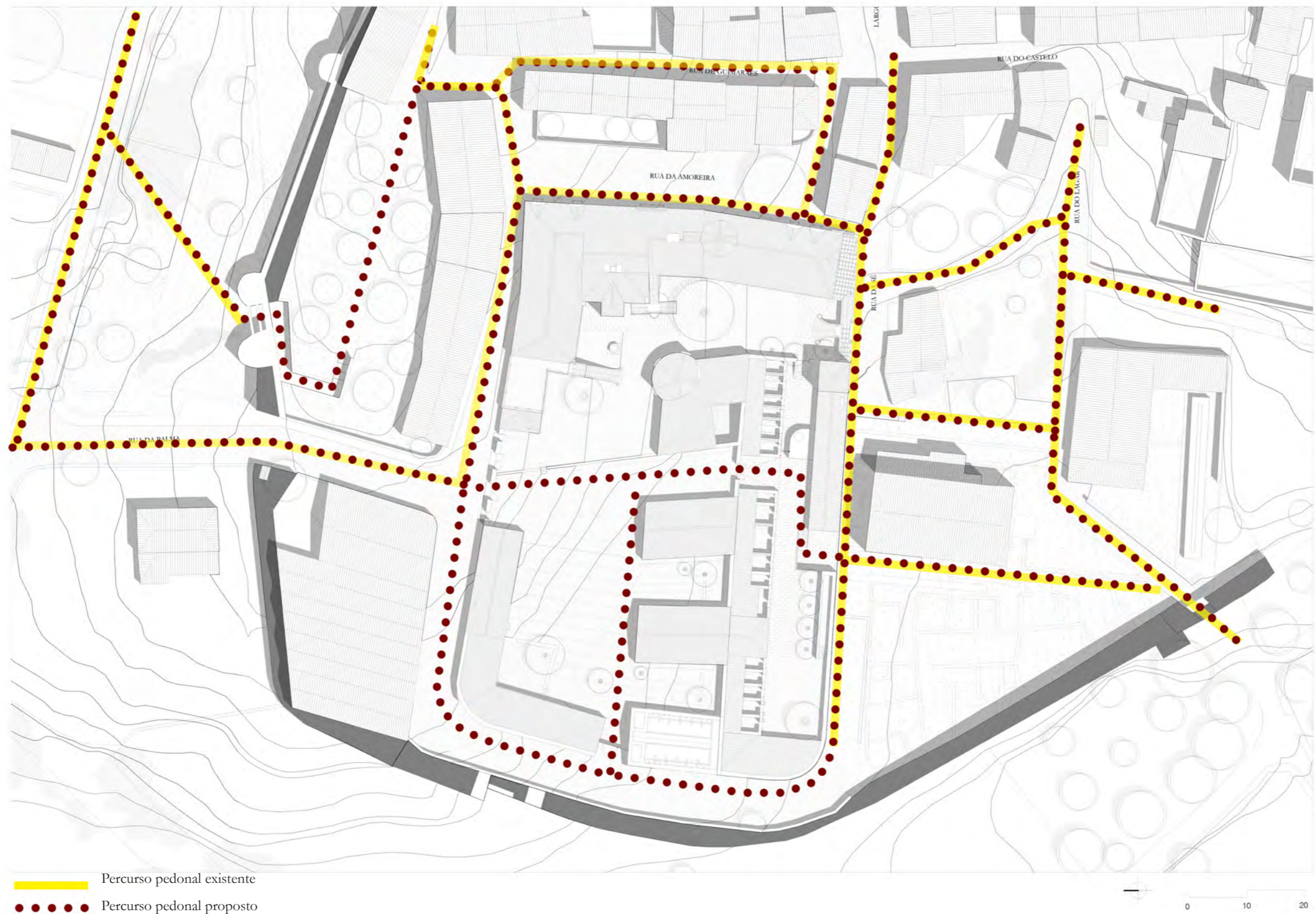


Figura 70: Percurso pedonal no contexto imediato do Solar de Marrocos.

3.1. PROGRAMA

Estando o Solar implantado em zona classificada como Monumento Nacional, foi necessário lançar uma proposta que tivesse em consideração essa sensibilidade do contexto edificado, com o propósito de não o desvirtuar.

O primeiro elemento a ser classificado em Idanha-a-Velha foi o Pelourinho Manuelino que se encontra no Largo da Igreja²¹. A Sé Catedral e a ponte sobre o Rio Pônsul seguiram-se, tendo sido definidos como monumentos nacionais²². Por fim, todo o conjunto arquitetónico e arqueológico de Idanha-a-Velha foi considerado monumento nacional²³. A partir desta última classificação, foi definida a delimitação da zona de proteção (Figura 68) em torno do centro muralhado, limitado a nascente, sul e poente pelo rio Pônsul.

Segundo o Plano Diretor Municipal de Idanha-a-Nova, artigo 13º, ponto 2, *para os núcleos históricos serão obrigatoriamente elaborados planos de pormenor de salvaguarda e valorização*. Não obstante, o plano de pormenor nunca foi elaborado, não se sabendo se se encontra em desenvolvimento²⁴. Não havendo elementos que restringissem o programa, optou-se por propor o que se pensou ser um programa apropriado para o objetivo do projeto.

O programa inicial era um empreendimento turístico, proposto pelo REVIVE, aplicado a todo o complexo. Para tal, teria que se manter o Solar de Marrocos encerrado sobre ele próprio, como foi desde a sua construção. Esta limitação impedia que o complexo contribuísse na sua máxima forma como dinamizador da aldeia. Definiram-se vários programas considerados apropriados e necessários para o desenvolvimento de Idanha-a-Velha, todos condensados e distribuídos pelas dependências do Solar. Hotel, centro interpretativo de Idanha-a-Velha e espaço de restauração (Figura 69). Assim, a proposta de projeto teve por base a reabilitação do espaço privado do Solar para uso público (Figura 70).

²¹ Classificado como imóvel de interesse público segundo o Decreto-lei n.º 23122, de 11 de Outubro de 1933.

²² Classificação dada pelo Decreto-lei n.º 40684, de 13 de Julho de 1956.

²³ Classificação obtida através do Decreto-lei n.º 67/97, de 31 de Dezembro de 1997.

²⁴ Idanha-a-Velha foi designada pela Câmara Municipal (Aviso n.º 8106/2018, Diário da República, 2ª série – n.º 114, 15 Junho de 2018), com base no Regulamento Jurídico de Reabilitação Urbana, como sendo Área de Reabilitação Urbana, tendo esta delimitação o principal objetivo de preservar e valorizar o conjunto edificado, *através da qualificação e revitalização do espaço urbano, reforçando as suas condições para atração de visitantes e atividades e a fixação de novos residentes. A valorização do aglomerado urbano, assente na reabilitação do edificado e qualificação do espaço público, deverá respeitar a história e preservar a identidade de Idanha-a-Velha, reforçando o conjunto arquitetónico e arqueológico enquanto Monumento Nacional* (Idanha-a-Nova, 2019).



Figura 71: Espaço de distribuição dos quartos.



Figura 72: Zona do coruchéu.



Figura 73: Coruchéu.



Figura 74: Garagem e serviços.



Figura 75: Instalação sanitária dos funcionários internos.



Figura 76: Sala de jantar.



Figura 77: Alojamentos de aves.



Figura 78: Zona de arrumos, cozinha e gerador.



Figura 79: Alojamento dos pavões.



Figura 80: Alpendre no pátio dos animais.

A área do Solar que será afeta ao alojamento foi definida como Hotel Rural, cumprindo os requisitos mínimos exigidos, e alguns opcionais, para obter a classificação de três estrelas²⁵. Na Casa Nobre (área bruta de implantação $\approx 1210.0 \text{ m}^2$), inseriram-se dez quartos duplos e um simples (nas áreas destinadas aos quartos originalmente) (Figura 71, 72 e 73), cinco estúdios e um apartamento com um quarto duplo e um simples (nas zonas de armazenamento primitivas). A garagem e cozinha de serviço (área bruta de implantação $\approx 358.5 \text{ m}^2$) foram adaptados e equipados com dois quartos duplos, cozinha, sala, instalações sanitárias e pátio privativo (Figura 74). Esta unidade de alojamento garante o acesso e permanência de pessoas com mobilidade reduzida. Na totalidade, existem dezassete quartos duplos e dois simples, possibilitando, com preenchimento a 100%, a permanência de trinta e seis pessoas. No último piso da Casa Nobre, os quartos de serviços foram transformados num apartamento de tipologia T1, sendo o espaço de residência dos gerentes do hotel (Figura 75). No que respeita a refeições, apenas é garantido o pequeno-almoço, sendo as restantes disponibilizadas na zona de restauração inserida no perímetro do Solar (Figura 76). A secção nascente das dependências dos animais de porte pequeno foi anexada ao hotel. Esta zona foi modificada de forma a oferecer serviços de banhos. Sauna, banho turco, banhos quentes e serviços de massagens (Figura 77 e 78).

A criação de um Centro Interpretativo em Idanha-a-Velha tinha sido anteriormente planeado a propósito do programa de Aldeias Históricas de Portugal. Não se tendo concretizado. Assim, propôs-se a reutilização das vacarias e dependências dos animais pequenos (secção a oeste) para acomodar este programa (área bruta de implantação $\approx 891.5 \text{ m}^2$) (Figura 79 e 80). O plano proposto adapta-se naturalmente ao existente. Cada alojamento dos animais será um espaço de exposição: peças arqueológicas, mapas, maquetes, etc. (Figura 81). Quaisquer elementos que permitam uma maior compreensão da aldeia ao nível histórico, arquitetónico e etnográfico, poderão ser apresentados nesta área. Além disso, foi proposto um miradouro anexado ao muro de vedação, que proporcionará, a uma cota superior, a visualização e compreensão das ruínas romanas junto da Sé Catedral (escavações realizadas por Fernando de Almeida).

Por fim e não menos importante, o espaço de restauração foi implantado nos antigos arrumos das alfaias agrícolas (área bruta de implantação $\approx 316.0 \text{ m}^2$) (Figura 82

²⁵ Portaria n.º 309/2015, de 25 de Setembro, primeira alteração à Portaria n.º 327/2008 de 28 de abril, que aprova o sistema de classificação de estabelecimentos hoteleiros, de aldeamentos turísticos e de apartamentos turísticos.



Figura 81: Interior das vacarias.



Figura 82: Pátio do trabalho. Vacarias e arrumos das alfaias agrícolas.



Figura 83: Detalhe do interior dos arrumos das alfaías agrícolas.



Figura 84: Porta Norte (Noé, 2016).



Figura 85: Propriedade com oliveiras, interior das muralhas. Porta Norte.

e 83). O facto de se inserir uma zona de refeições permitirá, mesmo a quem não fique alojado no hotel, que possa permanecer na aldeia o dia inteiro, sem necessidade de se deslocar para almoçar ou jantar em aldeias próximas. De modo a garantir as instalações sanitárias necessárias a este serviço, foi adicionada uma determinada área.

Estes três programas são unidos entre si e à aldeia por um eixo que define a estratégia. Este eixo liga o Solar ao percurso criado pelo Atelier15 em torno da Sé Catedral e à cota mais alta, junto da Porta Norte, entrada principal do aglomerado.

Além deste percurso pedonal sugerido, que anteriormente não existia, também se considerou apropriado intervir junto da Porta Norte, zona que outrora foi reconstruída pelo Atelier15. A reconstrução realizada manteve o muro de contenção que encerra a Porta Norte, impedindo qualquer passagem por esta (Figura 84). Assim, propôs-se a abertura desse muro e criação de um percurso que conduz à cota superior desse antigo aterro, que em época foi igualmente propriedade da família Marrocos (Figura 85). Na cota superior, foi planeada uma organização do espaço verde ao nível do pavimento, que encaminhará o visitante diretamente para a malha urbana de Idanha-a-Velha. Este é um percurso pedonal alternativo à rua principal de acesso à aldeia e que devolve a função original de entrada à Porta Norte.

Como atividades que podem dinamizar e revitalizar a aldeia sugeriu-se um Centro Equestre, no qual se poderão realizar provas nacionais ou internacionais. Seria implantado nos antigos armazéns de cereais, também pertencentes à família do Morgado, localizados na zona periférica do centro de Idanha-a-Velha. Além disso, há outras dependências que pertenciam à mesma família e que poderiam ser utilizadas para apoio a outras atividades, tais como caminhadas, passeios de bicicleta, passeios a cavalo, *yoga*, *workshops* de produção de produtos da região, observação da natureza, entre outros.

3.2. PROCESSO

O desenvolvimento da proposta de intervenção no Solar da família Marrocos teve diferentes fases. Inicialmente, uma de carácter mais geral, urbana. Avançou-se para a colocação do programa, anteriormente definido, em cada área respetiva do complexo em causa, e conseqüentemente, estudos e desenhos à mão levantada e rigorosos. Estes resultam do pensamento e discussão em torno das possibilidades de intervenção encontradas. Numa fase mais adiantada, houve um tratamento mais profundo da proposta na área correspondente à Casa Nobre, resultando em níveis de

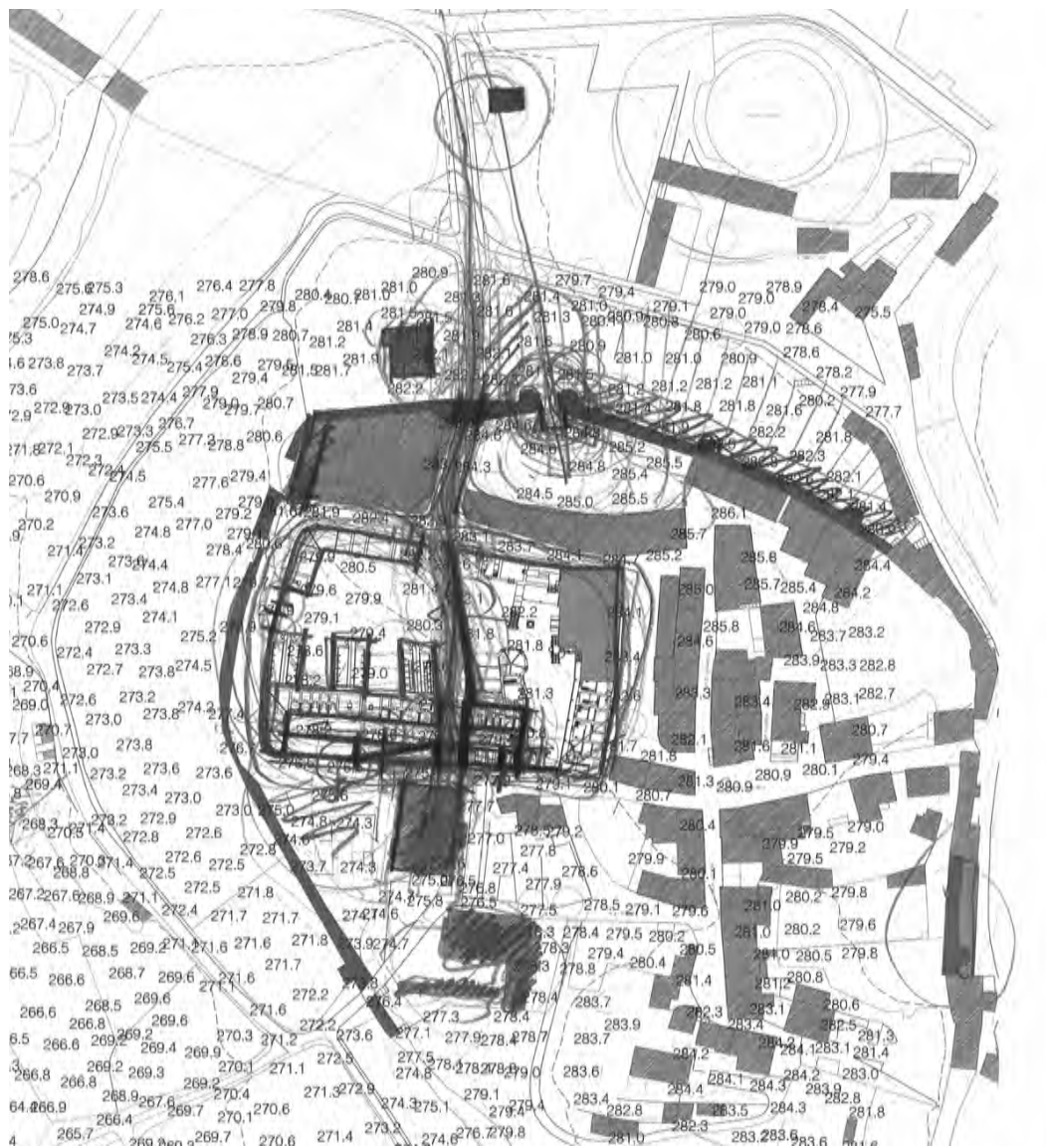


Figura 86: Esquisso do eix

rama e do percurso alternativo (debate com o Prof. Luís Miguel).

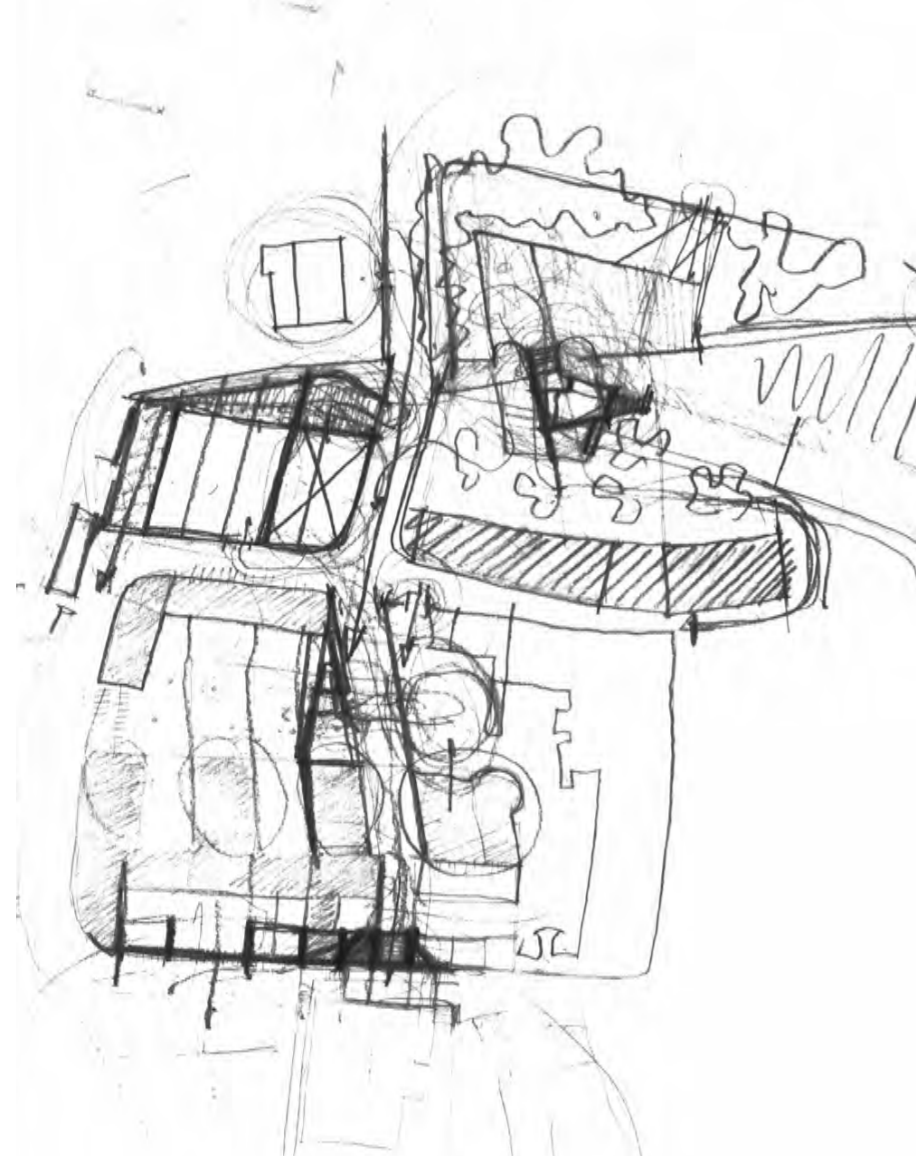


Figura 87: Esquissos do percurso.

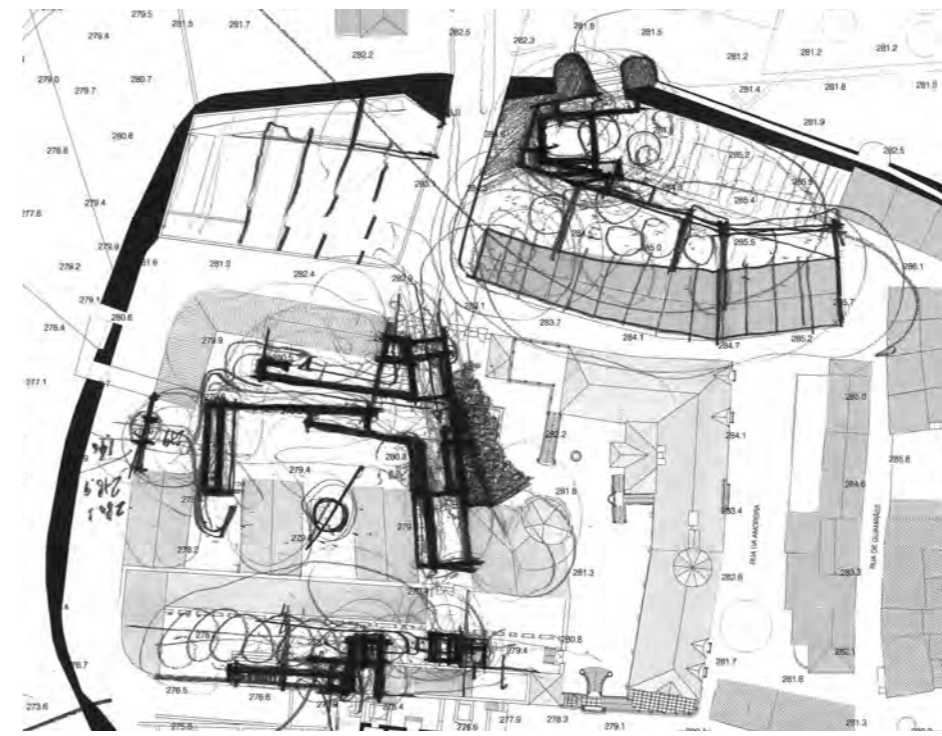


Figura 88: Esquissos dos alinhamentos percurso (debate com o Prof. Luís Miguel).

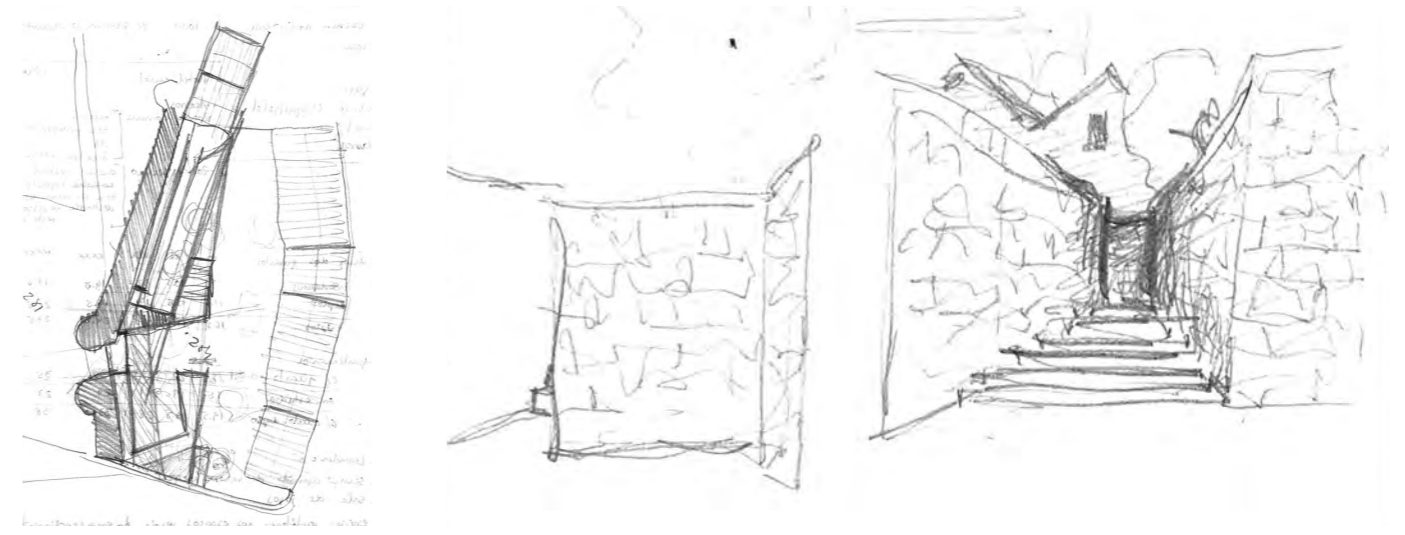


Figura 89: Esquissos do percurso. Perspetiva do acesso.

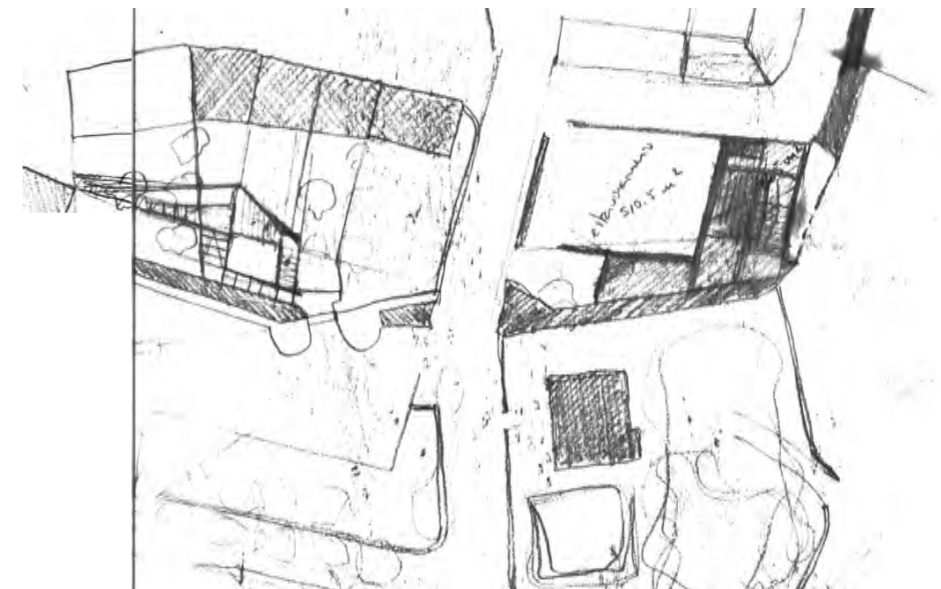


Figura 90: Esquissos de estudo de novo percurso.

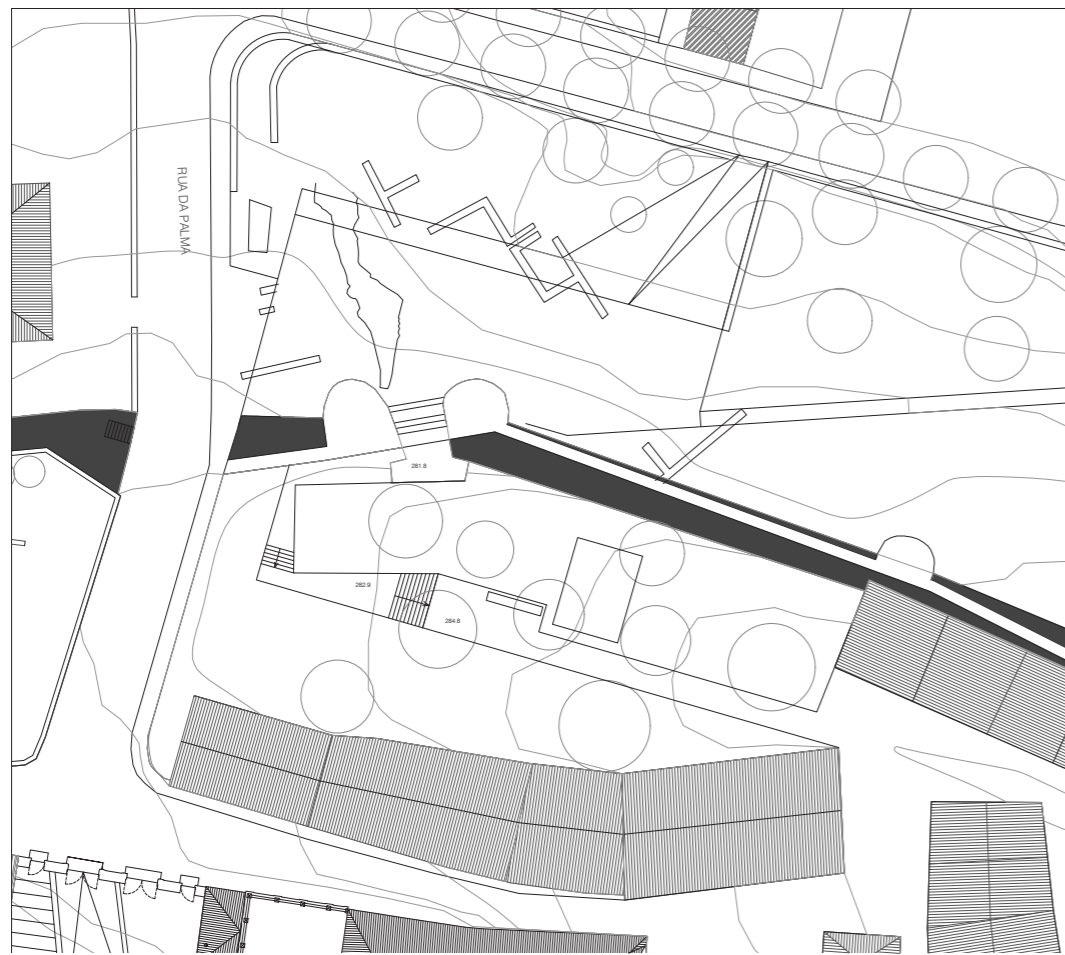


Figura 91: Desenho rigoroso de um estudo do novo percurso com parque infantil.

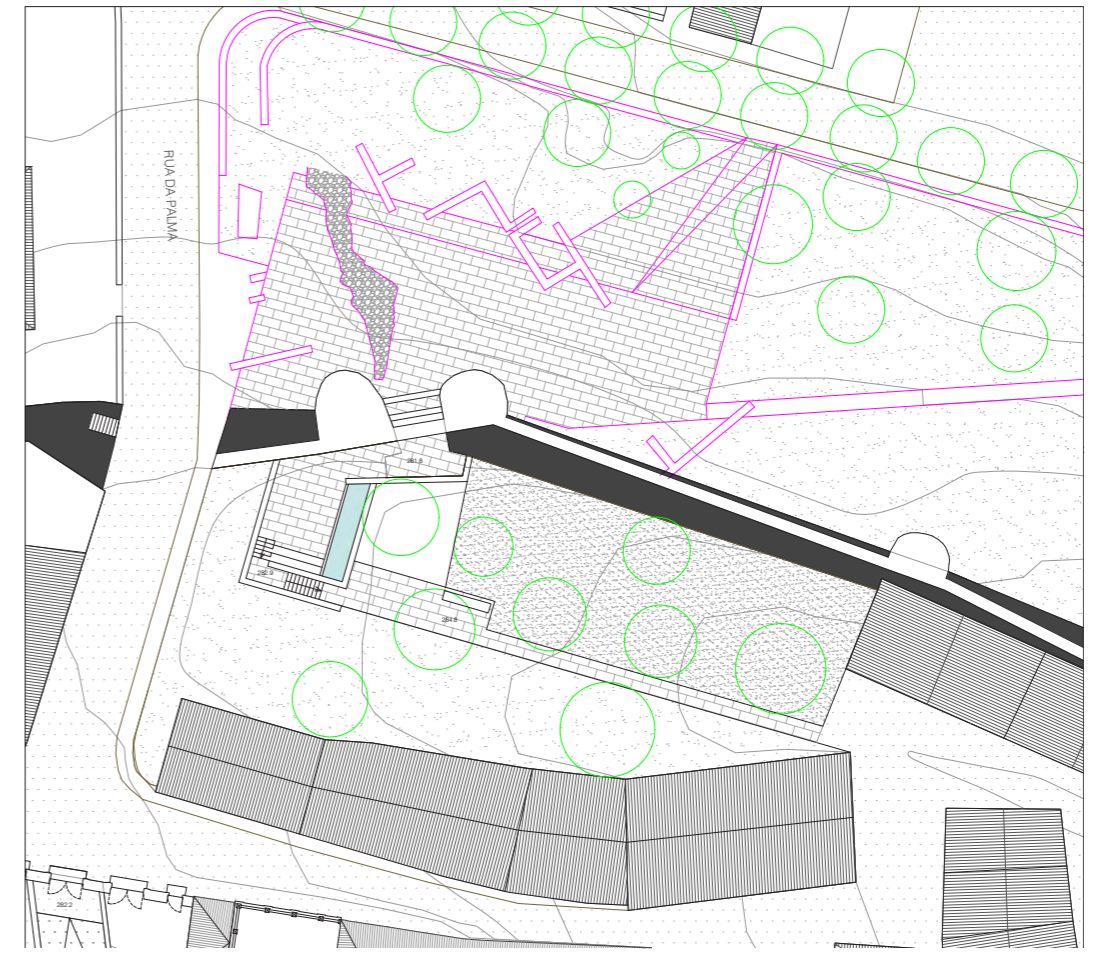


Figura 93: Desenho rigoroso de um estudo com espelho de água.

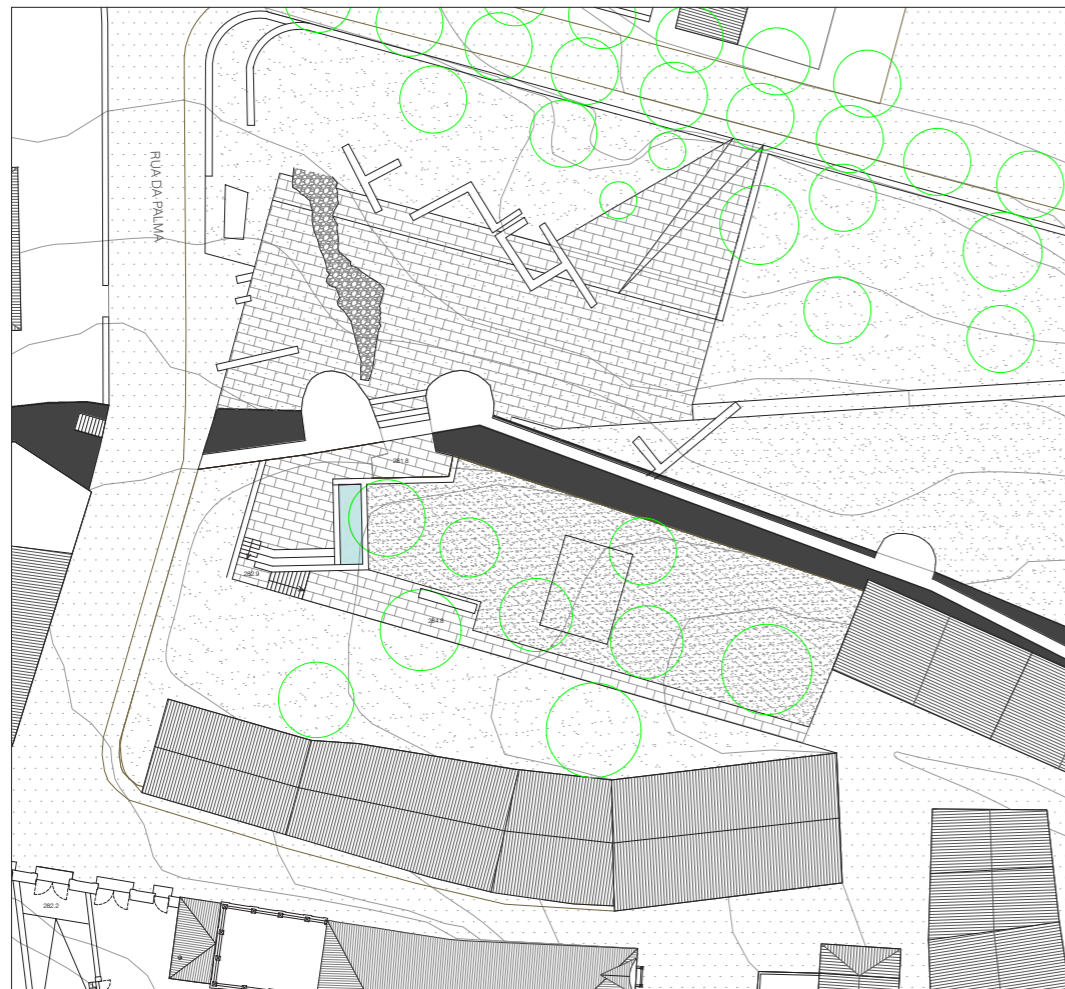


Figura 92: Desenho rigoroso de um estudo com espelho de água e parque infantil.

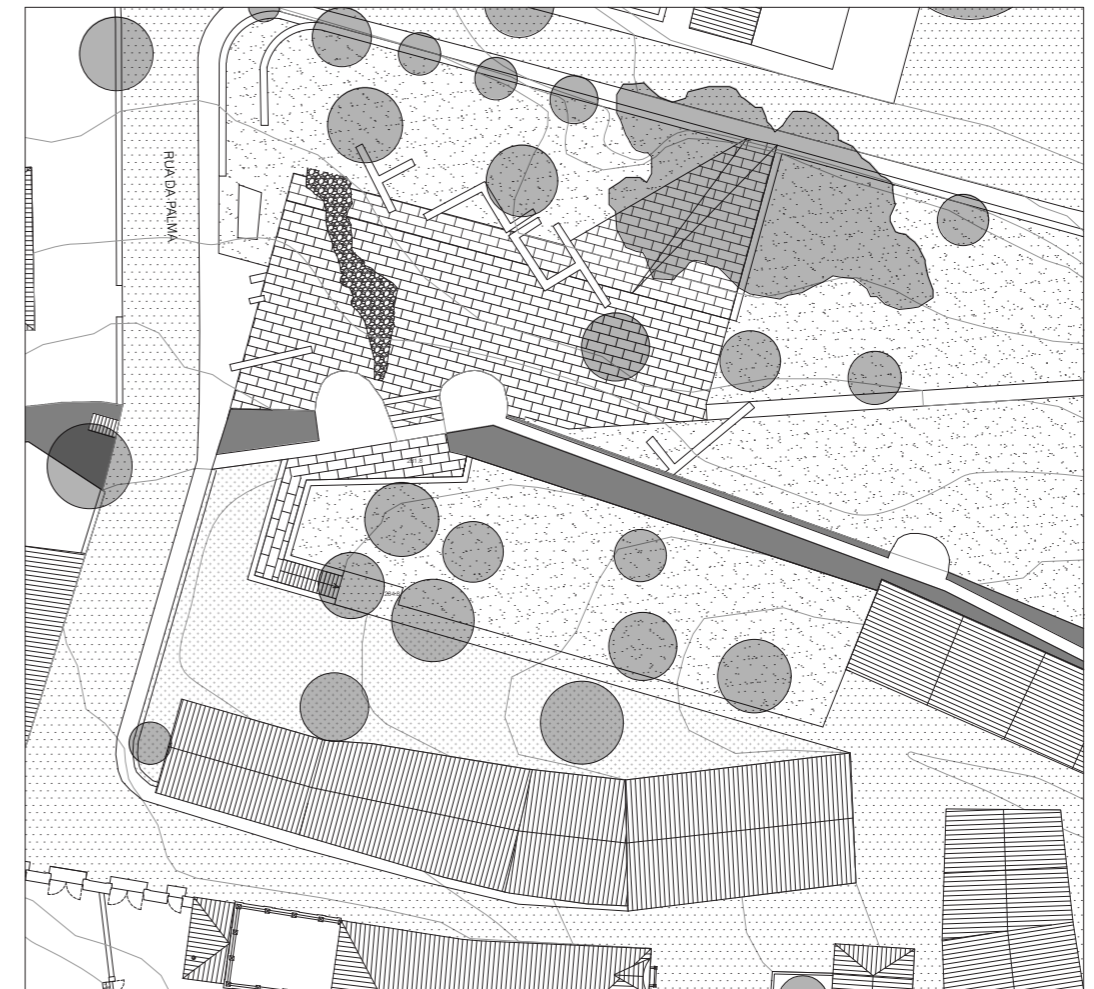


Figura 94: Desenho rig

detalhe maiores do que nas primeiras fases. Estas diferentes etapas foram executadas em desenho rigoroso a diferentes escalas, 1:500 para a planta geral, passando pela escala 1:200 e 1:100. No final foram realizados alguns detalhes à escala 1:20.

Relativamente aos percursos, conforme já mostrado na Figura 70, o acesso ao interior muralhado de Idanha-a-Velha dá-se por duas vias (Porta Norte e Porta Sul), onde circulam veículos motorizados e por uma a nascente apenas pedonal. Então, considerou-se apropriado criar um percurso alternativo, exclusivamente pedonal. Neste, fez-se uso da Porta Norte que se encontra encerrada. Apesar de ter sido objeto de intervenção por parte do Atelier15, estes optaram por manter o muro de contenção que cria um espaço sem saída. Esta situação surgiu devido ao aterro realizado há décadas, na antiga propriedade da família Marrocos, que tem como limite a norte a muralha romana.

Foram realizados estudos à mão levantada (Figura 86 a 90) com a finalidade de definir um percurso que pudesse ser aprazível para quem o percorresse. Paralelamente eram realizados desenhos rigorosos, de forma a projetá-lo com medidas reais (Figura 91 a 93).

O conceito deste trajeto era que não fosse uma escolha imediata, pois a ideia era manter o encerramento da Porta Norte. No entanto, quando o visitante chega perto do muro de contenção, encontrará à sua direita a continuação do percurso. Este conduzirá o visitante por um corredor mais estreito, que, de certa forma o comprime para umas escadas. Aqui, terá acesso à cota superior da plataforma, criada pelo aterro, onde o visitante poderá usufruir de um espaço verde com sombreamento provocado pelas oliveiras. Esta passagem marcada com pavimento de saibro, encaminhará a pessoa para a malha urbana de Idanha-a-Velha, junto do Largo da Amoreira, com o qual o Solar se confronta. Esta intervenção pretende manter as alterações anteriormente concretizadas neste local e, através de um percurso simples, fazer uso das mesmas para criar momentos de surpresa (a chegada junto do muro de contenção e a conseqüente cota superior) (Figura 94).

Estando as intervenções à escala urbana, fora da área do Solar, pensadas e concretizadas em desenho, procedeu-se à fase seguinte. O de projetar o Solar e suas dependências.

Foi definido um eixo que permitiu unir todo o programa anteriormente determinado para cada zona e área (Figura 95). Pela entrada principal da aldeia, através dos portões que dão acesso ao antigo pátio do trabalho do Solar, este eixo receberá as pessoas que chegam a Idanha-a-Velha e encaminhá-las-á para o percurso em torno da

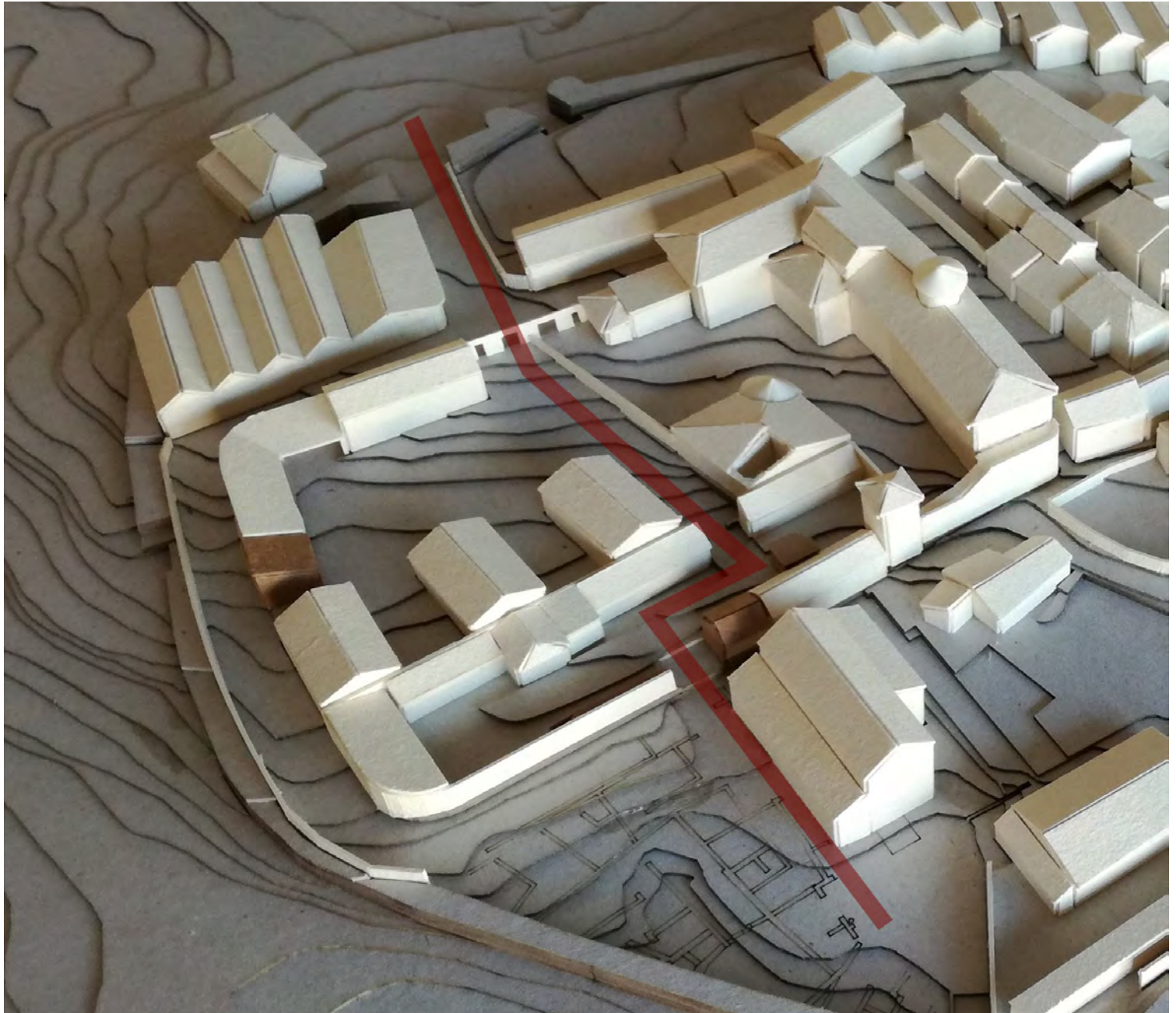


Figura 95: Maquete com eixo que une programa e aldeia.

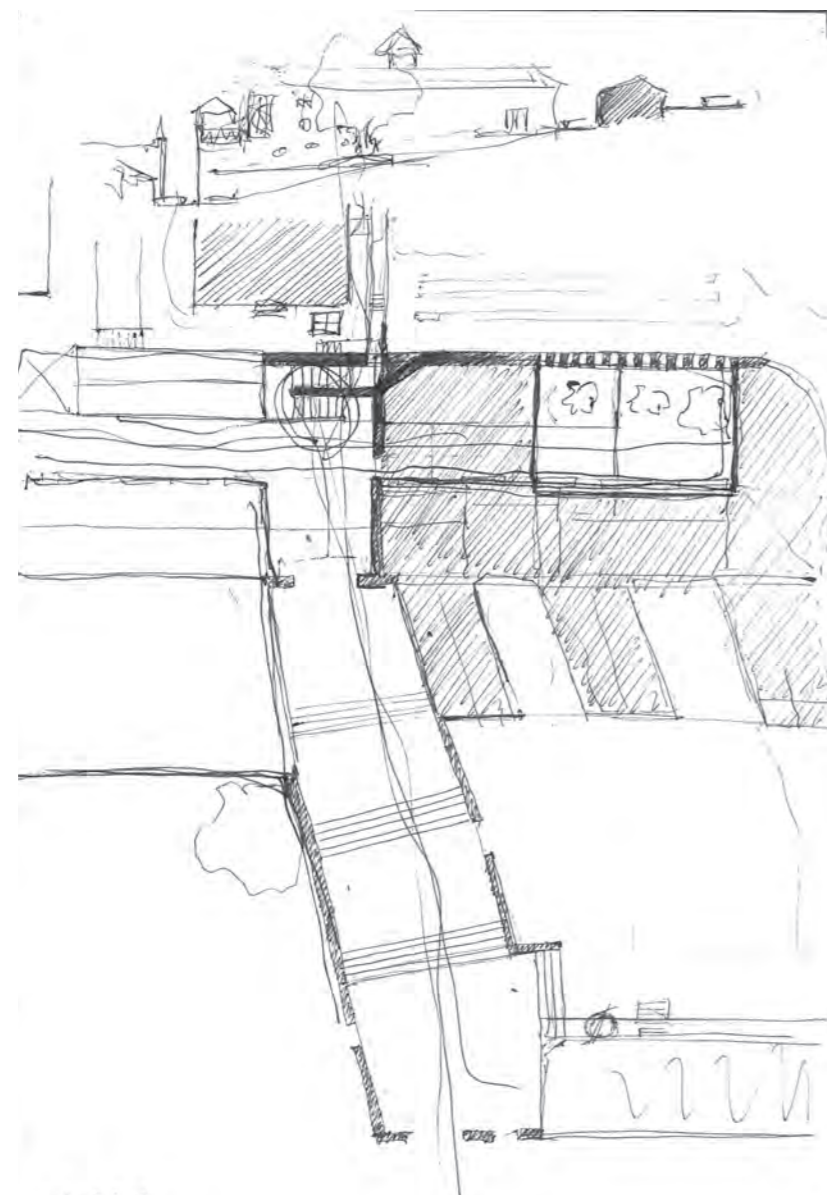


Figura 96: Esquisso do eixo de ligação do programa e espaço público-privado.

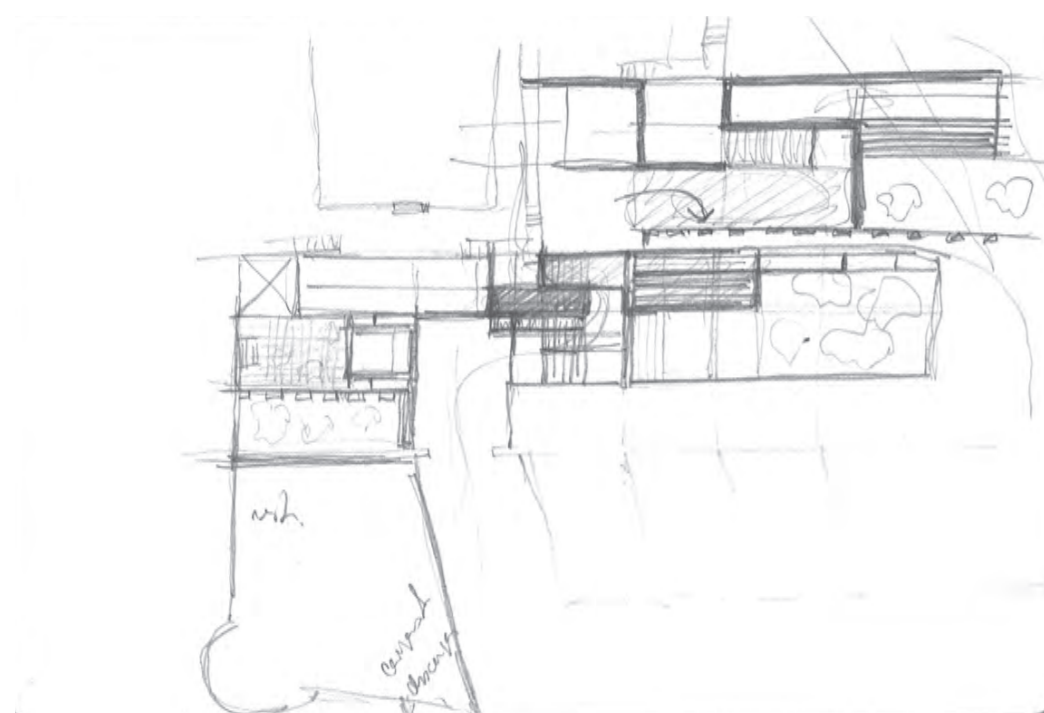


Figura 97: Esquisso da junção do eixo criado com o percurso em torno da Sé Catedral (debate com o Prof. Luís Miguel).



Figura 98: Alinhamentos da plataforma de acesso à Sé Catedral.



Figura 99: Fotomontagem da ligação do cixo ao percurso em torno da Sé Catedral.

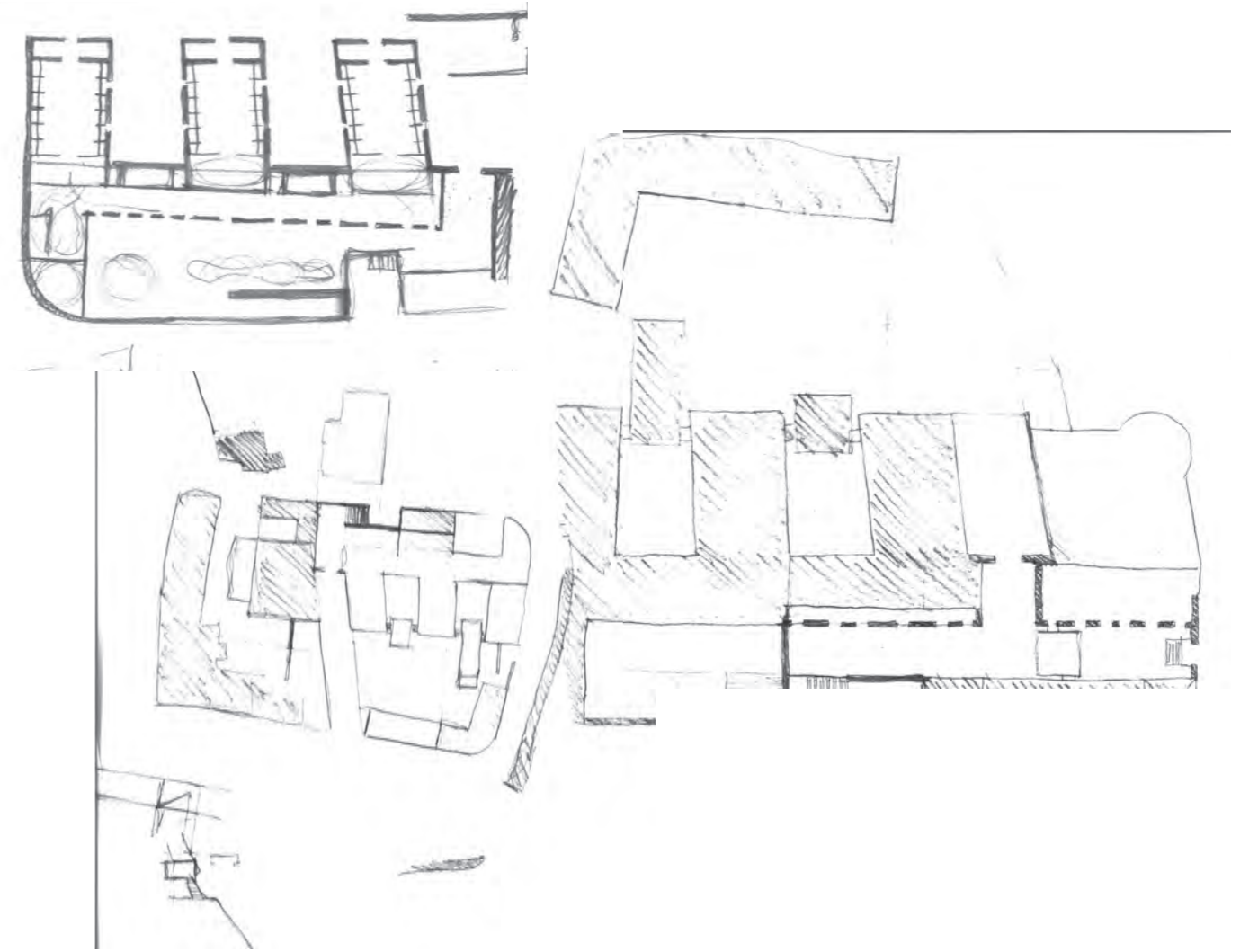


Figura 100: Esquissos da abertura eixo-percurso da Sé Catedral.

Sé Catedral²⁶ (Figura 96 e 97). A diferença de cotas entre estes dois pontos é de aproximadamente de cinco metros. Não rompendo com o cenário das ruínas junto da Sé, pretendeu-se criar uma abertura no muro de vedação do Solar que fosse pontual. Assim, a plataforma criada que ligará o eixo ao percurso é um quadrado com 6.90m de lado (Figura 98). As suas dimensões e alinhamentos, foram pensados com o objetivo de dignificar o alçado posterior da Sé Catedral (Figura 99). Este elemento unificador do programa foi trabalhado paralelamente com a proposta de intervenção para os diferentes espaços (Figura 100).

O restaurante, edifício que correspondia aos arrumos das antigas alfaias agrícolas, pretende manter o carácter rural, sendo reabilitado para o serviço gastronómico (Figura 101). No entanto, devido à necessidade de cumprir determinados requisitos, foi realizada uma adição à volumetria existente. Inicialmente, foi ponderado criar uma volumetria estreita que tivesse uma ligação pontual ao existente, porém esta iria se sobressair, o que não era a intenção (Figura 102 e 103). Desta forma, optou-se por realizar uma construção nova, mas que se encontrará adjacente e fará a continuação da cércea do existente (Figura 104). O acrescento foi realizado apenas por uma questão funcional, com o propósito de inserir as instalações sanitárias junto da receção.

A receção foi colocada no espaço onde anteriormente se ferrava o gado (Figura 105). Os serviços de cozinha, despensa, instalações sanitárias e balneários, foram colocados no volume que correspondia aos arrumos. Este, originalmente, estava dividido em três espaços e a proposta sugere usar essa métrica para a distribuição dos serviços. A sala de refeições tem a forma de “L”, organizando-se segundo o antigo alpendre e poderá ser expandida para o exterior, tendo sido criado um pátio seguindo os limites interiores da sala, podendo manter-se fechada. O encerramento da sala é feito por meio de um gradeamento de madeira, com distância entre grades de cerca de 5 centímetros. Estes painéis serão instalados pelo exterior dos envidraçados, permitindo, apesar de encerrados, visualizar o exterior, limitando a visão para o interior. Esta estrutura que encerra e consente ao mesmo tempo uma permeabilidade visual será um elemento partilhado pelos vários programas.

Considerando o pé direito na volumetria maior, adicionou-se um piso com uma segunda sala de refeições, que tendo em conta a limitação do espaço será mais aconchegante. A entrada de luz natural neste compartimento foi pensada de várias formas (Figura 106), optando-se por ser feita a partir de três vãos. Estes foram abertos

²⁶ Percurso em estrutura metálica, projetado pelo Atelier15 no âmbito dos melhoramentos propostos a propósito do programa Aldeias Históricas de Portugal.

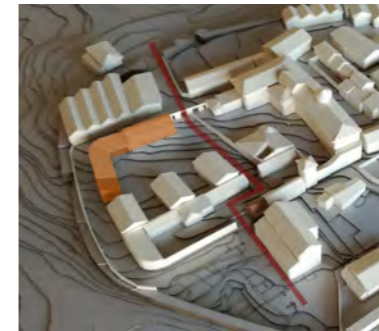


Figura 101: Vista sobre os arrumos das alfaias agrícolas.

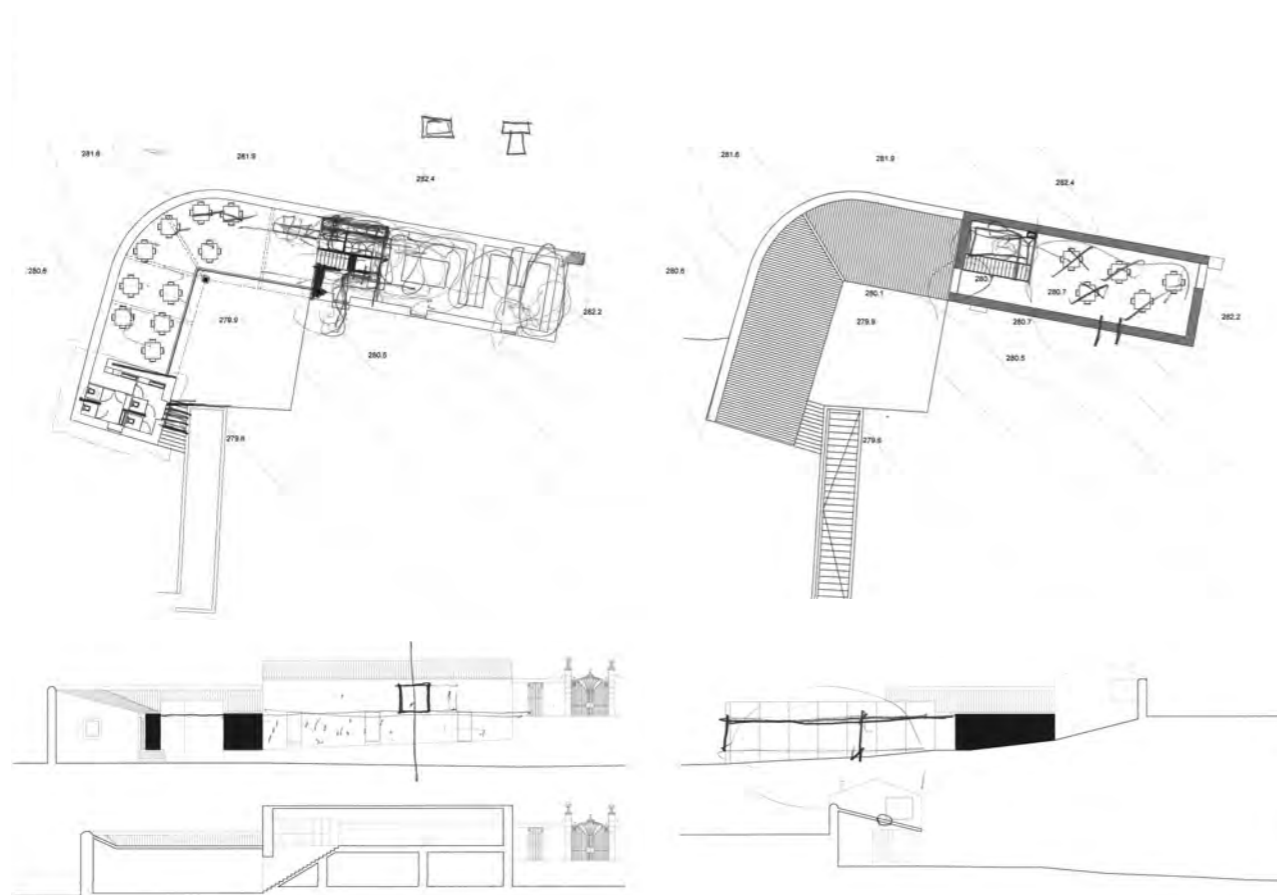


Figura 102: Esquissos e desenhos rigorosos do restaurante.

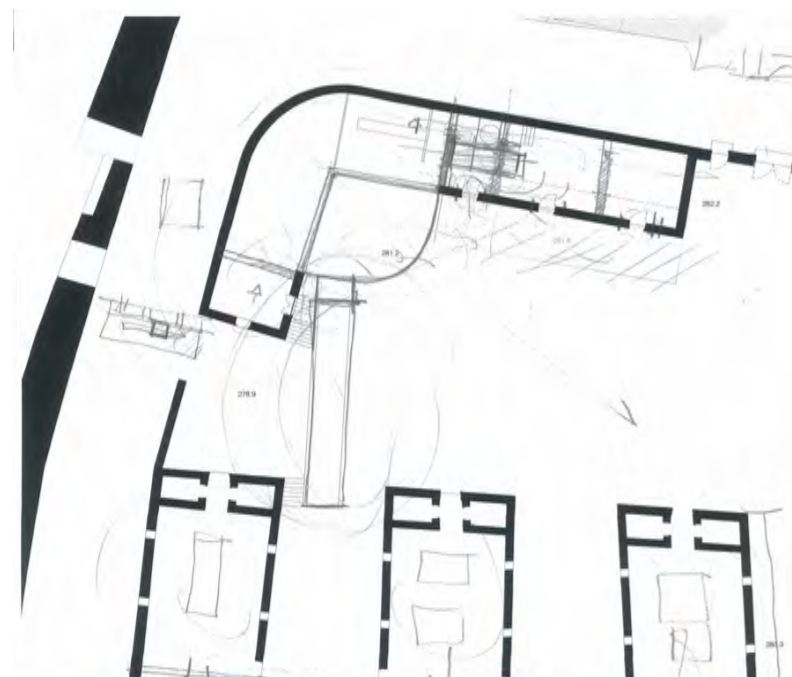


Figura 103: Esquissos do restaurante (debate com o Prof. Luís Miguel).

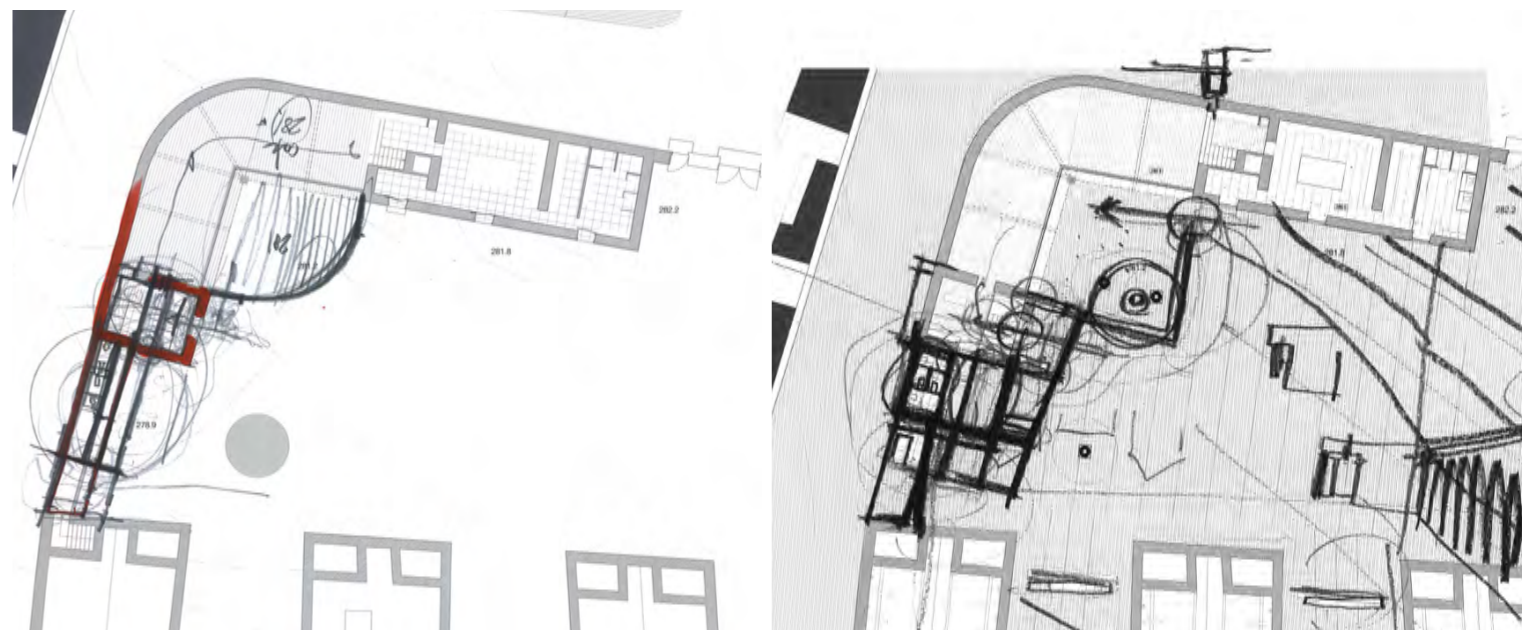


Figura 104: Esquissos da construção nova no restaurante (debate com o Prof. Luís Miguel).



Figura 105: Espaço onde se ferrava o gado. Pavimento e lambrim em granito.

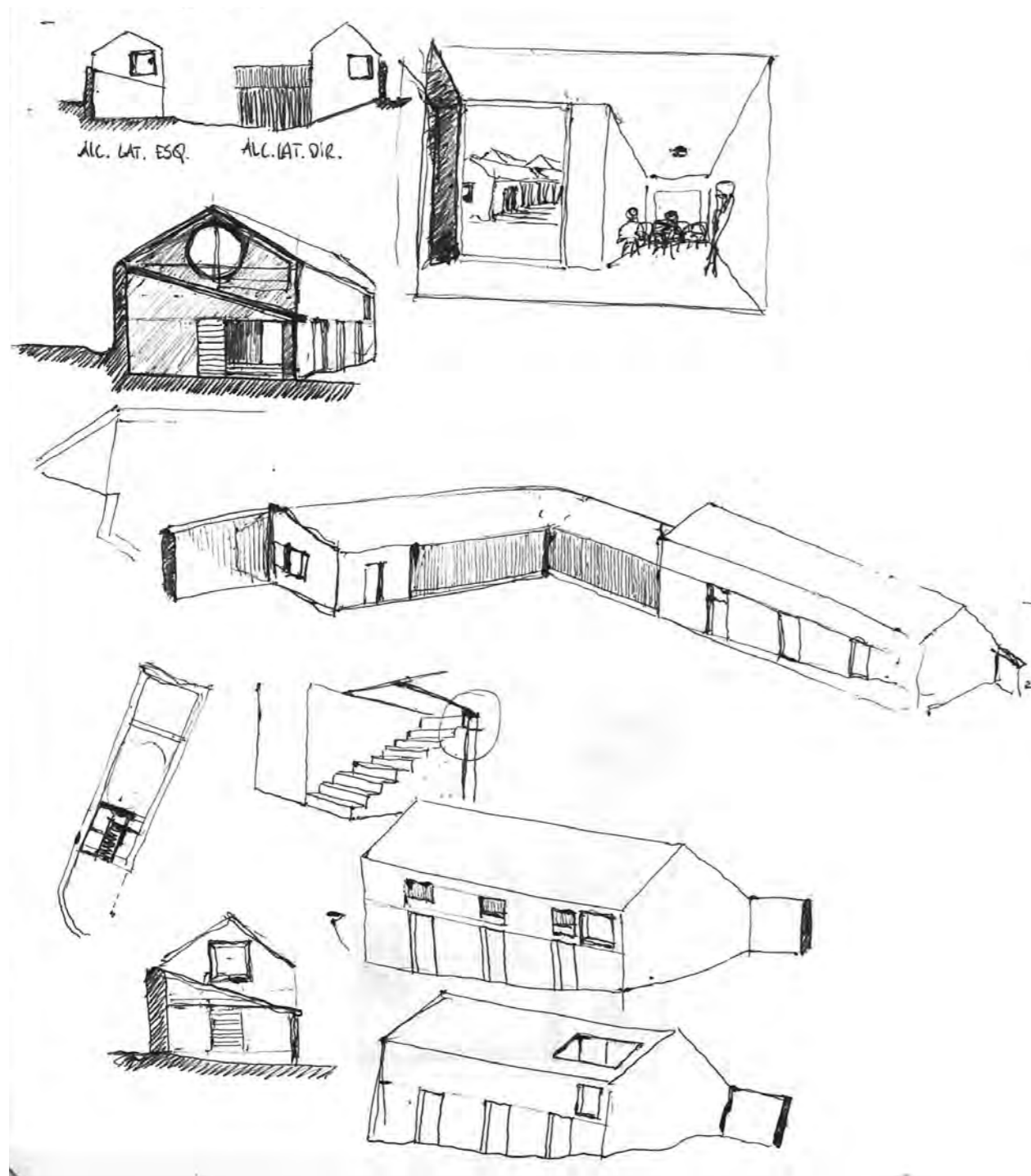


Figura 106: Esquissos das aberturas de vãos no restaurante.

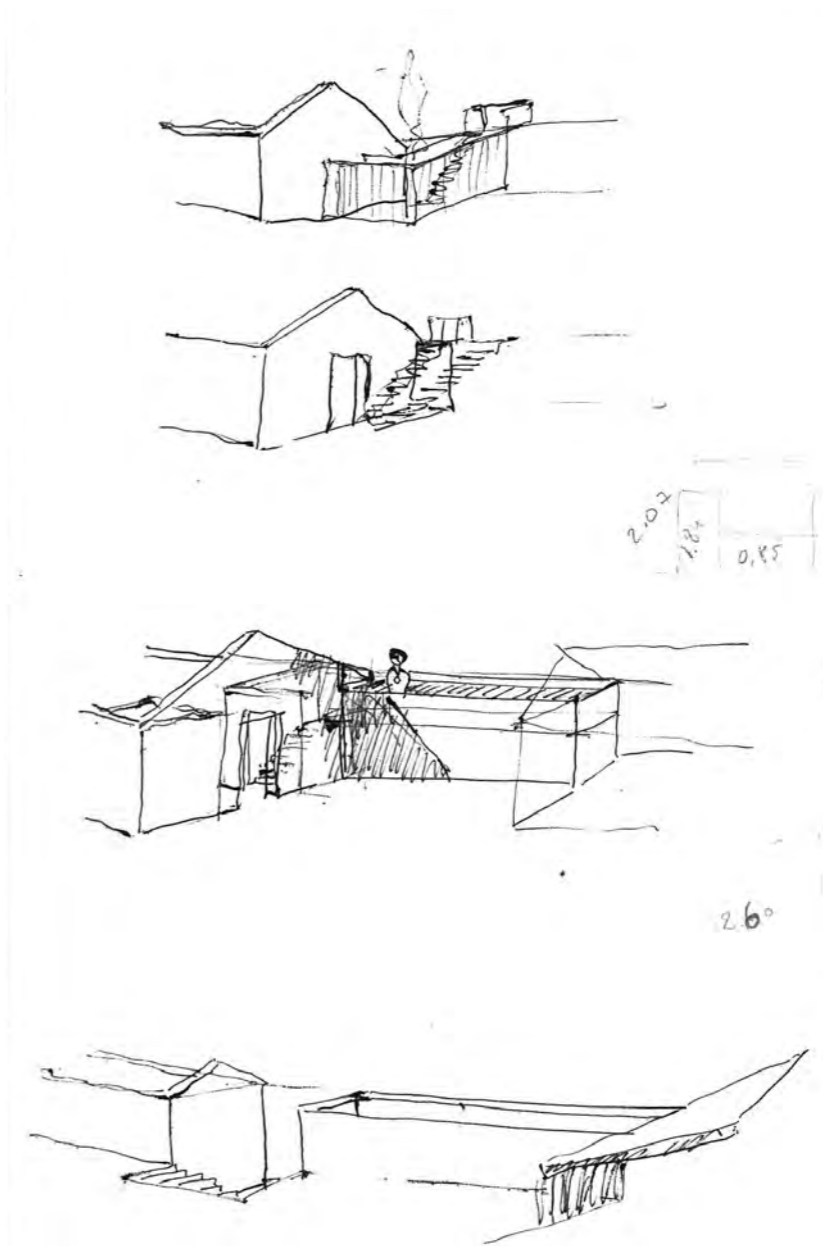


Figura 107: Esquissos da nova volumetria a adicionar ao restaurante.

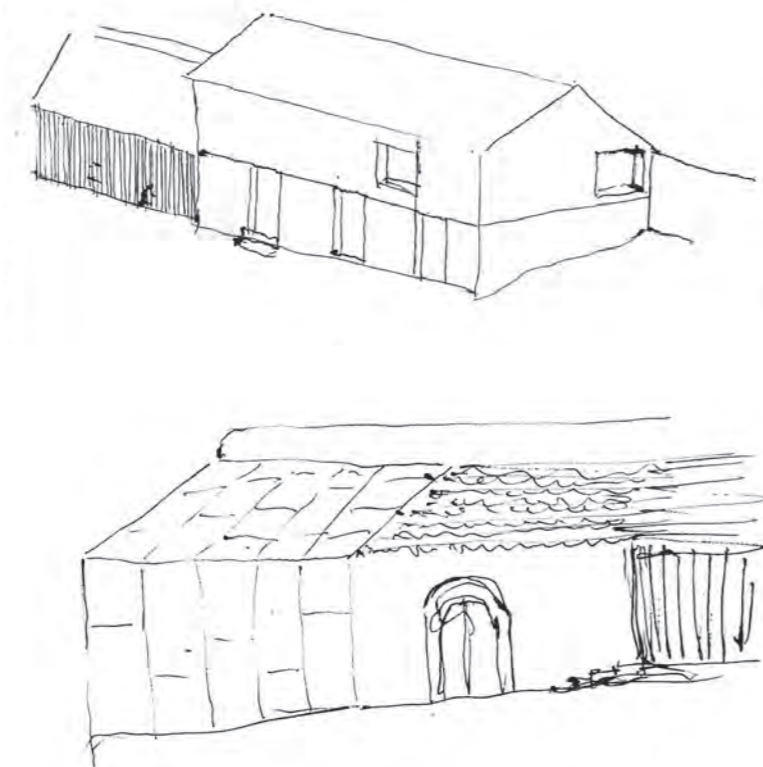


Figura 108: Esquissos do restaurante.



Figura 109: Ilustração da possível relação de volumetrias do restaurante.

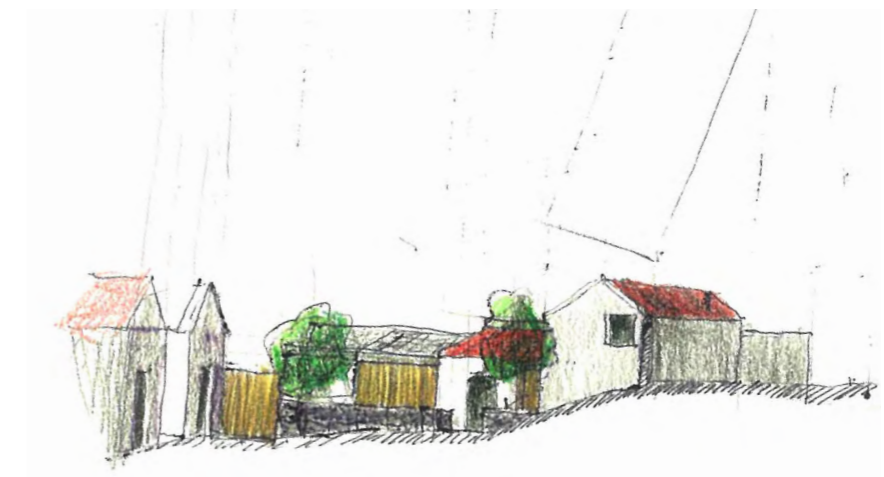


Figura 110: Esquissos dos alçados a nascente do restaurante.

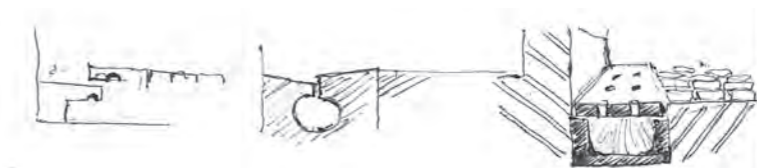


Figura 111: Esquissos de soluções para ocultar as valetas dos pátios.

com o objetivo de respeitar a iluminação necessária, ventilação e relação com a paisagem. Os vãos estão direcionados a nascente, sul e poente. O direcionado a nascente permitirá um olhar bastante abrangente sobre o alçado posterior do Solar. O vão a sul, terá vista sobre o pátio de carácter rural e o centro interpretativo (antigas vacarias). A abertura a poente permitirá um olhar sobre a paisagem natural.

O muro de vedação entre o restaurante e a antiga vacaria a poente foi substituído por dois portões com gradeamento de madeira, um maior e outro menor, consentindo apenas a passagem de pessoas (Figura 107 e 108). O portão maior facilitará as cargas e descargas para o restaurante e também para o Centro Interpretativo. Desta forma, elimina-se do eixo de ligação, na zona interior do Solar, veículos motorizados, pois seria esta a primeira solução. Além disso, a zona entre o muro de vedação do Solar e a muralha, que atualmente funciona como depósito de elementos arqueológicos, tornar-se-á facilmente acessível, criando outro nível de permeabilidade com a aldeia (Figura 09). Quem percorrer a rua poderá, se assim entender, entrar no perímetro do Solar, tendo acesso direto por poente ao restaurante e Centro Interpretativo (Figura 110).

O pátio do trabalho, onde se inseriu o restaurante, possui apenas uma oliveira. Este poderia ter mais área verde, não obstante iria adulterar, ou até eliminar, o seu carácter de pátio rural. Decidiu-se adicionar árvores, mas para não interferir com o conceito de pátio, estas foram colocadas entre os volumes que correspondiam às vacarias. Junto destas, colocaram-se bancos compostos por elementos pétreos, criando zonas de descanso. O pavimento não foi alterado, mantendo-se o original (paralelos de granito com cerca de 10 centímetros de lado). As valetas do pátio para as águas pluviais são espriadas. Pretende-se que sejam alteradas para canais e grelhas de betão (Figura 111). O pátio criado para o restaurante, com pavimento em placas de granito, terá um escoamento de águas pluviais em grelhas ranhuradas de forma a ocultar o sistema.

O Centro Interpretativo de Idanha-a-Velha (CIIV) e a zona dos banhos, pertencente ao hotel, são indissociáveis. Os espaços onde se inserem estes programas serão abordados em paralelo (Figura 112).

Numa primeira fase, ponderou-se alterar as cortes interior e exteriormente. Porém, isso teria consequências e o pátio dos animais com os respetivos alojamentos perderiam o seu carácter primitivo e rural. Optou-se, então, por manter as cortes com a sua métrica bem como todo o exterior. As vacarias também permaneceram com as suas manjedouras em granito. O construído dedicado aos animais, originalmente, tinha tido um tratamento idêntico, ao nível de materiais usados e elementos decorativos

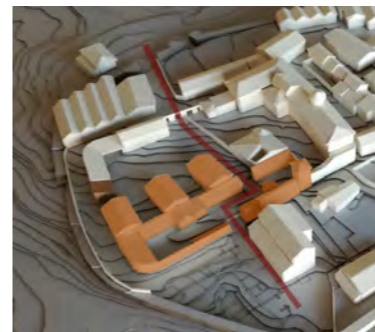


Figura 112: Pátio dos animais.

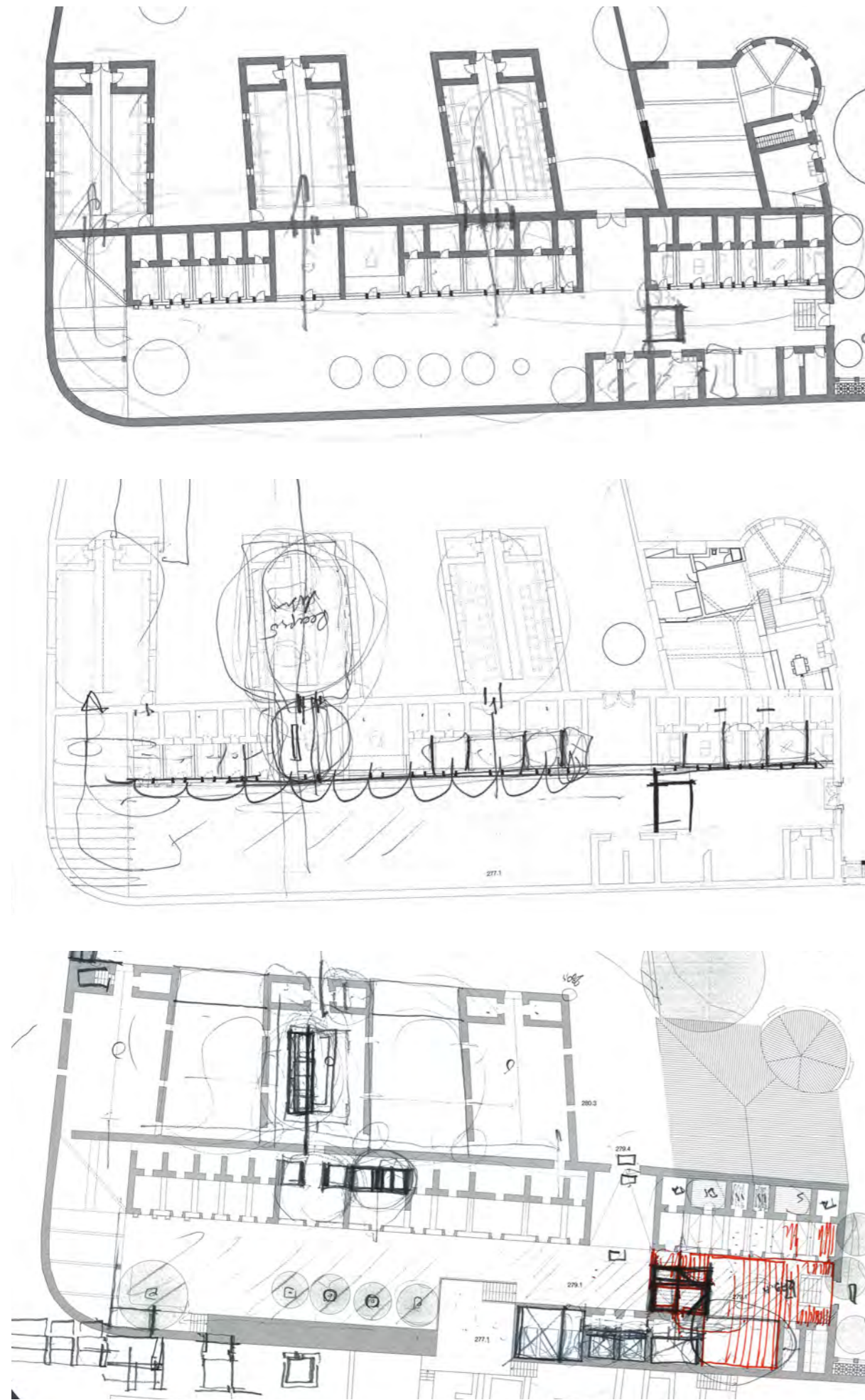


Figura 114: Fotomontagem de um estudo relativo aos materiais a utilizar.

Figura 113: Esquissos relativos ao CIIV e zona de banhos (debate com o Prof. Luís Miguel).

como a Casa Nobre. Assim sendo, a inserção do programa do CIIV deu-se de forma mais natural do que o esperado. As áreas de exposição foram distribuídas pelas cortes, tendo sido criada uma ligação o mais discreta possível entre todos estes espaços e também as vacarias (Figura 113). Cada corte pode ter um tema expositivo e com acesso ao exterior. Nas vacarias podem existir elementos amovíveis que permitam exposições temporárias. O existente encontra-se sem cobertura. Logo, considerou-se apropriado manter pelo menos um volume tal como se encontra, em ruína. Esse volume escolhido foi a vacaria localizada a poente. A corte dos pavões recebeu, pelo destaque que a sua cêrcea permite em relação ao contexto, a entrada principal no CIIV (Figura 114 e 115). A corte do lado direito desta foi utilizada para integrar as instalações sanitárias, que servirão o programa, encontrando-se próximas da receção. O pavimento interior será acabado em betonilha afagada a helicóptero, com acabamento estanhado. O objetivo no caso é oferecer as condições para ser espaço expositivo mantendo a simplicidade do uso original. Por outro lado, o pavimento exterior é constituído por paralelos de granito. Pensou-se ser apropriado substituir uma parte, desde a zona que faz parte do eixo de ligação até à entrada no CIIV, por algo mais nobre. Escolheram-se as placas de granito, que, por continuidade, revestirão também a plataforma que abre para a zona da Sé Catedral. Assim, procurou dar-se um tratamento mais adequado a um espaço que nos encaminha para um monumento nacional.

O escoamento de águas pluviais é atualmente feito, como no pátio dos animais, por valetas espriadas que se achou apropriado substituir por canais e grelhas em betão.

Os alojamentos dos animais possuem muretes em granito, com cerca de 1 metro, que dividem as cortes exteriores encimadas por rede metálica. Esta, na proposta, foi substituída pelo mesmo gradeamento de madeira inserido no restaurante, servindo para o mesmo propósito. Esta estrutura foi igualmente utilizada para encerrar o alpendre a poente (Figura 116). Houve várias hipóteses de como seria concretizado esse encerramento. Os vários esquissos conduziram a uma solução simples e discreta, a qual inclui uma porta de acesso ao pátio exterior. Pelo facto de ficar ligeiramente recuada em relação às portadas para as cortes exteriores não será perceptível ao primeiro olhar (Figura 117 e 118). Com isto, pretendeu-se que a porta fosse maioritariamente utilizada no sentido interior-exterior, dando continuidade ao percurso de visita que conduz ao miradouro, local para interpretação das ruínas romanas.

O eixo que une o programa também o secciona fazendo a separação entre o CIIV e os banhos do hotel. Apesar de terem programas diferentes, o carácter do construído era para se manter e ter continuidade. Da mesma forma que o programa

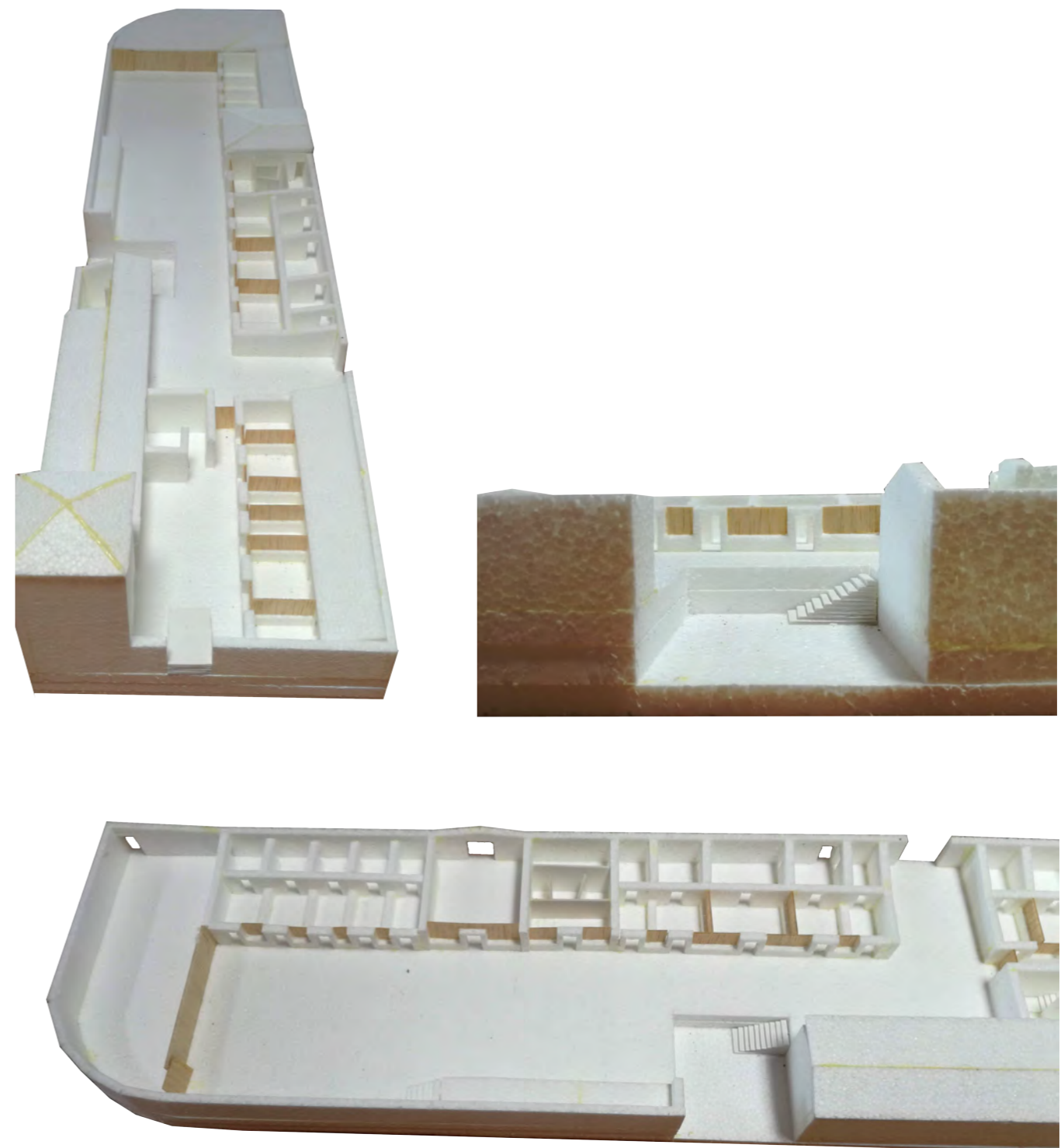


Figura 115: Maquete de estudo.. Centro Interpretativo de Idanha-a-Velha.



Figura 116: Ilustração do alpendre encerrado.

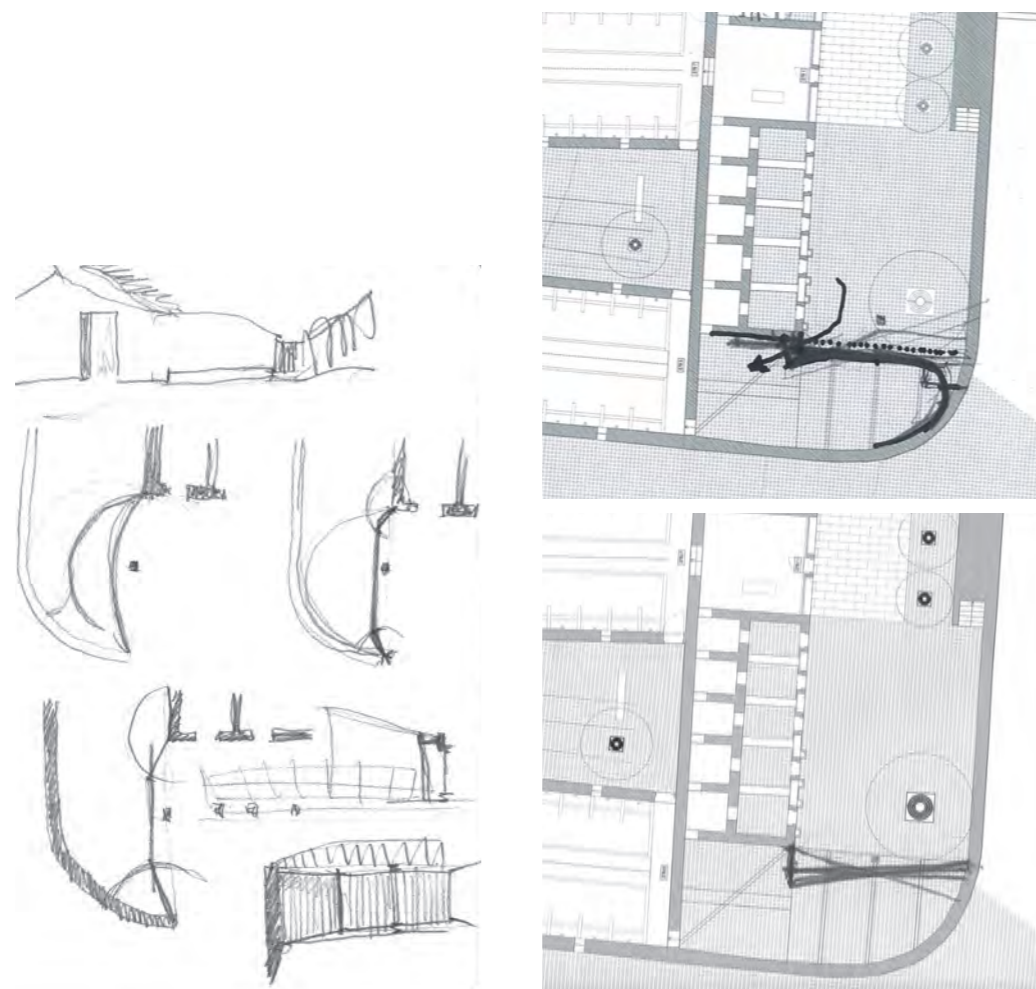


Figura 117: Esquissos do encerramento do alpendre.



Figura 118: Fotomontagem do alpendre encerrado.

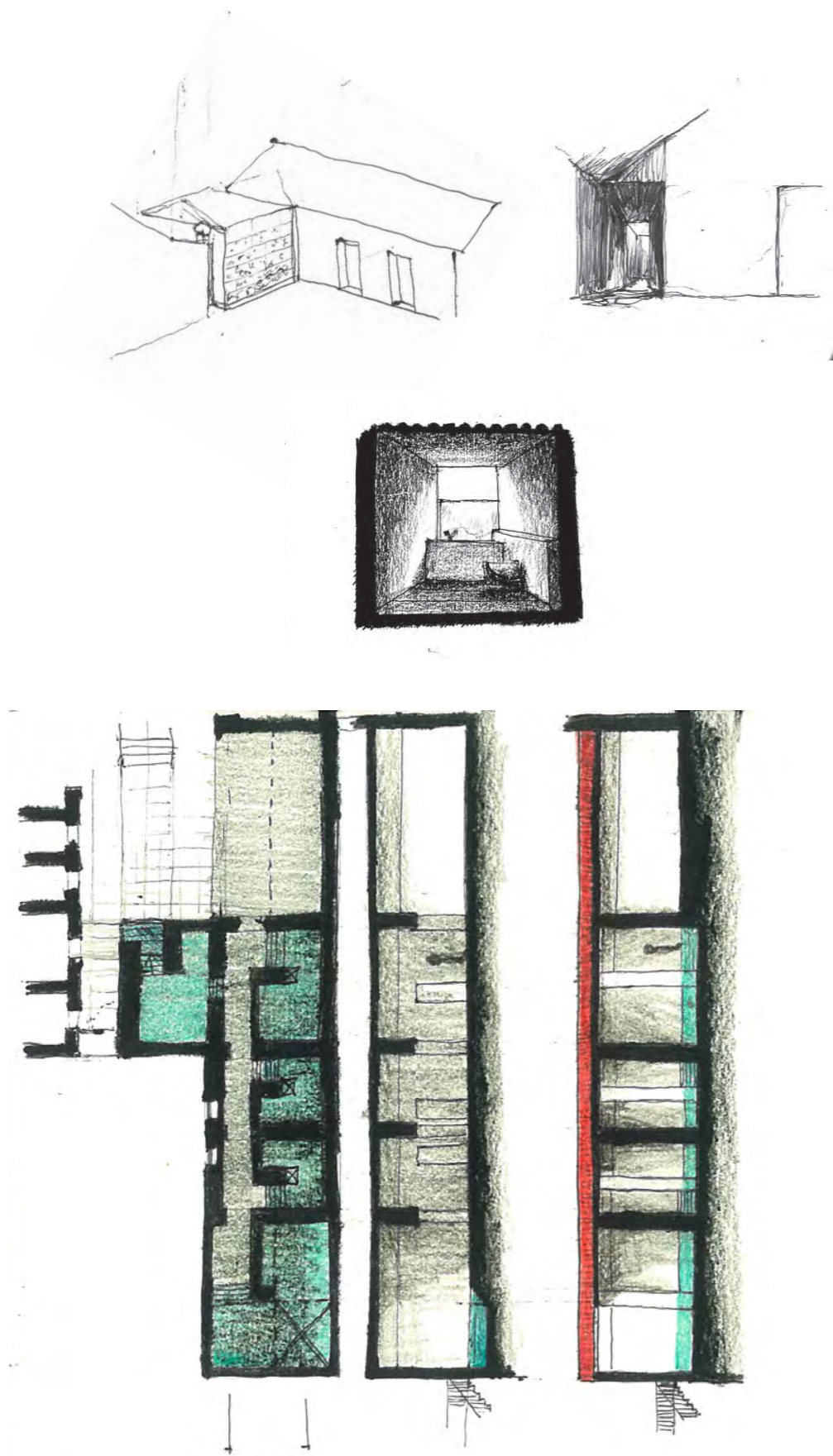


Figura 119: Esquissos da zona dos banhos e instalação sanitária.

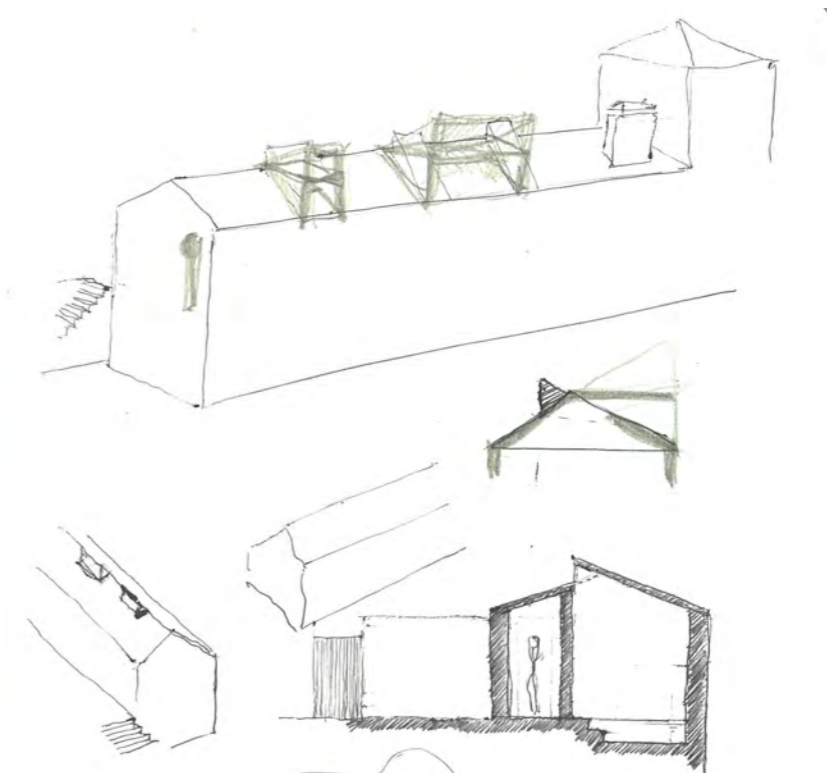


Figura 120: Esquissos dos cortes e entrada de luz natural nos banhos.



Figura 121: Ilustração da entrada de luz natural.

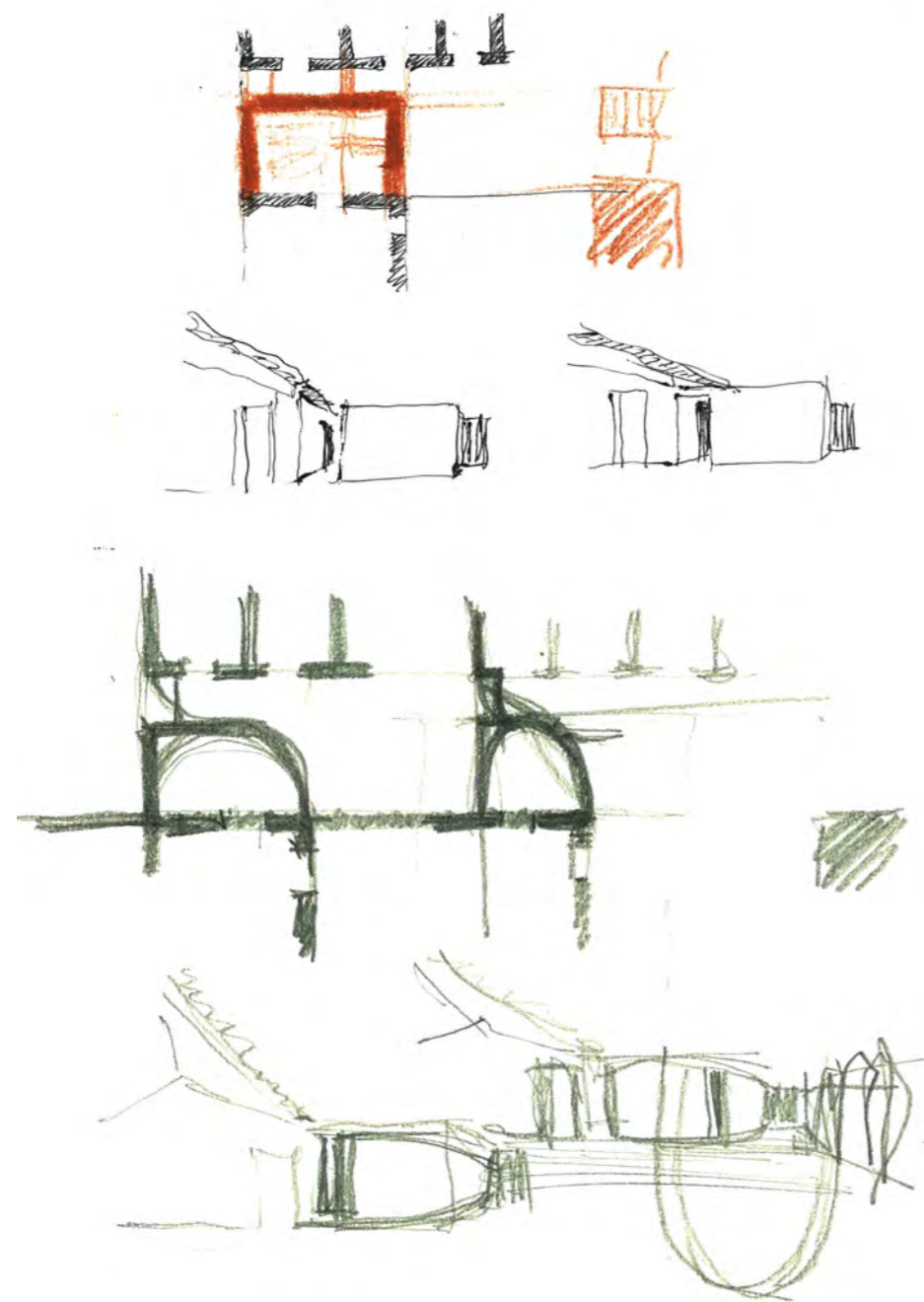


Figura 122: Esquissos e rigoroso da nova volumetria.

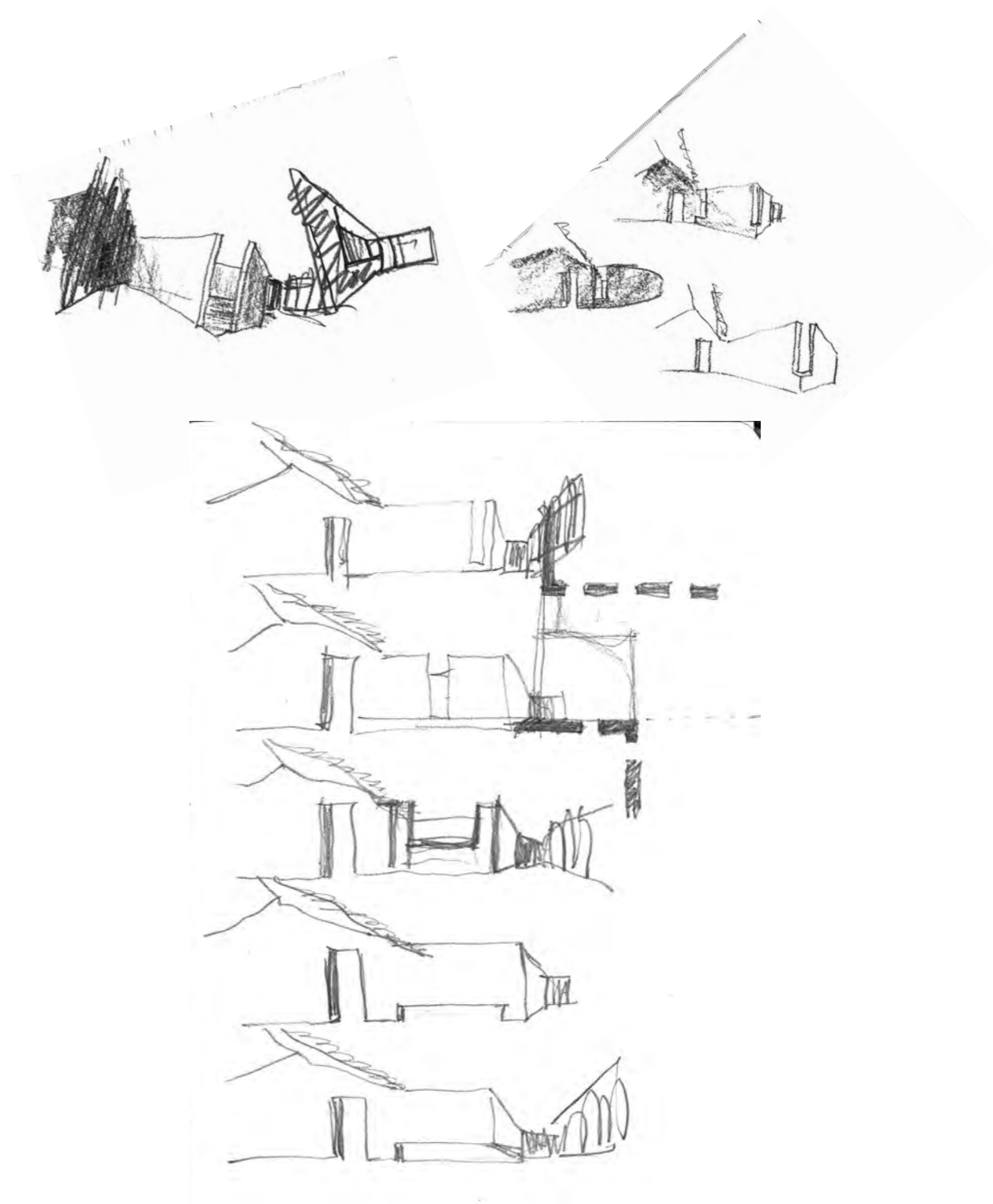


Figura 123: Esquissos e rigoroso da nova volumetria.

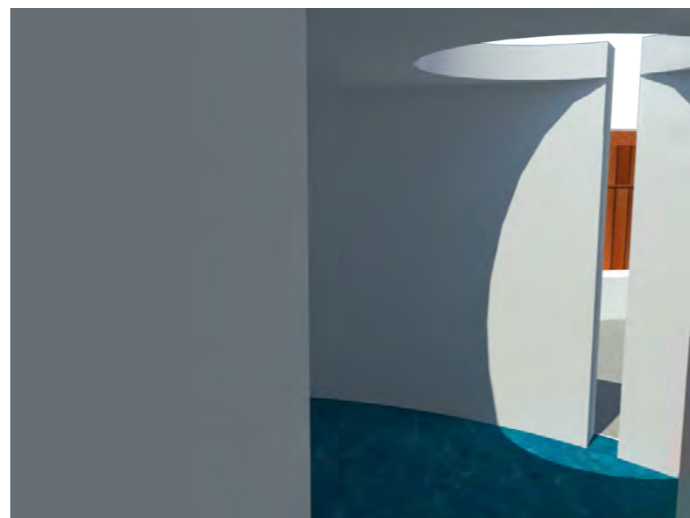
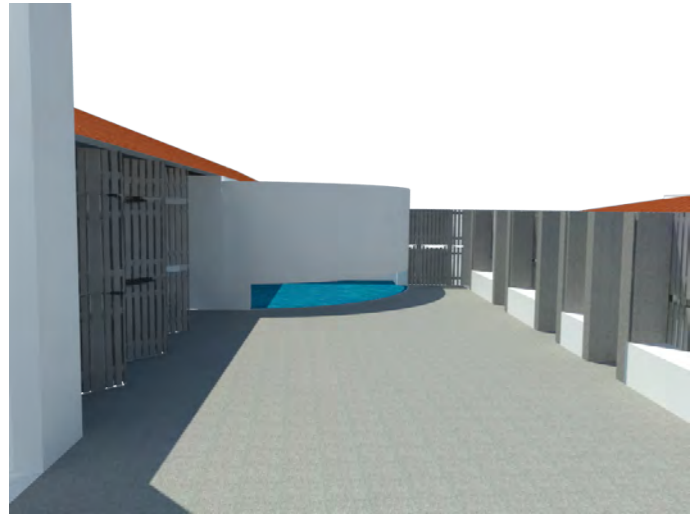


Figura 124: 3D com nova volumetria. Estudo da forma, aberturas e luz.

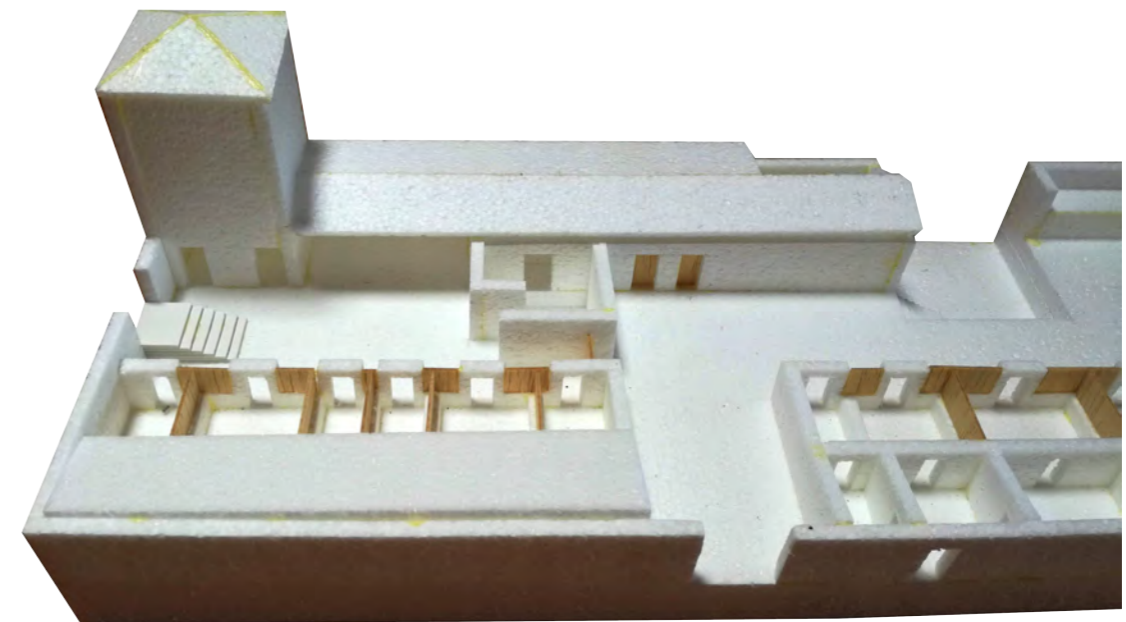
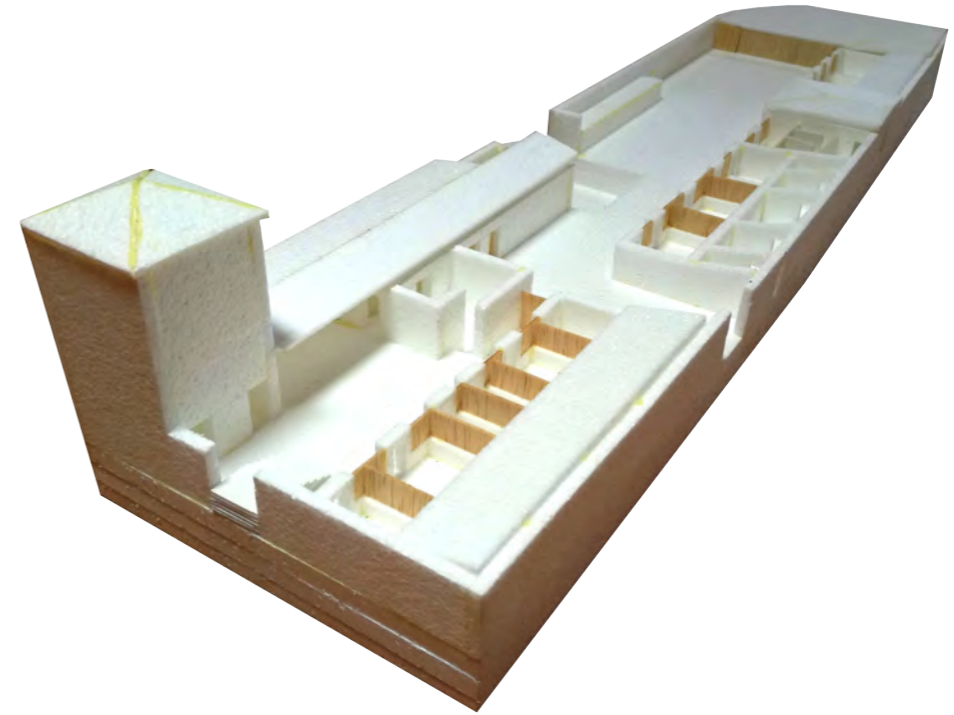
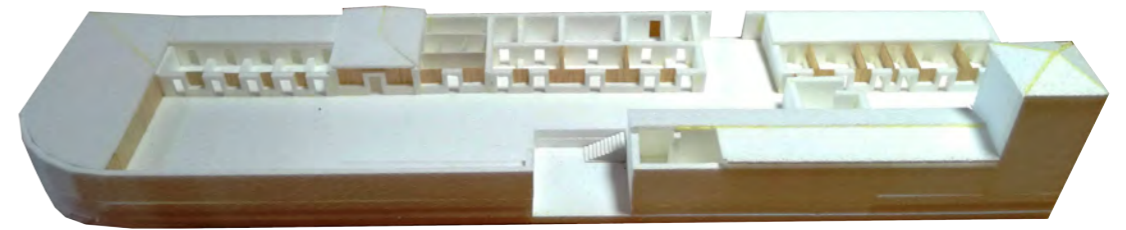


Figura 125: Maquete de estudo.

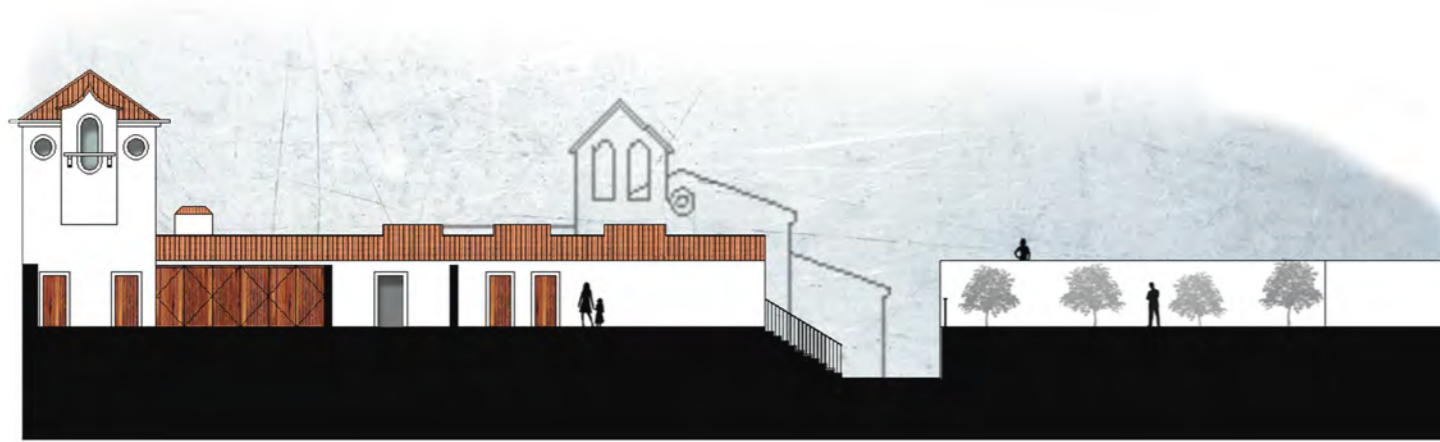
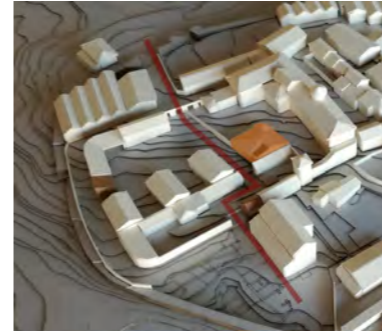


Figura 126: Ilustração do corte na longitudinal do pátio dos animais.



Figura 127: Volume da garagem e cozinha de serviço.

foi adaptado ao construído no CIIV, na zona dos banhos adotou-se a mesma estratégia.

Nas cortes a nascente foram inseridas zonas técnicas, sauna, banho turco e instalações sanitárias (Figura 119). Esta secção do pátio dos animais foi absorvida pelo programa de hotel, sendo esta zona dedicada a serviços de relaxamento e banhos quentes. Para isso, foi necessário adaptar de forma mais profunda as áreas que iriam ficar submersas com água quente. Assim, a área construída junto do muro de vedação, foi dedicada aos banhos com água quente. Nestes espaços, usou-se a métrica das divisões interiores originais, tal como o critério utilizado para o CIIV, para criar as várias divisões. Desta forma, foi possível criar duas áreas de uso individual e três de uso coletivo. Porém, o volume original não possuía as áreas requeridas, daí que se propuseram duas novas volumetrias.

Na primeira adição, tal como a intervenção proposta para o restaurante, considerou-se mais justo dar continuidade ao existente. Assim, manteve-se a mesma cerca com cobertura de duas águas, revestida com o mesmo tipo de telha. O revestimento exterior e interior das paredes, inclusive as espessuras, serão semelhantes. Esta volumetria, cresce para poente e serve de remate à plataforma que dá acesso ao percurso do Atelier15, junto da Sé Catedral. No interior, as divisões dos banhos terão uma profundidade de aproximadamente 1 metro. Sendo zonas de relaxamento, não se achou necessário possuir maior profundidade. Para iluminação natural destas áreas, desenharam-se algumas soluções que pudessem resolver a questão, sem colocar em causa o ambiente onde se inserem. No entanto, se por um lado as soluções permitiam a entrada de luz direta na cobertura, por outro, distorcia a leitura exterior da volumetria existente e adição (Figura 120 e 121). Esta situação não era desejável, nem pelo interior e muito menos exteriormente. Portanto, optou-se por abrir rasgos estreitos, orientados segundo a vertical, que quebrassem a horizontalidade do muro de vedação do Solar. Estas aberturas, têm 0.20 metros de largura por 2.36 metros, altura do pé-direito. Na área construída de novo, a abertura não é feita como nas restantes divisões, mas sim na empena, a poente. Esta é redonda, com um diâmetro de 1.5 metros. Foi pensada não só como entrada de luz natural, mas também, para se poder usufruir do pôr-do-sol.

A segunda adição foi criada com o principal objetivo de servir como fecho do pátio dos banhos. O eixo de ligação público-privado, referido anteriormente, separa o CIIV da zona dos banhos. Nesta zona em particular, é a nova volumetria que cria o limite. Este limite não poderia ser apenas um muro, era demasiado vazio, tendo em conta que em todo o Solar estes foram usados para construir edificado. Então,

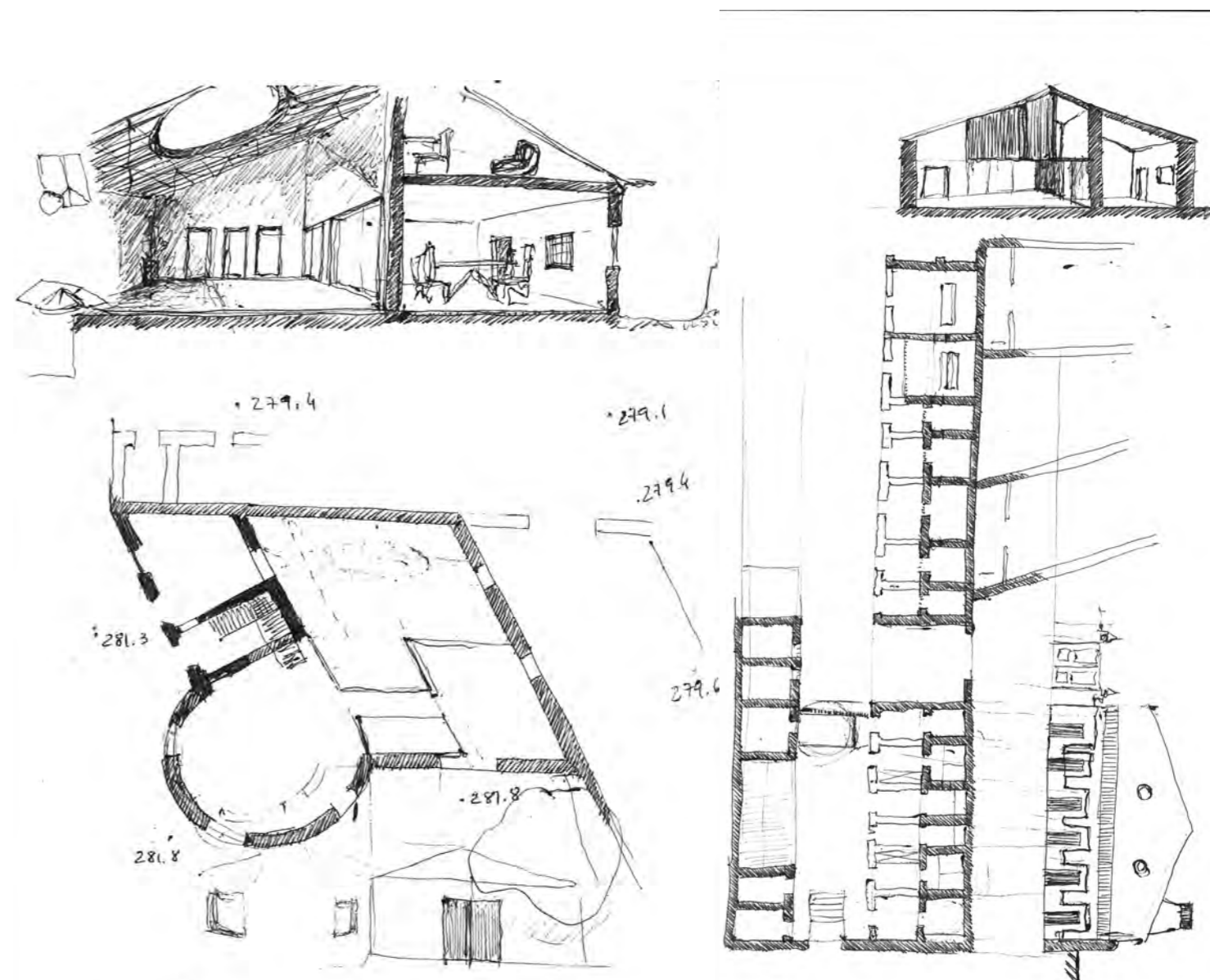


Figura 128: Esquissos da moradia.

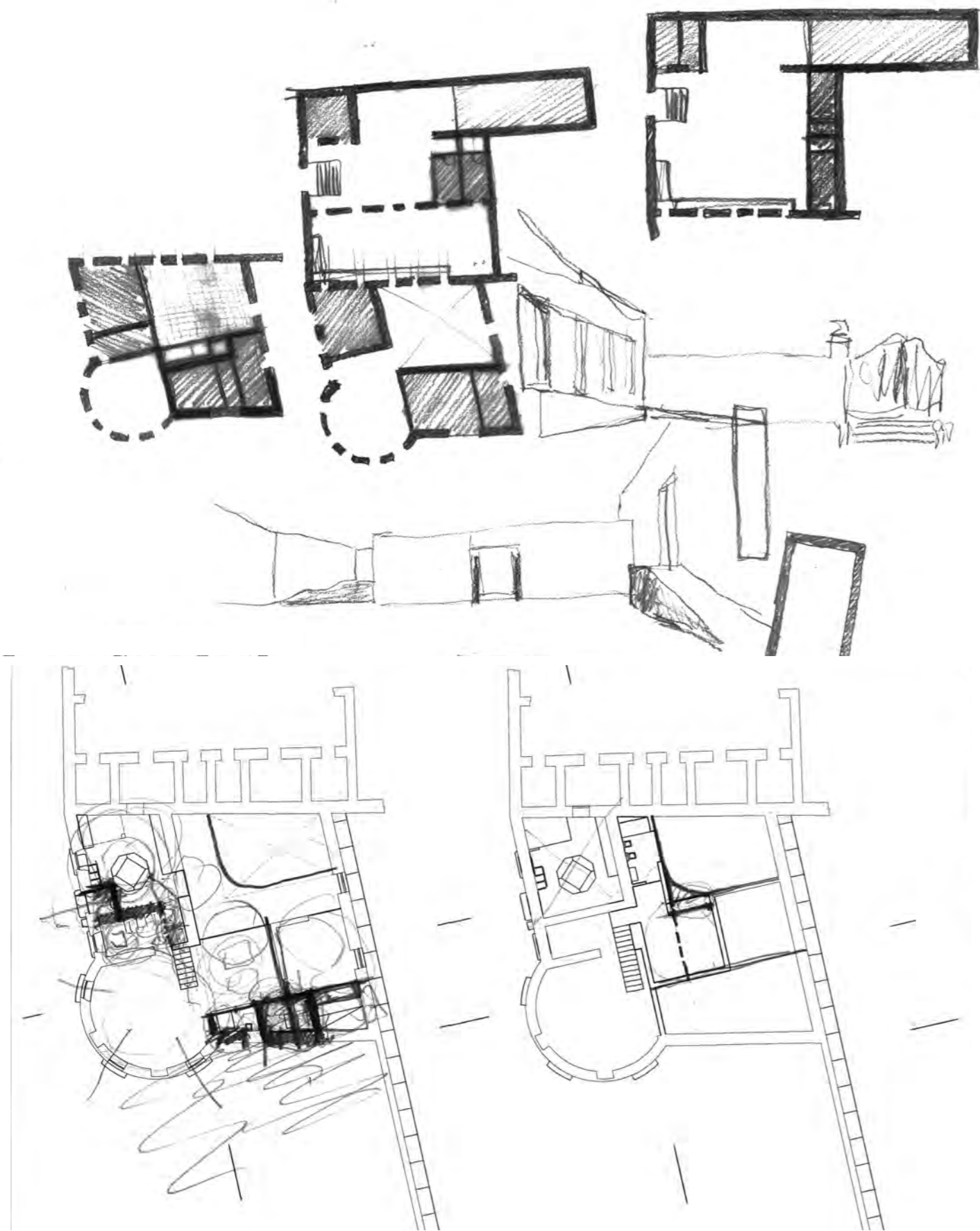


Figura 129: Esquissos da moradia.



Figura 130: Cozinha de serviço.

estudou-se uma nova forma que pudesse conviver com o existente sem criar um forte contraste e que se enquadrasse naturalmente na envolvente (Figura 122). As volumetrias experimentadas pareciam criar conflitos com os ângulos retos demasiado agressivos para o contexto (Figura 123). A forma que pareceu melhor relacionar-se com o restante edificado é a próxima de um quarto de círculo. A cobertura é plana, tendo sido a solução que melhor se adaptou ao espaço. Nela, a iluminação é feita de forma natural, por meio de uma abertura de um círculo com diâmetro de 1.5 metros. Pelo exterior, parecerá ser a continuação das paredes das cortes dos animais, com uma interrupção para um portão que permitirá a passagem de pessoas, se necessário, onde este será um gradeamento de madeira. Pelo interior, parecerá haver continuidade da parede interior do alpendre para o exterior, originando o novo volume. A Figura 124 mostra estudos realizados quanto às possíveis aberturas para entrada de luz natural e tipos de materiais a utilizar. A permanência do alpendre como original permite uma maior amplitude de espaço. Ao volume mais alto, que originalmente era o pombal, pensou-se acrescentar um piso intermédio, acedido através da escadaria do pátio da habitação, no qual teria uma pequena sala com programa de massagem. No piso térreo, existe uma divisão original e optou-se por se fazer uso da mesma para criar dois espaços dedicados a massagem por duche, ficando o escoamento e abastecimento garantidos pelo pavimento.

Além dos estudos à mão levantada, rigorosos, 3D e fotomontagens, também se realizou uma maquete do conjunto (pátio dos animais e programa inserido neste) (Figura 125) e ilustrações (Figura 126). Todos estes elementos foram essenciais para o desenvolvimento do projeto nesta zona.

Relativo ao programa do hotel, este foi adaptado ao espaço que originalmente era dedicado à garagem, cozinha de serviço e Casa Nobre. O primeiro encontra-se atualmente em ruína parcial (Figura 127). Tem uma forma diferente e sem uma regra específica, parecendo ter sido construído como o remate de um canto. Apesar de não fazer parte da Casa Nobre, localiza-se próximo da mesma, apenas com o pátio a separar. Assim, considerou-se que poderia fazer parte das unidades de alojamento oferecendo uma tipologia diferente: moradia. Pelo facto de ter piso térreo, achou-se que poderia ser a zona ideal para oferecer alojamento para pessoas com mobilidade reduzida. Com uma área bruta de implantação de aproximadamente 245.0 m² optou-se por retirar área do interior. Daí surgiu um pátio interno privativo e a sua dimensão dependeu da distribuição do programa. Através de esboços (Figura 128 e 129) e desenhos rigorosos, realizaram-se estudos quanto à distribuição dos espaços que, no caso, teria uma cozinha, usando o espaço original com o mesmo serviço (Figura 130), dois quartos, três instalações sanitárias, sendo uma de serviço e sala. A maior

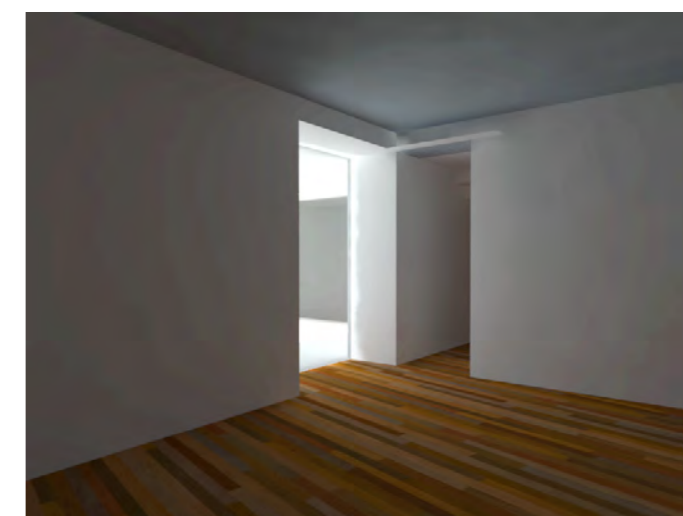
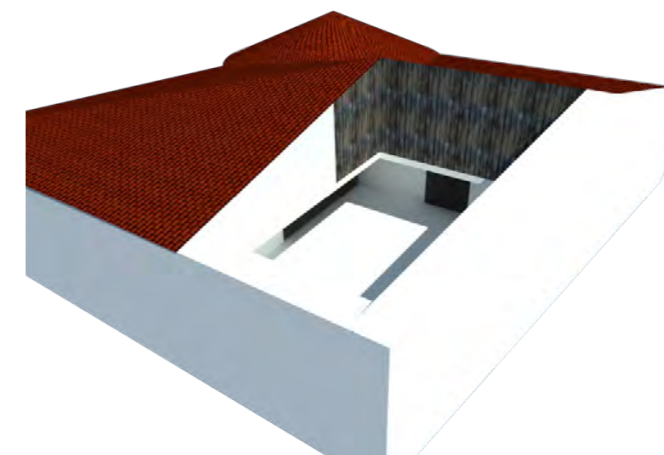


Figura 131: 3D para estudo de materiais, entrada de luz natural e distribuição dos espaços.

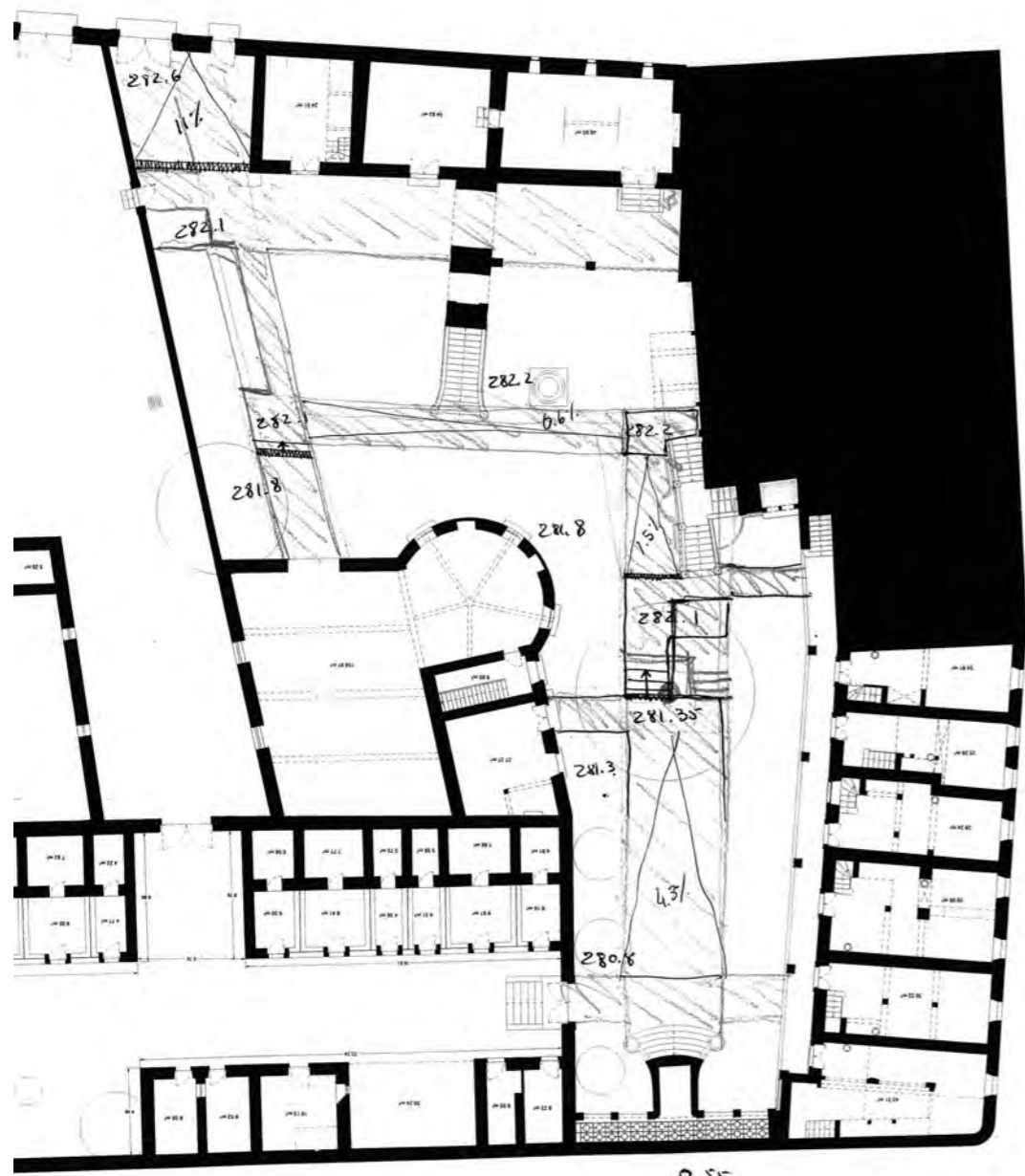


Figura 132: Esquisso do desenho do pavimento do pátio da Casa Nobre.

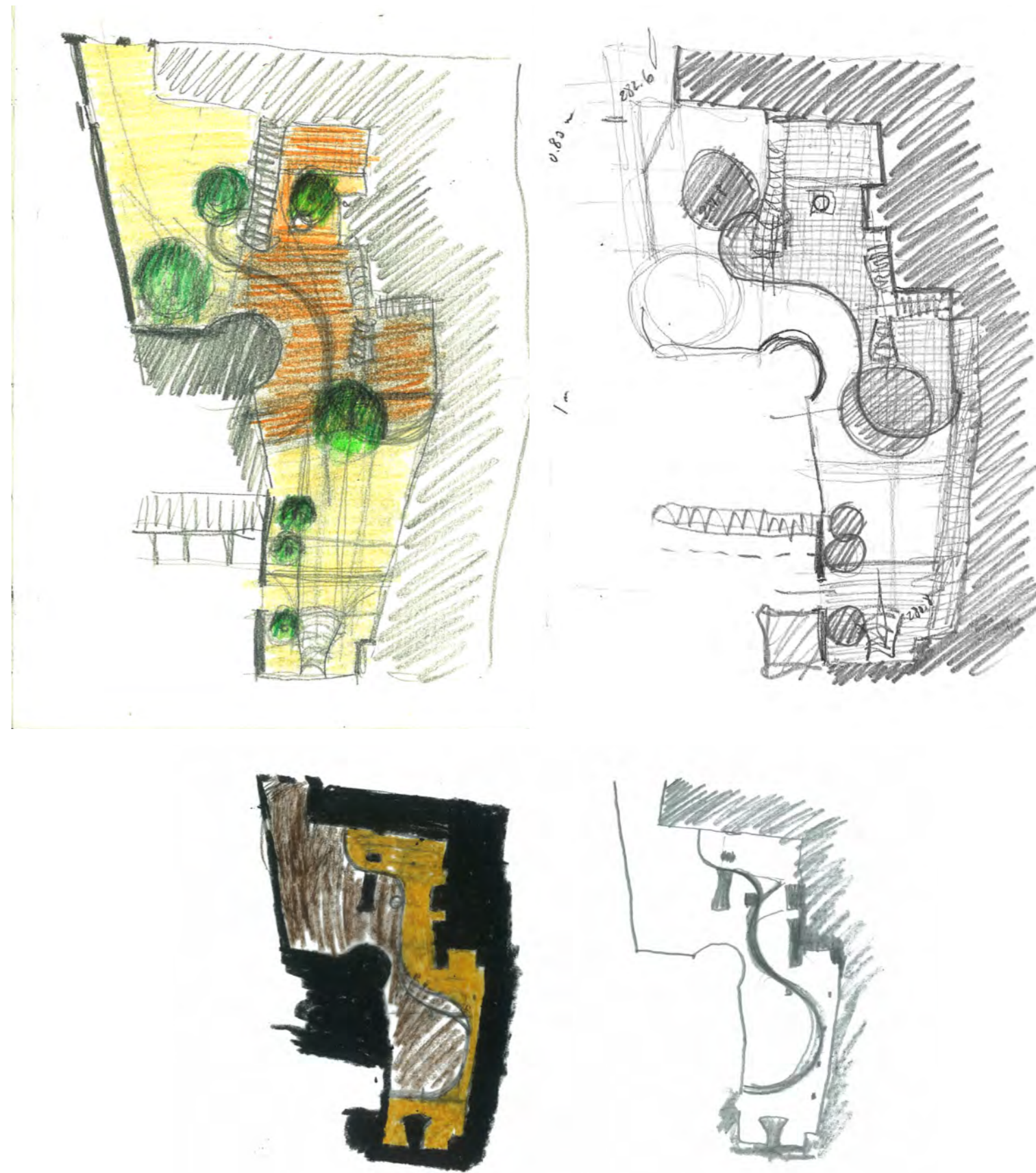


Figura 133: Esquissos do desenvolvimento da marcação do pavimento no pátio da Casa Nobre.

dificuldade no projeto desta área foi praticamente não existirem paredes perpendiculares que obrigou a distribuição do programa a procurar uma regularidade que não existia. No piso térreo, como a porta principal conduz para a cozinha de serviço, usou-se o vão do portão da garagem para entrada da moradia, que encaminhará quem chega diretamente para a sala. Partindo daqui, a distribuição será feita para um quarto com instalação sanitária privativa, que cumpre as medidas exigidas no regulamento das acessibilidades, cozinha, instalação sanitária de serviço e pátio.

Enquanto o Solar era usado pela família Marrocos como sua habitação, o desvão da garagem era utilizado por trabalhadores para descansar. Então, julgou-se apropriado criar um piso com a mesma função. Neste, existe um quarto e uma instalação sanitária. O acesso é realizado pelo mesmo espaço onde existia uma escada em madeira e por isso foi proposta a reconstrução da mesma. Ainda neste piso, as divisões terão vãos voltados para o pátio interno. Tendo em conta o clima da beira interior, o sombreamento das aberturas do piso térreo, voltadas para o pátio, será feito pelo piso superior, já que se achará com um avanço de 2 metros em relação ao térreo. No superior, o sombreamento dos vãos, também voltados para o pátio (sul/poente), será garantido pelo uso de gradeamento de madeira, igualmente utilizado nos outros programas (Figura 131). Além disso, achou-se que o envidraçado do quarto seria confortável se estivesse recuado do sistema de sombreamento, criando espaço intermédio que se pode definir como varanda.

Quanto a materiais, pretende-se manter a história e o registo das alterações o que faz com que o existente seja limpo e sujeito a obras de conservação e manutenção. A construção nova tem como objetivo usar-se materiais que se enquadrem nos existentes e que se percebam que são contemporâneos.

O pavimento do pátio da Casa Nobre parece não ter sido concluído. Os outros pátios estão pavimentados com paralelos de granito. Este, porém, é constituído apenas por saibro, tal como o alpendre do piso térreo. Procedeu-se assim a um estudo para melhorar e dignificar o pátio que une a zona dos banhos, o Solar e a moradia (Figura 132).

O desenho do pavimento considerou a irregularidade do espaço e o facto de se querer evitar a impermeabilização de toda a área correspondente.

Procurou-se um desenho que tivesse zonas pavimentadas com placas de granito da região e outras com os paralelos, dando continuidade ao conceito dos outros pátios (Figura 133 e 134). As placas de granito foram usadas para aplicar nas zonas de receção das escadas e portas de entrada, assumindo um desenho final que as tenta unir

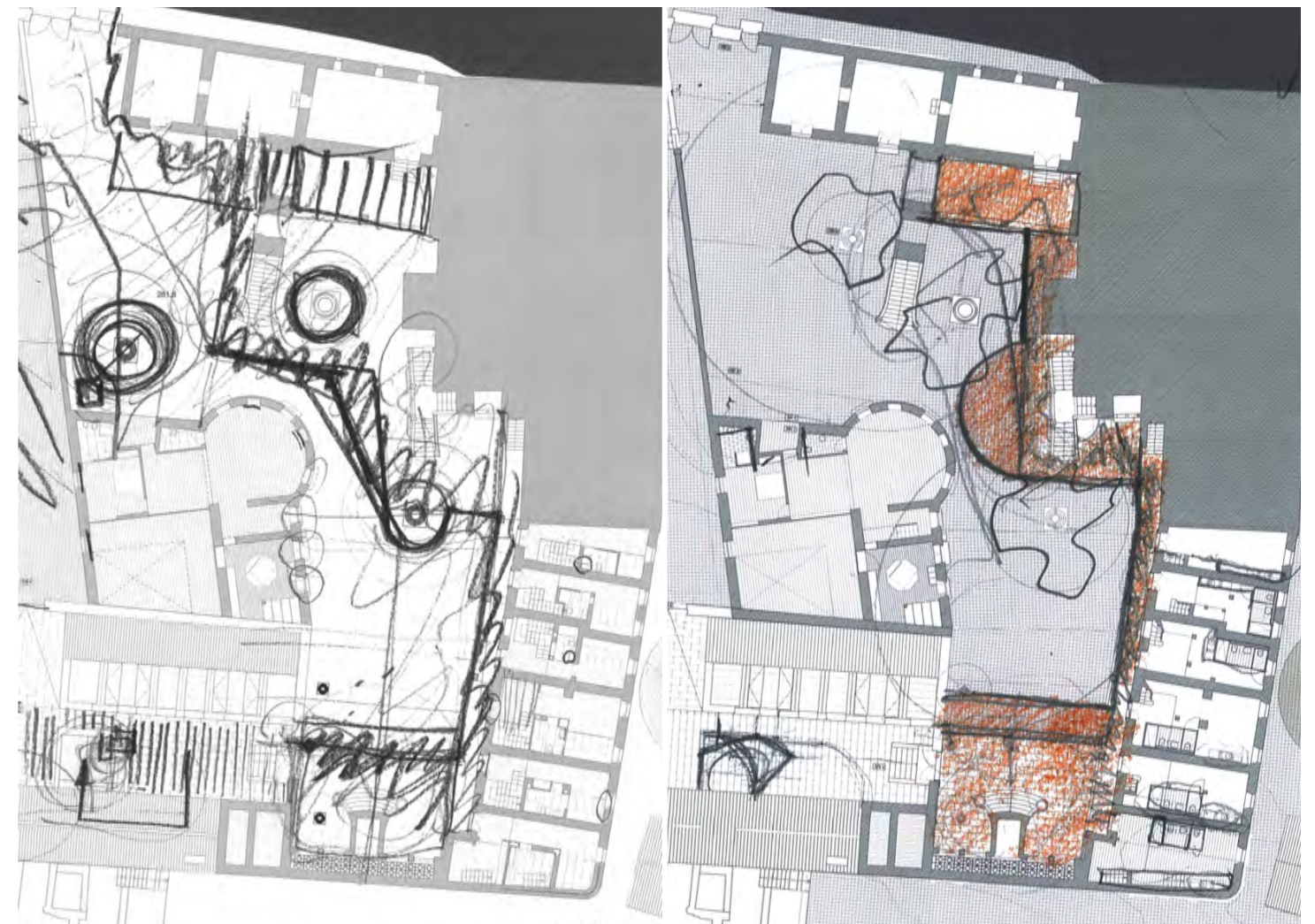


Figura 134: Esquissos do desenvolvimento da marcação do pavimento no pátio da Casa Nobre (debate com o Prof. Luís Miguel).

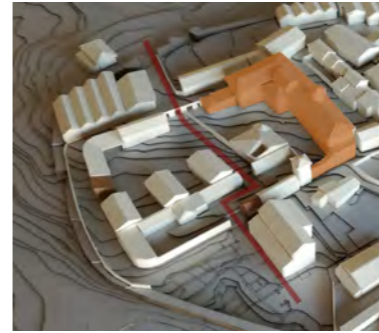


Figura 135: Alçado posterior da Casa Nobre e pátio.



Figura 136: Vestíbulo da Casa Nobre.

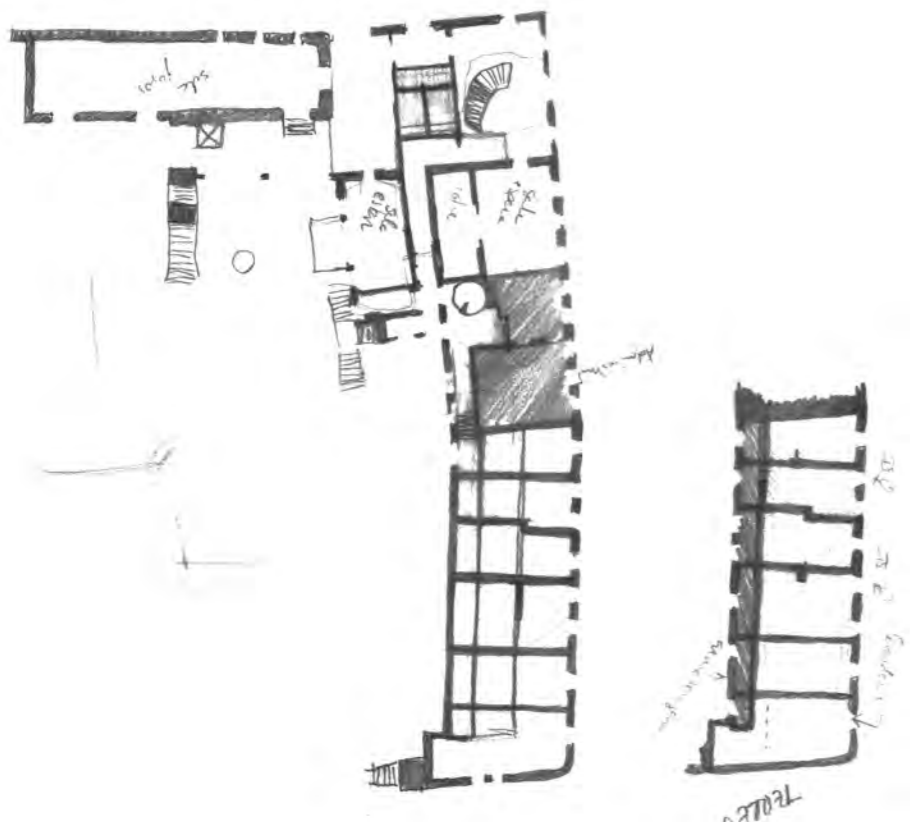


Figura 137: Esquissos de desenvolvimento do programa no piso 1, de entrada.

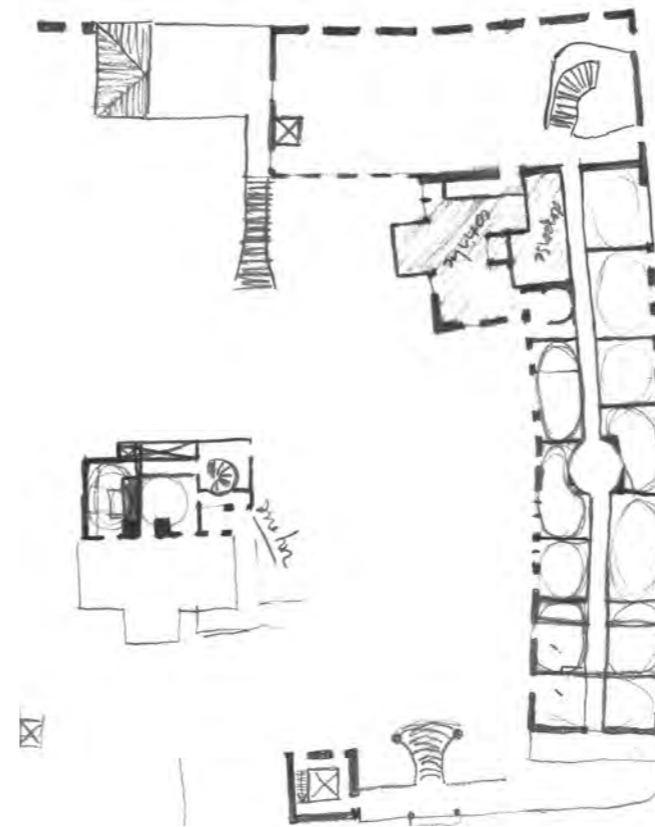


Figura 139: Esquissos de desenvolvimento do programa no piso 1, de entrada.

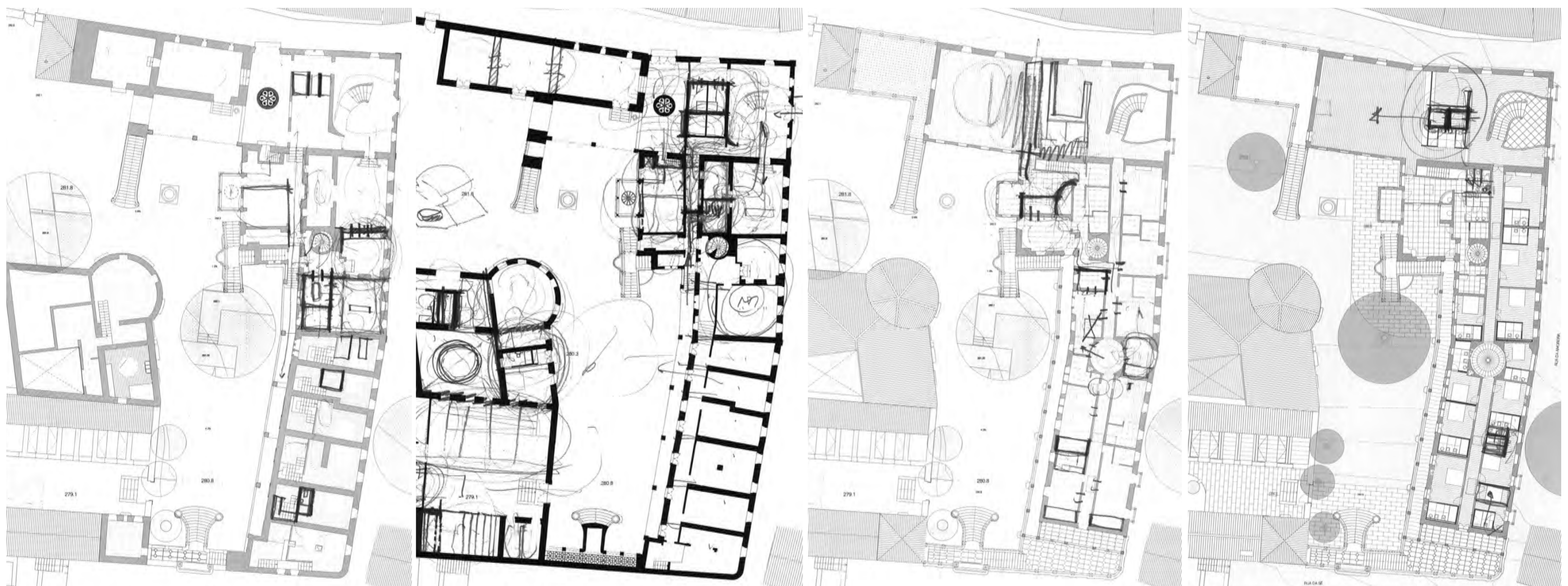


Figura 138: Esquissos de desenvolvimento do programa no piso 1, de entrada (discussão com Prof. Luís Miguel).

Figura 140: Esquissos de desenvolvimento do programa no piso 2 (debate com o Prof. Luís Miguel).

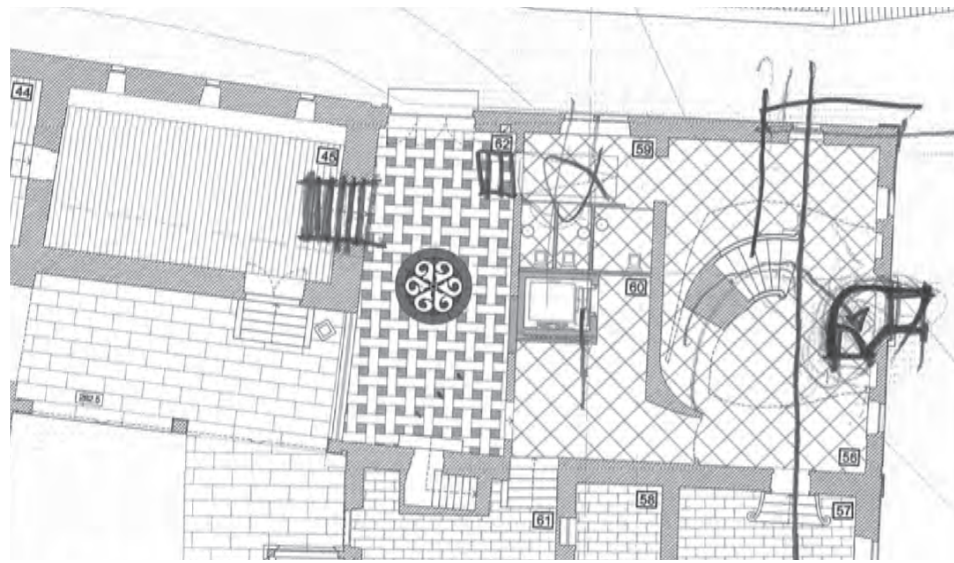


Figura 141: Esquisso da adega e entrada principal (debate com o Prof. Luís Miguel).

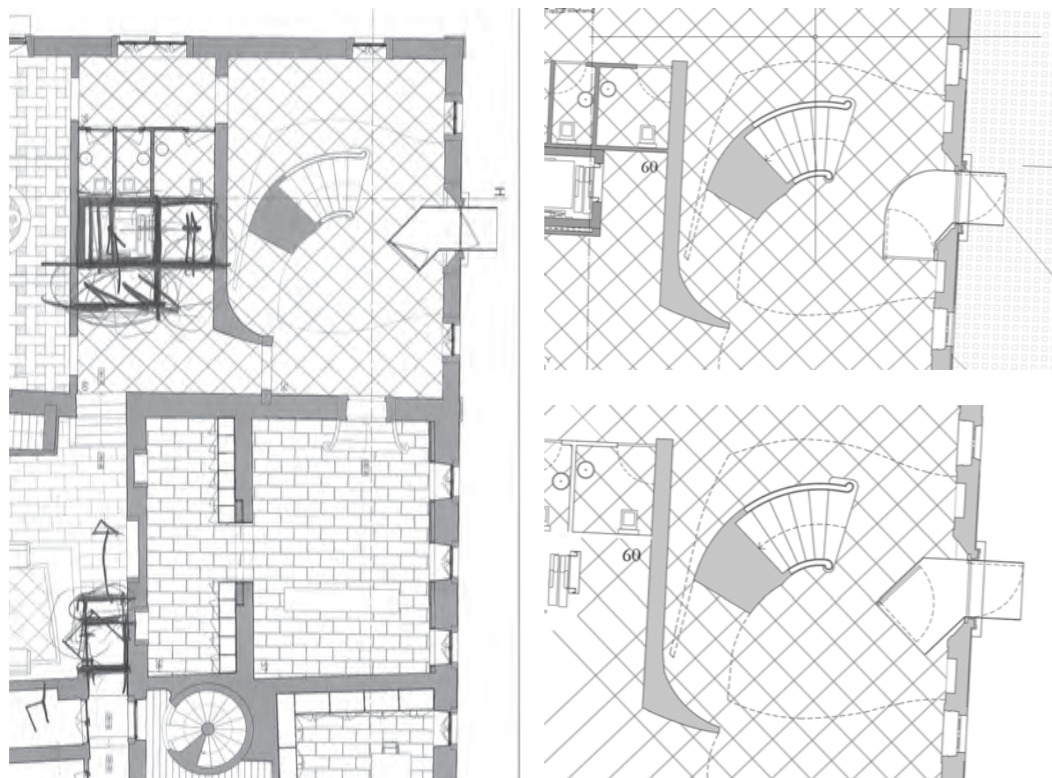


Figura 142: Esquissos da entrada principal (debate com o Prof. Luís Miguel) e posterior. Estudos em rigorosos.



Figura 143: Divisão destinada ao armazenamento de alimentos e arrumos.

através do pavimento. Como será impermeável, o escoamento de águas pluviais será realizado por meio de grelhas ranhuradas com o intuito de ocultar o sistema. Nas outras zonas do pavimento, procurou-se a utilização de paralelos de granito, permitindo que este continue permeável.

Junto ao portão da antiga garagem, propôs-se a eliminação de uma árvore tendo em conta o porte da mesma e a destruição que estava a provocar nas estruturas adjacentes.

A amoreira que se encontra na zona central do pátio, que tão bem o caracteriza, será mantida e, tal como nas outras árvores de fruto existentes, serão colocadas caldeiras (Figura 135).

Nesta secção, iremos de novo referir o programa com vista à contextualização do processo de projeto.

O objetivo foi sempre que o existente e a proposta de intervenção pudessem coexistir e que fossem compatíveis entre si. Assim, adotou-se o critério de intervenção mínimo, assumido no restante complexo. Quis-se dotar o Solar de condições imprescindíveis para o conforto e serviços exigidos por um empreendimento turístico mas, ao mesmo tempo, sem ocultar ou eliminar a história e cicatrizes do existente. O projeto definiu-se através dos detalhes.

A estrutura do programa, de forma sintética, fez-se do seguinte modo: piso 0 – estúdios; piso 1 – entrada principal e espaços comuns; piso 2 – serviços de quartos, pequenos-almoços e quartos e piso 3 – apartamento da gerência.

À medida que se estudou o programa original, o proposto adaptou-se sem esforço ao existente.

No piso de entrada, feita pelo Largo da Amoreira (Figura 136), colocou-se a receção. Próximo, foram introduzidas instalações sanitárias, condicionadas pela limitação de espaço e a proximidade ao vestíbulo e receção (Figura 137). Foi ponderada a instalação de um ascensor junto das escadas que levam ao terraço exterior. No entanto, no piso térreo não se encontraria no melhor local e no piso superior os utentes sairiam no que se definiu como sala dos pequenos-almoços. Assim, igualmente por limitações do espaço e no sentido de intervir o mínimo possível noutras zonas, foi previsto um ascensor junto das instalações sanitárias, próximo do vestíbulo (Figura 138). Apesar de servir apenas dois pisos, a finalidade era permitir que pessoas com mobilidade reduzida acessem ao superior, à sala de pequenos-almoços e espaço de leitura (Figura 139 e 140).



Figura 144: Maquete experimental do espaço.

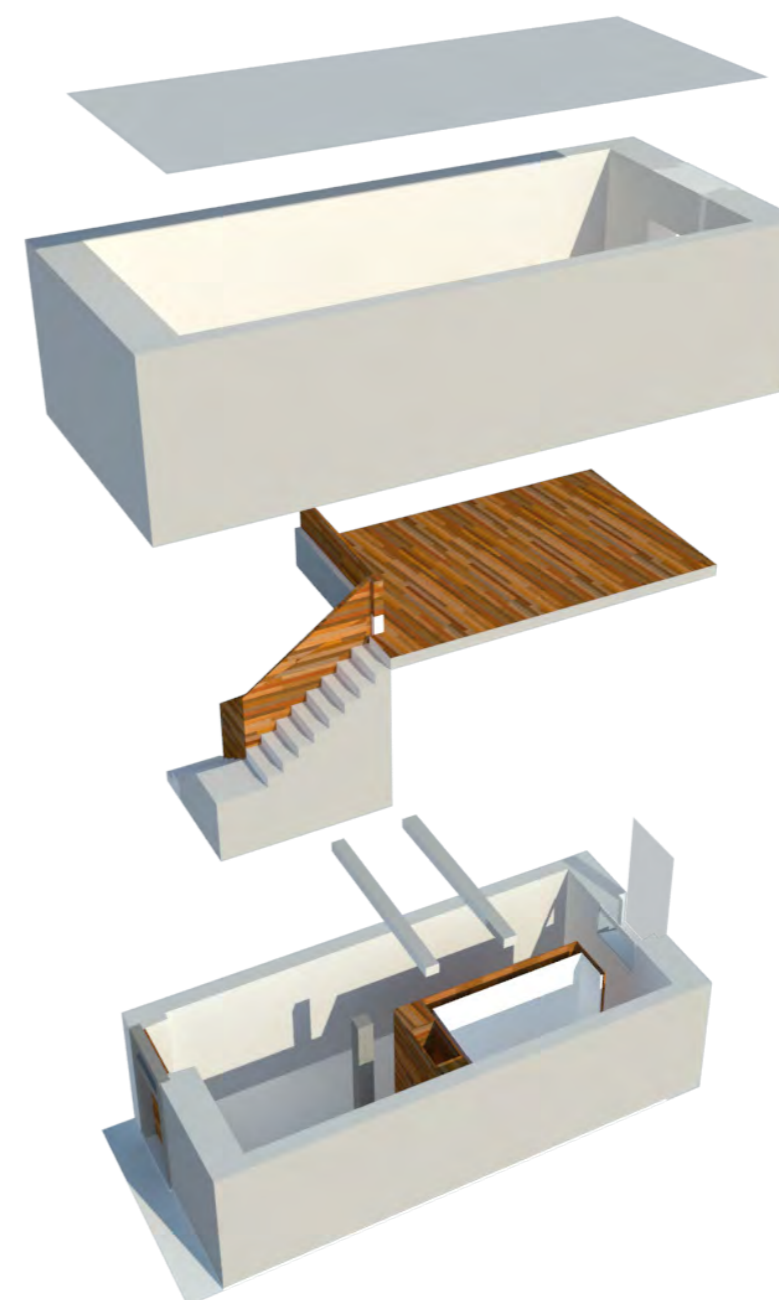


Figura 145: 3D esquemático do estúdio com módulo.

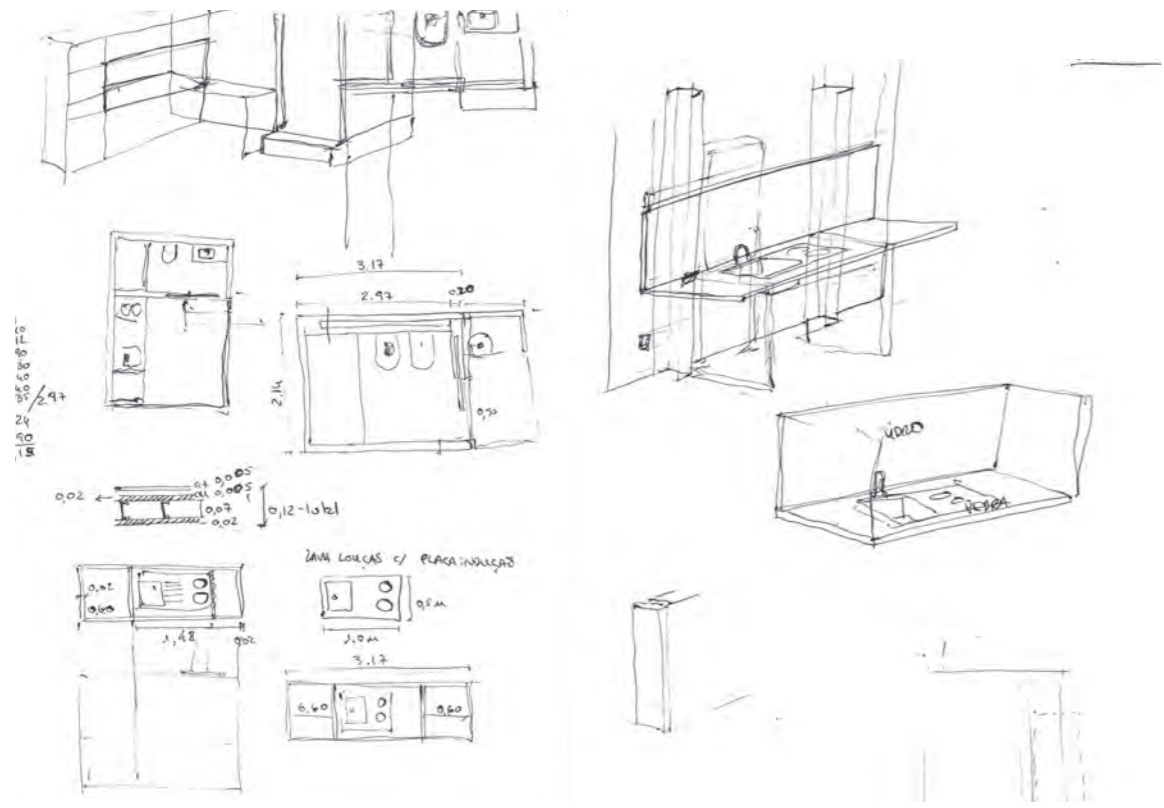


Figura 146: Esquissos da caixa de serviço dos estúdios.

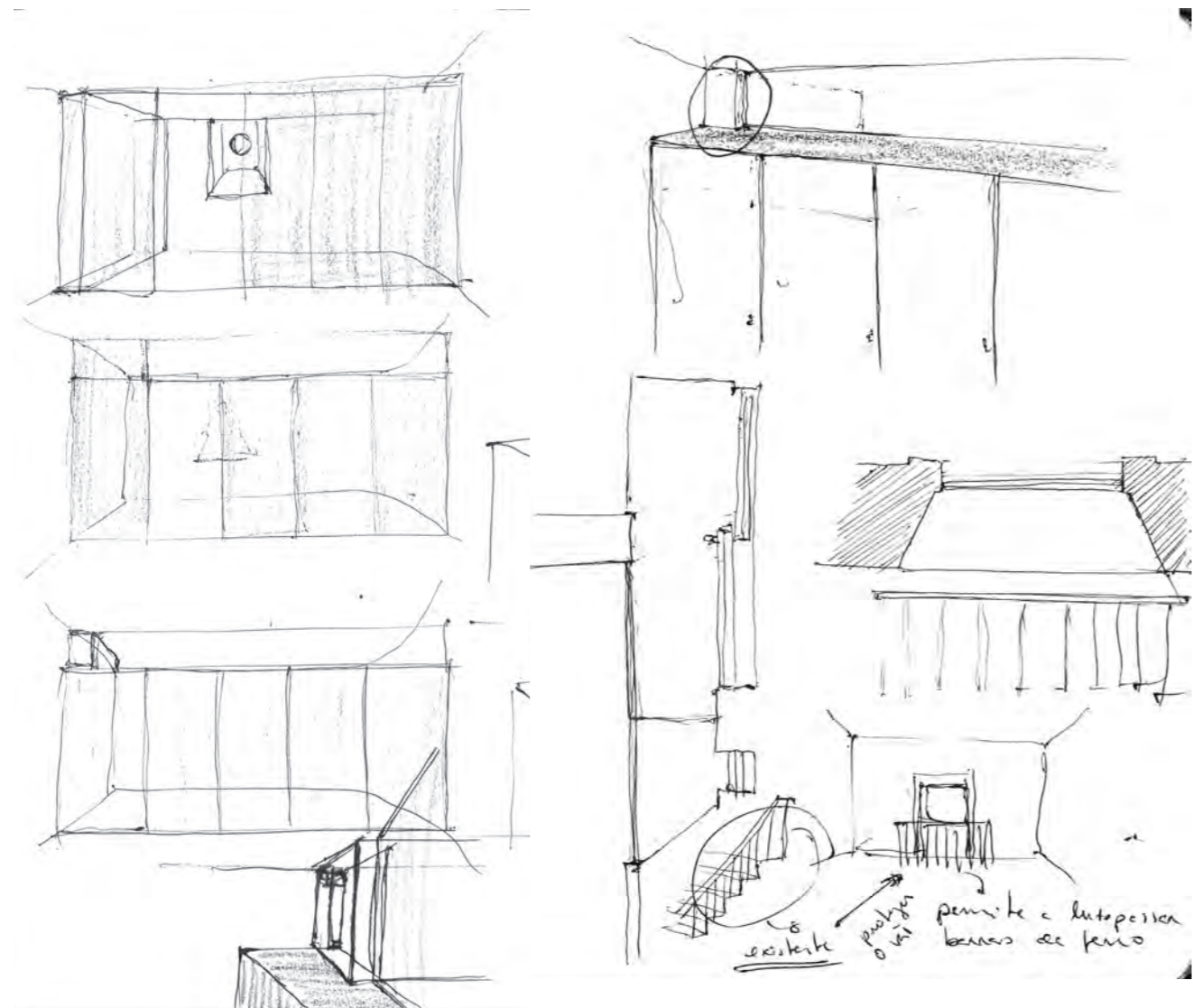


Figura 147: Esquissos da caixa de serviço dos estúdios.



Figura 148: Rigorosos com estudos das caixas de serviços: estúdios.

A adega era uma zona somente acessível pelo exterior, e fazendo parte da volumetria da Casa Nobre, achou-se que faria todo o sentido que houvesse ligação interior, transformando-a em bar e sala de convívio e jogos. Será acessível a partir da antiga sala de cargas e descargas através de um vão pontual que, apesar das diferenças de cota, vencidas por degraus, unirá os espaços (Figura 141).

Ainda no piso de entrada, era importante integrar um corta-vento que de alguma forma protegesse o vestíbulo. Daí procurou-se uma solução que pudesse resolver o problema (Figura 142). O mesmo foi ponderado na entrada posterior do Solar, que conduz diretamente para a sala. Na entrada principal, propôs-se uma caixa em aço corten, que se encaixará no portal existente. Esta adição foi completamente condicionada pelo espaço disponível no interior. Assim, a caixa proposta, ficará destacada no exterior, recebendo as pessoas diretamente do Largo da Amoreira. Estas, posteriormente, serão conduzidas, infletindo ligeiramente o seu percurso, para o interior do Solar. No caso da entrada posterior para a sala, experimentou-se a mesma forma sem efeito, portanto, adotou-se o mesmo conceito de caixa em aço corten, mas sem inflexão. Esta conduzirá diretamente a pessoa para o percurso de passagem que deverá realizar.

É por esta entrada posterior que se acede a um alpendre, o qual conduz a uma série de espaços no piso térreo. Estes, originalmente, eram usados como armazém de alimentos e arrumos (Figura 143), sendo agora propostos como unidade de alojamento: estúdios (Figura 144 e 145). Todos têm um *mezzanine* que será usado como zona de descanso. No piso térreo, instalaram-se os serviços: cozinha e instalação sanitária (Figura 146 e 147). A solução encontrada para introduzir as zonas de serviços sem intervencionar profundamente no existente foi uma caixa de madeira. Após vários desenhos de estudo, considerou-se a solução mais adequada uma que dividiria os espaços e serviria como corete e armário (Figura 148 e 149). Pretendeu-se transmitir a ideia de efemeridade e reversibilidade das intervenções. Este elemento com uma altura de 2.20 metros permitirá a passagem de luz natural entre a caixa e o teto. A zona superior da caixa garantirá também a iluminação artificial dos espaços (Figura 150).

Por ser um piso parcialmente enterrado e por apresentar patologias relacionadas com humidades ascensionais, foi importante definir estratégias de impermeabilização. Foram colocados drenos pelo exterior, próximo das fundações, em todo o comprimento da fachada principal. Além disso, pelo interior foi proposto a inclusão de manta impermeabilizante. Tendo em conta a espessura desta a redução do pé-direito foi mínima.



Figura 149: Esquissos com estudos das caixas de serviços: estúdios. (debate com o Prof. Luís Miguel).

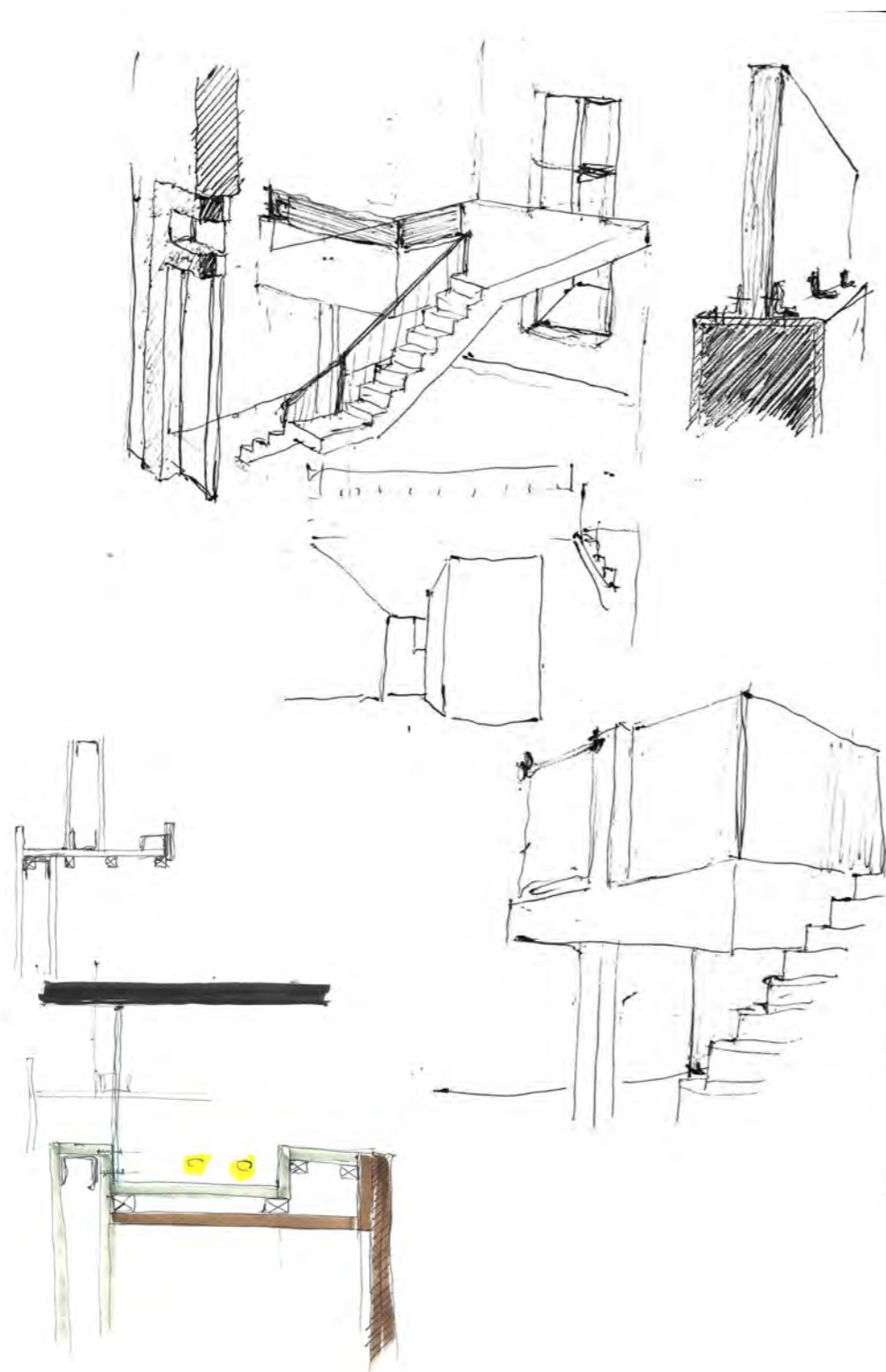


Figura 150: Esquissos do revestimento nas janelas dos estúdios.



Figura 151: Esquissos das coretes.

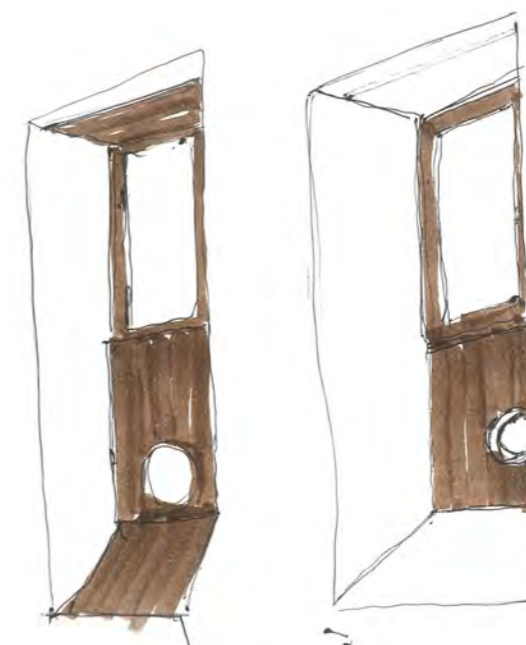


Figura 152: Esquissos do revestimento nas janelas dos estúdios.

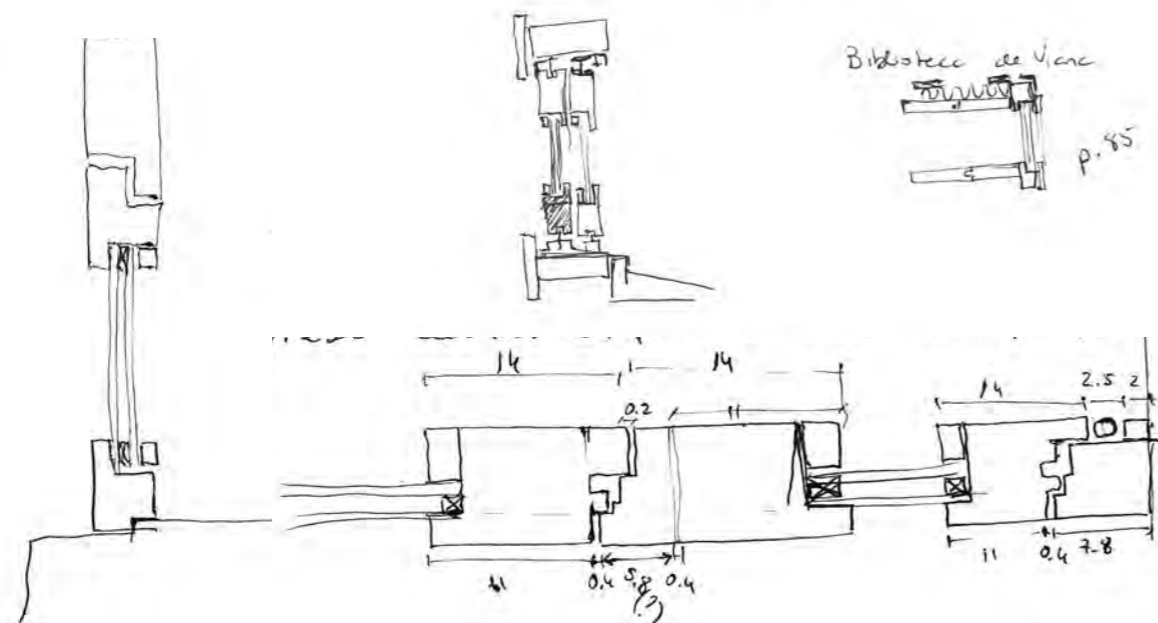


Figura 153: Esquissos das caixilharias em madeira.

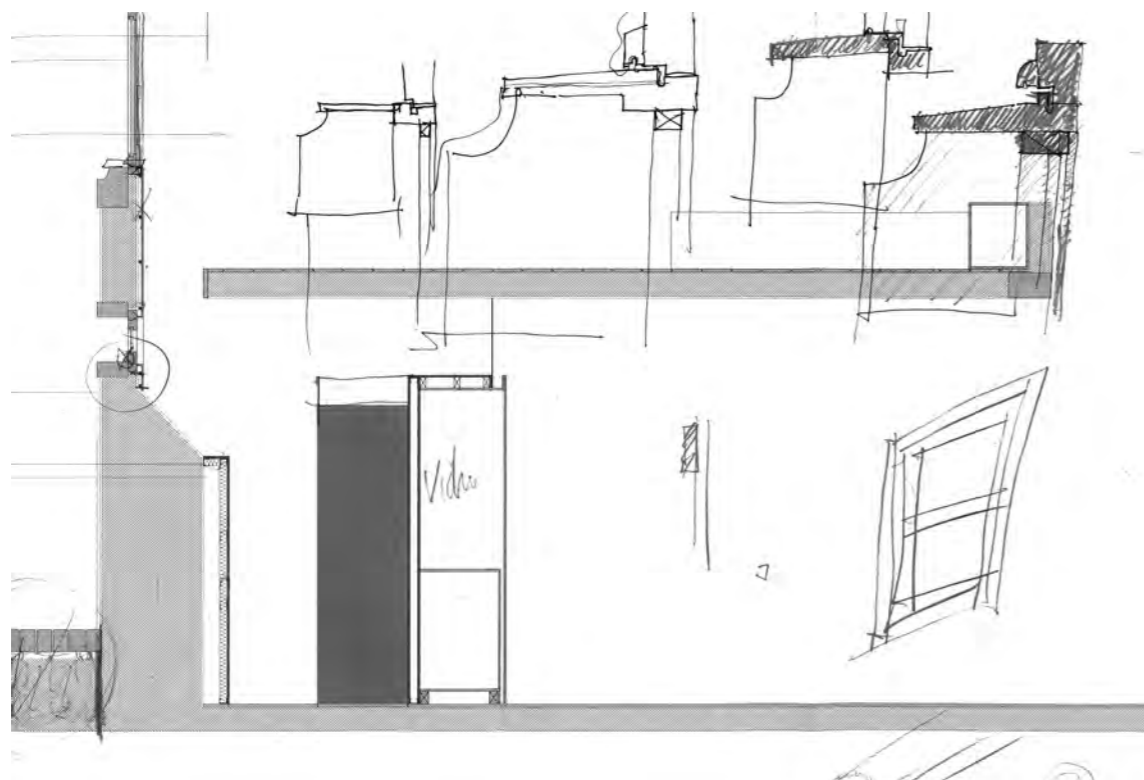


Figura 154: Esquissos das caixilharias (debate com o Prof. Luís Miguel).

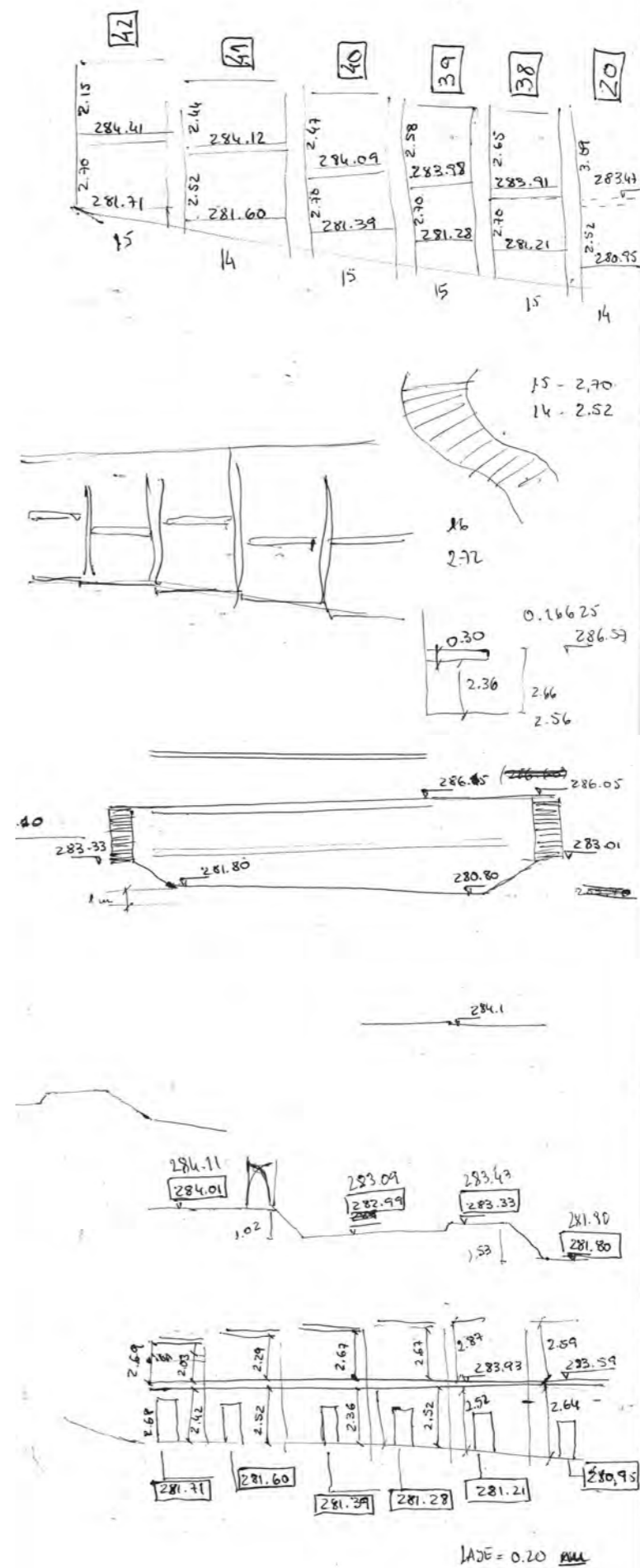


Figura 155: Estudos de cotas: piso 0.



Figura 156: Estudos rigosos da distribuição e organização dos quartos: piso 2.

Como a caixa de madeira para acomodar os serviços não atingia o pé-direito total, teria que se conseguir uma forma de passar as tubagens. A solução adotada foi criar paredes de gesso cartonado a revestir as paredes exteriores, fazendo uso destas como coretes e prolongando-as pelos pisos superiores, servindo os mesmos com funções idênticas (Figura 151).

Perante este cenário, surgiu novo problema com as janelas e a união destas com a parede de gesso cartonado. As caixilharias existentes são de madeira e outras metálicas. As metálicas, geralmente, encontram-se em espaços que são de serviço. Ambos os tipos se apresentam degradados optando-se por substituir todas por madeira. Dessa forma, tentando resolver a questão das janelas nos estúdios, propôs-se o revestimento da parede, onde se encontra o vão, em madeira (Figura 152), assim como uma parte da parede, criando uma maior harmonia, ao nível estético e material.

A necessidade de responder a determinados critérios de conforto e térmica, determinou que não poderiam ser replicados os caixilhos existentes. Investigando caixilharia de madeira em obras construídas e publicadas, de esboços e rigorosos, chegou-se a uma solução que se julgou adequada ao Solar (Figura 153 e 154).

Como o edifício foi construído adoçando-se ao terreno, este piso é complexo na medida em que todas as divisões têm cotas diferentes. A Figura 155 mostra os estudos feitos para entender essas diferenças. Esta análise foi importante numa fase posterior, para escolher os materiais a aplicar e respectivas espessuras. Os *mezzanines* com algumas diferenças de centímetros encontram-se no alinhamento do piso de entrada.

Penetrando no vestíbulo, na entrada principal, existe uma escadaria que conduzirá o hóspede a um piso superior, e a partir daí, a distribuição das unidades de alojamento será feita segundo um corredor que só termina no alpendre envidraçado no alçado sul do Solar. A disposição dos quartos fez-se tentando seguir a disposição dos originais. Não obstante, para cada unidade era exigido uma instalação sanitária, originando a imposição de maior área para cada quarto, impedindo que grande parte se mantivesse consoante o existente (Figura 156).

Para a instalação dos lavabos optou-se igualmente pela caixa de madeira, tal como nos estúdios. Foi necessário normalizar as medidas da caixa, distribuição interior dos sanitários, armário, de maneira que esta pudesse ser inserida em qualquer um dos quartos. O Solar não prima pela regularidade das formas e, perante este facto, foi necessário adaptar algumas caixas aos quartos onde seriam colocadas. Criou-se uma métrica da caixa de quatro ou cinco portas, com exceção dos dois quartos próximos

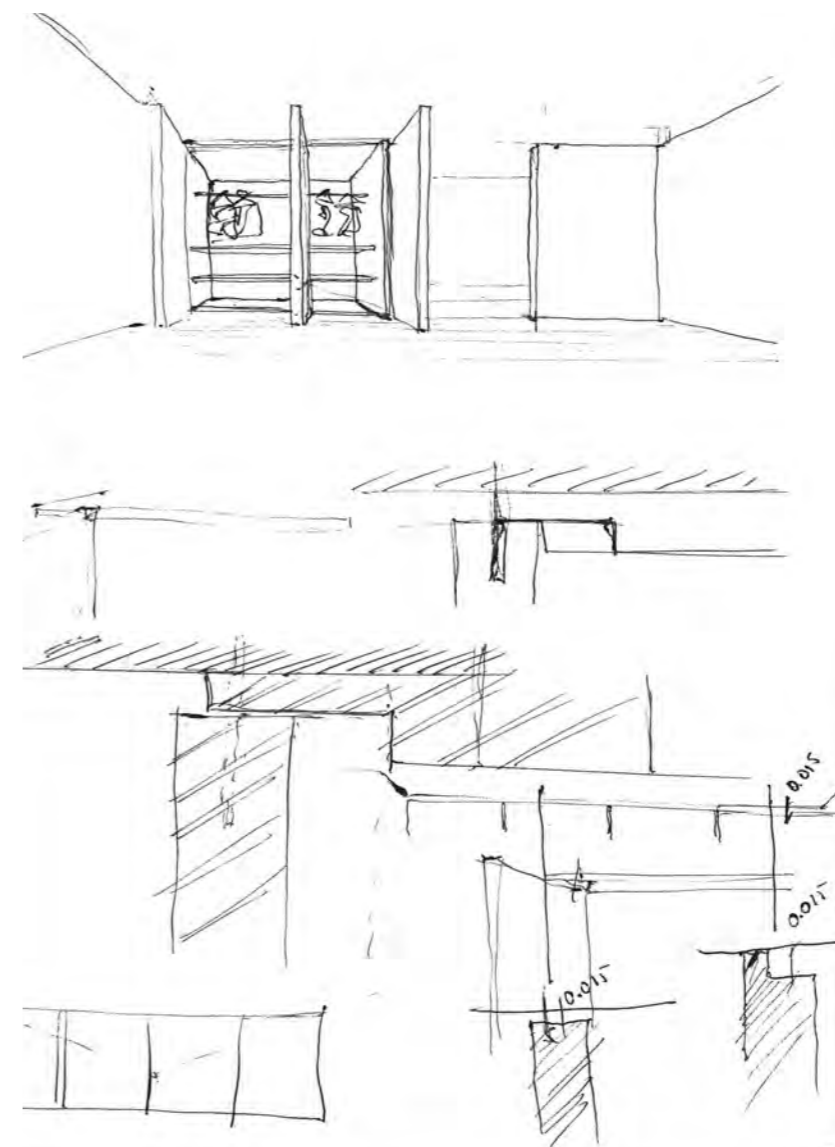
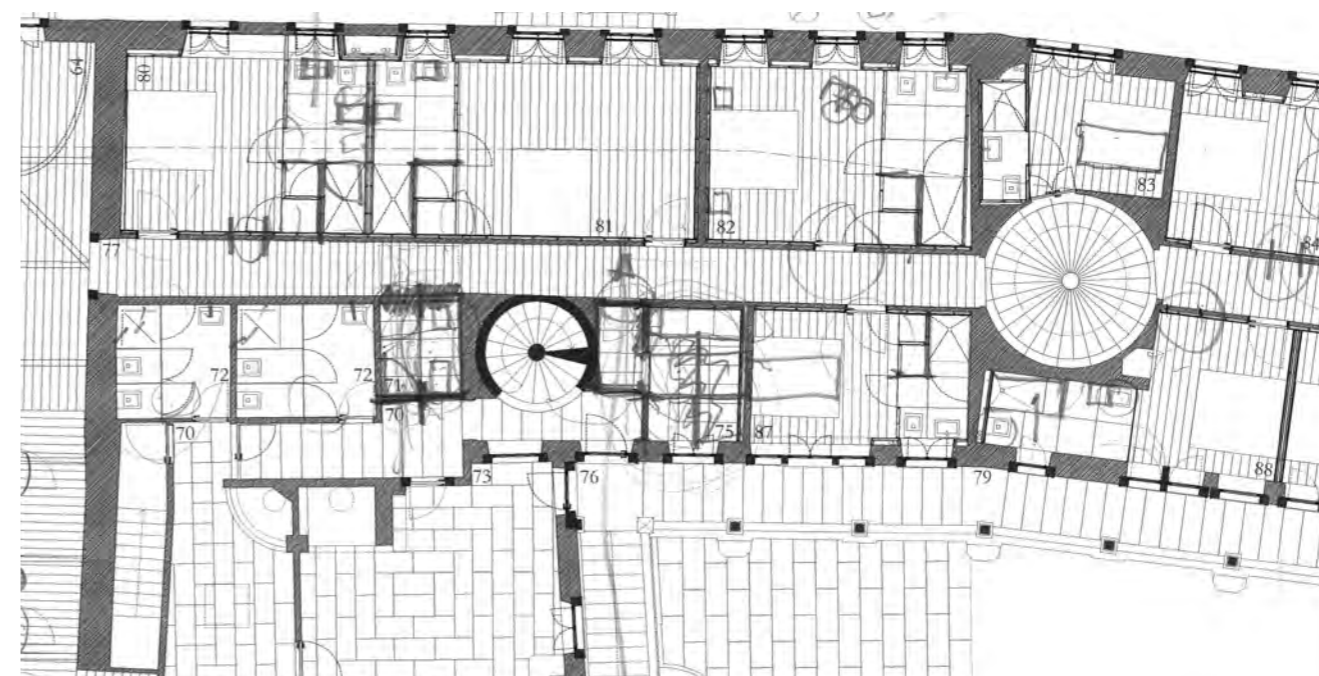


Figura 157: Esboços de organização dos quartos (debate com o Prof. Luís Miguel), pormenores construtivos.

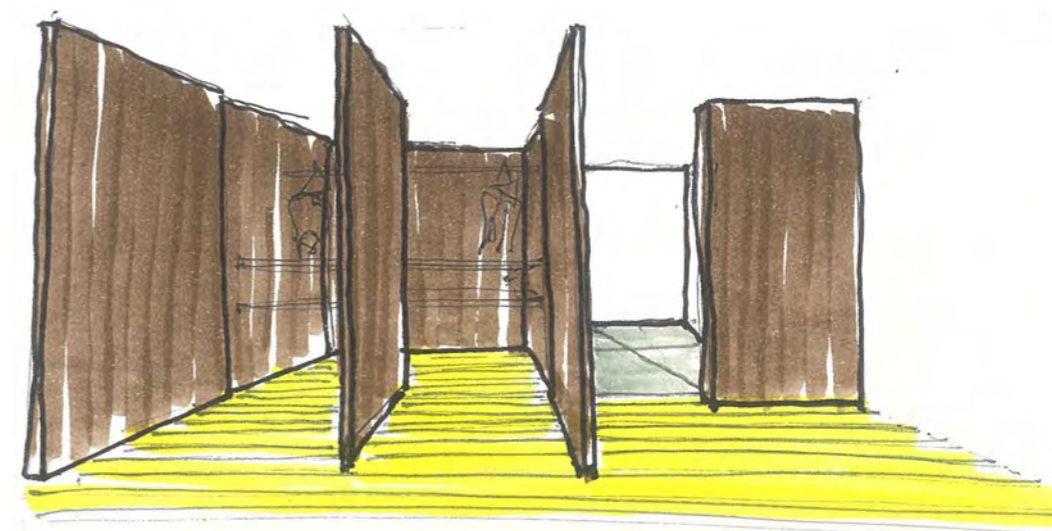
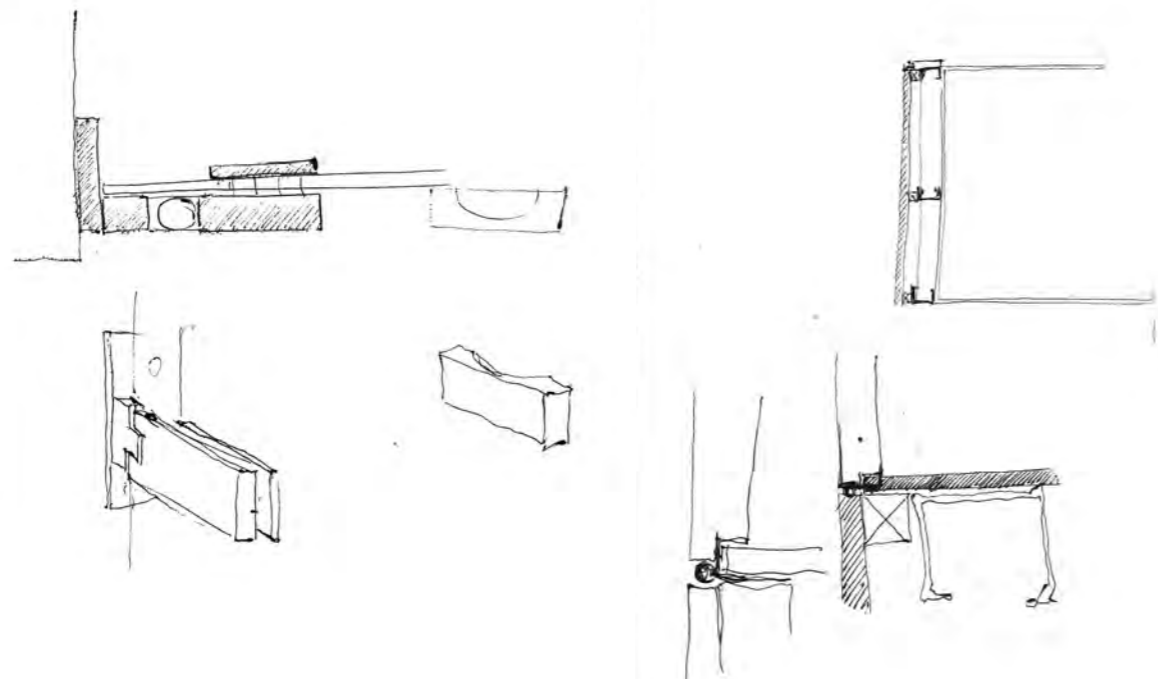


Figura 159: Esquissos do armário com portas abertas.

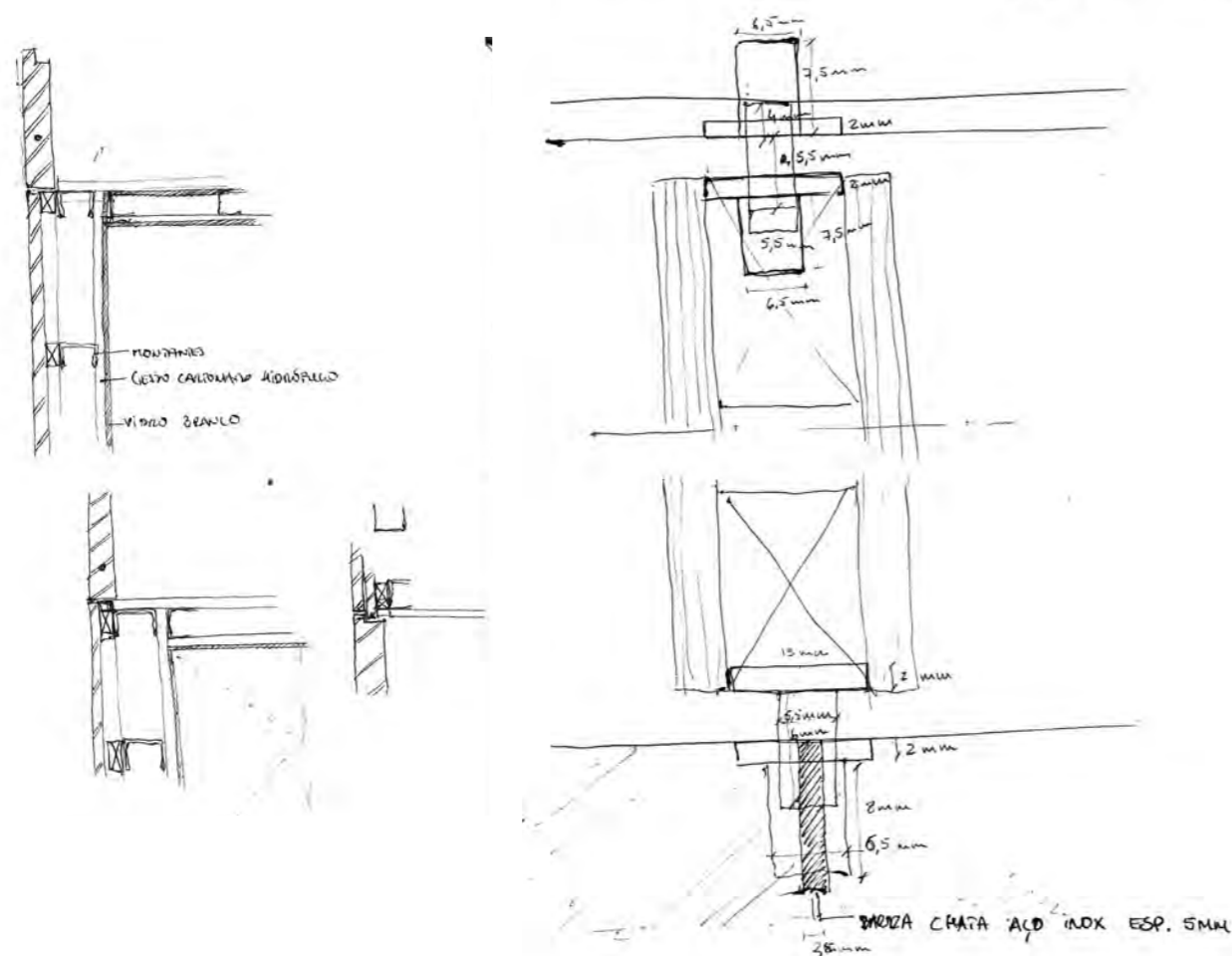


Figura 158: Esquissos de pormenores construtivos, detalhe de ferragens do duche e mecanismos de porta pivotante.

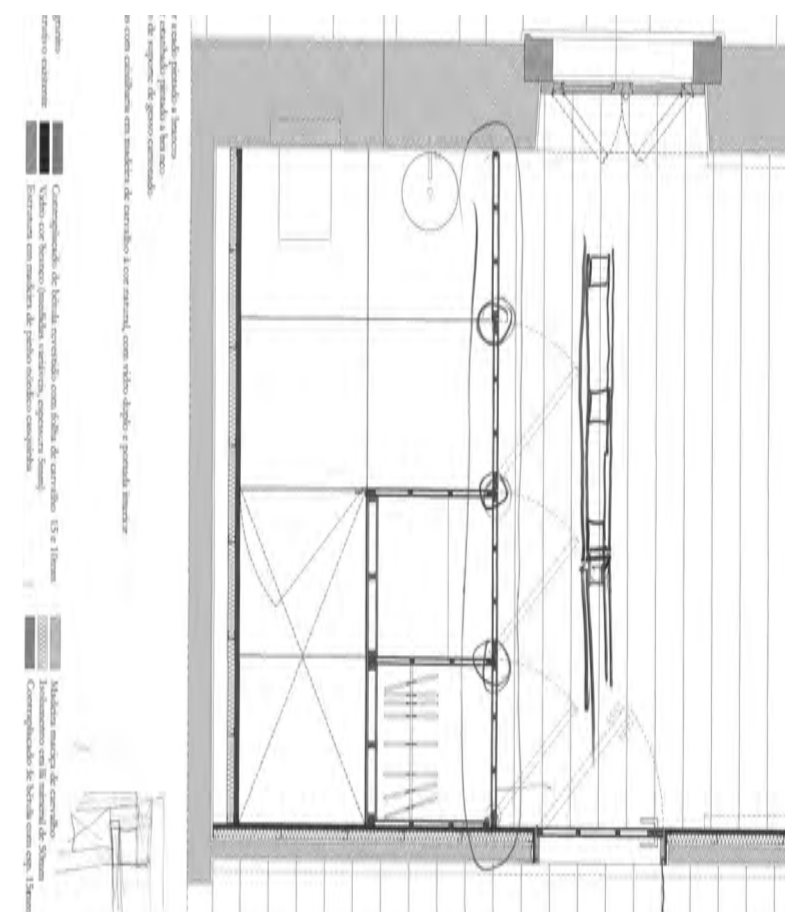


Figura 160: Esquissos das instalações sanitárias de um quarto (debate com o Prof. Luís Miguel).

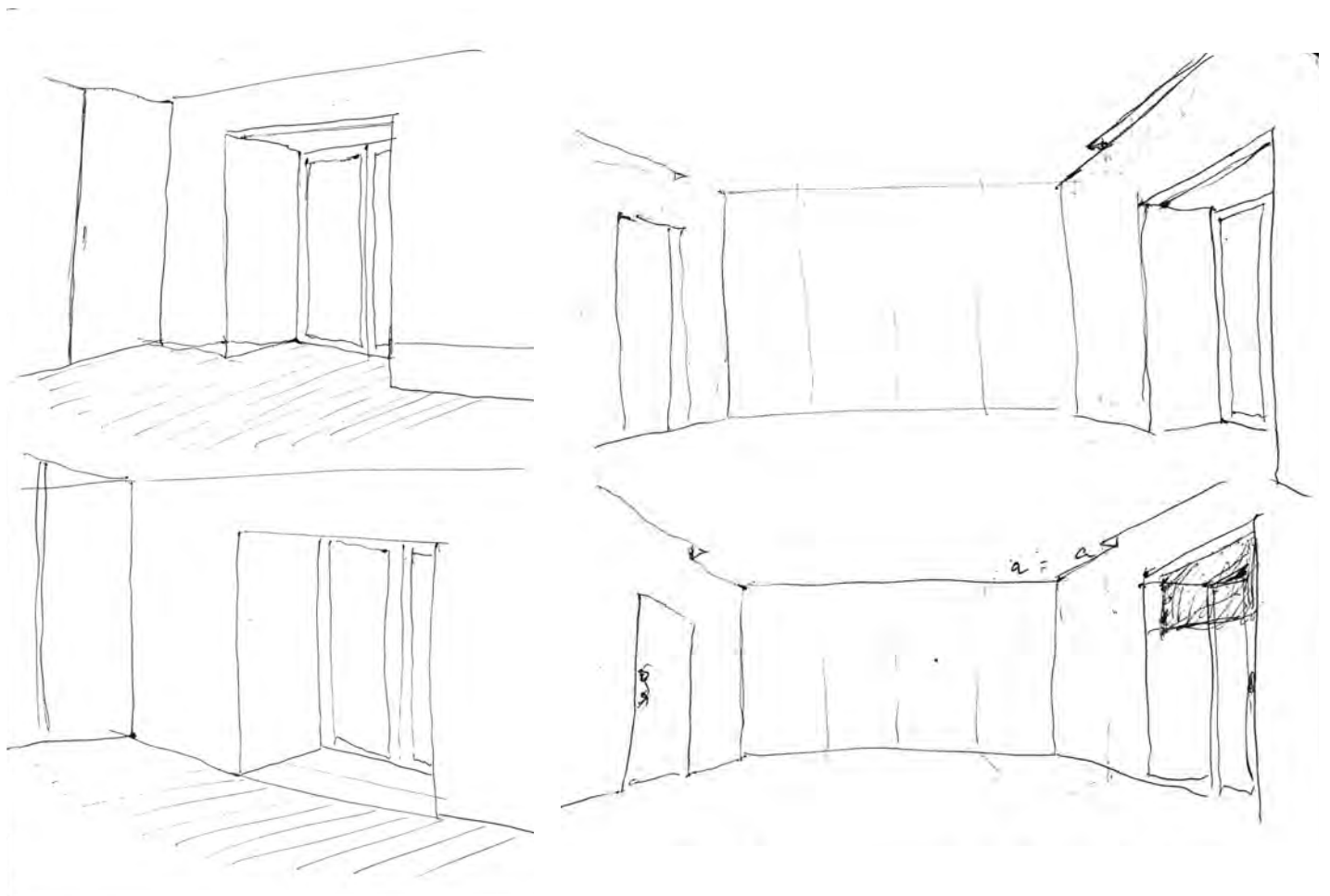


Figura 161: Esquissos de estudo dos pavimentos nos quartos e de sancas invertidas.

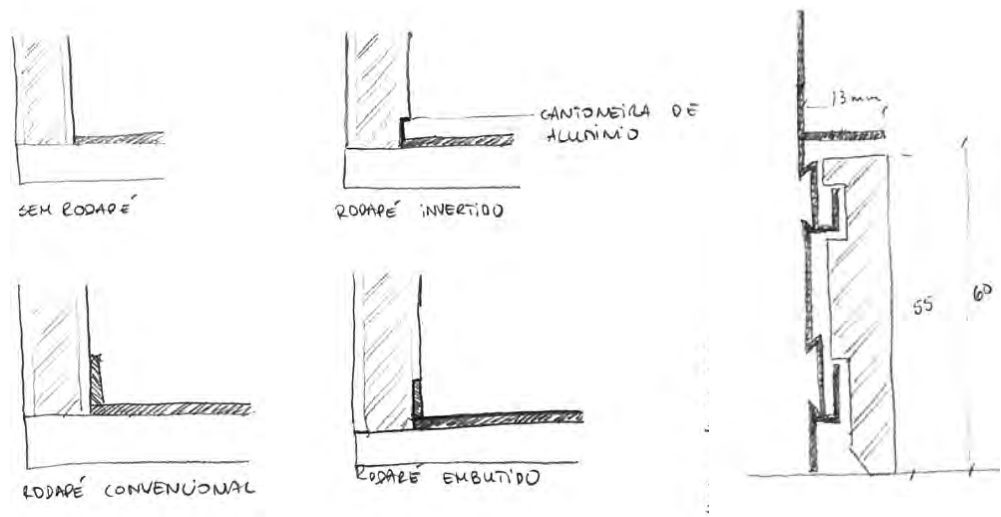


Figura 162: Esquissos de estudo rodapés.

do coruchéu (Figura 157). Estes foram encaixados dentro do limite de espaço apresentado, enquanto se mantinha a disposição dos sanitários idênticos aos restantes módulos. Apesar de o sistema construtivo ser idêntico aos dos blocos usados nos estúdios, nestes foi utilizado o sistema pivotante nas portas, de forma a não serem visíveis as ferragens e ter um aspeto mais limpo e simples (Figura 158). Nos compartimentos deste piso não foram inseridos equipamentos de cozinha e a altura do novo volume ocupou o pé-direito completo (Figura 159). Depois de vários problemas relativos à inclusão dos módulos e a posição dos vãos exteriores, com o objetivo de não obstruir os mesmos, ajustaram-se as disposições dos sanitários. Por último, a organização que se tornou mais fácil de adaptar a praticamente todos os quartos foi a seguinte: o módulo é dividido em duas partes, de um lado o duche pelo interior e armário pelo exterior, voltado para o quarto, do outro lavatório e sanita. Nas situações em que era inevitável o confronto com um vão exterior, o lavatório não criava conflito pelo facto de ser instalado no alinhamento do vão (Figura 160). Além disso, as coretes que foram projetadas a partir do piso térreo resolveriam as questões de abastecimento de água, esgotos e ventilação.

O pavimento existente está em tosco, pois nunca chegou a ser concluído. Propôs-se um revestimento de madeira natural para quase todo o piso, com exceção das zonas de serviços, incluindo as instalações sanitárias dos quartos. Aqui sugeriu-se aplicar placas de granito da região, com pouca espessura. Estes materiais foram escolhidos naturalmente pelas questões de conforto térmico e de tato, no caso da madeira, e higiénicas nas placas de granito. Estas escolhas não provocaram conflitos com o restante do projeto, considerando que se enquadraram bem nos espaços destinados. Nos quartos, o remate do pavimento com a soleira do vão envidraçado, foi desenhado para perceber qual seria a melhor estratégia, tanto em termos de harmonia visual como de funcionalidade (Figura 161). Escolheu-se seguir a direção do restante pavimento, dando-se prioridade ao primeiro critério.

As questões técnicas, como iluminação artificial, ventilação, etc., foram previstas inicialmente no módulo do roupeiro/instalações sanitárias. Porém, considerou-se que talvez resultassem melhor se fossem integrados nas sancas embutidas. Os desenhos à mão levantada serviram para definir se se adotaria esse sistema, e em caso afirmativo, qual a melhor posição (Figura 162). A sanca embutida em toda a volta do quarto estava fora de questão, pois considerou-se que provocaria um conflito na ligação com o módulo das instalações sanitárias.

O tipo de rodapé, ou a inexistência do mesmo, tornou-se de difícil resolução, principalmente nas situações em que haveria descontinuidades, por se pretender



Figura 163: Vista para a ala norte do Solar.

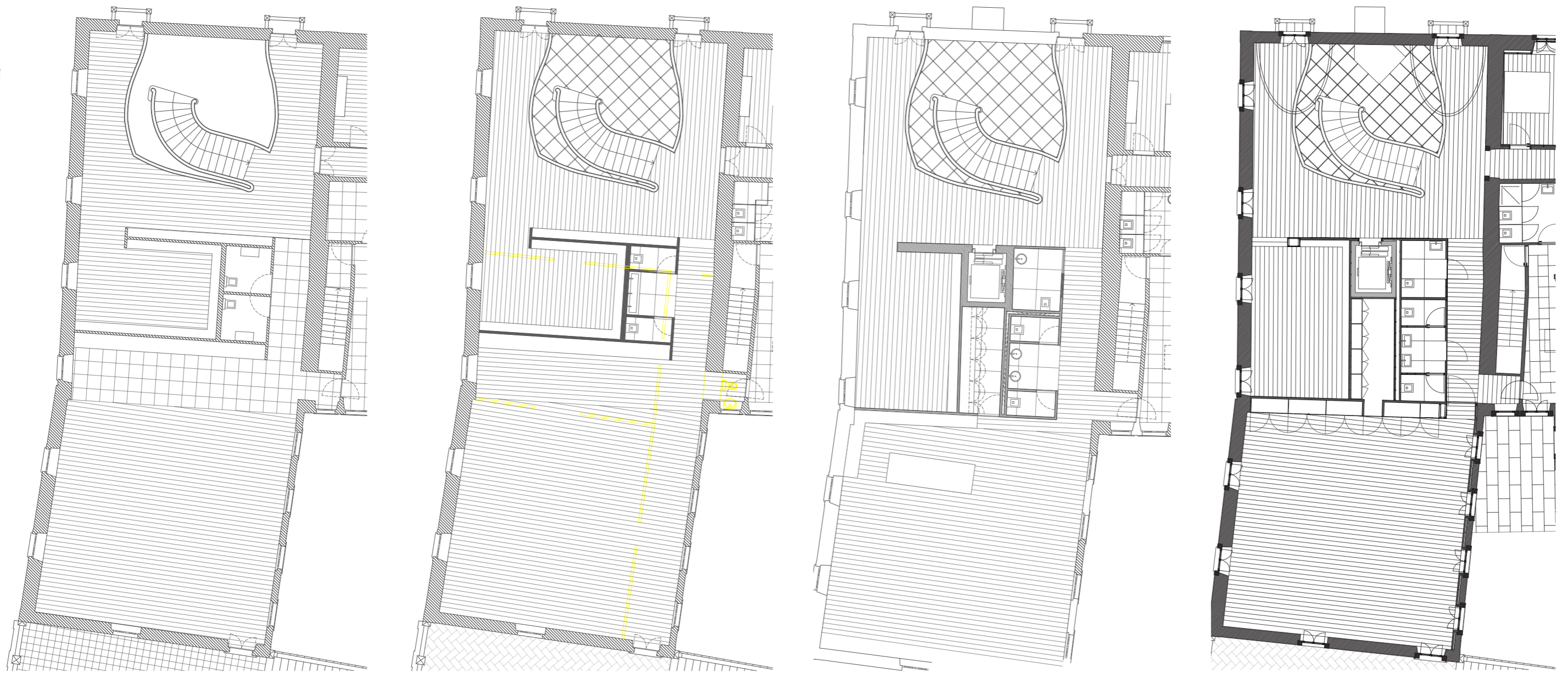


Figura 164: Rigorosos relativos ao desenvolvimento em planta, da ala norte do Solar.

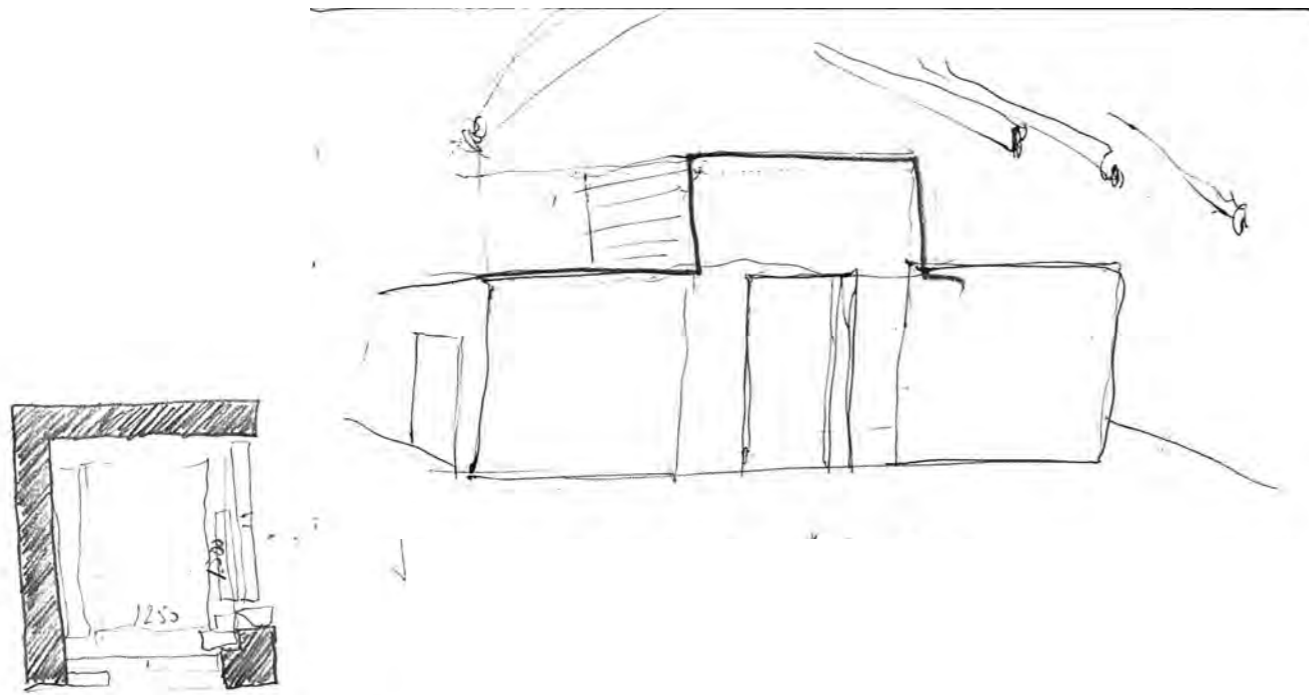


Figura 165: Esquissos da tipologia de elevador e alçado.



Figura 167: Quarto de funcionário no piso 3.

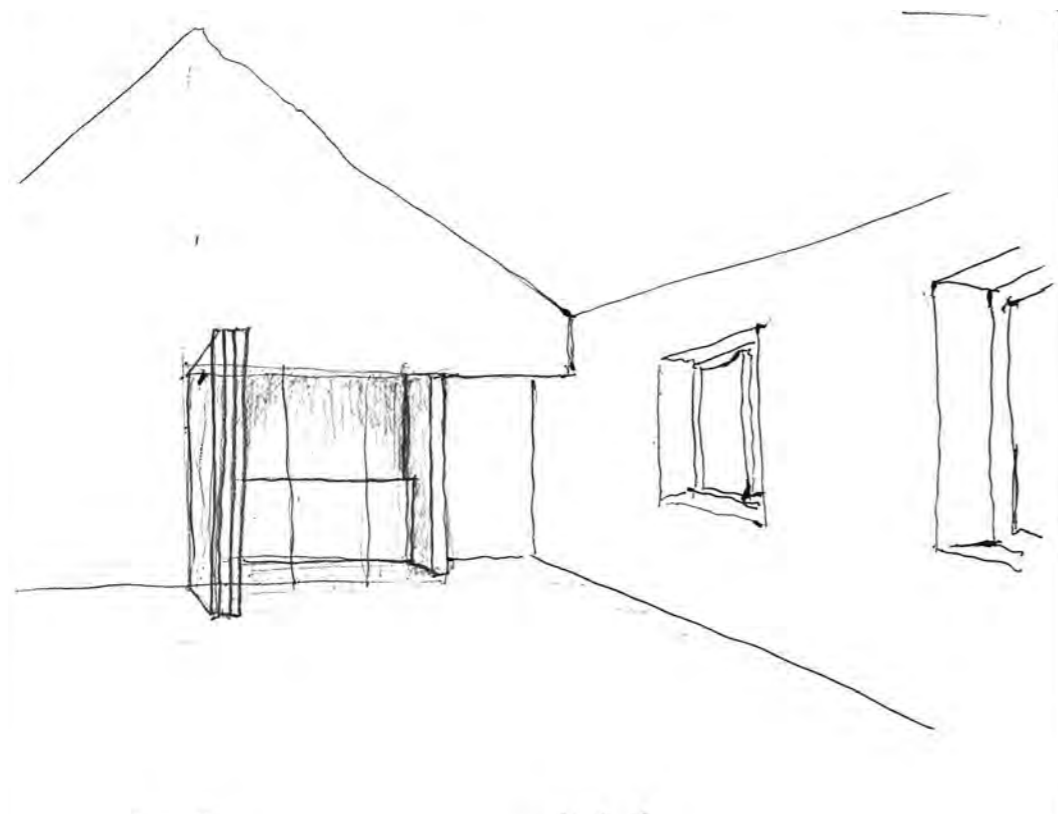


Figura 166: Esquissos da sala de pequenos-almoços, vista para a copa.



Figura 168: Escadas de acesso ao piso 3.

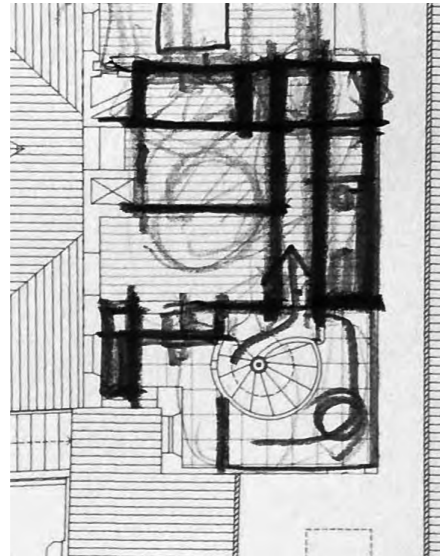


Figura 169: Esquisso do piso 3.

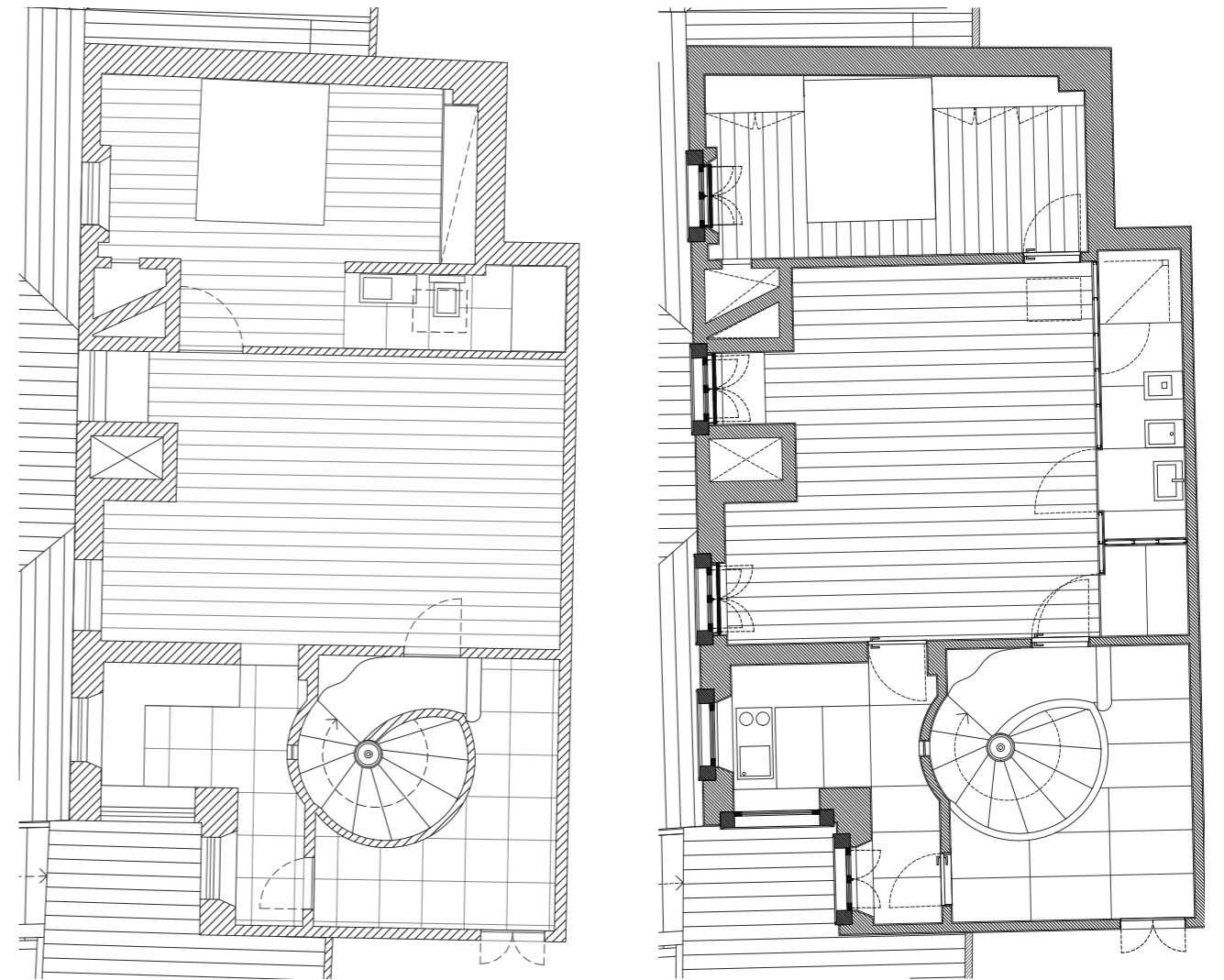


Figura 170: Rigorosos com o desenvolvimento do projeto do piso 3.

manter as cantarias à vista nos vãos. Assim, após estudo dos vários tipos de rodapé, decidiu-se usar o rodapé embutido (Figura 162). Esta decisão foi justificada pelo facto de o mesmo ficar à face com o acabamento final das paredes.

Ainda no mesmo piso, além de pequenas alterações na área de serviços, achou-se adequado alterar a ala norte do Solar, que corresponderia a supostas salas de jogos, se as obras tivessem sido concluídas.

Esta ala, aparentemente, é dividida por paredes de tijolo maciço. Não foi possível verificar todo o espaço além do que a Figura 163 apresenta por questões de segurança. Ficando próxima da cozinha e despensa propostas, considerou-se conveniente e útil utilizar esta zona para refeições. Criou-se um espaço adjacente à sala de refeições como espaço de leitura. Seguindo o conceito dos módulos criados para os quartos, nesta zona, também se criou um que inclui instalações sanitárias, copa limpa e integrou-se a caixa de betão armado do ascensor (Figura 164 e 165). Seguindo uma linha geral de desenvolvimento do projeto, este módulo é o elemento organizador de toda a ala norte do piso 2. Ponderou-se se este elemento deveria ocupar o pé-direito total (Figura 166). Não obstante, optou-se por mantê-lo independente permitindo a visualização da estrutura da cobertura.

Relativamente ao terceiro piso, onde originalmente funcionavam os quartos dos funcionários (Figura 167), foi adaptado para se converter num apartamento para a gerência do hotel. O acesso a este é feito pela escada em caracol, proposta para manter o programa de escada de serviço, de uso exclusivo dos funcionários (Figura 168).

A intervenção neste piso foi pontual, tendo sido proposta a demolição da parede divisória entre dois quartos e abertura de um vão para a antiga instalação sanitária (Figura 169). Como esta era uma divisão de serviço, escolheu-se a mesma para continuar com programa de serviço, a cozinha. Propõe-se que os lavabos mudem de localização, posicionando-os no lado direito da porta de entrada. Esta zona tem um pé-direito mais baixo, mas que é compatível com este programa (Figura 170).

Propõe-se a substituição da estrutura da cobertura, não só por haver necessidade de se isolar superiormente o edifício, mas também devido à ocorrência de várias infiltrações que pareceram danificá-la consideravelmente.

Foram ponderadas as hipóteses de deixar a estrutura à vista pelo interior ou ficar oculta. Esta questão colocou-se apenas na zona da ala norte e entrada do Solar, com pé direito duplo. A ala nascente, com quartos e serviços, é constituída por uma laje de esteira de betão e, por conseguinte, a estrutura da cobertura nunca poderia ficar



Figura 171: Estrutura da cobertura na zona do vestibulo do Solar.

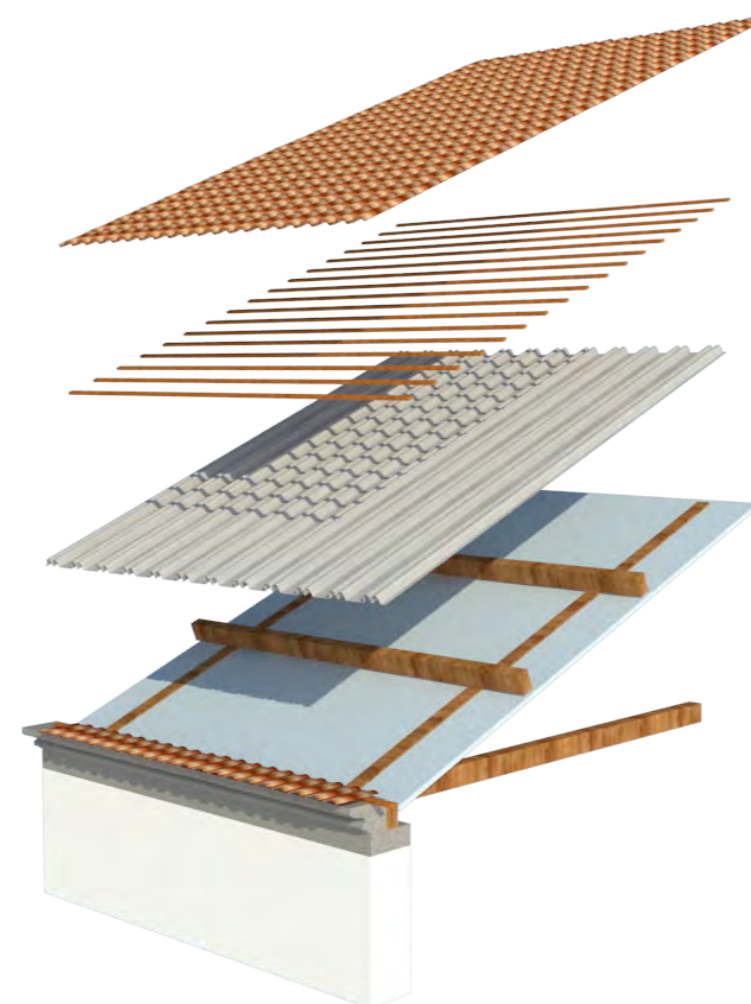


Figura 172: 3D: estudo da estrutura da cobertura.

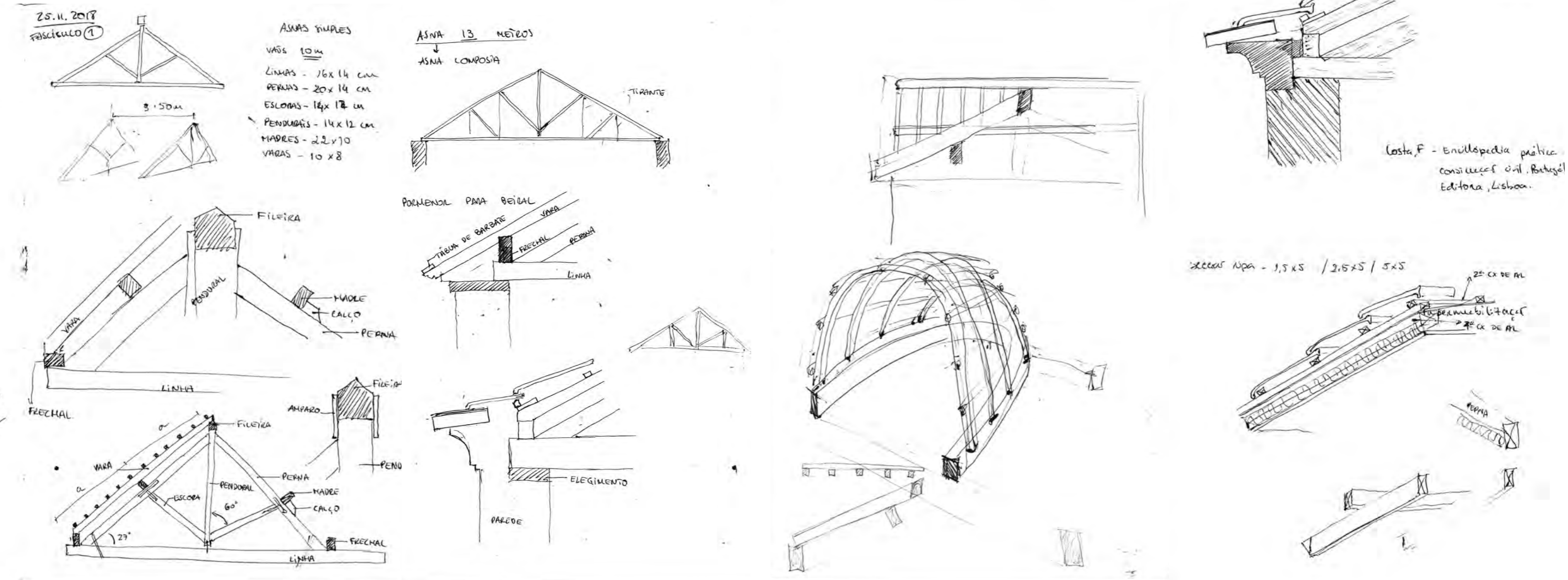


Figura 173: Esquissos de estudo da estrutura da cobertura.

vista. Quanto à ala norte, optou-se por manter conforme o existente, inacabado, estrutura à vista (Figura 171).

Apesar de se propor uma parte à vista e outra que ficará oculta, toda a estrutura teve que ser pensada da mesma forma, pois funciona como elemento único. Para perceber o sistema, recorreu-se à realização de um 3D (Figura 172), desenhos à mão levantada e pesquisa bibliográfica (Figura 173 e 174). Além disso, a participação num *workshop*²⁷ com o tema *Reabilitação de Estruturas de Madeira de Edifícios Antigos*, foi decisiva para a compreensão necessária da estrutura.

Os elementos de isolamento e impermeabilização propostos para adicionar à nova estrutura também vão conferir uma maior espessura. Com este aumento de espessura e consequentemente de altura do telhado, se provocaria um desfaseamento entre o telhado e o beiral, situação esta que se pretendia evitar. Então, a solução encontrada foi rebaixar os centímetros necessários em toda a estrutura da cobertura, evitando uma descontinuidade.

3.3. PROJETO FINAL

O objetivo principal da dissertação apresentada era propor uma estratégia de intervenção para o Solar da família Marrocos que respondesse às exigências do REVIVE. Assim, sugeriu-se a reabilitação da Casa Nobre como espaço que irá responder a esta questão, transformando-a num hotel rural de três estrelas. Esta unidade oferecerá várias opções que se enquadraram na tipologia existente. As unidades de alojamento vão desde uma moradia adaptada a pessoas com mobilidade reduzida, a estúdios e quartos duplos.

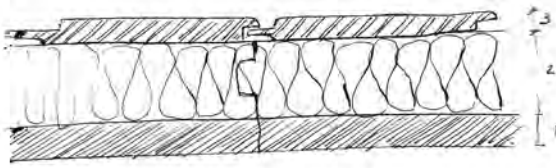
Ainda que a intervenção no Solar tenha sido a base do trabalho, houve também outros objetivos que se pretendiam ver atingidos, como o de relacionar o Solar com a envolvente e a dinamização da aldeia. Ambos estão relacionados e são indissociáveis.

Sendo o edifício existente encerrado sobre si próprio, criaram-se oportunidades para o abrir à aldeia, com duas aberturas pontuais do complexo. A principal, a sul, criando um eixo de ligação entre a entrada na aldeia e a Sé Catedral, outra abertura secundária, a poente, entre o Centro Interpretativo proposto e o

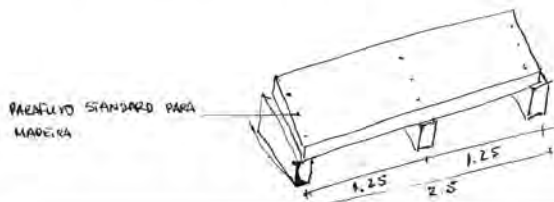
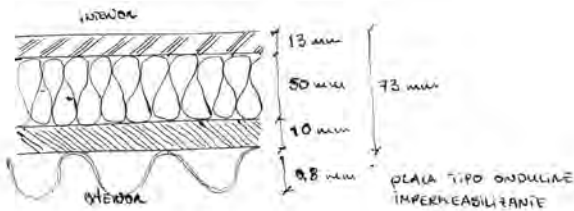
²⁷ Realizado a 27 de Fevereiro de 2019, organizado pela APRUPP (Associação Portuguesa para a Reabilitação Urbana e Proteção do Património) em parceria com o ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

PAINEL SANDWICH EM MADEIRA

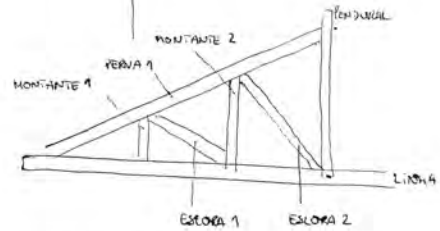
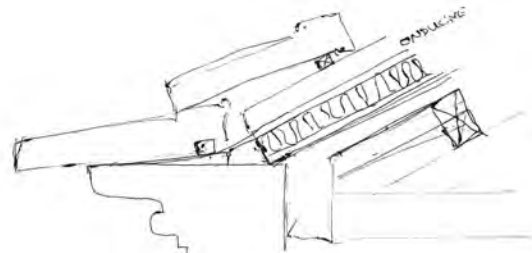
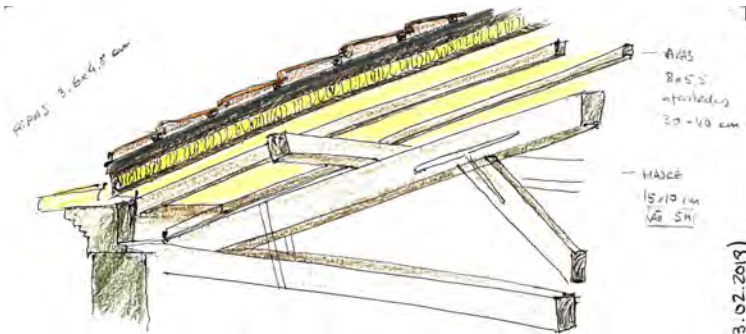
pt. Onduline - com 23.02.2019



1. AGLOMERADO HIDROFÍLICO (10, 16 ou 19 mm)
2. NÚCLEO DE ISOLAMENTO TÉRMICO EM POLIESTIRENO EXPANDIDO (40, 50, 60, 80, 100, 120, 140, 160 mm)
3. ACABAMENTO VÁRIOS
 - TÁBUAS MACIAS DE ABEIJO (MACHO-FEMEA) TIPO FOALÓ 4/13 mm (10 mm)
 - GESSO CARTONADO (13 mm)
 - CIMENTO MADEIRA (10 mm)
 - AGLOMERADO DE PARTÍCULAS DE MADEIRA (OSB - 10 mm)
 - AGLOMERADO HIDROFÍLICO (10 mm)



PAQUETO STANDARD PARA MADEIRA



- | | |
|------------------------|---------------------------|
| PERNURA - 21 x 9.50 cm | MONTANTE 1 - 11.75 x 8.75 |
| LINHA - 22 x 9.70 cm | MONTANTE 2 - 15 x 9.50 |
| PERNA 1 - 19.50 x 9.70 | ESLOA 1 - 15 x 9.0 |
| PERNA 2 - 19.50 x 9.70 | ESLOA 2 - 17.50 x 9.60 |

(23.02.2019)

BASTOS, JOÃO MIGUEL (2011). ALGUMAS TRADIÇÕES DA MADEIRA: CASCENTENHAS E REFORÇO. UNIVERSIDADE DE AVEIRO

Figura 174: Esquissos de estudo da estrutura da cobertura.

restaurante. Com estas aberturas, pretendeu-se converter uma parte do artigo em espaço público, acessível e usufruível por qualquer pessoa que visite Idanha-a-Velha.

O facto de se incluir no programa um restaurante e um Centro Interpretativo de Idanha-a-Velha, perspectiva uma maior promoção e dinamização da aldeia tendo em conta as suas necessidades.

A estratégia da proposta de intervenção poderá resumir-se da seguinte forma: reabilitar para habilitar o existente a novas funções, critérios de conforto e comodidade; utilizar materiais da região e técnicas construtivas semelhantes de forma a criar uma continuidade e unidade na proposta; construir o mínimo necessário para responder aos programas.

Tal como nos casos de estudo apresentados, não se pretende alterar o edificado a um ponto que não se perceba o que é o existente e o novo. Deseja-se permitir que a história permaneça e seja legível no edificado, apesar de se continuar a usar e construir sobre ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Idanha-a-Velha encontra-se subvalorizada em termos de serviços disponibilizados aos visitantes. Tendo em conta que em média tem 200 visitantes por dia, não possui serviços adequados que promovam a sua permanência na aldeia. Atualmente, Idanha-a-Velha é um local de passagem. O facto de se gerarem programas diferentes que atraiam mais visitantes pode revelar-se uma boa estratégia para igualmente fixar mais habitantes residentes. Esta dinamização é desejável para a região.

A proposta de intervenção no Solar da família Marrocos tinha o propósito de melhorar a relação entre complexo e Idanha-a-Velha. Esta relação não funciona se se tratar o Solar como elemento independente do contexto onde se encontra implantado. O programa REVIVE incentiva esse isolamento ao querer propor que todo o Solar seja afeto a um empreendimento turístico de quatro estrelas. Dificultando a possível relação entre o edificado e contexto e limitando o programa fomentado. Como mencionado, seria importante criar programas diferentes.

A integração que se procurou fazer, pretende dar resposta não só ao programa REVIVE, como ser uma crítica deste. Crítica no sentido que se considera limitador dedicar o complexo apenas a programa de hotel. Além disso, poderá tornar-se ainda mais restritivo o facto de ser de quatro estrelas, o que implica um maior investimento na estadia. O programa proposto pelo REVIVE para Hotel do Templo possibilita a permanência de aproximadamente 90 pessoas. Pelo número médio de visitantes, julga-se que será um investimento sobrevalorizado e poderá não corresponder às expectativas. Seria interessante fazer um estudo mais aprofundado do tipo de pessoas que visitam Idanha-a-Velha, de forma a criar um programa mais realístico, tendo em conta a estrutura social, cultural e financeira dos possíveis utentes da unidade hoteleira.

A proposta de intervenção que se apresenta, pretende responder às várias questões. Estabeleceu-se programa diversificado com o intuito de atrair visitantes e habitantes. Do mesmo modo, teve-se como objetivo dinamizar a aldeia por meio do Solar. A questão programática ajudou a definir espaço público e privado, criando permeabilidades que eram inexistentes.

Como hotel rural, o programa proposto para a Casa Nobre oferecerá alojamento a um número bastante reduzido de utentes, limitado a aproximadamente 38 pessoas. A oferta é consideravelmente mais baixa do que o planeado pelo REVIVE. Sendo de três estrelas, possivelmente promove e facilita o alojamento por parte de qualquer pessoa.

Os critérios de intervenção foram sendo implicitamente selecionados com base nos casos de estudos apresentados, e também influenciados por outras obras, que

foram mencionadas apesar de não lhes ter sido dado o destaque merecido. É natural que, sendo apenas uma proposta de intervenção relativamente a programa e arquitetura, não abranja determinados problemas de ordem estrutural ou outra. Porém, este tipo de lacunas só poderia ser colmatado com uma equipa técnica adequada.

Em síntese, a proposta de intervenção apresentada teve como objetivo global a valorização do património construído e imaterial, e a dinamização de Idanha-a-Velha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Fernando de (1957). *Relatório sobre os trabalhos da III campanha de escavações arqueológicas em Idanha-a-Velha*. Processo geral de assuntos que se relacionam com Idanha-a-Velha, principalmente os que dizem respeito às escavações levadas a efeito pelo Dr. D. Fernando de Almeida, Idanha-a-Velha. Obtido em Novembro de 2017, de:
www.monumentos.gov.pt
- Almeida, Fernando de (1988). *Ruínas de Idanha-a-Velha: Civitas Igaeditanorum Egítânea*. Lisboa: Mirandela e C^a (irmão).
- Antunes, Alfredo da Mata (1961/1988). *Arquitetura Popular em Portugal* (3^a ed., Vols. II: Zona 3: Beiras, Zona 4: Estremadura). Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.
- Architects, David Chipperfield (2015). *Projects: Neues Museum*. Obtido em Abril de 2019, de David Chipperfield Architects:
https://davidchipperfield.com/project/neues_museum
- Architects, David Chipperfield e Höfer, Candida (2009). *Neues Museum Berlin by David Chipperfield Architects in collab. with Julian Harrap*. Colônia: Buchhandlung Walther König GmbH & Co. Kg. Abt. Verlag.
- Associação de Desenvolvimento Turístico Aldeias Históricas de Portugal. (2015). *Aldeias Históricas de Portugal*. Obtido em 10 de Novembro de 2017, de: <http://www.aldeiahistoricasdeportugal.com/>
- Atelier15 (2002). Notas sobre a intervenção em Idanha-a-Velha. *Património/Estudos n.º2*, pp. 164-181.
- Baptista, Fernando Oliveira (1994). A agricultura e a questão da terra - do Estado Novo à Comunidade Europeia. *Análise Social, XXIX*, pp. 907-921.
- Baptista, Joaquim (1998). *Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha*. Vila Velha de Ródão: Associação de Estudos do Alto Tejo.
- Barata, Maria Filomena (2004). Os centros históricos e os seus territórios: uma reflexão. *8ª Mesa-redonda de Primavera: conservar para quê?* (pp. 275-281). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Câmara Municipal de Idanha-a-Nova (2018). *Casa do Arqueólogo é o novo alojamento de Idanha-a-Velha*. Obtido em Abril de 2019, de [idanha.pt](http://idanha.pt/media/noticias/2018/casa-do-arqueologo-%C3%B3logo-%C3%A9-o-novo-alojamento-de-idanha-a-velha/#):
<http://idanha.pt/media/noticias/2018/casa-do-arqueologo-%C3%B3logo-%C3%A9-o-novo-alojamento-de-idanha-a-velha/#>

- Câmara Municipal de Idanha-a-Nova (2019). *Área de Reabilitação Urbana de Idanha-a-Velha*. Obtido em Abril de 2019, de Município de Idanha-a-Nova: http://www.cm-idanhanova.pt/media/311567/Delimita%C3%A7%C3%A3o%20da%20ARU%20de%20Idanha-a-Velha_Vfinal.pdf
- Capitel, Antón (1992). *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*. Madrid: Alianza Ed.
- Carta de Lisboa sobre a Reabilitação Urbana Integrada (1995). *1º Encontro Luso-Brasileiro de Reabilitação Urbana Lisboa*. Lisboa. Obtido em Abril de 2019, de Cultura Norte: <http://culturante.pt/documentos-e-multimedia/cartas-e-convencoes/>
- Carvalho, Pedro (2009). O Forum dos Igaeditani e os primeiros tempos da Civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Portugal). *Artigo Científico*, 115-131. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.
- Carvalho, Pedro (2013). Construções em Terra da Época Augustana na Capital da Civitas Igaeditanorum (Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova, Portugal). (pp. 138-146). Coimbra: Centro de Estudos Arqueológicos da Universidade de Coimbra. Obtido em 23 de Outubro de 2017, de: <http://hdl.handle.net/10316.2/9150>
- Castro, José Osório da Gama e (1902). *Diocese e districto da Guarda: serie de apontamentos históricos e tradicionaes sobre as suas antiguidades, algumas observações respeitantes à actualidade e notas referentes à cathedral egitaniense e respectivos prelados*. Porto: Typographia Universal. Obtido em Abril de 2019, de: <https://archive.org/details/diocesedistrict00cast/page/n7>
- Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (2017). *Bienal de Coimbra ano zero'17*. Obtido em Abril de 2019, de Bienal de Arte Contemporanea de Coimbra: <http://2017.anozero-bienaldecoimbra.pt/curar-e-reparar-o-construido/>
- Choay, Françoise (2001). *A Alegoria do Património*. (L. V. Machado, Trad.) São Paulo: Editora Liberdade: Editora UNESP.
- Conceição, Margarida (1993). *Pelourinho de Idanha-a-Velha*. Obtido em Abril de 2019, de Sistema de Informação para o Património Arquitetónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=565

- Conceição, Margarida e Costa, Marisa (2010). *Catedral de Idanha-a-Velha*. Obtido em Abril de 2019, de Sistema de Informação para o Património Arquitetónico:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5882
- Conselho da Europa (1975). Carta Europeia do Património Arquitetónico. *Congresso sobre o património arquitetónico europeu*. Amsterdão. Obtido em Abril de 2019, de:
<http://culturante.gov.pt/pt/documentos-e-multimedia/cartas-e-convencoes/>
- Conselho da Europa (1989). Recomendação n.ºR (89) 6 sobre Proteção e a Valorização do Património Arquitetónico Rural. *Comité de Ministros de 13 Abril de 1989*. Estrasburgo. Obtido em Abril de 2019, de:
<http://culturante.gov.pt/pt/documentos-e-multimedia/cartas-e-convencoes/>
- Correia, Luís Miguel (2017). *Departamento de Arquitectura - Seminário de Investigação em Arquitectura*. Obtido em Setembro de 2017, de Universidade de Coimbra:
http://www.uc.pt/fctuc/darq/ensino/mestrado_integrado_arquitetura/plano_de_estudos_15_16/seminario_investigacao_arq/tema_luis_correia_17_18
- Costa, Alexandre Alves (2008). Algumas intervenções em Idanha-a-Velha. *Seminário Internacional de Arquitectura e Arqueologia: Interpretar a Ruína, contribuições entre campos disciplinares*. (pp. 77-207). Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Cristóvão, José (2002). *A aldeia histórica de Idanha-a-Velha: guia para uma visita*. Idanha-a-Velha: Câmara Municipal.
- Decreto Lei n.º 23122 de 11 de Outubro de 1933, *I Série - n.º231*. Ministério da Instrução Pública - Direcção Gral do Ensino Superior e das Belas Artes.
- Decreto Lei n.º 40684, *I Série - n.º146* de 13 de Julho de 1956. Ministério da Educação Nacional - Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes.
- Decreto Lei n.º 67/97, *Série I-B - n.º301* de 31 de Dezembro de 1997. Ministério da Cultura.
- Despacho normativo n.º2/95, Série I-B de 11 de Janeiro de 1995. Presidência do Conselho de Ministros e Ministérios das Finanças, do Planeamento e da Administração do Território, das Obras Públicas, Transportes e Comunicações e do Comércio e Turismo).

- Diário Digital Castelo Branco. (2 de Fevereiro de 2017). *Diário Digital Castelo Branco*. Obtido em 12 de Novembro de 2017, de Idanha-a-Nova: Ministro considera Casa Marrocos um imóvel "muito especial".: <https://diariodigitalcastelobranco.pt/detalhe.php?id=41231>
- Diogo, Cláudia (Outubro de 2010). *A Reforma Agrária em Idanha-a-Nova*. Instituto Universitário de Lisboa, Departamento de Antropologia. Lisboa: ISCTE.
- Fernandes, José Manuel (2005). A interpretação das pedras. Em J. M. Fernandes, *Arquitectura Portuguesa: temas actuais II* (p. 147). Lisboa: Edições Cotovia, Lda.
- Fernandes, Paulo Almeida (Março de 2000). A propósito de uma nota inédita de Fernando de Almeida: O primeiro restauro da mesquita-catedral de Idanha-a-Velha. *Revista Raia*, pp. 42-47. Obtido em Abril de 2019, de https://www.academia.edu/310548/O_primeiro_restauro_da_mesquita-catedral_de_Idanha-a-Velha
- Fernandez, Sérgio (2014). *Atelier 15: Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez*. Lisboa: Uzina Books.
- Ferreira, Pedro Navega (Junho de 2011). *Programa de recuperação de aldeias históricas em Portugal: um balanço*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Fundação do Património Cultural da Prússia (2019). *Buildings: Neues Museum*. Obtido em Maio de 2019, de Masterplan Museumsinsel: a projection into the future: <https://www.museumsinsel-berlin.de/en/buildings/neues-museum/>
- Gazzola, P., Lemaire, R., Bassegoda-Nonell, J., Benavente, L., Boskovic, D., Daifuku, H., . . . Zbiss, M. (1964). Carta de Veneza. *II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos*. Veneza.
- Harrap, Julian (2009). Freezing the Ruin. Em D. C. Architects, *Neues Museum Berlin* (pp. 121-144). Colónia: David Chipperfield Architects, Candida Höfer, authors and Verlag der Buchhandlung König.
- ICOMOS. (1999). Carta sobre o Património Construído Vernáculo. *12ª Assembleia Geral do Conselho Internacional dos Monumentos e dos Sítios*. México. Obtido em Abril de 2019, de: <http://culturanorte.gov.pt/pt/documentos-e-multimedia/cartas-e-convencoes/>
- Instituto Nacional de Estatística (2012). *Censos 2011 Resultados Definitivos - Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P. Obtido de: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_cens

os_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=156644
135&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

- Instituto Português Arqueológico (1993). *Património arquitetónico e arqueológico classificado: inventário*. Lisboa: IPPAR.
- Instituto Português do Turismo de Portugal. (2016). *REVIVE*. Obtido em 25 de Setembro de 2017, de Reabilitação, Património e Turismo: <http://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt>
- Lino, Raul (1992). *Casas Portuguesas: alguns apontamentos sobre o architectar das casas simples* (9ª ed.). Lisboa: Herdeiros de Raul Lino e Edições Cotovia, Lda.
- Lobo, Susana Luísa Mexia (2012). *Arquitectura e Turismo: Planos e Projectos. As cenografias do lazer na costa portuguesa, da 1ª República à democracia*. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Lopes, Flávio e Correia, Miguel Brito (2004). *Património arquitetónico e arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*. . Lisboa: Livros Horizonte.
- Luso, Eduarda, Lourenço, Paulo e Almeida, Manuela (2004). Breve história da teoria da conservação e do restauro. *Revista de Engenharia Civil*, pp. 31-44. Obtido em Abril de 2019, de: <http://www.civil.uminho.pt/revista/revistas?page=8>
- Mantas, Vasco Gil (2009). Ammaia e Civitas Igaeditanorum. Dois espaços forenses lusitanos. Em T. N. Basarrate, *Ciudad y foro en Lusitania Romana*. (pp. 167-188). Mérida: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida. Obtido em Novembro de 2017, de <http://hdl.handle.net/10316/13498>
- Marrocos, António Capêlo Manzarra (1936). *Trabalho prático de Geografia Humana sobre Idanha-a-Velha (antiga Egitânea)*. Famalicão: Tipografia Minerva.
- Melucco, A., De Naeyer, A., Kadluczka, A., Michalowski, A., Cristinelli, G., Stovel, H., . . . Kobilinski, Z. (2000). Carta de Cracóvia: Princípio para a conservação e o restauro do património construído. *Conferência Internacional sobre Conservação «Cracóvia 2000»*. Cracóvia. Obtido em Abril de 2019, de: <http://culturanorte.gov.pt/pt/documentos-e-multimedia/cartas-e-convencoes/>
- Ministério das Obras Públicas / Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (MOP/DGEMN) (1964). *Memória: Antiga Catedral de Idanha-a-Velha. Obras de restauro*. Coimbra: MOP/DGEMN. Obtido em Maio de 2019, de:

http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5882

- NESDE. (Abril de 2005). *Evolução das Tipologias Construtivas em Portugal*. Obtido em Abril de 2019, de Núcleo de Engenharia Sísmica e Dinâmica de Estruturas:
http://www-ext.lnec.pt/LNEC/DE/NESDE/divulgacao/evol_tipol.html
- Neto, Maria João Baptista (2001). *Memória, Propaganda e Poder: O restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- Neves, Vítor Pereira (1996). *As aldeias históricas de Monsanto e Idanha-a-Velha, Castelo-Novo e Penha-Garcia* (2ª ed.rev. e aumentada ed.). Alpiarça: Garrido Artes Gráficas.
- Noé, Paula (2016). *Muralhas e Torre de Menagem de Idanha-a-Velha*. Obtido em Abril de 2019, de Sistema de Informação para o Património Arquitetónico:
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=9319
- Pato, Maria Lúcia de Jesus (2012). *Dinâmicas do Turismo Rural - Impactos em termos de Desenvolvimento Rural. Tese de Doutoramento em Turismo*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Pereira, Esteves e Rodrigues, Guilherme (1907). *Portugal: dicionário histórico, chorográfico, heraldico, biográfico, bibliográfico, numismático e artístico*. (Vol. III). Lisboa: João Romano Torres & Cª. Obtido em Abril de 2019, de <https://archive.org/details/portugaldicciona03pere/page/n5>
- Pinto, Cristina (17 de Setembro de 2018). *Encontro de Arquitetura Escola de Coimbra*. Obtido em Abril de 2019, de Notícias UC:
<http://noticias.uc.pt/universo-uc/encontro-de-arquitetura-escola-de-coimbra/#!prettyPhoto>
- Portaria n.º 776/75 de 27 de Dezembro de 1975. Ministério da Agricultura e Pescas . Lisboa.
- Ramos, Isabel Sánchez e Pablos, Jorge Morín de (2017). *El grupo episcopal de Egíptana (Idanha-a-Velha, Portugal). Su comprensión a través de la práctica de una arqueología no invasiva*. Madrid: Auditores de Energía y Medio Ambiente, S.A.
- Ramos, Isabel Sánchez e Pablos, Jorge Morín de (2013). *Un nuovo approccio archeologico al gruppo episcopale di Egítania nella Tarda antichità (Idanha-a-Velha, Portogallo). XVI CIAC, Costantino e i Costantinidi: l'innovazione costantiniana, le sue radici e i suoi sviluppi*. Roma.

- Regulamento do Plano Director Municipal de Idanha-a-Nova, *I Série-B - n.º140* (Resolução do Conselho de Ministros n.º43/94 20 de Junho de 1994).
- REVIVE. (2019). *Casa de Marrocos - Caderno de Encargos*. Obtido em Abril de 2019, de REVIVE, Reabilitação, Património e Turismo:
https://revive.turismodeportugal.pt/sites/default/files/casa_marrocos_00_CADERNO_ENCARGOS.pdf
- Ruskin, John (1849/1987). *Las siete lámparas de la arquitectura*. Barcelona: Stylos.
- Rykwert, Joseph (2009). The Museum Rejuvenated. Em D. C. Architects, & J. Harrap, *Neues Museum Berlin* (pp. 25-36). Colónia: David Chipperfield Architects, Candida Höfer authors and Verlag der Buchhandlung Walther König .
- Serviço Internacional de Museus (1931). Carta de Atenas. *Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos*. Atenas. Obtido em Abril de 2019, de:
<http://culturanorte.gov.pt/pt/documentos-e-multimedia/cartas-e-convencoes/>
- s.n. (15 de Outubro de 1962). Requerimento: Obras de restauro na antiga Catedral de Idanha-a-Velha. s.l.: Direção dos Serviços dos Monumentos Nacionais. Obtido em Maio de 2019, de
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5882

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1: Chegada a Idanha-a-Velha por Sudoeste, Monsanto ao fundo.
- Figura 2: Alçado principal do Solar de Marrocos.
- Figura 3: Alçado posterior da Casa Nobre (poente), vista a partir das dependências agrícolas.
- Figura 4: Mapa de Portugal com localização das aldeias históricas (desenho do autor, com base no GoogleMaps).
- Figura 5: Muro de vedação do Solar a Sul confrontando com as ruínas romanas e Sé Catedral.
- Figura 6: Planta geral de Idanha-a-Velha.
- Figura 7: Alçado Lateral Direito do Solar (Norte) (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).
- Figura 8: Maquete de Idanha-a-Velha (escala 1:500). Pormenor.
- Figura 9: Maquete de Idanha-a-Velha (escala 1:500).
- Figura 10: Cartaz do Ciclo de Conferências de Arquitetura, ano zero'17 (Coimbra, 2017).
- Figura 11: Zona da escadaria destruído durante a guerra (à esquerda) e após a reconstrução da década de 90 (à direita) (Architects, Projects: Neues Museum, 2015).
- Figura 12: Zona da escadaria (à esquerda), detalhe do revestimento de uma parede (à direita), no Neues Museum, Berlim (fotografias da autora).
- Figura 13: Cartaz Encontro de Arquitetura, Escola de Coimbra (Pinto, 2018).
- Figura 14: Dependências no Pátio do Trabalho.
- Figura 15: Dependências no Pátio dos Animais.
- Figura 16: Vista para as dependências a partir da varanda do Solar a Poente.
- Figura 17: Entrada principal de Idanha-a-Velha. Ao fundo o muro de vedação e entrada para dependências agrícolas do Solar.
- Figura 18: Sé Catedral e Solar de Marrocos em 1961 (Conceição & Costa, 2010).
- Figura 19: Localização de Idanha-a-Velha (Direção Geral do Território, 2015).
- Figura 20: Planta geral de Idanha-a-Velha. Implantação do Solar.

Figura 21: Hipótese de planta de *Civitas Igaeditanorum* e sua grelha romana (Ramos e Pablos, 2017).

Figura 22: Reconstituição do conjunto cristão de Idanha por volta do século VI (Ramos e Pablos, 2017).

Figura 23: Escavações arqueológicas (1961) junto da Sé Catedral, anterior propriedade da família de Marrocos (Conceição e Costa, 2010).

Figura 24: Intervenções em Idanha-a-Velha, realizadas no seguimento do programa das Aldeias Históricas de Portugal: percurso na muralha.

Figura 25: Intervenções em Idanha-a-Velha, realizadas no seguimento do programa das Aldeias Históricas de Portugal: reabilitação da Sé Catedral e sua envolvente.

Figura 26: Vistas a partir do Largo da Igreja, com pré existência na área do Solar e após a construção do mesmo (Conceição, Pelourinho de Idanha-a-Velha, 1993).

Figura 27: Vistas a partir da frente da Sé Catedral, com pré existência na área do Solar e após a construção do mesmo (Conceição e Costa, 2010).

Figura 28: Alçado posterior da Casa Nobre vista das dependências agrícolas.

Figura 29: Alçado posterior da Casa Nobre. Detalhe da escadaria de serviço.

Figura 30: Varanda envidraçada no alçado lateral esquerdo (Sul).

Figura 31: Escadaria interior na entrada principal.

Figura 32: Vacarias e detalhe da pia do cortelho.

Figura 33 : Detalhe de parede exterior da Casa Nobre.

Figura 34: Escadaria exterior.

Figura 35: Arrumos de alfaias agrícolas.

Figura 36: Detalhe do pavimento de cargas e descargas em granito.

Figura 37: Portão de passagem entre pátio da casa nobre e pátio do trabalho.

Figura 38: Portão de passagem entre pátio da casa nobre e pátio dos animais.

Figura 39: Portão de passagem entre pátio do trabalho e pátio dos animais.

Figura 40: Programa do conjunto pertencente ao Solar.

Figura 41: Pátio dos animais e suas dependências.

Figura 42: Cortes da proposta para Hotel do Templo (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

Figura 43: Planta piso 0 da proposta para Hotel do Templo (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

Figura 44: Planta piso 1 da proposta para Hotel do Templo (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

Figura 44: Planta piso 1 da proposta para Hotel do Templo (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

Figura 45: Planta piso 2 da proposta para Hotel do Templo (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

Figura 46: Planta piso 3 da proposta para Hotel do Templo (Instituto Português do Turismo de Portugal, 2016).

Figura 47: Intervenção do Atelier 15 na porta e muralha romana em Idanha-a-Velha. Antes (1994) e depois (2004) (Noé, 2016).

Figura 48: Intervenção da DGEMN, década de 60, na Sé Catedral com o Solar de Marrocos ao fundo (Conceição e Costa, 2010).

Figura 49: Solar de Marrocos e seu contexto, visto a partir das proximidades da torre de menagem.

Figura 50: Intervenção do Atelier 15 em Idanha-a-Velha. Reconstrução do Lagar de Varas e construção do arquivo epigráfico.

Figura 51: Alçado posterior da Sé Catedral, 1957 (Conceição e Costa, 2010).

Figura 52: Alçado principal da Sé Catedral, 1959 (Conceição e Costa, 2010).

Figura 53: Interior da Sé Catedral, 1959 (Conceição e Costa, 2010).

Figura 54: Planta e cortes da Sé Catedral. DGEMN, 1962 (Conceição e Costa, 2010).

Figura 55: Alçado lateral esquerdo da Sé Catedral, após obras de restauro da DGEMN, 1964 (Conceição e Costa, 2010).

Figura 56: Alçado principal e batistério, após obras de restauro da DGEMN, 1964 (Conceição e Costa, 2010).

Figura 57: Alçado poente da Sé Catedral e envolvente, 2017.

Figura 58: Plantas e cortes da Sé Catedral, Atelier15 (Ferreira, 2011).

Figura 59: Alçado posterior (Norte) e relação com envolvente, 2017.

Figura 60: Alçado principal e batistério, 2017.

Figura 61: Interior da Sé Catedral orientada para a fachada principal [Fotografia de Rute Antunes, 2009] (Conceição e Costa, 2010).

Figura 62: Arranjos exteriores na posterior da Sé Catedral e batistério, 2017.

Figura 63: Escadaria do vestíbulo original (David Chipperfield Architects, 2015).

Figura 64: Escadaria do vestíbulo em ruína (David Chipperfield Architects, 2015).

Figura 65: Neues Museum em ruína (David Chipperfield Architects, 2015).

Figura 66: Escadaria do vestíbulo do Neues Museum.

Figura 67: Espaços interiores do Neues Museum. Detalhes de revestimentos existentes e novos.

Figura 68: Delimitação da zona classificada (Decreto-lei n.º67/97 de 31 de Dezembro de 1997).

Figura 69: Programa do Solar de Marrocos.

Figura 70: Percurso pedonal no contexto imediato do Solar de Marrocos.

Figura 71: Espaço de distribuição dos quartos.

Figura 72: Zona do coruchéu.

Figura 73: Coruchéu.

Figura 74: Garagem e serviços.

Figura 75: Instalação sanitária dos funcionários internos.

Figura 76: Sala de jantar.

Figura 77: Alojamentos de aves.

Figura 78: Zona de arrumos, cozinha e gerador.

Figura 79: Alojamento dos pavões.

Figura 80: Alpendre no pátio dos animais.

Figura 81: Interior das vacarias.

Figura 82: Pátio do trabalho. Vacarias e arrumos das alfaias agrícolas.

Figura 83: Detalhe do interior dos arrumos das alfaias agrícolas.

Figura 84: Porta Norte (Noé, 2016).

Figura 85: Propriedade com oliveiras, interior das muralhas. Porta Norte.

Figura 86: Esquisso do eixo definidor de programa e do percurso alternativo. Discussão com Professor Luís Miguel.

Figura 87: Esquissos do percurso.

Figura 88: Esquissos dos alinhamentos percurso. Debate com Prof. Luís Miguel.

Figura 89: Esquissos do percurso. Perspetiva do acesso.

Figura 90: Esquissos de estudo de novo percurso.

Figura 91: Desenho rigoroso de um estudo do novo percurso com parque infantil.

Figura 92: Desenho rigoroso de um estudo com espelho de água e parque infantil.

Figura 93: Desenho rigoroso de um estudo com espelho de água.

Figura 94: Desenho rigoroso da proposta final do percurso.

Figura 95: Maquete com eixo que une programa e aldeia.

Figura 96: Esquisso do eixo de ligação do programa e espaço público-privado.

Figura 97: Esquisso da junção do eixo criado com o percurso em torno da Sé Catedral. Discussão Com Prof. Luís Miguel.

Figura 98: Alinhamentos da plataforma de acesso à Sé Catedral.

Figura 99: Fotomontagem da ligação do eixo ao percurso em torno da Sé Catedral.

Figura 100: Esquissos da abertura eixo-percurso da Sé Catedral.

Figura 101: Vista sobre os arrumos das alfaias agrícolas.

Figura 102: Esquissos e desenhos rigorosos do restaurante.

Figura 103: Esquissos do restaurante (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 104: Esquissos da construção nova no restaurante (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 105: Espaço onde se ferrava o gado. Pavimento e lambrim em granito.

Figura 106: Esquissos das aberturas de vãos no restaurante.

Figura 107: Esquissos da nova volumetria a adicionar ao restaurante.

Figura 108: Esquissos do restaurante.

Figura 109: Ilustração da possível relação de volumetrias do restaurante.

Figura 110: Esquissos dos alçados a nascente do restaurante.

Figura 111: Esquissos de soluções para ocultar as valetas dos pátios.

Figura 112: Pátio dos animais.

Figura 113: Esquissos relativos ao CIIV e zona de banhos (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 114: Fotomontagem de um estudo relativo aos materiais a utilizar.

Figura 115: Maquete de estudo.. Centro Interpretativo de Idanha-a-Velha.

Figura 116: Ilustração do alpendre encerrado.

Figura 117: Esquissos do encerramento do alpendre.

Figura 118: Fotomontagem do alpendre encerrado.

Figura 119: Esquissos da zona dos banhos e instalação sanitária.

Figura 120: Esquissos dos cortes e entrada de luz natural nos banhos.

Figura 121: Ilustração da entrada de luz natural.

Figura 122: Esquissos e rigoroso da nova volumetria.

Figura 123: Esquissos e rigoroso da nova volumetria.

Figura 124: 3D com nova volumetria. Estudo da forma, aberturas e luz.

Figura 125: Maquete de estudo.

Figura 126: Ilustração do corte na longitudinal do pátio dos animais.

Figura 127: Volume da garagem e cozinha de serviço.

Figura 128: Esquissos da moradia.

Figura 129: Esquissos da moradia.

Figura 130: Cozinha de serviço.

Figura 131: 3D para estudo de materiais, entrada de luz natural e distribuição dos espaços.

Figura 132: Esquisso do desenho do pavimento do pátio da Casa Nobre.

Figura 133: Esquissos do desenvolvimento da marcação do pavimento no pátio da Casa Nobre.

Figura 134: Esquissos do desenvolvimento da marcação do pavimento no pátio da Casa Nobre (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 135: Alçado posterior da Casa Nobre e pátio.

Figura 136: Vestíbulo da Casa Nobre.

Figura 137: Esquissos de desenvolvimento do programa no piso 1, de entrada.

Figura 138: Esquissos de desenvolvimento do programa no piso 1, de entrada (discussão com Prof. Luís Miguel).

Figura 139: Esquissos de desenvolvimento do programa no piso 1, de entrada.

Figura 140: Esquissos de desenvolvimento do programa no piso 2 (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 141: Esquisso da adega e entrada principal (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 142: Esquissos da entrada principal (debate com o Prof. Luís Miguel) e posterior. Estudos em rigorosos.

Figura 143: Divisão destinada ao armazenamento de alimentos e arrumos.

Figura 144: Maquete experimental do espaço.

Figura 145: 3D esquemático do estúdio com módulo.

Figura 146: Esquissos da caixa de serviço dos estúdios.

Figura 147: Esquissos da caixa de serviço dos estúdios.

Figura 148: Rigorosos com estudos das caixas de serviços: estúdios.

Figura 149: Esquissos com estudos das caixas de serviços: estúdios. (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 150: Esquissos do revestimento nas janelas dos estúdios.

Figura 151: Esquissos das coretes.

Figura 152: Esquissos do revestimento nas janelas dos estúdios.

Figura 153: Esquissos das caixilharias em madeira.

Figura 154: Esquissos das caixilharias (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 155: Estudos de cotas: piso 0.

Figura 156: Estudos rigosos da distribuição e organização dos quartos: piso 2.

Figura 157: Esquissos de organização dos quartos (debate com o Prof. Luís Miguel), pormenores construtivos.

Figura 158: Esquissos de pormenores construtivos, detalhe de ferragens do duche e mecanismos de porta pivotante.

Figura 159: Esquissos do armário com portas abertas.

Figura 160: Esquissos das instalações sanitárias de um quarto (debate com o Prof. Luís Miguel).

Figura 161: Esquissos de estudo dos pavimentos nos quartos e de sancas invertidas.

Figura 162: Esquissos de estudo rodapés.

Figura 163: Vista para a ala norte do Solar.

Figura 164: Rigorosos relativos ao desenvolvimento em planta, da ala norte do Solar.

Figura 165: Esquissos da tipologia de elevador e alçado.

Figura 166: Esquissos da sala de pequenos-almoços, vista para a copa.

Figura 167: Quarto de funcionário no piso 3.

Figura 168: Escadas de acesso ao piso 3.

Figura 169: Esquisso do piso 3.

Figura 170: Rigorosos com o desenvolvimento do projeto do piso 3.

Figura 171: Estrutura da cobertura na zona do vestíbulo do Solar.

Figura 172: 3D: estudo da estrutura da cobertura.

Figura 173: Esquissos de estudo da estrutura da cobertura.

Figura 174: Esquissos de estudo da estrutura da cobertura.

ANEXOS

The background of the cover is a reproduction of the painting 'Norham Castle, Sunrise' by J.M.W. Turner. The painting depicts a landscape with a castle in the middle ground and a horse in the foreground. The scene is bathed in the soft, hazy light of a sunrise, with a palette dominated by pale blues, yellows, and greys. The brushwork is visible and expressive, characteristic of Turner's style.

THE BEAUTIFUL PAST

SEMINÁRIO DE INVESTIGAÇÃO
LUÍS MIGUEL CORREIA

O **tema** do presente *Seminário de Investigação* enquadra-se na actividade académica e profissional que temos desenvolvido, seja como docente e investigador, seja como arquitecto. Ele é ainda resultado das permanentes interrogações que se nos colocam durante o acto do *projecto*, compreendido este, sucintamente, como *modus faciendi* que nasce no primeiro *olhar* sobre o *lugar* e termina com a vivência do espaço entretanto construído. Tal quadro ganha especial importância quando nos confrontamos com a necessidade material casuística ou a vontade deliberada de intervir em lugares que, dada a sua natureza patrimonial, detêm papel e significado insofismáveis na *identidade* e *memória* colectivas de uma determinada comunidade. Nestas condições, ainda que certas pretensões e argumentos políticos, sociais ou culturais à partida não o fomentem, o *projecto* representa uma reflexão continuamente espaço-temporal. De facto, ao deparar-se com um conjunto de diferentes valores de sentido colectivo, tangíveis ou intangíveis, que podem ser produto de um ou de vários períodos sobrepostos, mais ou menos longínquos, o *projecto* levanta acrescidas preocupações e responsabilidades, sobretudo por via de algumas circunstâncias que lhe são inerentes. Considerando que *o passado vale por aquilo que representa e por aquilo que quer ser*, invariavelmente nos rendemos no momento inicial com a eleição de um determinado caminho, ou seja, com uma certa *ideia de projecto*. Quaisquer que venham a ser as suas representações futuras, todas elas pressupõem uma decisão baseada nalgum leque de factores que determinam a *organização do espaço*. Em resumo, será numa aparente liberdade de escolha, decerto condicionada pela conjuntura do espaço pré-existente, que encontramos de forma consciente, algumas vezes involuntária, as raízes e a justificação das nossas opções. O *projecto* constitui assim um processo de selecção, crítica e síntese de um conjunto de factores que caracterizam certa circunstância, desenhando o equilíbrio e a harmonia entre o existente e a nova condição que se deseja impor, esta, por sua vez, condicionante de intervenções futuras. Tal como, não raras vezes, o tradutor rescreve a obra literária, interpretando-a num tempo mais ou menos distante da data do documento original, também o arquitecto toma a liberdade de escolher no presente o que pretende do *construído*, suas *histórias* e *memórias*. Logo, defrontamo-nos, por um lado, com o *património*, identificado e classificado segundo um conjunto de valores a ele associados, e, por outro, com o *projecto*, que implica sempre a sua transformação.

À luz do *tema* em análise, tem-se como **objectivo** neste *seminário* compreender o *território*, a *paisagem* e o *construído*, nas suas mais diversas dimensões, escalas e terminologias, através do exercício do *projecto*. Interpretar, reutilizar, redesenhar e, em última instância, reparar e curar *The beautiful past* constituirá o *leitmotiv* dos trabalhos práticos a realizar.



REVIVE [2017-2018]

De acordo com o tema proposto, elegeram-se como *casos de estudo* para o ano lectivo de 2017-2018 os imóveis que constam do programa REVIVE – *Reabilitação, Património e Turismo*. Em conformidade com o publicado no respectivo portal, o *património imobiliário público constitui um componente muito relevante da identidade histórica, cultural e social do país, e um elemento rico e diferenciador para a atratividade das regiões e para o desenvolvimento do turismo. É, por isso, determinante assegurar a sua preservação, valorização e divulgação, bem como um acesso alargado à sua fruição. Tendo em vista a recuperação e valorização deste património cultural e histórico, presente em todo o território nacional, e a sua transformação num ativo económico do país, o Governo lançou o projeto “Revive” que abre o património ao investimento privado para desenvolvimento de projetos turísticos, através da realização de concursos públicos. Pretende-se, com esta iniciativa, promover e agilizar os processos de rentabilização e preservação de património público que se encontra devoluto, tornando-o apto para afetação a uma atividade económica com finalidade turística, gerar riqueza e postos de trabalho, promover o reforço da atratividade de destinos regionais, a desconcentração da procura e o desenvolvimento de várias regiões do país. Constitui, por outro lado, um pilar base do Projeto REVIVE a recuperação do património com respeito pelos valores arquitetónicos, culturais, sociais e ambientais mais relevantes. Nesse sentido, todo o Projeto é acompanhado por uma equipa técnica integrada por representantes da Direção Geral do Património Cultural, da Direção Geral do Tesouro e Finanças e do Turismo de Portugal, I.P., contando ainda com o envolvimento dos Municípios de localização dos imóveis, assegurando-se, através das condições dos concursos, a salvaguarda do património classificado e a adequação do tipo de exploração às necessidades de desenvolvimento de cada região. No âmbito do Projeto promove-se ainda o lançamento de instrumentos financeiros específicos destinados a alavancar o investimento privado* (<http://revive.turismodeportugal.pt/pt-pt>). São trinta e três os imóveis, distribuídos de Norte a Sul de Portugal Continental e Ilhas, que *a priori* integram a citada acção, a saber: Convento de São Paulo (Elvas); Mosteiro de São Salvador de Travanca (Amarante); Mosteiro de Santa Clara-a-Nova (Coimbra); Paço Real de Caxias; Castelo de Portalegre; Castelo de Vila Nova de Cerveira; Mosteiro de Arouca; Pavilhões do Parque D. Carlos I (Caldas da Rainha); Forte do Guincho (Cascais); Quinta do Paço de Valverde (Évora); Mosteiro de Sanfins de Friestas (Valença); Convento de Santa Clara (Vila do Conde); Mosteiro de Lorvão (Penacova); Quartel da Graça (Lisboa); Forte da Barra de Aveiro (Ílhavo); Mosteiro de Santo André de Rendufe (Amares); Colégio de São Fiel (Castelo Branco); Palácio de Manique do Intendente (Azambuja); Forte da Ínsua (Caminha); Forte do Rato (Tavira); Casa de Marrocos (Idanha-a-Nova); Santuário do Cabo Espichel (Sesimbra); Forte de São Pedro (Cascais); Coudelaria de Alter do Chão; Convento de São Francisco (Portalegre); Armazéns Pombalinos (Vila do Bispo); Quartel do Carmo (Horta); Palácio das Obras Novas (Azambuja); Convento de Santo António dos Capuchos (Leiria); Forte de São Roque (Lagos); Forte de Santa Catarina (Portimão); Convento do Carmo (Moura); Hotel Turismo da Guarda (Guarda).

DO *PROJECTO* À *DISSERTAÇÃO*



O *Seminário de Investigação – The Beautiful Past / REVIVE* – compreende uma componente lectiva cujo principal objectivo é a elaboração de um *projecto* que conduzirá, no 2º semestre, à realização propriamente dita da dissertação, a defender em provas públicas. Nesta unidade curricular, estabelecem-se, *ab initio* e com detalhe, os **objectivos**, os **conteúdos programáticos** e as **metodologias de investigação** a adoptar. Tendo em consideração estes factores, procurar-se-á ponderar a problemática e pertinência de cada *plano de trabalhos* e a proposta apresentada para o *caso de estudo* em análise, *vis-à-vis* dos **resultados esperados**. Naturalmente, ter-se-á em conta a **motivação** de cada aluno. O *plano de trabalhos* inicia-se com a selecção do *caso de estudo* REVIVE a desenvolver pelo aluno, tanto no *Seminário*, como no respectivo *Laboratório de Teoria*. Em fase posterior, e com base nos arquivos disponíveis, ele debruçar-se-á sobre a história e a memória dos imóveis e seus lugares, ao mesmo tempo que se recolhem e organizam os levantamentos (desenhados, fotográficos e escritos) necessários à realização do trabalho. As **visitas de estudo** a efectuar aos espaços de intervenção cumprirão papel capital, seja nos primeiros passos da investigação e do levantamento, seja aquando da futura prática do *projecto*. Mas nem só do objecto escolhido se ocupará a dissertação. Será útil analisar outros programas que tenham, ou tiveram, como desígnio a reutilização do *património cultural e histórico* para o desenvolvimento de programas turísticos, à custa de investimento público ou privado, e abordar tal vector. Este é, com certeza, um quadro variado e extenso que implicará capacidade crítica e de síntese quanto ao **estado da arte** em Portugal e alémfronteiras. Reunida e sobretudo sistematizada tal informação, caberá ao aluno redigir o *projecto de dissertação* que servirá de guia ao *projecto de arquitectura*. Presumivelmente, esperasse que as conclusões alcançadas nesta fase possam documentar no espaço e no tempo os imóveis designados e, em segundo plano, constituir o *programa* no qual assentará a proposta de intervenção. Tendo como suporte normas de representação idênticas, os trabalhos finais serão apresentados em *painéis-síntese*, o que não desobriga da entrega de um *dossier* individual onde constem, aprofundados, os tópicos atrás indicados. As **aulas** serão organizadas em conformidade com o programa delineado. Assim, nas primeiras sessões expor-se-ão alguns exemplos próximos da *metodologia de investigação* que se pretende adoptar, sendo que se observarão, com semelhante atenção, questões de natureza teórica ou prática. Daí em diante, acompanhar-se-ão individualmente e colectivamente os *projectos de dissertação*, em particular através de sessões de apresentação e crítica conjunta e comparada. Em suma, procurar-se-á que na sala de aula se descubra o espaço privilegiado de debate e construção de uma consciência crítica, princípio disciplinar de qualquer investigação, de índole teórica ou prática. A **avaliação** nesta unidade curricular considerará o *projecto de dissertação* apresentado e a respectiva defesa oral, e terá ainda em conta a assiduidade e o interesse do aluno pelas actividades desenvolvidas durante as aulas.

REVIVE

Reabilitação, Património e Turismo



**REVIVE - REABILITAÇÃO, PATRIMÓNIO E
TURISMO**

SOBRE O REVIVE

O património imobiliário público constitui um componente muito relevante da identidade histórica, cultural e social do país, e um elemento rico e diferenciador para a atratividade das regiões e para o desenvolvimento do turismo. É, por isso, determinante assegurar a sua preservação, valorização e divulgação, bem como um acesso alargado à sua fruição.

Tendo em vista a recuperação e valorização deste património cultural e histórico, presente em todo o território nacional, e a sua transformação num ativo económico do país, o Governo lançou o projeto “Revive” que abre o património ao investimento privado para desenvolvimento de projetos turísticos, através da realização de concursos públicos.

Pretende-se, com esta iniciativa, promover e agilizar os processos de rentabilização e preservação de património público que se encontra devoluto, tornando-o apto para afetação a uma atividade económica com finalidade turística, gerar riqueza e postos de trabalho, promover o reforço da atratividade de destinos regionais, a desconcentração da procura e o desenvolvimento de várias regiões do país.

Constitui, por outro lado, um pilar base do Projeto REVIVE a recuperação do património com respeito pelos valores arquitetónicos, culturais, sociais e ambientais mais relevantes. Nesse sentido, todo o Projeto é acompanhado por uma equipa técnica integrada por representantes da Direção Geral do Património Cultural, da Direção Geral do Tesouro e Finanças e do Turismo de Portugal, I.P., contando ainda com o envolvimento dos Municípios de localização dos imóveis, assegurando-se, através das condições dos concursos, a salvaguarda do património classificado e a adequação do tipo de exploração às necessidades de desenvolvimento de cada região.

No âmbito do Projeto promove-se ainda o lançamento de instrumentos financeiros específicos destinados a alavancar o investimento privado.

Primeiro são apresentados plantas, cortes e alçados do existente, sendo a designação destes a seguinte: “E00”, onde o número representa o número da folha.

Desenho	Escala	N.º Desenho
Implantação	1:500	E01
Planta: cota 280	1:200	E02
Planta: cota 283	1:200	E03
Planta: cota 285	1:200	E04
Planta: cota 288	1:200	E05
Planta: cota 292	1:200	E06
Planta de cobertura	1:200	E07
Alçado principal, lateral esquerdo, lateral direito	1:200	E08
Alçado posterior, corte AA e BB	1:200	E09
Corte CC, DD, EE e FF	1:200	E10
Corte GG, HH e II	1:200	E11
Corte JJ, KK e LL	1:200	E12

De seguida, plantas, cortes e alçados também, mas com marcações de vermelhos e amarelos, com o objetivo de mostrar as construções/demolições propostas, respetivamente, denominados por “VA00”.

Desenho	Escala	N.º Desenho
Planta: cota 280	1:200	VA01
Planta: cota 283	1:200	VA02
Planta: cota 285	1:200	VA03
Planta: cota 288	1:200	VA04
Planta: cota 292	1:200	VA05
Planta cobertura	1:200	VA06
Alçado principal, lateral esquerdo, lateral direito	1:200	VA07
Alçado posterior, corte AA e BB	1:200	VA08
Corte CC, DD, EE e FF	1:200	VA09
Corte GG, HH e II	1:200	VA10
Corte JJ, KK e LL	1:200	VA11

SOLAR DA FAMÍLIA MARROCOS EM IDANHA-A-VELHA: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

PROJETO

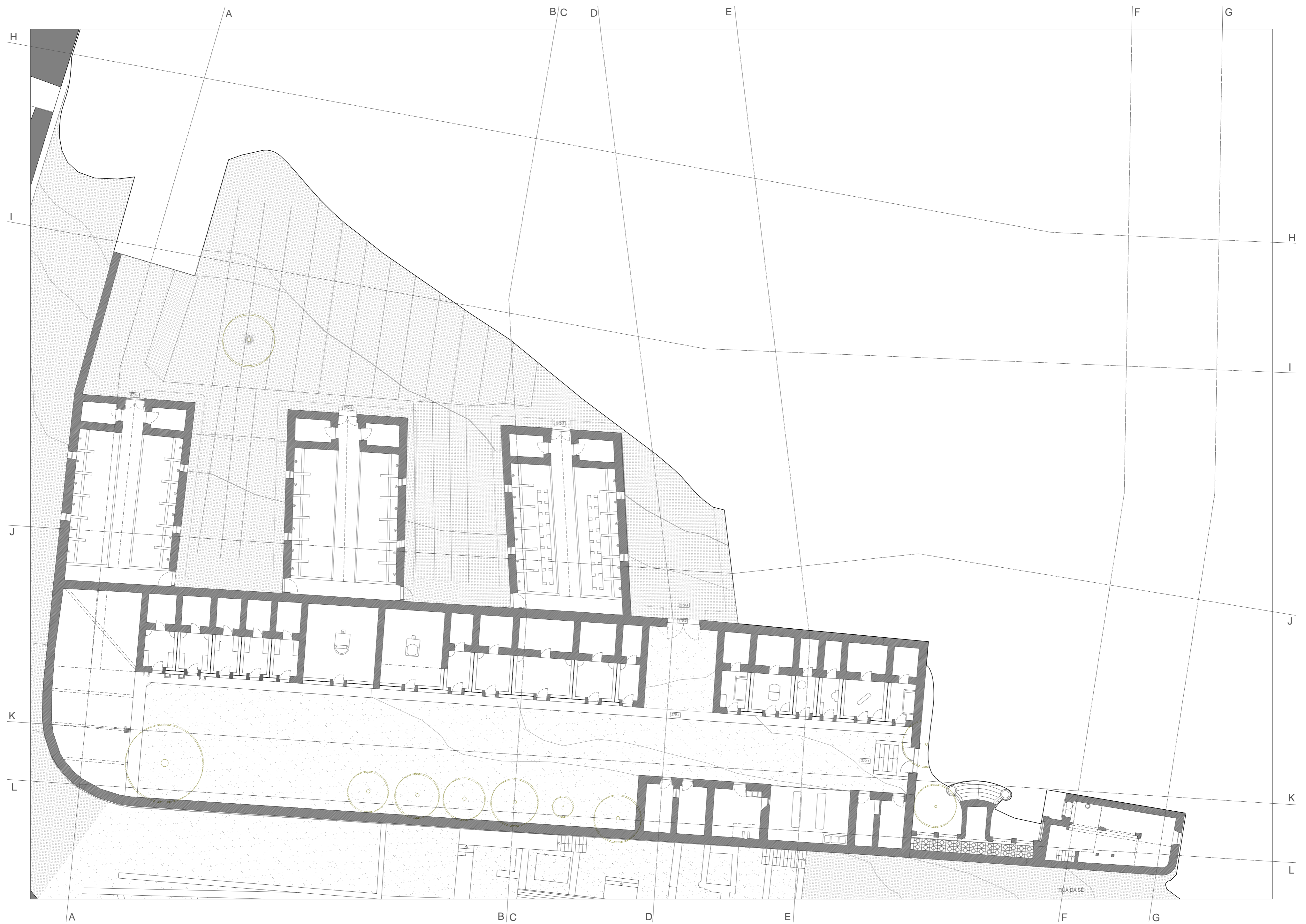
Por fim, o projeto final com o nome “P00”.

Desenho	Escala	N.º Desenho
Implantação	1:500	P01
Planta: cota 280	1:200	P02
Planta: cota 283	1:200	P03
Planta: cota 285	1:200	P04
Planta: cota 288	1:200	P05
Planta: cota 292	1:200	P06
Planta cobertura	1:200	P07
Alçado principal, lateral esquerdo, lateral direito	1:200	P08
Alçado posterior, corte AA e BB	1:200	P09
Corte CC, DD, EE e FF	1:200	P10
Corte GG, HH e II	1:200	P11
Corte JJ, KK e LL	1:200	P12
Planta solar: cota 283	1:100	P13
Planta solar: cota 285	1:100	P14
Planta solar: cota 288	1:100	P15
Planta solar: cota 292	1:100	P16
Planta solar: cobertura	1:100	P17
Cortes: GG e HH	1:100	P18
Pormenor 01: planta cota 283	1:20	P19
Pormenor 01: planta cota 285	1:20	P20
Pormenor 01: planta cota 288	1:20	P21
Pormenor 01: C01	1:20	
Pormenor 01: C02	1:20	P22



Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jaël Martins Simões Existente | Planta de implantação Escala 1:500
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura Junho 2019



Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Existente | Planta: cota 280m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019





Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Existente | Planta: cota 283m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019



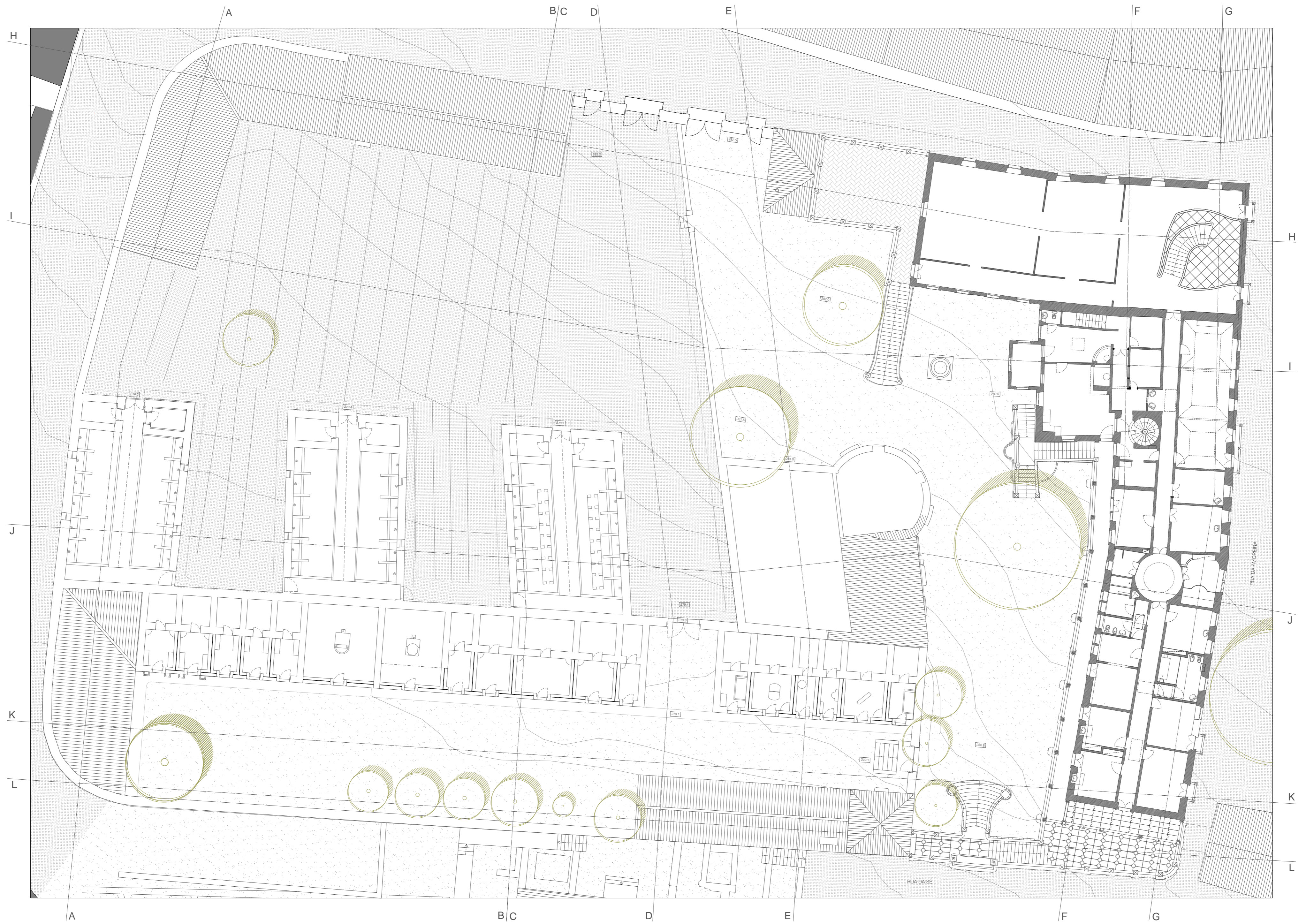


Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Existente | Planta: cota 285m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019

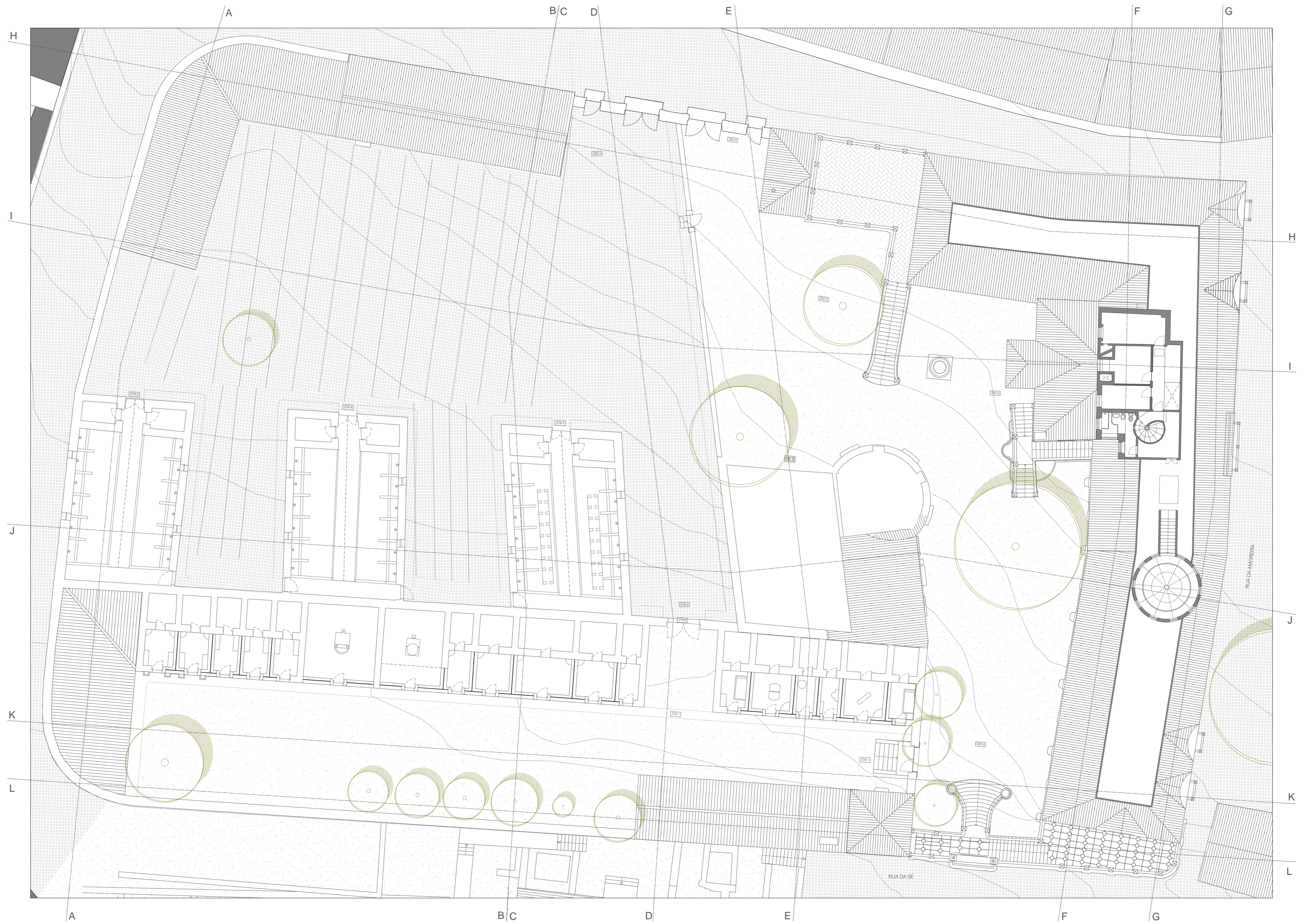




Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Existente | Planta: cota 288m
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
Junho 2019

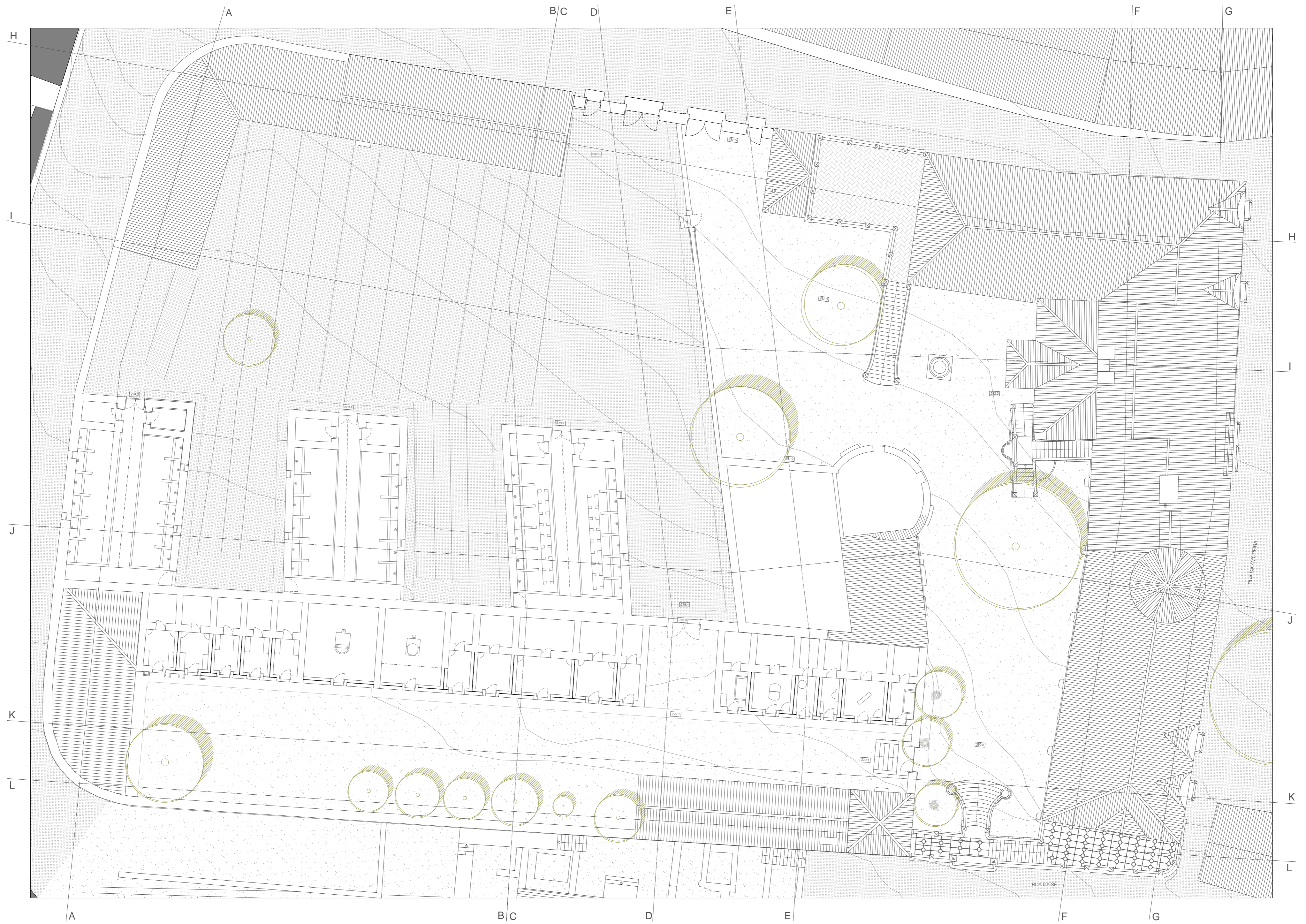


Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Existente | Planta: cota 292m
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
Junho 2019



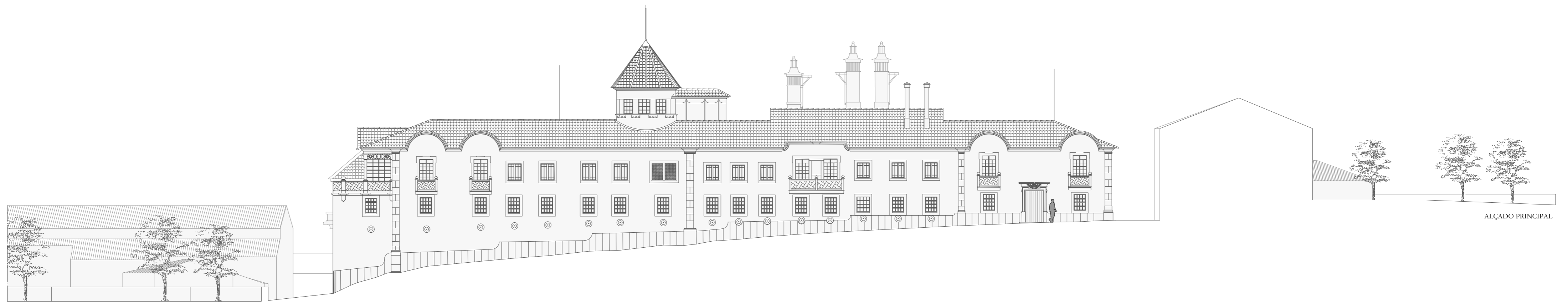


Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

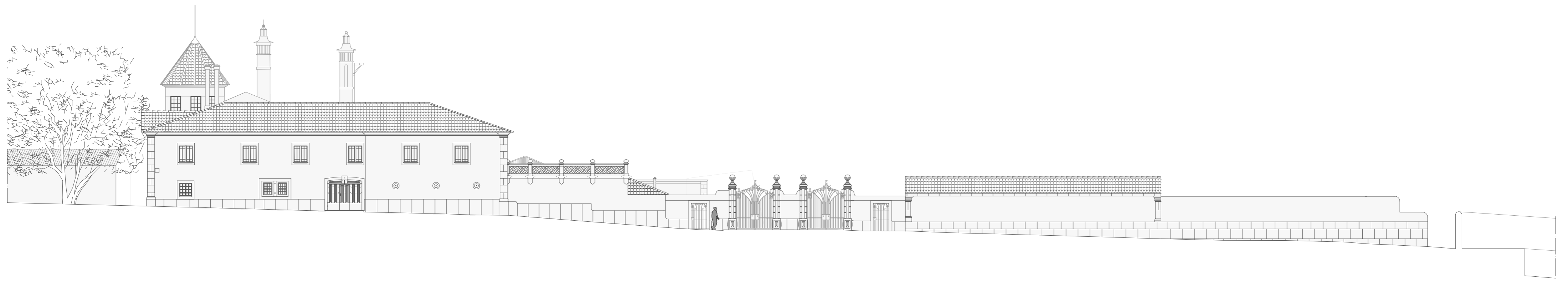
Jael Martins Simões Existente | Planta de cobertura
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019

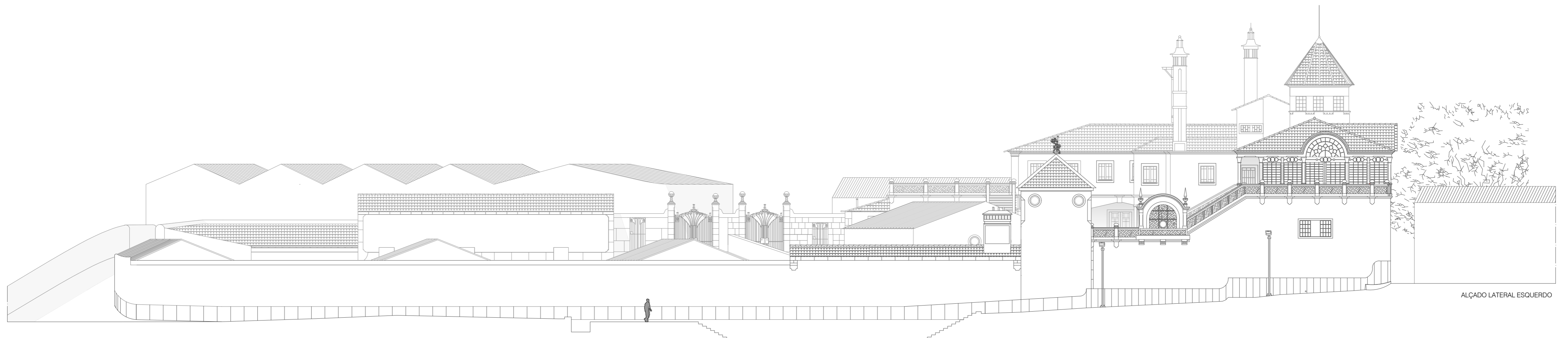




ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO LATERAL DIREITO



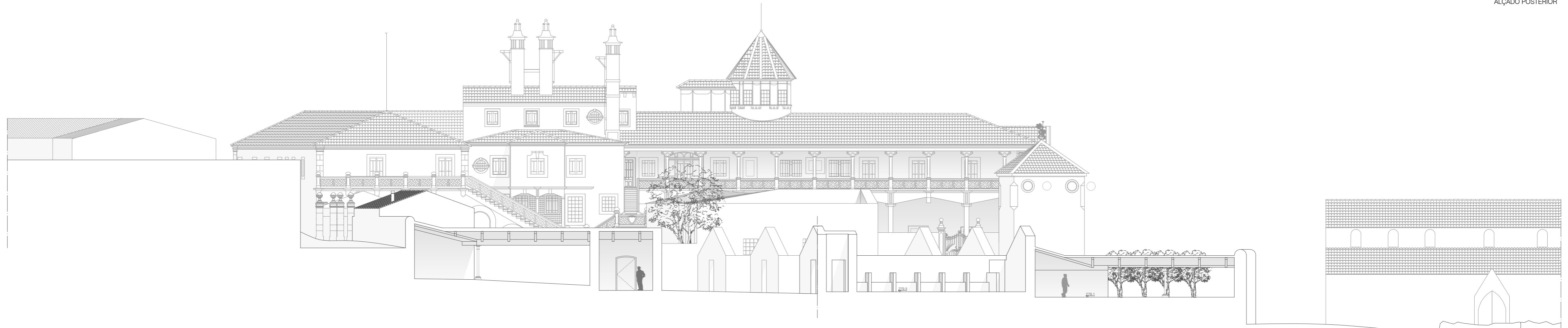
ALÇADO LATERAL ESQUERDO

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

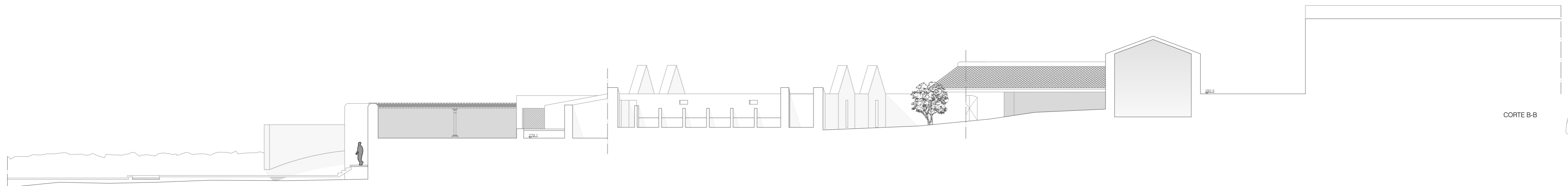
Jael Martins Simões Existente | Alçados: Principal, Lat. Esquerdo e Direito Escala 1:200
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura Junho 2019



ALÇADO POSTERIOR



CORTE A-A



CORTE B-B



Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões

Existente | Alçado Posterior e Cortes AA e BB

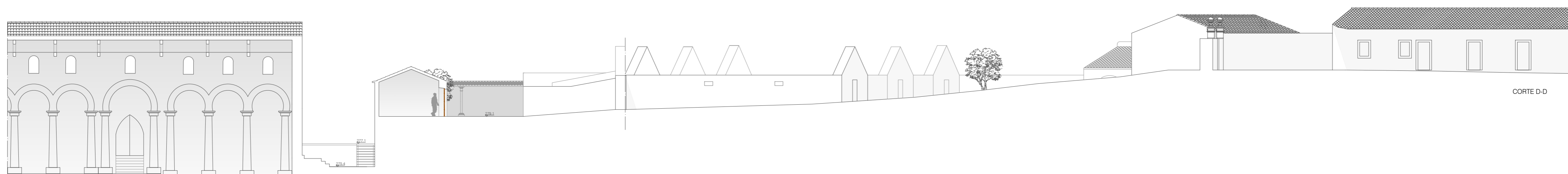
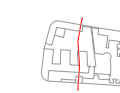
Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

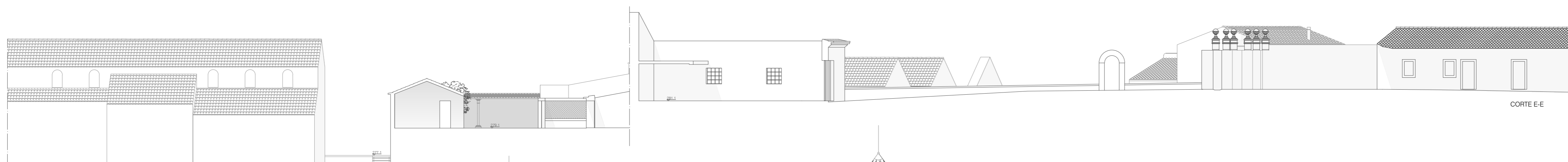
Junho 2019



CORTE C-C



CORTE D-D



CORTE E-E



CORTE F-F



**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões

Existente | Cortes CC, DD, EE e FF

Escala 1:200

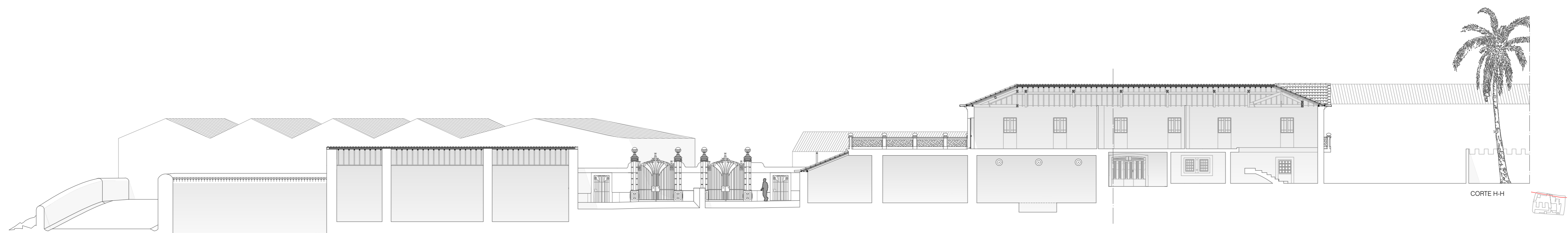
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019





CORTE G-G



CORTE H-H



CORTE I-I



**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões

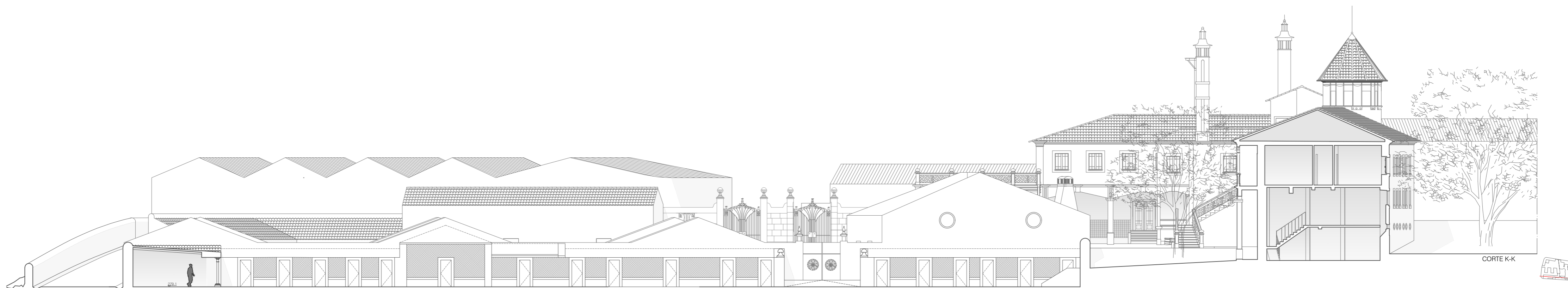
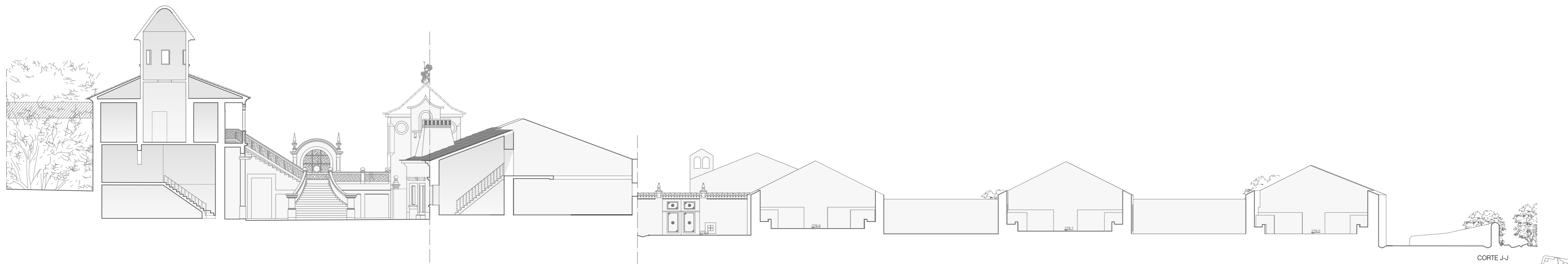
Existente | Cortes: GG, HH e II

Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019





**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões

Existente | Cortes: JJ, KK e LL

Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

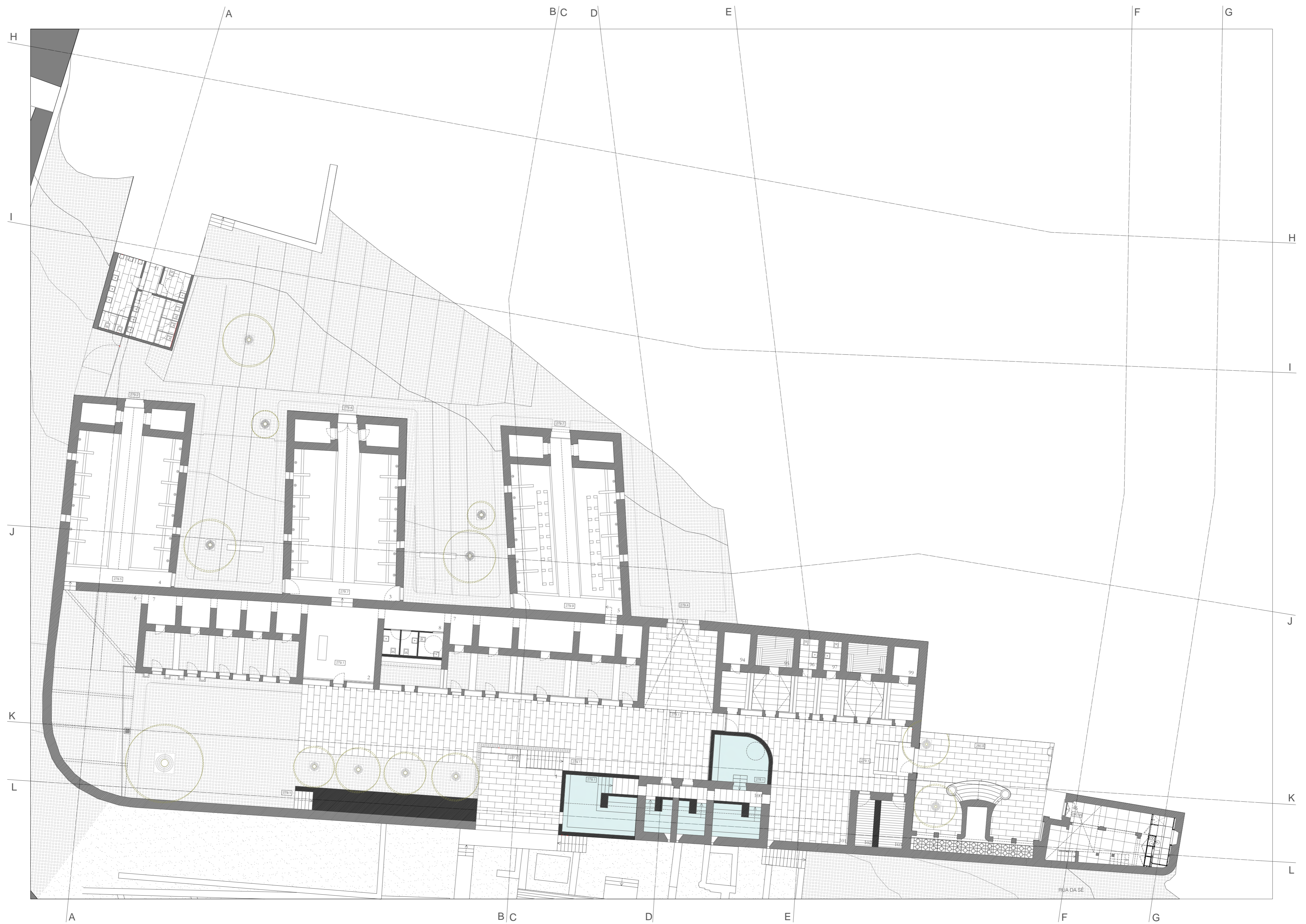
Junho 2019



Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jaël Martins Simões Proposta | Planta de implantação Escala 1:500
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura Junho 2019





CENTRO INTERPRETRATIVO DE IDALHA-A-VELHA

1. Plataforma de ligação entre o espaço da Sé Velha e Solar [42.62 m²] | 2. Entrada Centro Interpretativo de Idanha-a-Velha [35.38 m²] | 3. Espaço expositivo interior [122.07 m²] |
 4. Espaço expositivo exterior [121.11 m²] | 5. Espaço expositivo interior [119.34 m²] | 6. Espaço expositivo coberto [95.05 m²] | 7. Espaços expositivos interior [145.20 m²] |

ESPAÇO DE RESTAURAÇÃO

8. Instalações sanitárias [18.17 m²] |
 11. Instalações sanitárias do restaurante [38.01 m²]

HOTEL

94. Sala de máquinas [5.57 m²] | 95. Sauna [7.77 m²] | 96. Instalações sanitárias femininas [3.70 m²] | 97. Instalações sanitárias masculinas [3.39 m²] | 98. Banho turco [7.86 m²] |
 99. Sala de máquinas [4.92 m²] | 100. Zona de banhos quentes [77.59 m²] | 101. Zona de relaxamento [92.22 m²] | 102. Sala duche de jato [6.07 m²] | 103. Sala duche de jato [8.21 m²] |
 46. Estúdio 006 [41.12 m²]

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
 uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões | Proposta | Planta: cota 280m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019





CENTRO INTERPRETRATIVO DE IDALHA-A-VELHA

ESPAÇO DE RESTAURAÇÃO

HOTEL

9. Zona de interpretação de ruínas *in situ* [95.05 m²]

10. Receção do restaurante [24.66 m²] | 11. Instalações sanitárias [38.01 m²] | 12. Sala de refeições [112.28 m²] | 13. Zona de circulação [9.92 m²] | 14. Entrada de serviço [7.14 m²] |

15. Zona de confeitaria de alimentos [40.79 m²] | 16. Despensa [12.03 m²] | 17. Instalações sanitárias de serviço [19.91 m²] | 19. Espaço de refeições exterior [82.46 m²]

29. Bar [46.32 m²] | 30. Sala de jogos/conívio [36.05 m²] | 31. Sala de jogos/conívio [26.00 m²] | 32. Esplanada exterior coberta [39.96 m²] | 41. Estudio 001 [24.63 m²] |

42. Estudio 002 [25.57 m²] | 43. Estudio 003 [28.68 m²] | 44. Estudio 004 [39.01 m²] | 45. Estudio 005 [30.41 m²] | 46. Estudio 006 [65.27 m²] |

84. Entrada moradia [5.73 m²] | 85. Sala de estar e jantar [60.98 m²] | 86. Quarto [17.82 m²] | 87. Instalação sanitária privativa [6.55 m²] | 88. Instalação sanitária serviço [4.09 m²] |

89. Zona de circulação [11.25 m²] | 90. Cozinha [29.42 m²] | 91. Pátio privativo [57.72 m²] | 102. Sala duche de jato [6.07 m²] | 103. Sala duche de jato [8.21 m²]

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões

Proposta | Planta: cota 283m

Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019



ESPAÇO DE RESTAURAÇÃO

18. Sala de refeições [38.01 m²] | 19. Espaço de refeições exterior [82.46 m²]

HOTEL

20. Entrada principal [65.23 m²] | 21. Receção [42.98 m²] | 22. Zona de cacifos [22.29 m²] | 23. Zona de circulação [17.95 m²] | 24. Espaço técnico [4.12 m²] |
 25. Instalações sanitárias [7.77 m²] | 26. Zona de circulação [10.46 m²] | 27. Sala de estar [48.85 m²] | 28. Zona de circulação [3.67 m²] | 29. Bar [46.23 m²] |
 30. Sala de jogos/conívio [36.05 m²] | 31. Sala de jogos/conívio [26.00 m²] | 32. Esplanada exterior coberta [39.96 m²] | 33. Espaço técnico [7.59 m²] | 34. Espaço técnico [3.67 m²] |
 35. Zona de circulação [6.21 m²] | 36. Espaço de circulação /distribuição vertical [13.22 m²] | 37. Sala de reuniões [9.66 m²] | 38. Escritório [7.43 m²] | 39. Escritório [31.44 m²] |
 40. Sala da direção [20.15 m²] | 41. Estúdio 001 [24.63 m²] | 42. Estúdio 002 [25.57 m²] | 43. Estúdio 003 [28.68 m²] | 44. Estúdio 004 [39.01 m²] | 45. Estúdio 005 [30.41 m²] |
 46. Estúdio 006 [65.27 m²] | 85. Sala de estar e jantar [60.98 m²] | 89. Zona de circulação [11.25 m²] | 90. Cozinha [29.42 m²] | 91. Pátio privado [57.72 m²] | 92. Quarto [20.31 m²] |
 93. Instalação sanitária [7.00 m²] | 104. Sala de massagem [15.36 m²]

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
 uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões | Proposta | Planta: cota 285m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019





47. Espaço de circulação [62.61 m²] | 48. Espaço de leitura [30.45 m²] | 49. Instalações sanitárias [13.48 m²] | 50. Sala de pequenos-almoços [99.43 m²] | 50. Copa [8.44 m²] |
 52. Zona de circulação/distribuição de quartoa [60.49 m²] | 53. Zona de circulação (serviços) [11.17 m²] | 54. Lavandaria [7.72 m²] | 55. Copa dos quartos [3.98 m²] |
 56. Instalações sanitárias de serviço masculino [8.09 m²] | 57. Instalações sanitárias de serviço feminina [6.66 m²] | 58. Zona de circulação (serviços) [16.44 m²] |
 59. Espaço de confeção e preparação dos pequenos-almoços [32.74 m²] | 60. Zona de descanso [8.53 m²] | 61. Quarto 201 [23.26 m²] | 62. Quarto 202 [30.07 m²] | 63. Quarto 203 [22.86 m²] |
 64. Quarto 204 [11.44 m²] | 65. Quarto 205 [17.66 m²] | 66. Quarto 206 [21.95 m²] | 67. Quarto 207 [17.54 m²] | 68. Quarto 208 [15.05 m²] | 69. Quarto 209 [16.64 m²] | 70. Quarto 210 [20.25 m²] |
 71. Quarto 211 [25.38 m²] | 72. Terraço/esplanada [62.00 m²] | 73. Acesso a serviços [2.27 m²] | 74. Solário [16.86 m²] | 75. Varanda [71.22 m²]

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões | Proposta | Planta: cota 288m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019





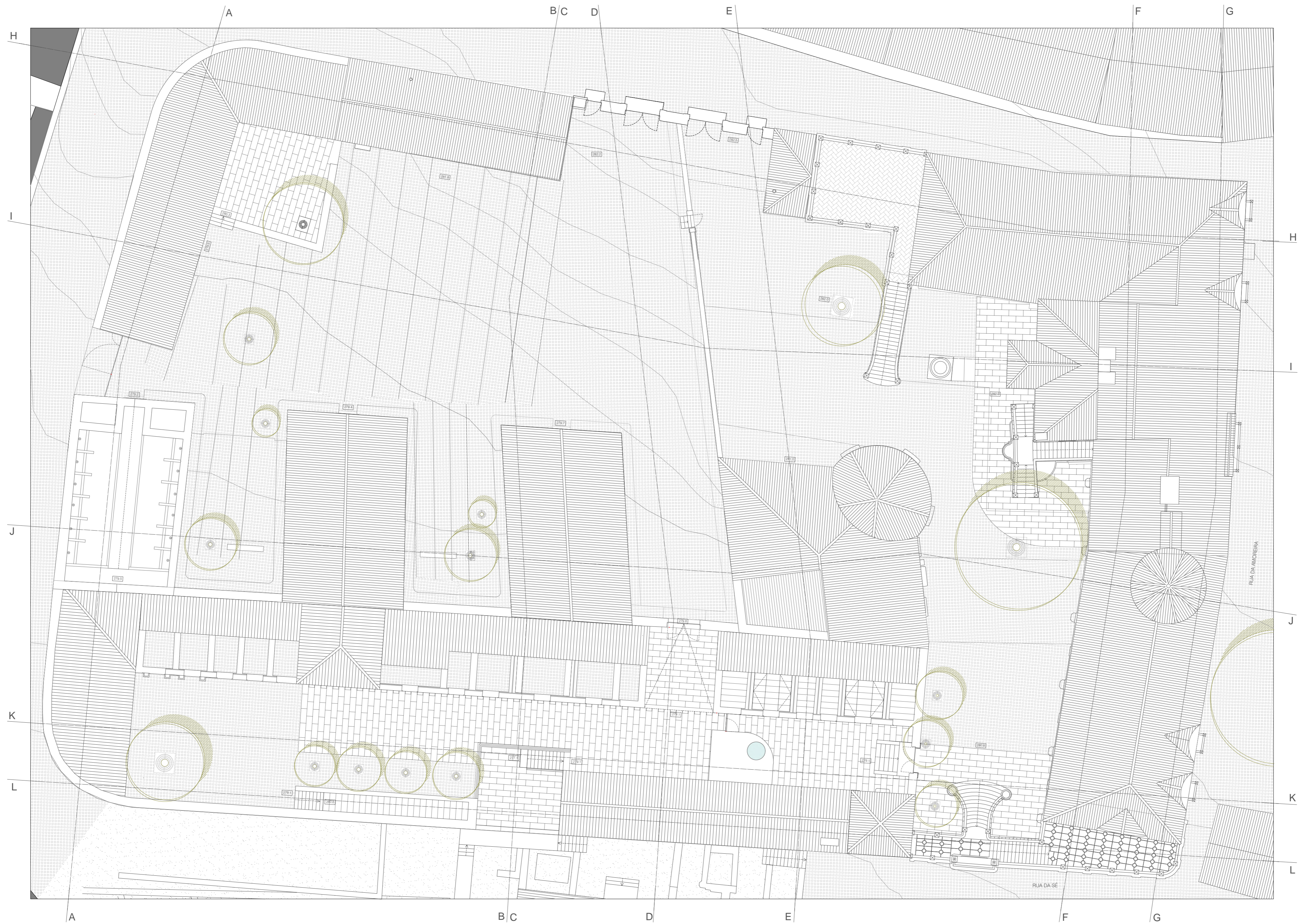
76. Zona de circulação [7.53 m²] | 77. Sótão [193.65 m²] | 78. Sala de estar e jantar [24.24 m²] | 79. Cozinha [6.84 m²] | 80. Despensa [1.45 m²] |
 81. Instalação sanitária [4.65 m²] | 82. Quarto [13.19 m²] | 83. Coruchéu [9.35 m²]

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
 uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Proposta | Planta: cota 292m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019



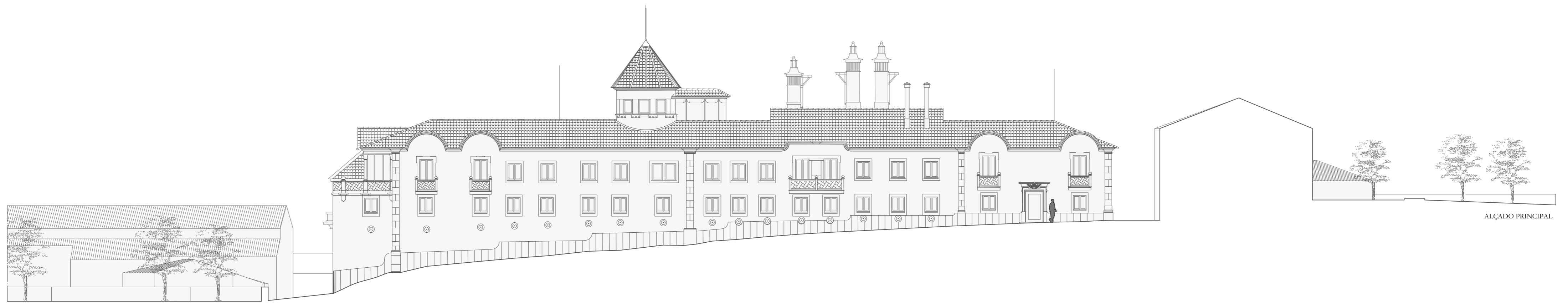


Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

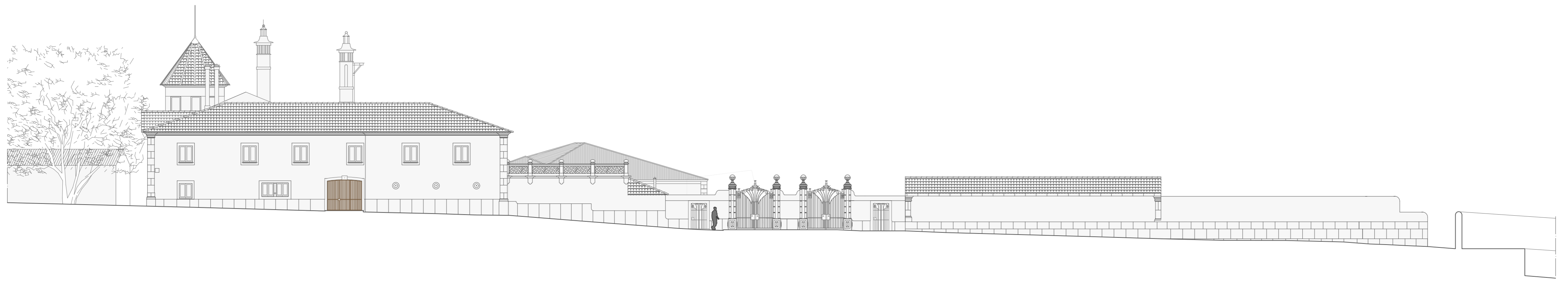
Jael Martins Simões Proposta | Planta de cobertura
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
Junho 2019

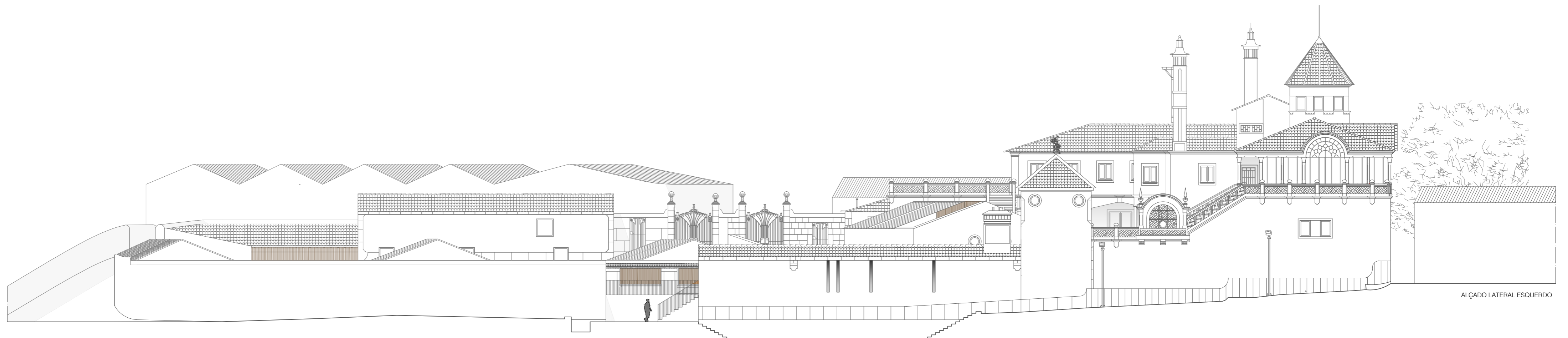




ALÇADO PRINCIPAL



ALÇADO LATERAL DIREITO



ALÇADO LATERAL ESQUERDO

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

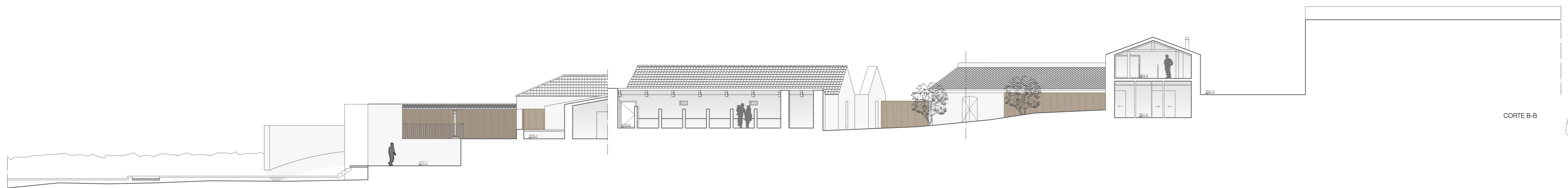
Jael Martins Simões Proposta | Alçados: Principal, Lat. Esquerdo e Direito Escala 1:200
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura Junho 2019



ALÇADO POSTERIOR



CORTE A-A



CORTE B-B



**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões

Proposta | Alçado Posterior e Cortes AA e BB

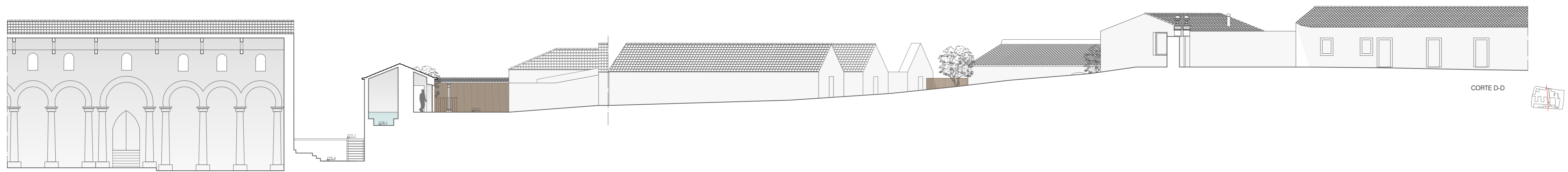
Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

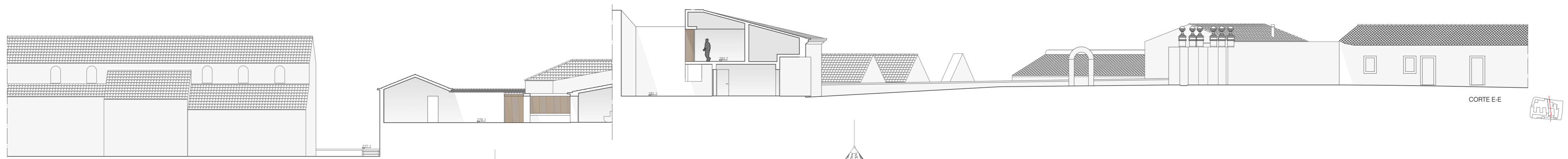
Junho 2019



CORTE C-C



CORTE D-D



CORTE E-E



CORTE F-F

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

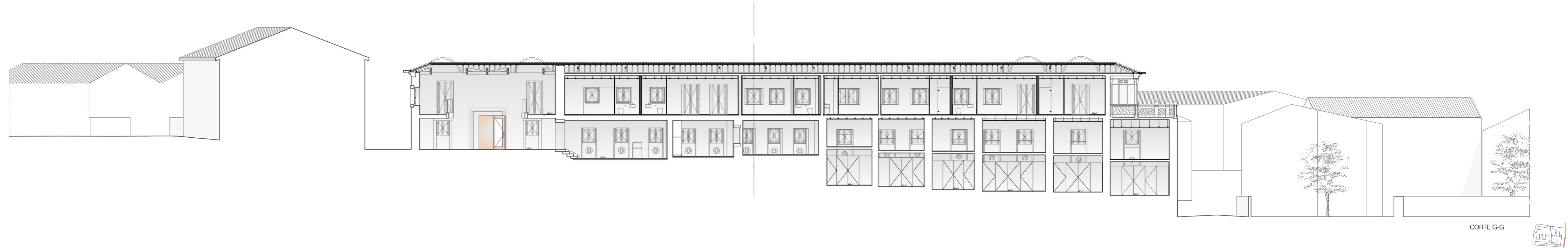
Jael Martins Simões

Proposta | Cortes CC, DD, EE e FF

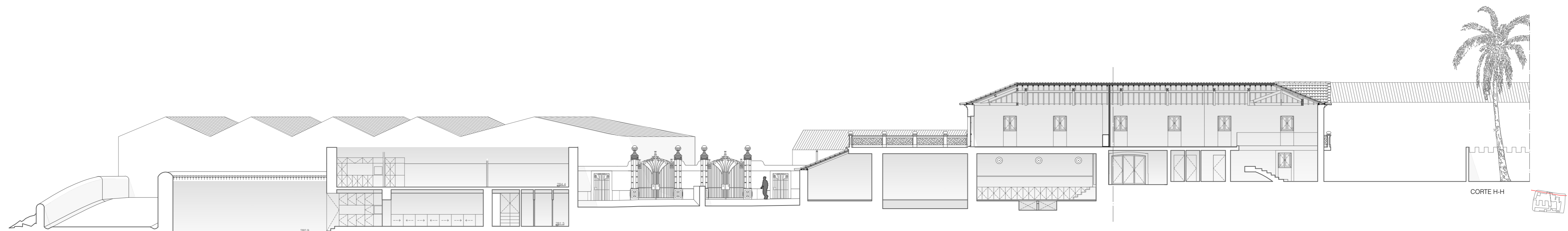
Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019



CORTE G-G



CORTE H-H



CORTE II



**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

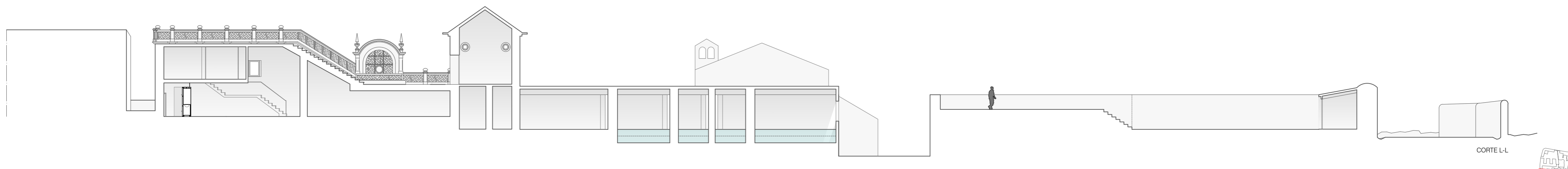
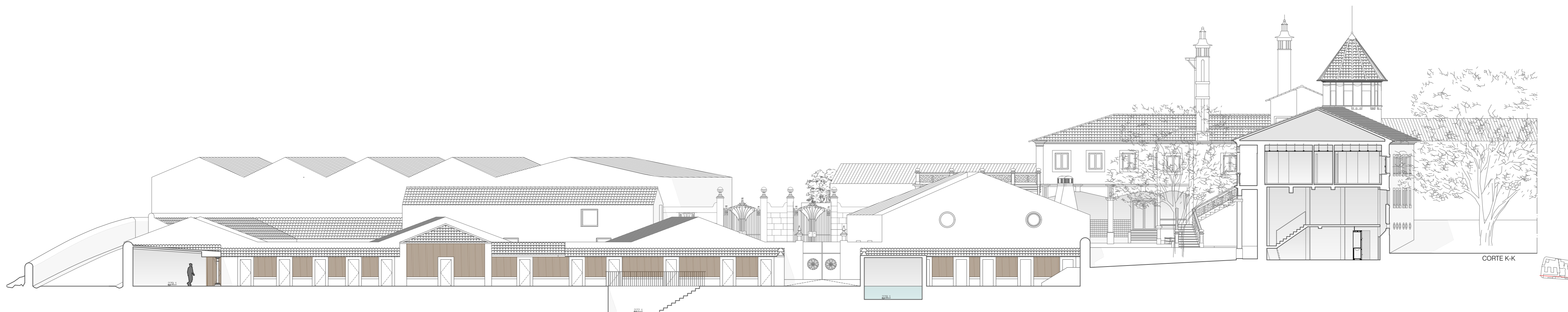
Jael Martins Simões

Proposta | Cortes: GG, HH e II

Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019



**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões Proposta | Cortes: JJ, KK e LL

Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019



LEGENDA [área útil] 29. Bar [46.32 m²] | 30. Sala de jogos/convívio [36.05 m²] | 31. Sala de jogos/convívio [26.00 m²] | 32. Esplanada exterior coberta [39.96 m²] | 41. Estudio 001 [24.63 m²] | 42. Estudio 002 [25.57 m²] | 43. Estudio 003 [28.68 m²] | 44. Estudio 004 [39.01 m²] | 45. Estudio 005 [30.41 m²] | 46. Estudio 006 [65.27 m²]

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões | Proposta | Planta: cota 283 m
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:100
Junho 2019





LEGENDA [área útil] 20. Entrada principal [65.23 m²] | 21. Receção [42.98 m²] | 22. Zona de cacifos [22.29 m²] | 23. Zona de circulação [17.95 m²] | 24. Espaço técnico [4.12 m²] | 25. Instalações sanitárias [7.77 m²]
 26. Zona de circulação [10.46 m²] | 27. Sala de estar [48.85 m²] | 28. Zona de circulação [3.67 m²] | 29. Bar [46.32 m²] | 30. Sala de jogos/convívio [36.05 m²] | 31. Sala de jogos/convívio [26.00 m²] | 32. Esplanada exterior coberta [39.96 m²]
 33. Espaço técnico [7.59 m²] | 34. Espaço técnico [3.67 m²] | 35. Zona de circulação [6.21 m²] | 36. Espaço de circulação/distribuição vertical [13.22 m²] | 37. Sala de reuniões [9.66 m²] | 38. Escritório [7.43 m²] | 39. Escritório [31.44 m²]
 40. Sala da direção [20.15 m²] | 41. Estudo 001 [24.63 m²] | 42. Estudo 002 [25.57 m²] | 43. Estudo 003 [28.68 m²] | 44. Estudo 004 [39.01 m²] | 45. Estudo 005 [30.41 m²] | 46. Estudo 006 [65.27 m²]

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Proposta | Planta: cota 285 m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:100
 Junho 2019





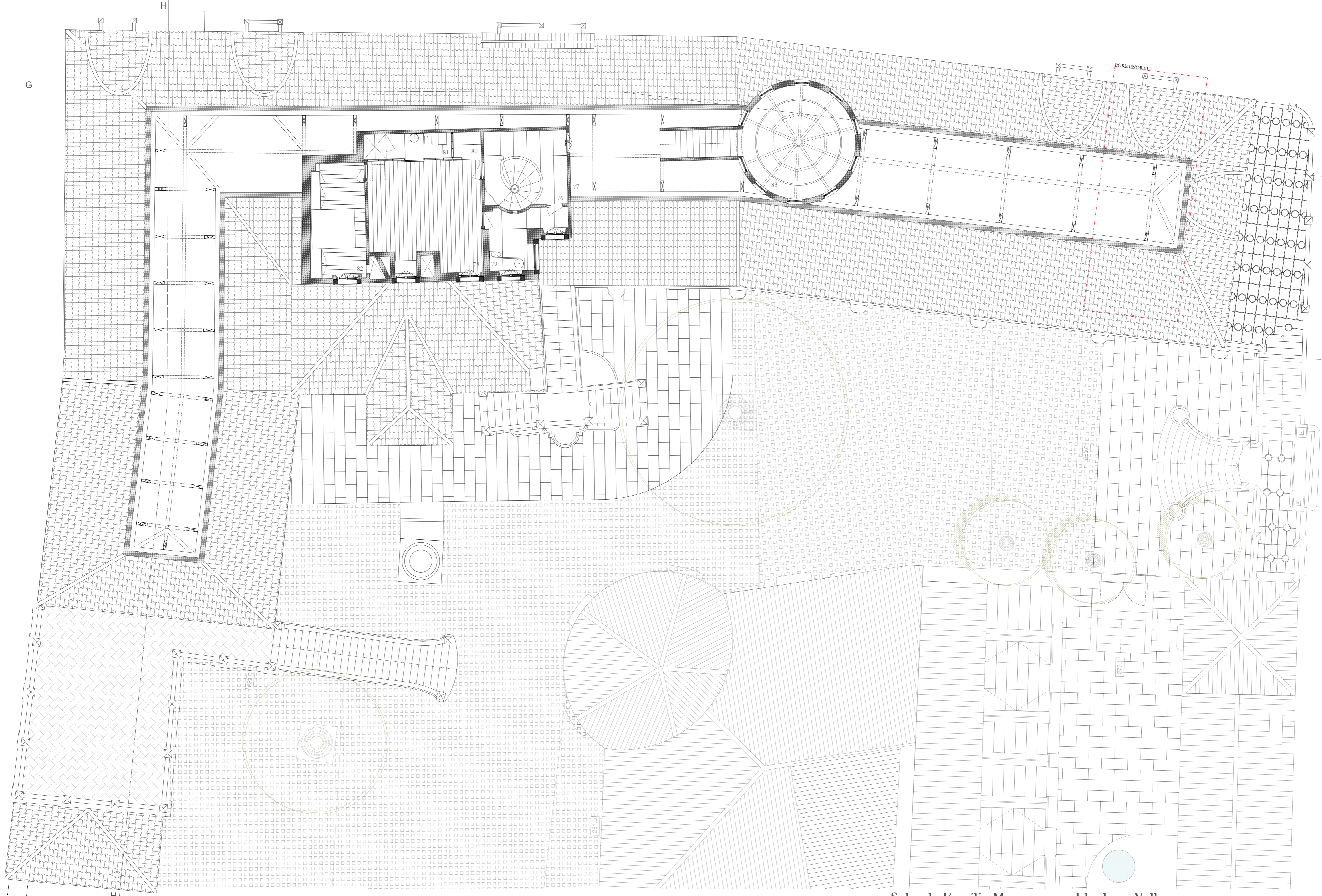
LEGENDA [área útil] 47. Espaço de circulação [62.61 m²] | 48. Espaço de leitura [30.45 m²] | 49. Instalações sanitárias [13.48 m²] | 50. Sala de pequenos-almoços [99.43 m²] | 50. Copa [8.44 m²] | 52. Zona de circulação/distribuição de quartos [60.49 m²] | 53. Zona de circulação (serviços) [11.17 m²] | 54. Lavandaria [7.72 m²] | 55. Copa dos quartos [3.98 m²] | 56. Instalações sanitárias de serviço masculino [8.09 m²] | 57. Instalações sanitárias de serviço feminina [6.66 m²] | 58. Zona de circulação (serviços) [16.44 m²] | 59. Espaço de confeção e preparação dos pequenos-almoços [32.74 m²] | 60. Zona de descanso [8.53 m²] | 61. Quarto 201 [23.26 m²] | 62. Quarto 202 [30.07 m²] | 63. Quarto 203 [22.86 m²] | 64. Quarto 204 [11.44 m²] | 65. Quarto 205 [17.66 m²] | 66. Quarto 206 [21.95 m²] | 67. Quarto 207 [17.54 m²] | 68. Quarto 208 [15.05 m²] | 69. Quarto 209 [16.64 m²] | 70. Quarto 210 [20.25 m²] | 71. Quarto 211 [25.38 m²] | 72. Terraço/esplanada [62.00 m²] | 73. Acesso a serviços [2.27 m²] | 74. Solário [16.86 m²] | 75. Varanda [71.22 m²]

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Proposta | Planta: cota 288 m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:100
 Junho 2019





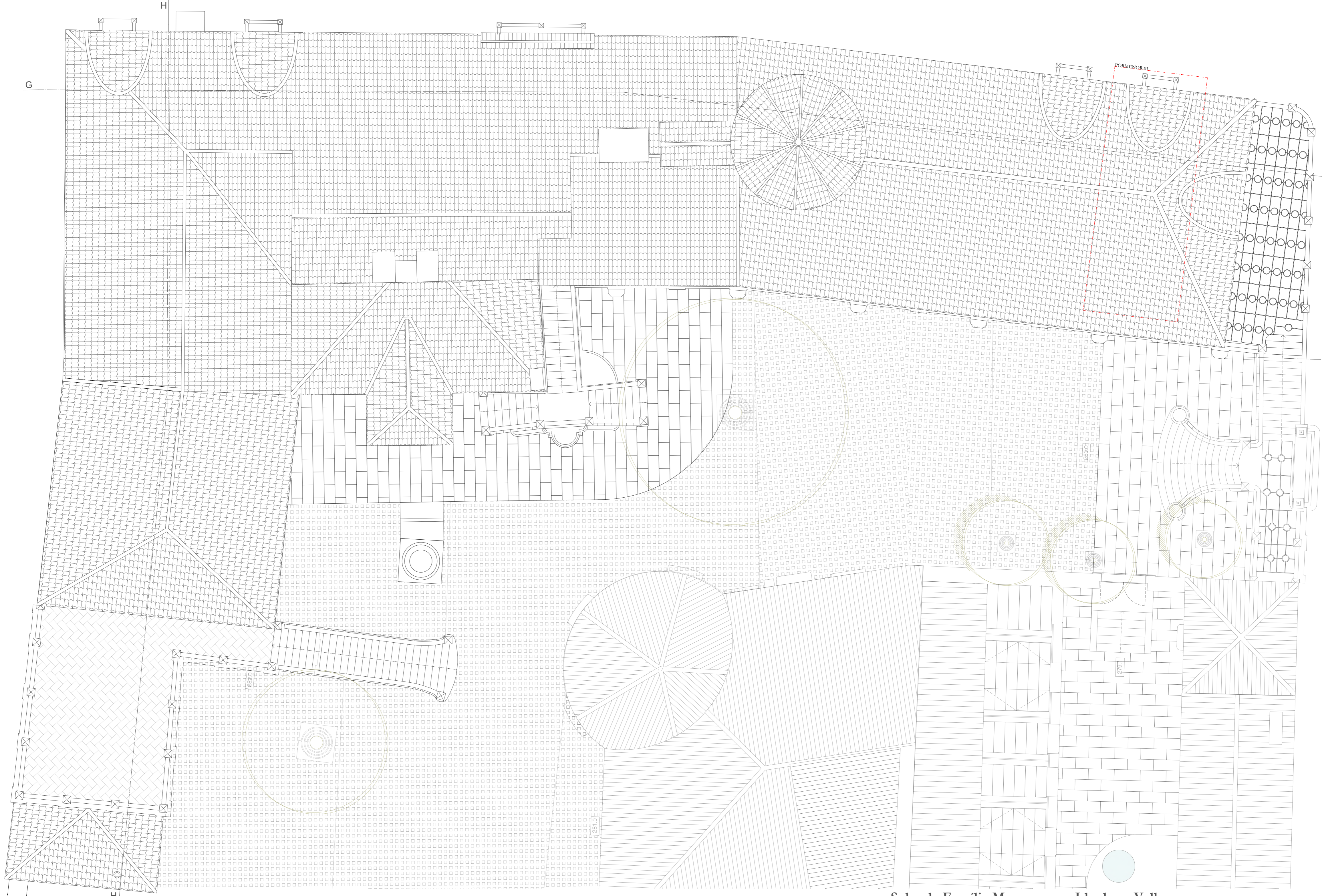
LEGENDA [área útil] 76. Espaço de circulação/distribuição [7.53 m²] | 77. Acesso ao coruchéu/Arrumos [- m²] | 78. Sala comum e jantar [24.24 m²] | 79. Cozinha [6.84 m²] | 80. Arrumos [1.45 m²] | 81. Instalação sanitária [4.65 m²] | 82. Quarto [13.19 m²]
 83. Coruchéu [9.35 m²]

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
 uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões Proposta | Planta: cota 292 m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:100
 Junho 2019





**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

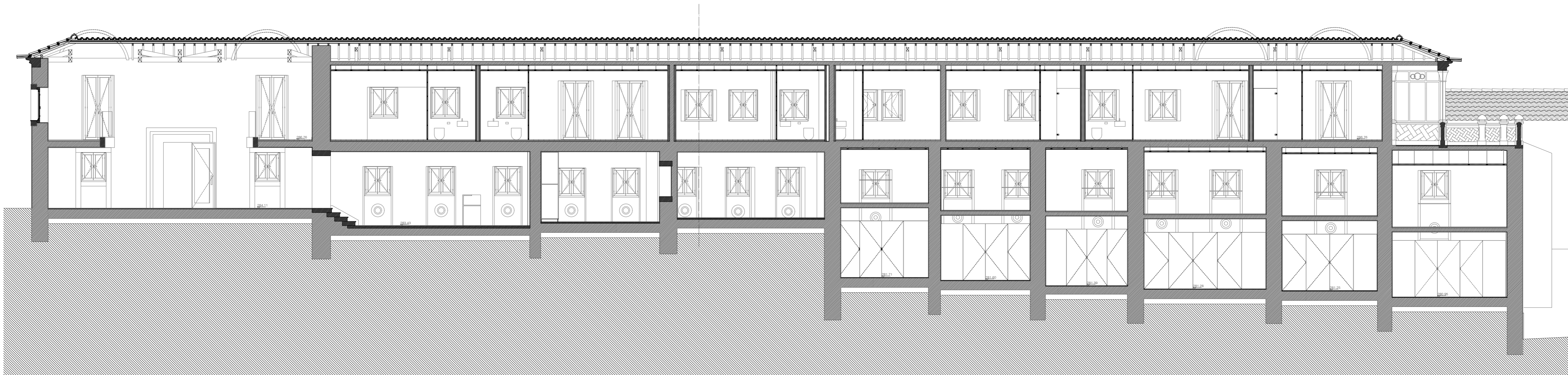
Jael Martins Simões

Proposta | Planta de cobertura

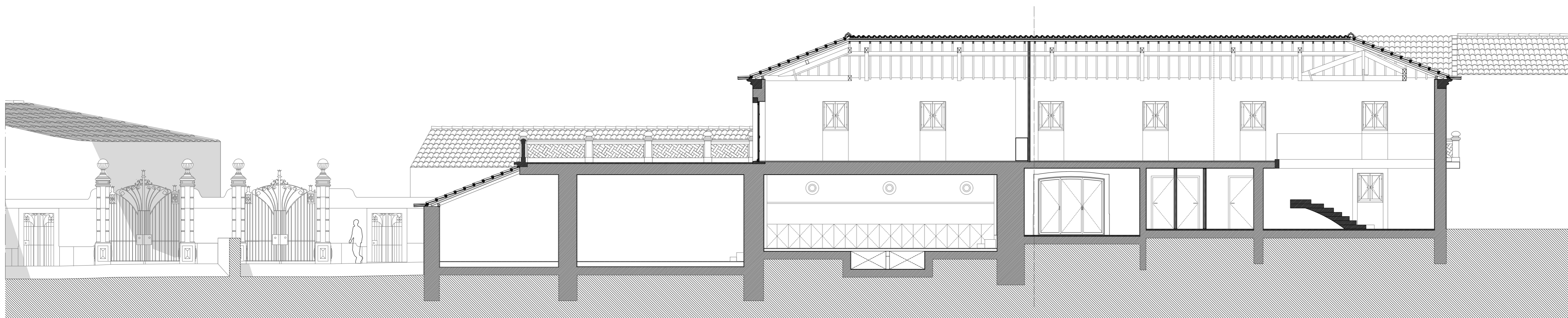
Escala 1:100

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019



CORTE G-G



CORTE H-H

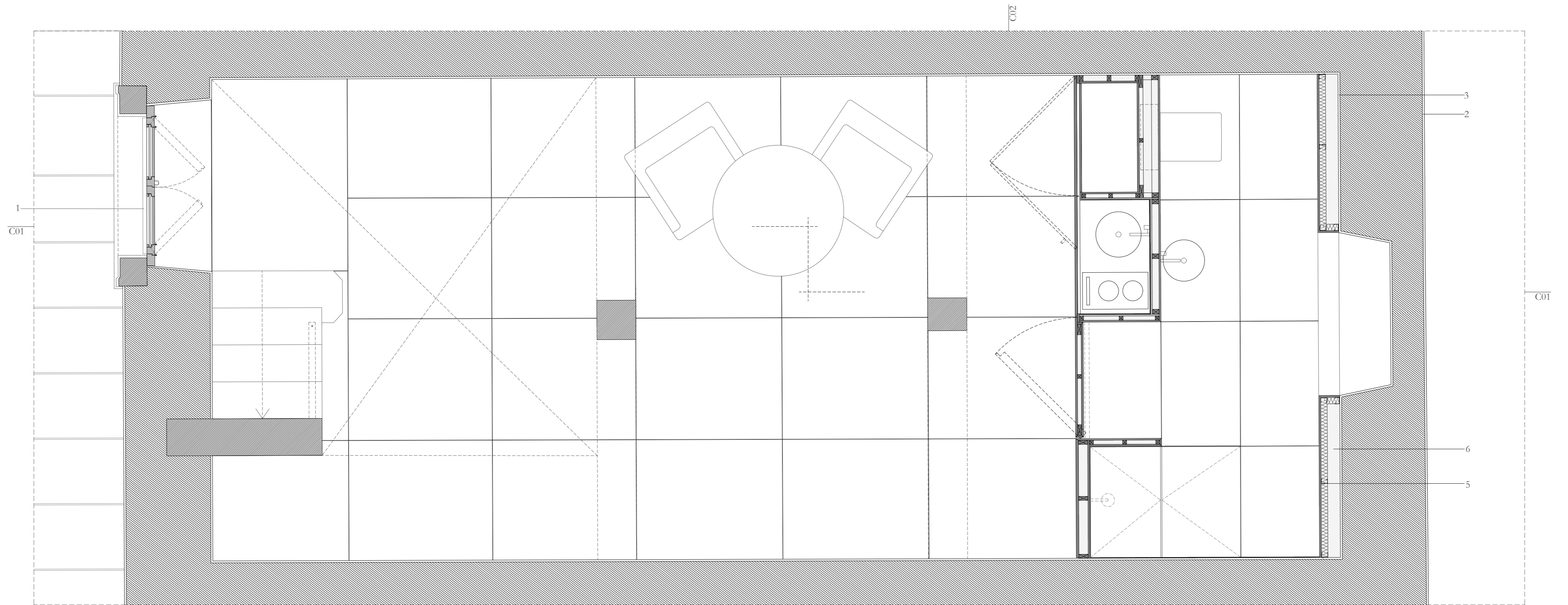
**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Proposta | Cortes: GG e HH
Jael Martins Simões

Escala 1:100




FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura




Junho 2019


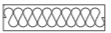



LEGENDA

1. Porta exterior em madeira maciça de carvalho à cor natural, com vidro duplo
2. Reboco exterior areado pintado a branco
3. Reboco interior estanhado pintado a branco
5. Sistema metálico de suporte de gesso cartonado
6. Corete

 Cantaria em granito
 Sistema construtivo existente
 Pó de pedra

 Contraplacado de bétula revestido com folha de carvalho 20mm
 Vidro cor branco (medidas variáveis, espessura 5mm)
 Estrutura em madeira de pinho nórdico casquinha

 Madeira maciça de carvalho
 Isolamento em lã mineral de 50mm
 Contraplacado de bétula com esp. 15mm

 Gesso cartonado hidrófugo pintado a branco esp. 15mm

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
Uma proposta de intervenção

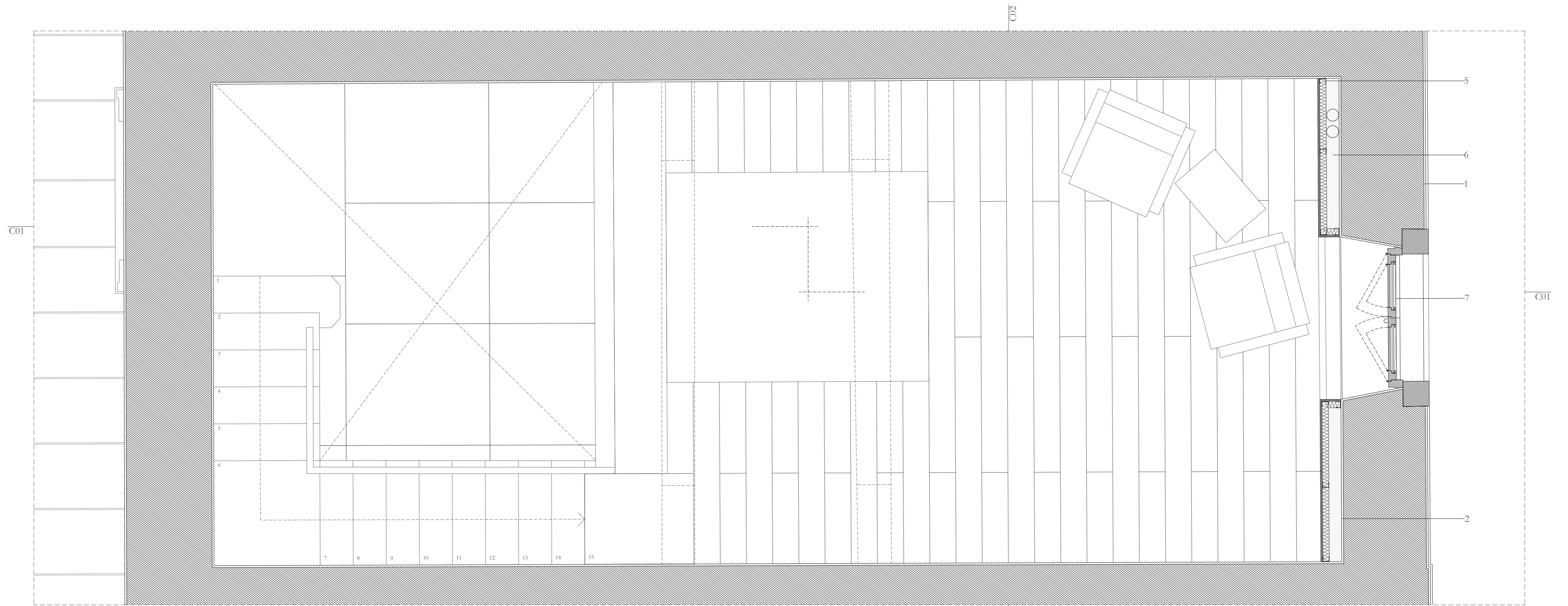
Proposta | Pormenor 01: planta cota 283 m
 Jael Martins Simões

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:20








Junho 2019



LEGENDA

2. Reboco exterior areado pintado a branco
3. Reboco interior estanhado pintado a branco
5. Sistema metálico de suporte de gesso cartonado
6. Corete
7. Janela de 2 folhas com caixilharia em madeira de carvalho à cor natural, com vidro duplo e portada interior

- | | |
|---|--|
|  Cantaria em granito |  Isolamento em lã mineral de 50mm |
|  Sistema construtivo existente |  Gesso cartonado hidrófugo pintado a branco esp. 15mm |
|  Madeira maciça de carvalho | |

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha Uma proposta de intervenção

Proposta | Pormenor 01: planta cota 285 m
Jael Martins Simões

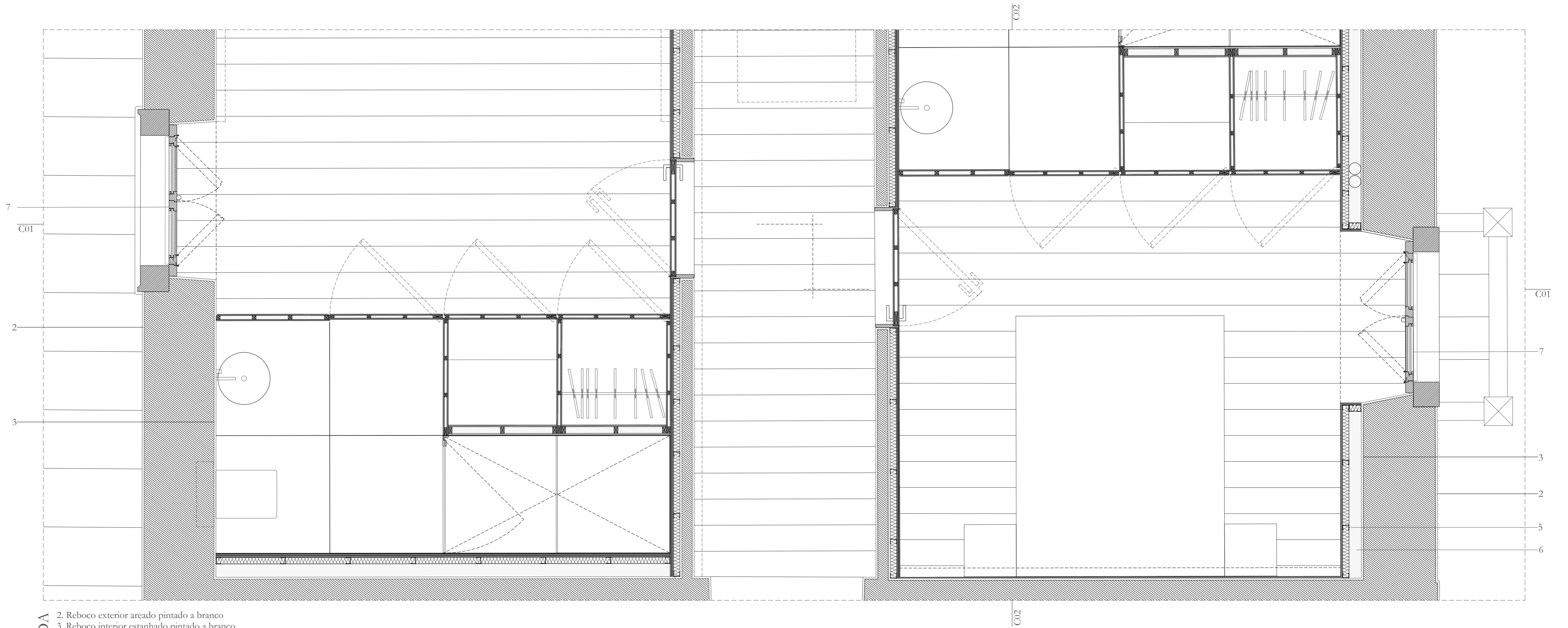
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:20



Junho 2019

P20



LEGENDA

- 2. Reboco exterior areado pintado a branco
- 3. Reboco interior estanhado pintado a branco
- 5. Sistema metálico de suporte de gesso cartonado
- 6. Corete
- 7. Janela de 2 folhas com caixilharia em madeira de carvalho à cor natural, com vidro duplo e portada interior

- Cantaria em granito
- Sistema construtivo existente
- Pó de pedra

- Contraplacado de bétula revestido com folha de carvalho 15 e 10mm
- Vidro cor branco (medidas variáveis, espessura 5mm)
- Estrutura em madeira de pinho nórdico casquinha

- Madeira maciça de carvalho
- Isolamento em lã mineral de 50mm
- Contraplacado de bétula com esp. 15mm

- Gesso cartonado hidrófugo pintado a branco esp. 15mm

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

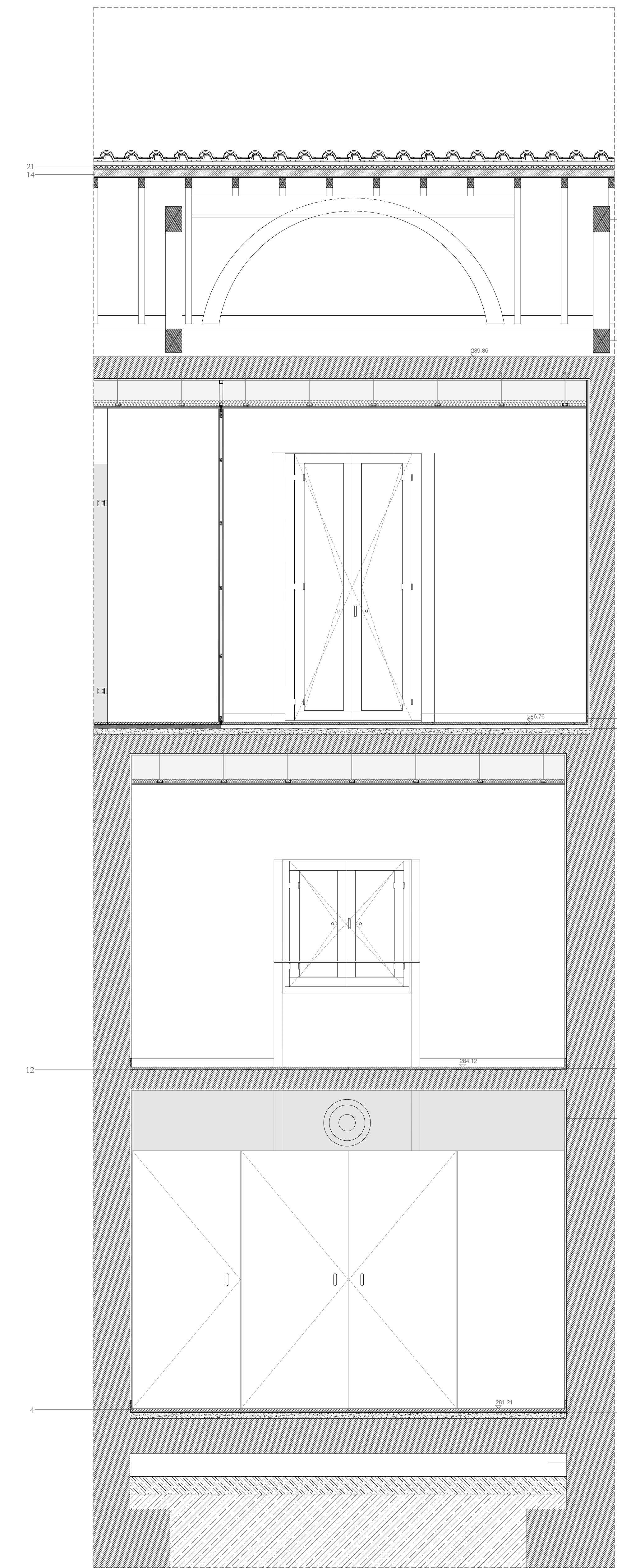
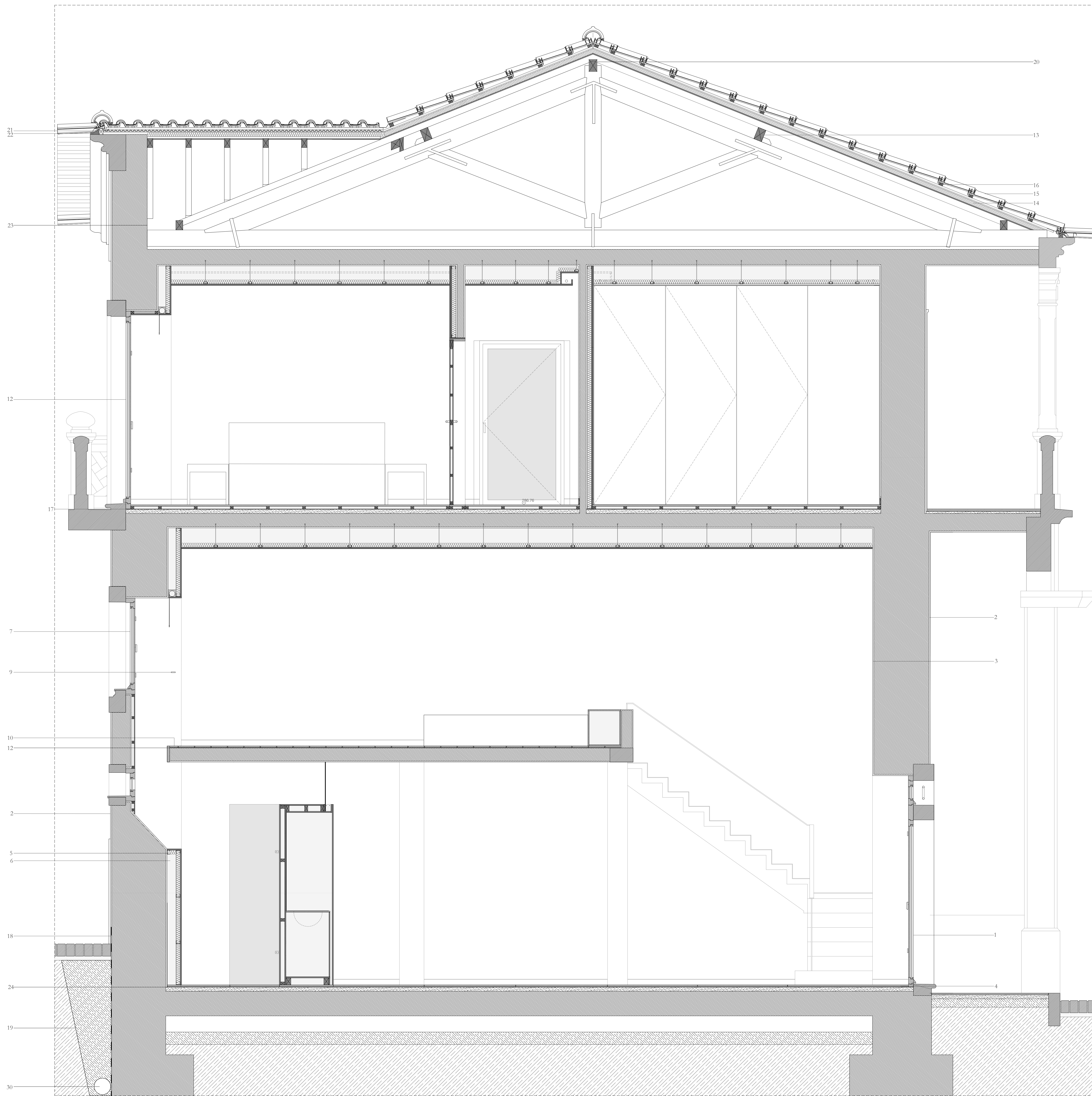
Proposta | Pormenor 01: planta cota 288 m
 Jael Martins Simões

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:20



Junho 2019



LEGENDA

- 1. Porta exterior em madeira maciça de carvalho à cor natural, com vidro duplo
- 2. Reboco exterior arcado pintado a branco
- 3. Reboco interior estanhado pintado a branco
- 4. Placa de pedra em granito serrado (medida variável, espessura 20mm)
- 5. Sistema metálico de suporte de gesso cartonado
- 6. Conete
- 7. Janela de 2 folhas com caixilharia em madeira de carvalho à cor natural, com vidro duplo e portada interior

- █ Cantaria em granito
- █ Alvenaria de pedra existente
- █ Pó de pedra

- 9. Guarda-corpo em ferro pintado a vermelho
- 10. Soalho flutuante de madeira esp. 10 mm, acabamento em carvalho
- 12. Espuma semirrígida de polietileno esp. 50mm
- 13. Madre em madeira (150 x 100 mm)
- 14. Painel sandwich (aglomerado hidrófugo(10mm)+poliestireno extrudido (50mm)+gesso cartonado (13mm))
- 15. Telha lisa
- 16. Ripas em madeira (50 x 30 mm)

- █ Madeira maciça de carvalho
- █ Isolamento em lã mineral de esp. 50mm
- █ Contraplacado de betula com esp. 15mm

- 17. Membrana de espuma de polietileno (esp. 5 mm)
- 18. Membrana nodular em polietileno de alta densidade com geotêxtil
- 19. Geotêxtil
- 20. Fileira em madeira (150 x 100 mm)
- 21. Subtelha
- 22. Argamassa
- 23. Frechal (120 x 90 mm)
- 24. Manta impermeabilizante (3mm)

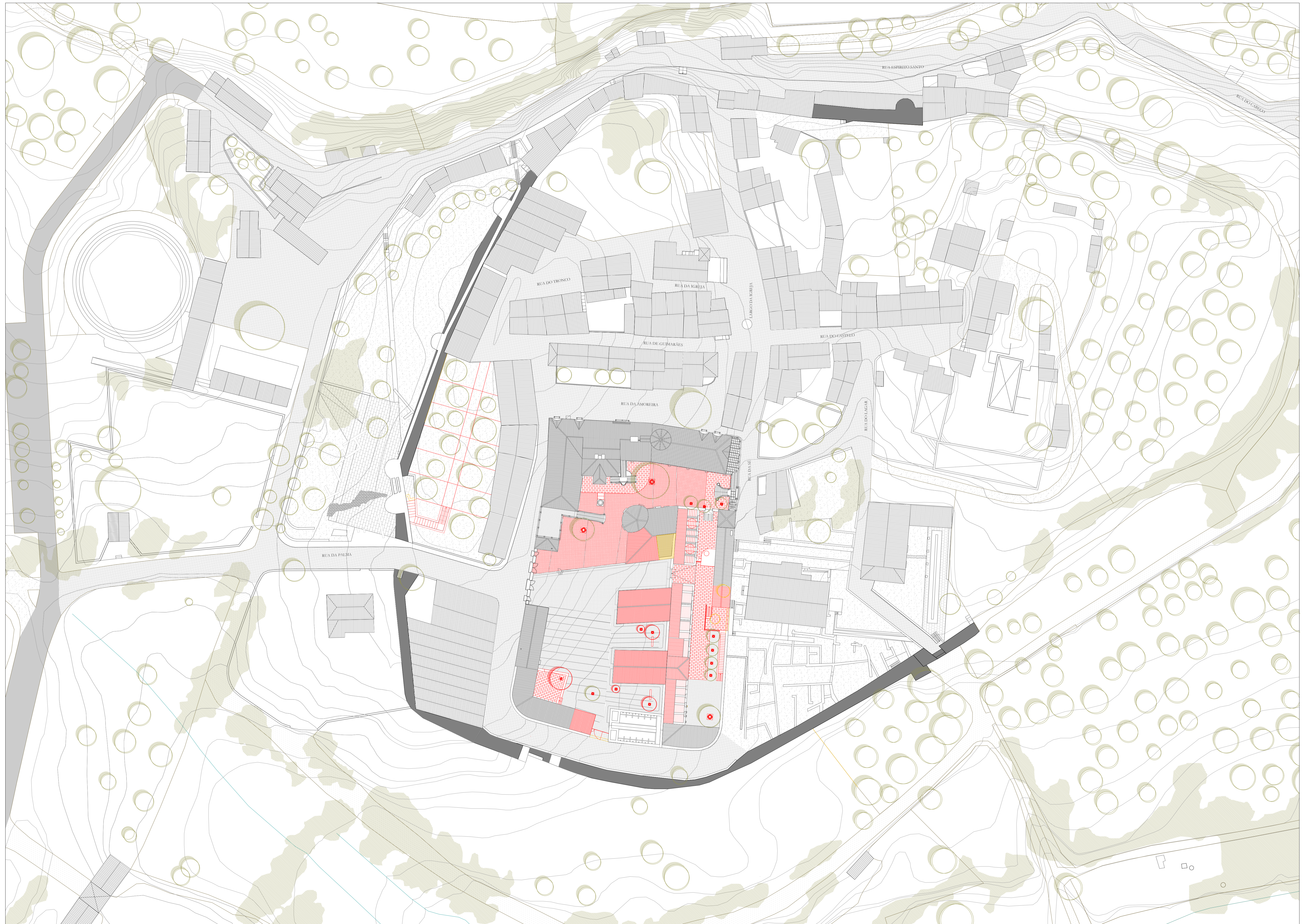
- █ Gesso cartonado hidrófugo pintado a branco esp. 15mm
- █ Retonilha de regularização esp. 50mm
- █ Agregado britado

- 25. Cabros em madeira (80 x 55 mm)
- 26. Perna em madeira (220 x 140 mm)
- 27. Linha em madeira (220 x 140 mm)
- 28. Rodapé embutido em madeira (70 x 12 mm)
- 29. Caixa de ar (200mm)
- 30. tubo drenante

- █ Contraplacado de betula revestido com folha de carvalho 15 e 10mm
- █ Vidro cor branco (medidas variáveis, espessura 5mm)
- █ Estrutura em madeira de pinho nórdico cassanha

Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
Uma proposta de intervenção

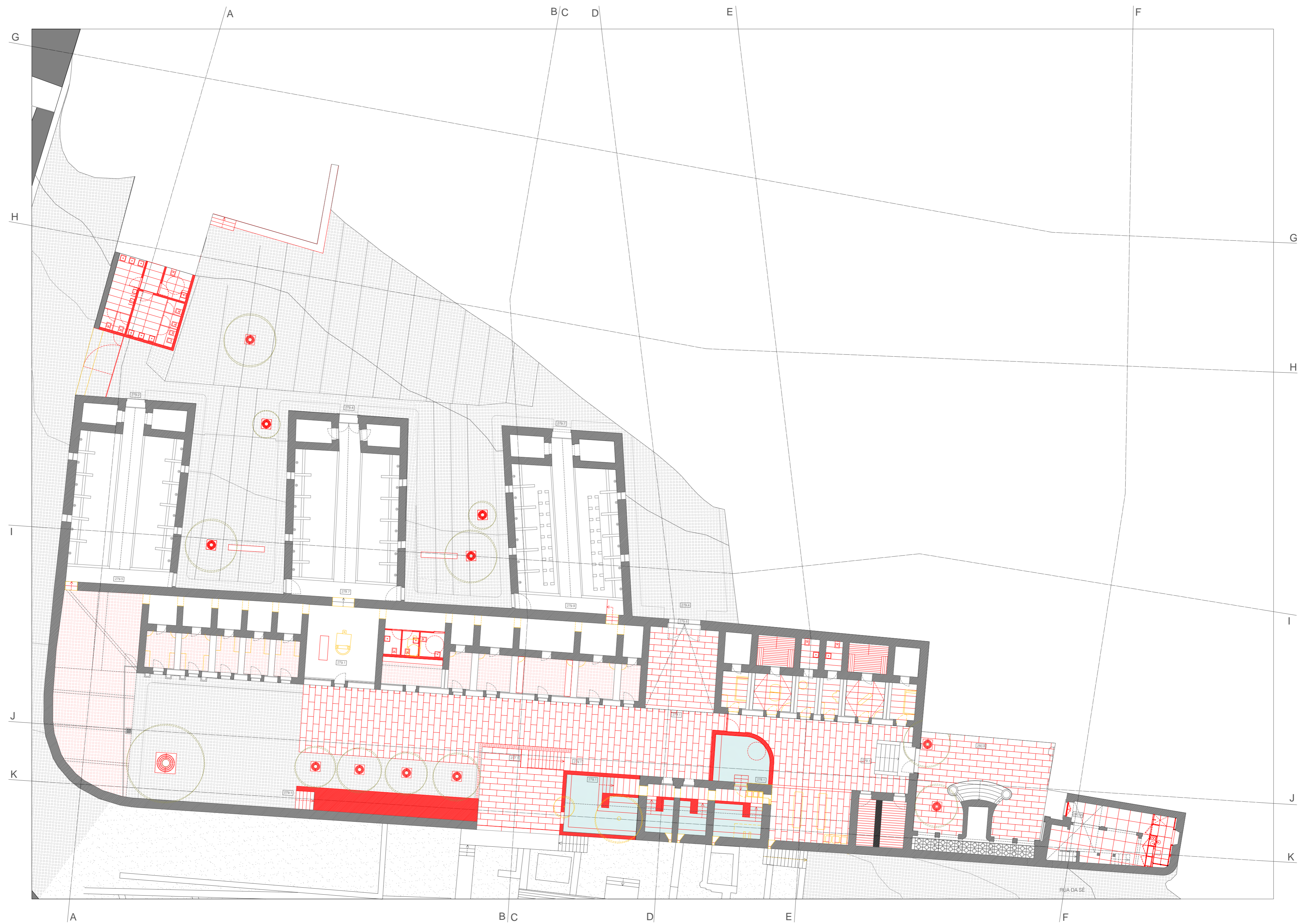
Proposta | Pormenor 01: C01 e C02
Jaël Martins Simões
FCTUC | Departamento de Arquitectura | Mestrado Integrado em Arquitectura
Escala 1:20
Junho 2019



Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões | Sobreposição | Planta de implantação | Escala 1:500
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura | Junho 2019





Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Sobreposição | Planta: cota 280m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019



Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Sobreposição | Planta: cota 283m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019





Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Sobreposição | Planta: cota 285m
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
Junho 2019



Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Sobreposição | Planta: cota 288m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019



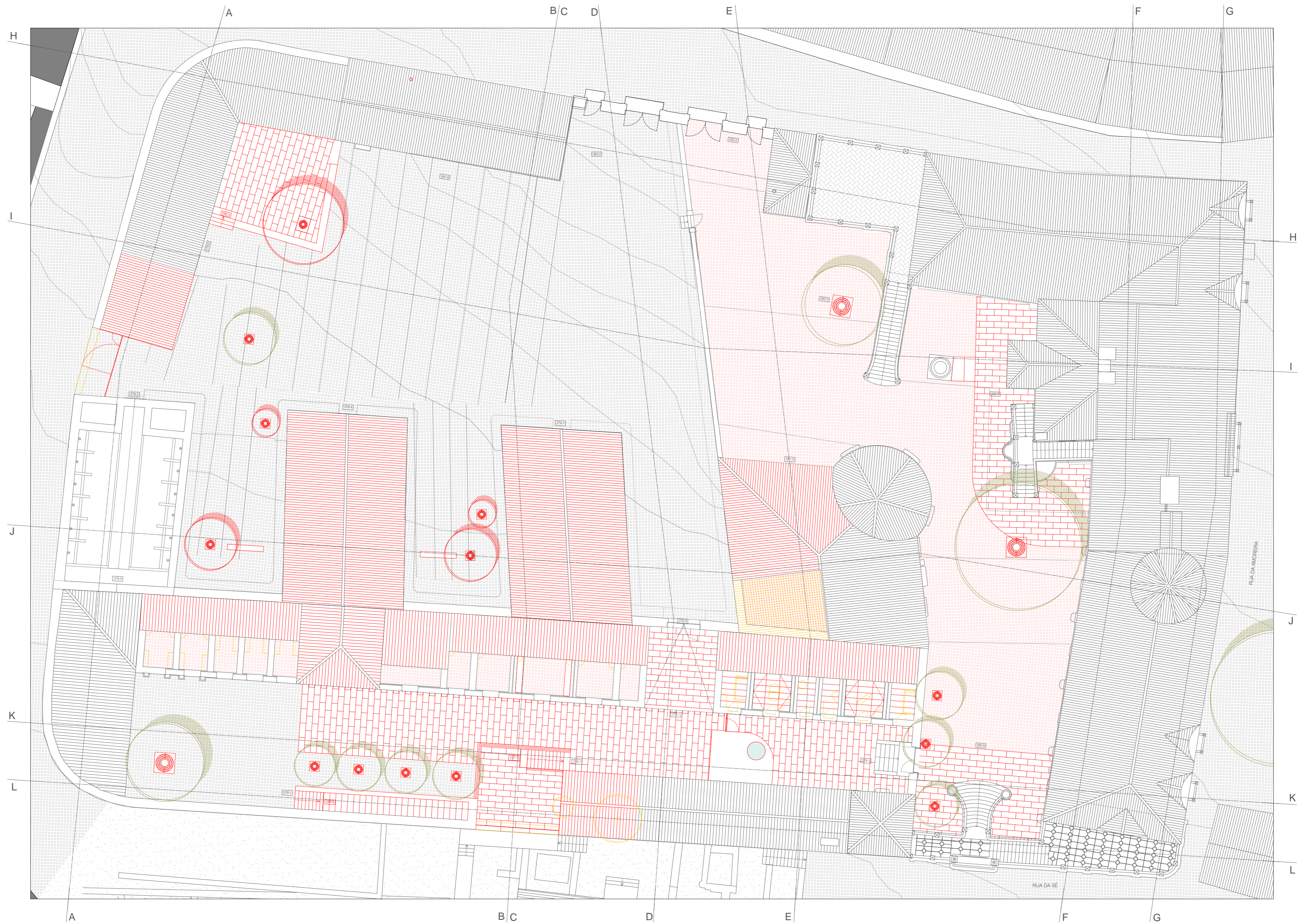


Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

Jael Martins Simões Sobreposição | Planta: cota 292m
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Escala 1:200
 Junho 2019





Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

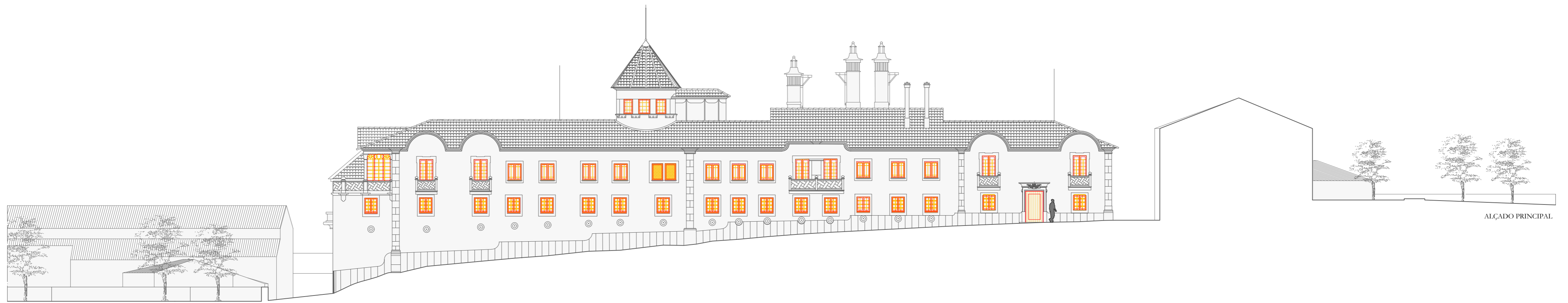
Jael Martins Simões

Sobreposição | Planta de cobertura

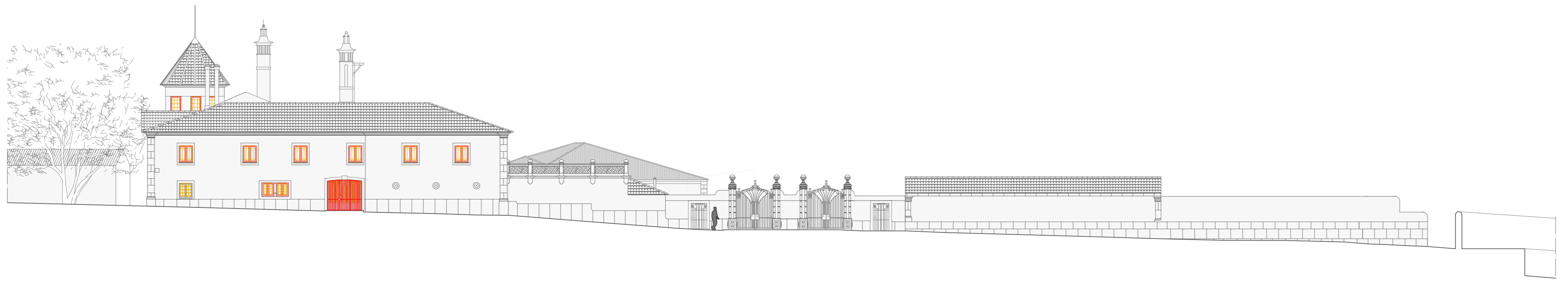
Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

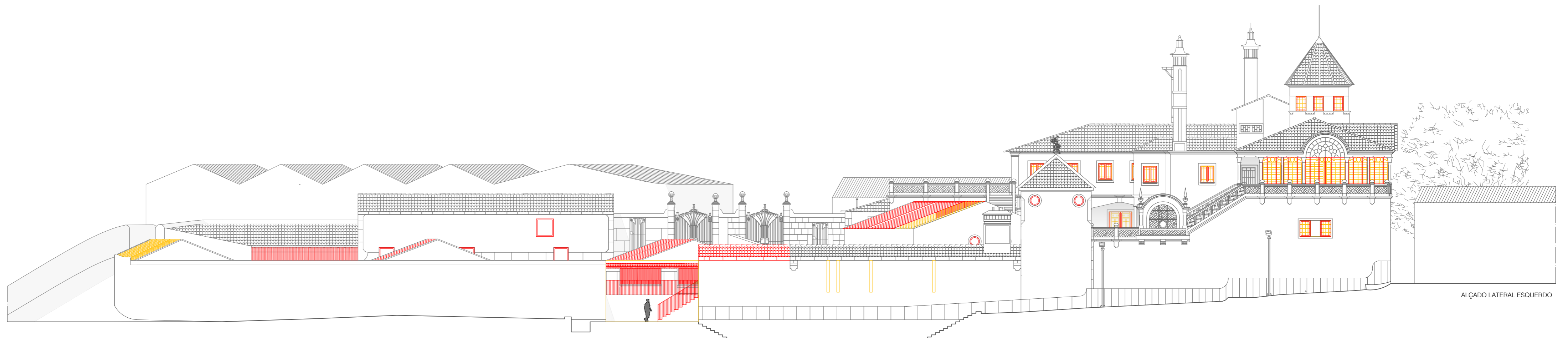
Junho 2019



ALÇADO PRINCIPAL



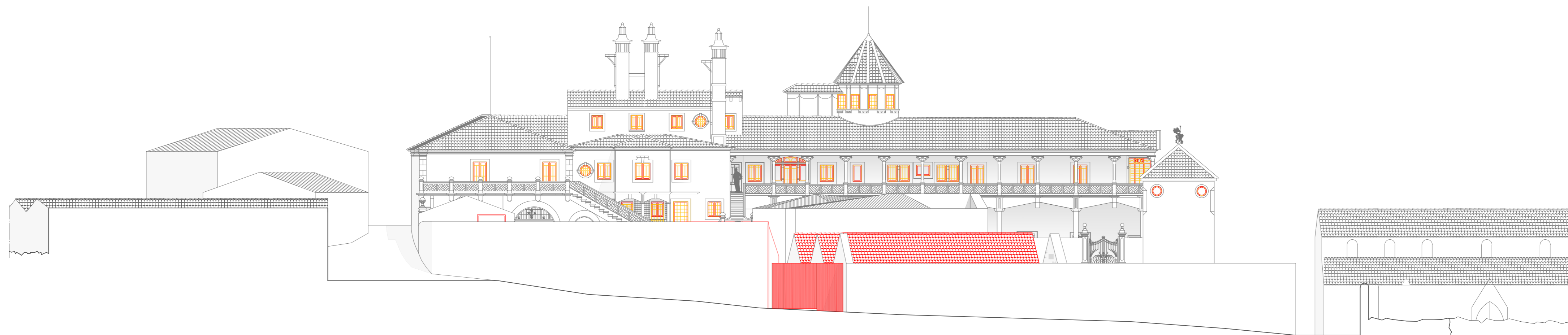
ALÇADO LATERAL DIREITO



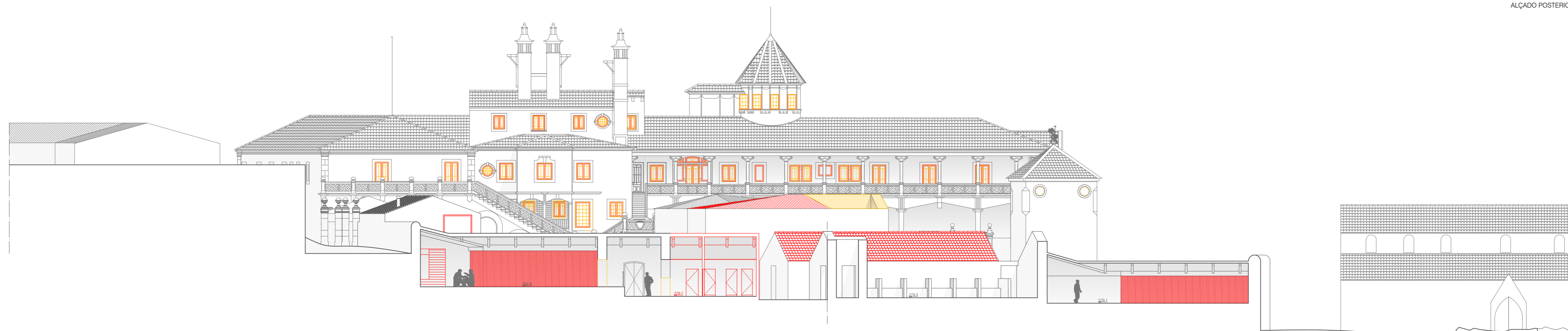
ALÇADO LATERAL ESQUERDO

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

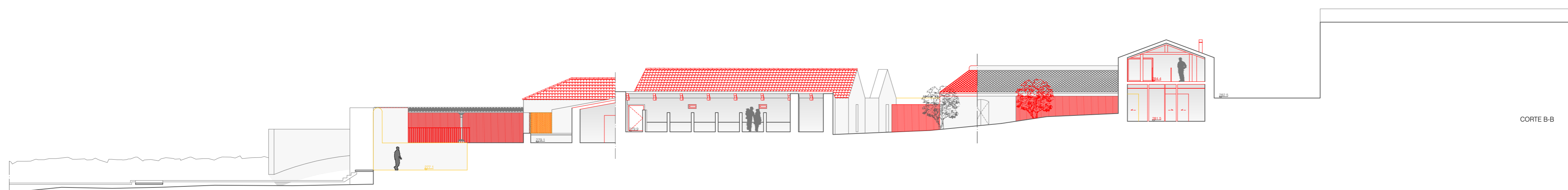
Jael Martins Simões Sobreposição | Alçados: Principal, Lat. Esq. e Direito Escala 1:200
FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura Junho 2019



ALÇADO POSTERIOR



CORTE A-A

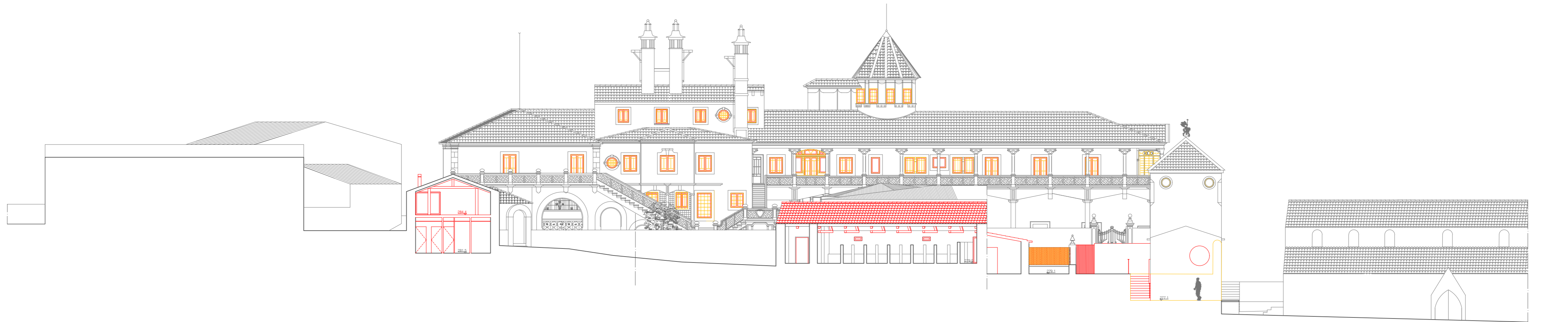


CORTE B-B

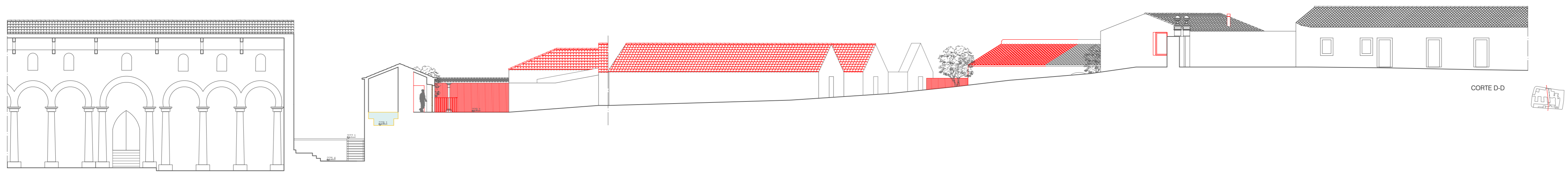


Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção

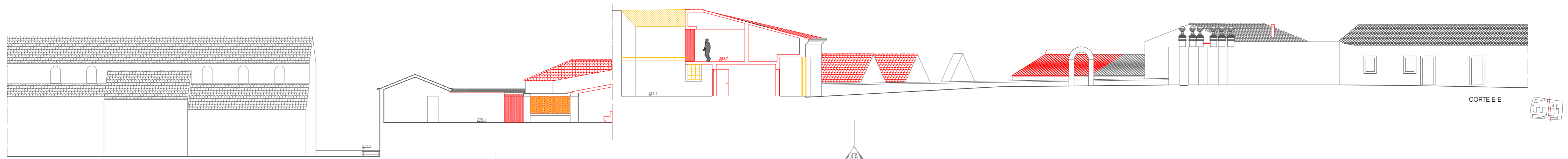
Jael Martins Simões Sobreposição | Alçado Posterior e Cortes AA e BB Escala 1:200
 FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura Junho 2019



CORTE C-C



CORTE D-D



CORTE E-E



CORTE F-F

**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões

Sobreposição | Cortes CC, DD, EE e FF

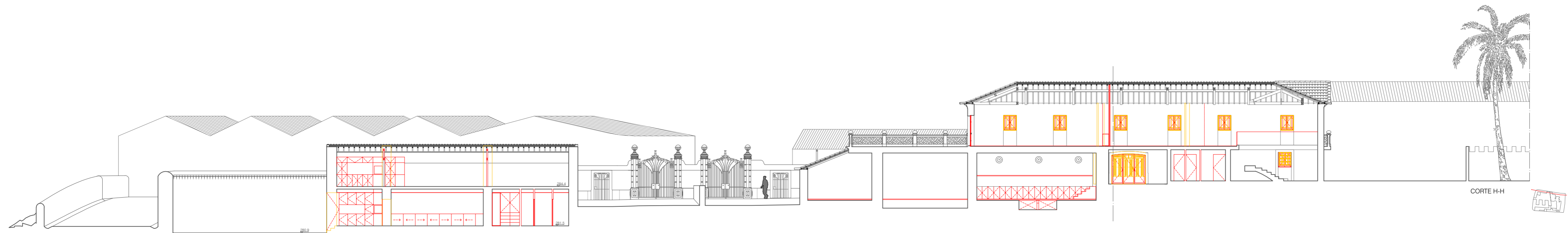
Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019



CORTE G-G



CORTE H-H



CORTE I-I



**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões

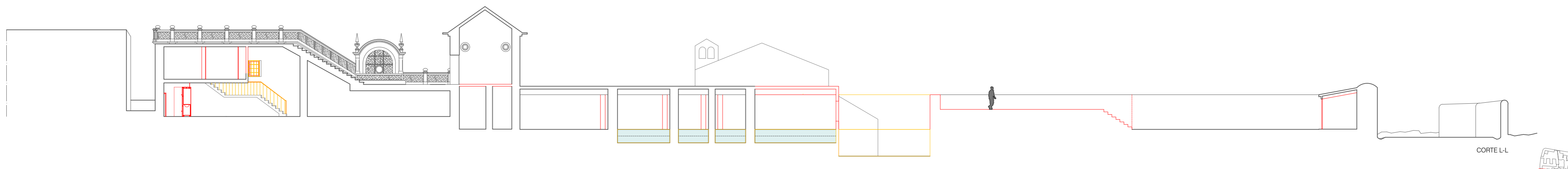
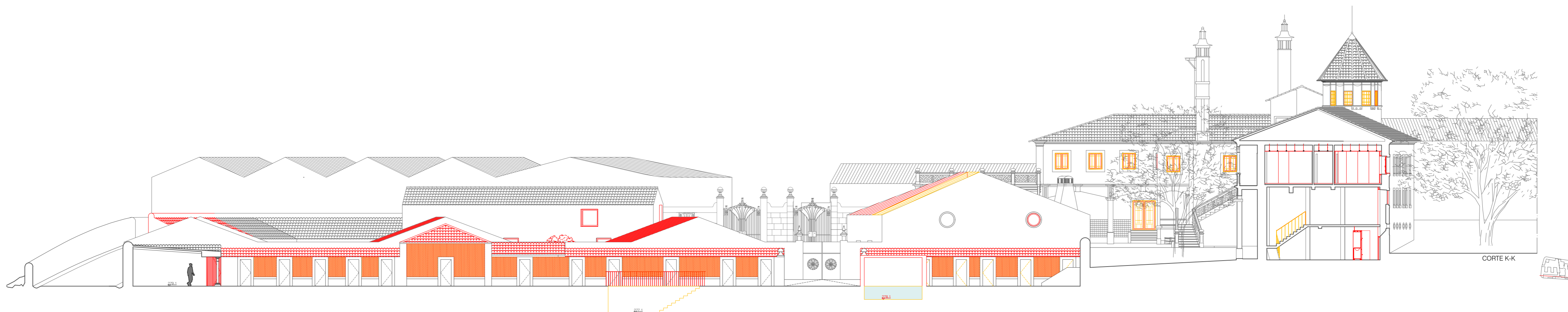
Sobreposição | Cortes: GG, HH e II

Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019

VA11



**Solar da Família Marrocos em Idanha-a-Velha
uma proposta de intervenção**

Jael Martins Simões

Sobreposição | Cortes: JJ, KK e LL

Escala 1:200

FCTUC | Departamento de Arquitetura | Mestrado Integrado em Arquitetura

Junho 2019